

Ficha técnica:

Título da obra: Sombras de Camelot - quarto livro da série
Legado de Merlin

TÍTULO ORIGINAL: Shadows of Camelot

Autor: Quinn Taylor Evans

Série: Legado de Merlin

Gênero: Literatura fantástica

Editora: Nova Cultural

Digitalizado por: Vitor Chaves

Revisão: Marcilene Chaves

Sinopse

Esc3cia, 1068

A magia continua...

O filho secreto de Merlin foi separado da fam3lia pelo legado de uma magia perdida num tempo em que a Terra era boa, verde e perfeita, quando havia um lugar chamado Camelot...

Truan Monroe foi criado como 3rfco numa ilha no mar da Irlanda, mas sua vida ж envolta em mist3rio: ele ж tamb3m um valente guerreiro, e possui poderes mpgicos assombrosos.

Uma estarecedora visco do passado transporta Truan atrav3s de um portal no tempo para um reino de brumas e castelos, cavaleiros e magos, guerras e segredos perdidos.

Um frpgil cordco une o destino de Truan ao da linda mulher que ele um dia teve nos brayos. Apaixonada, Amber segue Truan atrav3s dos s3culos para aquele mundo de fantasia, mas tamb3m de perigo, pois uma cruel armadilha poderp separp-los para sempre... a menos que o amor venya a batalha contra uma forya maligna, tco implacpvel quanto a paixco!

Parte I - SOMBRAS

Capítulo I

Primavera de 1068

Floresta de Camden, País do Oeste

Um esquilo, que recolhia bolotas no tapete espesso do solo da floresta, saltou abruptamente para o tronco de um carvalho retorcido, guinchando, alarmado. Um coelho se ergueu nas patas, as orelhas se contorcendo nervosamente, enquanto uma gralha negra e lustrosa, perturbada em seu assalto a um ninho vizinho, soltou um grasnido estridente e bateu as asas. Um lobo cinzento entrou pela clareira.

Era esguio e de compleiycio poderosa e se mesclava às sombras da floresta. Seus olhos eram negros como a

noite e luziram, quando ele parou e farejou o ar frio da manhã, já procura de um cheiro.

O coelho lançou-se para dentro de tronco oco. Seguro nos galhos ao alto, o esquilo estalou os dentes, enquanto a gralha soltou um grasnido e voou em rasante para defender o banquete de ovos pilhados no ninho saqueado.

O lobo ignorou não só as reclamações barulhentas do esquilo

como também os ataques ázreos da gralha; as longas orelhas se lançaram para a frente quando farejou um cheiro diferente que vinha da borda da floresta. Cheiro de gente.

Os olhos negros reluziram. O lobo cruzou a clareira em longas passadas, abandonando a caça fácil do coelho, para se aproximar da nova presa.

O céu estava sem nuvens, de um intenso tom de azul, sob um sol incandescente, que fazia esquecer o longo inverno passado.

Ao alto, uma cotovia dos campos chilreava, um som claro e musical em meio ao preguiçoso zumbir do enxame de abelhas no rododendro silvestre. Como uma mão invisível, a brisa acariciava a grama alta da campina, trazendo com ela o som de conversas e risadas de crianças.

Carroças e carroças postavam-se vazias debaixo da copa espessa de olivas e amieiros. Ali perto, os cavalos estavam amarrados, cochilando de olhos fechados na sombra das árvores, sacudindo as caudas ocasionalmente para afastar as moscas.

Cestas de comida, barricas de vinho e toneis de cerveja escura trazidas do castelo tinham sido colocados sob as árvores, na espera do retorno dos cavaleiros e da refeição do meio-dia. Havia longas mesas baixas também trazidas do castelo. Mulheres conversavam em voz baixa, os olhos atentos nas crianças mais velhas, que brincavam de batalha a alguma distância. Ocasionalmente, soava uma risada.

A velha Meg espreguiçou-se de seu cochilo, despertada por alguma voz distante que sentira, mais do que ouvira, como um eco de recordação ao mesmo tempo antiga e nova.

Instintivamente, abriu os olhos cegos, embora fosse guiada

mais pelos sons ao seu redor. A princípio tranquilizou-se com as conversas calmas e as risadas alegres das crianças. Não indicavam perigo. Mesmo assim, foi incapaz de ignorar um súbito frio no ar quente da primavera.

Embora nenhum som se fizesse ouvir, ela sentiu o

movimento a seu lado quando a garota, Amber, levantou-se de repente.

Guiada por aquele senso interior que lhe servia de visco, ela estendeu a mão fina e pesada de veias como se enxergasse e agarrou gentilmente o braço magro da garota.

- O que é, menina?

¶ Kaden, o patricozinho, veio a resposta, ouvida não em palavras expressas, mas por meio da conexão dos pensamentos da garota com os dela. Amber não podia falar.

Ele está caindo borboletas.

Anos antes, apenas Amber sobrevivera ao brutal massacre de sua vila inteira pelos invasores nórdicos. Cruelmente abusada por seus captores, ela fora encontrada encolhida nas ruínas queimadas da cabana de sua família. Ferida no corpo e no espírito, retraiu-se para dentro de um mundo de silêncio.

Apenas uma pessoa fora capaz de atrair a garota para fora de seu mundo triste de lembranças dolorosas e faz-la sorrir outra vez. O belo e jovem rapaz que era o bobo da corte, Tuan Monroe.

Tuan havia se tornado amigo de Amber, aliviando sua

tristeza com truques simples, flores que apareciam no ar ou moedas tiradas de trps da orelha, e ganhara sua confianya, embora a garota nco confiase em ningum.

com Truan, ela se sentia segura e protegida. Partilhavam brincadeiras, e ele lhe contava hist3rias que provocavam sorrisos diante das tolices que dizia. Meg, por3m, suspeitava, com

aquele senso fantpstico das coisas, que havia mais no bobo da corte do que ele deixava os outros verem, algum segredo que ocultava de todos. Entco, alguma coisa acontecera entre os dois e a amizade de repente terminara, e Amber se recolhera novamente 3 tristeza.

A alegria e a esperanya frpgeis tinham-se transformado em dor e tristeza uma vez mais, e o brincalhco nco ria mais como antes. Truan Monroe, guerreiro corajoso, mpgico de truques de prestidigitador e de piadas ainda piores, era quando muito um terr3vel trovador que nco conseguia cantarolar uma 3nica nota afinada. Uma contradi3co em si mesmo. Nada era o que parecia ser em Truan Monroe.

Ao lado de Meg, o brayo fino de Amber desvencilhou-se do aperto da mco da velha. Esta sentiu de imediato a alegria, como se a garota risse alto.

As borboletas voaram para longe, fora do alcance dele,

Amber disse, por intermédio da conexão de seus pensamentos.

- Criaturas sábias - respondeu Meg. Então, emendou, com apreensão crescente: - Não o deixe vagar para longe. - Pois conhecia bem a curiosidade e o temperamento do menino. Fora babá da mãe dele, lady Vivian.

com um ano e meio, Kaden era um menino robusto e animado, tomado de curiosidade natural pelo mundo mortal a seu redor e uma crescente consciência de sua herança incomum. Mesmo agora, cega como estava, a velha sentia a criança afastando-se de propósito para longe, guiada por aquela curiosidade. Amber também se sentiu incomodada pela teimosia do menino.

Eu o trarei de volta antes que se afaste muito. ¶ quase hora de os homens retornarem.

Na mente da garota, Meg captou a esperança de que pudesse ter um momento a sós com Truan Monroe, agora, depois que voltara de sua terra, além do mar da Irlanda.

Passara muitas semanas lá e retornara por razões que não revelara a ninguém.

Simplesmente dissera a lordes Stephen que o serviria enquanto pudesse, deixando-o quando julgasse necessário. Como um guerreiro peregrino.

O menino correu em perseguição a uma brilhante borboleta azul, que esvoaçava logo além de seu alcance, na beira da campina.

A cada vez que ele quase a alcançava, a borboleta fugia num curso preguiçoso em ziguezague, como se guiada por algum tipo de instinto fantástico de autopreservação.

Finalmente, desapareceu num bosque que bordejava os limites da campina. com uma risada cristalina, a criança a seguiu, completamente extasiada.

Kaden, espere!

Tão naturalmente como se as pronunciasse, as palavras se formaram nos pensamentos de Amber, mas nenhuma saiu, não importava o quanto ela se esforçasse. Frustrada, ergueu a barra da saia e correu atrás do menino.

Ele estava apenas uns poucos metros adiante e usava uma túnica azul-escura e calça enfeitada de fios de prata como as de seu pai. Seus cabelos negros luziam com nuances de cobre brilhante, herdados da mãe.

A floresta estava fria sem o calor do sol a se infiltrar pelas árvores. Kaden conduziu-a a uma caminhada divertida. Amber, por fim, finalmente o alcançou e, como sempre, julgou impossível zangar-se com ele.

Escondeu um sorriso por trás de uma expressão de

seriedade

ao aproximar-se do menino. Kaden se equilibrava nas perninhas fortes, a atenyo focalizada em alguma coisa que exercia sobre ele uma grande fascinayco. A borboleta, sem dUvida.

Kaden ainda nco aprendera a fragilidade de coisas tco belas. Mais de uma imprudente borboleta fora esmagada por seu entusiasmo ao segurp-la e mostrp-la para a mce.

Ele possuía o corayco de um poeta e o temperamento de um guerreiro. O poeta ficaria arrasado se a borboleta sucumbisse. E Amber, entco, teria de lidar com lpgrimas, e nco sabia o que era mais persuasivo: se as risadas travessas ou as lpgrimas que escorriam dos notpveis olhos azuis do menino, quando algo o entristecia.

Ao se aproximar por trps de Kaden, ela viu o que lhe mantinha a atenyo fascinada, e o sangue congelou-se de repente em suas veias.

O lobo espreitava logo abxm da clareira, o pUlo cinza do pescoyo eriyado, a cabeya baixa entre as espdduas poderosas, o olhar sombrio e mortal fixo na crianya.

O ar congelou-se nos pulmões de Amber. Um grito rasgoulhe a mente, mas nenhum som formou-se em sua garganta. Apenas a centm metros de distPncia, Amber lutou contra o terror e o pPnico, certa de que qualquer

movimento súbito poderia fazer o lobo atacar.

Venha para mim, Kaden. As palavras se repetiam vezes seguidas em seu cérebro. Por favor, venha até mim!

Não foi a criança, mas o lobo que ergueu o olhar fixo e sombrio por uma fração de segundo, a fitá-la como se tivesse ouvido. Então, pareceu que sorria para ela, a língua a se pendurar do lado da boca, a mostrar as fileiras de dentes lustrosos.

Kaden, então, voltou-se e encarou-a de olhos arregalados, com confiante inocência. Em seu balbuciar infantil, murmurou a palavra “cão” sem compreender que a criatura mortal que se postava apenas a poucos passos de distância dele não era um dos cães de caça de seu pai, treinados para serem tolerantes com mãezinhas possessivas e dedos buliçosos.

Não havia nenhum lugar para se esconder, nenhum lugar seguro. A única chance era correr. Amber estendeu a mão devagar para a criança e fez um sinal para que se aproximasse, com cuidado para não fazer nenhum movimento súbito. Numa linguagem simples de sinais que Meg lhe ensinara, implorou ao menino que viesse até ela.

Ele hesitou, apontando para o lobo e repetindo a palavra “cão”. Amber meneou a cabeça, usando sinais familiares para explicar que ele devia se afastar.

Sabia que o menino compreendera, pois este se virou para o lobo e sorriu com malícia infantil, testando-o, alheio ao jogo perigoso que fazia. Então voltou-se de novo para ela e estendeu-lhe os braços.

Amber teve um instante para agir e apanhou Kaden nos braços. Em segundos, o lobo estaria sobre eles. Agarrou a criança com firmeza contra o peito, virou-se e saiu correndo.

Disparou às cegas na direção da campina. Galhos de árvores e arbustos fortes rasgavam-lhe a roupa e se embaraçavam em seus cabelos. Ela sentiu uma picada aguda na face e inclinou a cabeça por sobre a do menino para protegê-lo. Depois de si, ouviu o animal a avançar pelos arbustos, a perseguir-las.

Amber tropeçou, quase caiu, e recuperou o equilíbrio. Seus pulmões queimavam. Cada músculo gritava conforme ela se forçava a continuar correndo, sabendo que, se parasse ou caísse, o lobo imediatamente saltaria em cima de ambos. Então,

através das lágrimas e dos cabelos emaranhados, Amber viu a luz do sol que se infiltrava pelas copas das árvores e o verde brilhante da campina.

com um soluço silencioso, agarrou Kaden com tanta força contra si que o menino gritou. Um galho enroscou-se em

sua saia. Ela tropeçou e caiu sobre um joelho. Conforme lutava para ficar de pé, ouviu o animal logo atrás.

O lobo investiu contra a parte posterior de suas pernas. O choque lançou-a ao chão. Amber tentou gritar, mas nenhum som saiu. Estavam tão perto do acampamento e, no entanto, ninguém poderia ouvi-los. Então, quando as presas mortais a cortaram, ela se curvou sobre a criança, protegendo-a com o corpo.

Amber sentiu uma dor excruciante. Fechou os olhos com força, tentando bloquear as sensações. A dor gradualmente deu espaço a um frio crescente que a levou para além do sofrimento.

Viu o lobo que a atacava e ouviu os sons ferozes e terríveis que fazia. Pareciam quase uma gargalhada cruel. Por nada mais sentia. A escuridão penetrou até as fronteiras de sua visão.

Então, percebeu um novo som na floresta, um uivo feroz e terrível de raiva que se tornou mais alto e mais próximo. O lobo parou com seu ataque. Amber abriu lentamente os olhos, quase incapaz de respirar, tamanha era a dor e o terror. Apenas a uns poucos passos de distância, dois lobos se atracavam numa batalha mortal.

Ela reconheceu de imediato o lobo cinzento que a atacara.

Seu pϗlo parecia sem vida perto dos reluzentes pϗlos negros como a noite do outro animal.

As duas criaturas eram de porte e forya semelhantes e usavam

de sagacidade e rapidez conforme se atracavam, lutando, caindo e rolando e depois voltando a ficar de pϗ numa confusco de pernas entranhadas e dentes cortantes que arrancavam pedayos. Depois, como se enlouquecidos pelo cheiro e o gosto de sangue, o ataque tornou-se mais desesperado e feroz.

Sufocado embaixo dela, Kaden chorava, seus gritos aterrorizados se somaram ao frenesi de sons rascantes, rosnados e urros que enchiam a floresta. Entco, Amber ouviu um grito selvagem e frenxtico. Nco era um grito humano, mas o berro de um animal ferido.

Atravϗs da nϗvoa de escuridco crescente, ela viu os lobos se apartarem de repente. Postaram-se frente a frente por um momento, com as orelhas grudadas contra as cabeyas, as bocarras, repuxadas sobre as presas, os lados arfando sob a pele ensangϗentada. Entco o lobo cinzento lentamente recuou.

Mancava muito e, contudo, se recusava a encolher o rabo e correr. Apenas quando chegou a uma distPncia segura e ao abrigo da densa cobertura das pvores, a criatura

voltou-se e desapareceu.

Amber fitou o lobo negro e um novo medo a dominou. O animal voltou-se lentamente e veio em sua direção.

Cruzou a clareira em longas e poderosas passadas. O sol que se infiltrava pelas copas das árvores reluzia em sua pelagem negra, dando a impressão de estar rodeada por uma brilhante luz dourada.

Ao vê-lo se aproximar mais, cabeça abaixada, o olhar penetrante cravado nela, Amber agarrou a criança com força contra o peito e tentou desesperadamente rastejar para a um lugar seguro.

Não!, seus pensamentos silenciosos gritaram. Suas últimas forças a abandonaram, e a escuridão da inconsciência a engolfou.

Não tenha medo.

Amber não tinha certeza se ouvira as palavras ou as imaginara conforme a criatura abaixou-se sobre ela.

A luz se expandiu. As sombras da floresta desapareceram. A última coisa que Amber viu foi o lobo, um sombrio animal feroz com pelos negros reluzentes e olhos penetrantes.

Aproximou-se dela, naquele caminho predatório e sinistro,

saltando pelo círculo de luz. Mas a criatura que emergiu lentamente tomou outra forma.

Emoldurada pela luz, caminhou em direção a Amber, as feições ocultas nas sombras. A última coisa que ela viu, onde o lobo estivera, foi um olhar mortal e penetrante, longos cabelos negros que se agitavam em torno de largos ombros poderosos, e a passada predatória de um homem.

- Você está a salvo agora, não deixarei nada machucá-la.

As palavras pareceram ser sussurradas pelas prvores ao alto como a flutuar em torno de Amber. Então, seus olhos lentamente se fecharam. Não havia mais terror ou dor. Apenas escuridão.

Capítulo II

- Ela não pode ouvi-lo - Vivian disse gentilmente, quando Truan se inclinou sobre Amber. - Está em um lugar onde nenhuma voz mortal pode alcançá-la.

Vivian fitou o guerreiro através da maya coberta de peles. Ele cavalgara como se todos os céus do inferno o perseguissem na frenética viagem de volta a Camelot, com a garota aninhada em seus braços.

Seus sagazes olhos azuis encontraram os dele. Fora-se o comportamento de tolo, e as emoções se mostravam desnudas na expressão angustiada de belas feições.

- Ela sobreviverá? - Truan indagou.

- Os ferimentos foram profundos - Vivian respondeu, com inteira honestidade, pois não havia nenhuma certeza de vida, nem mesmo com seus poderes. - Houve muita perda de sangue. Farei o que puder.

Truan estendeu a mão e segurou-a pelo pulso, a expressão angustiada.

Tomada de surpresa, Vivian encolheu-se e tentou afastar-se. Porém, mesmo com seus poderes extraordinários, foi impossível. Ele era de longe mais forte do que ela.

- Ela viverá? - Truan perguntou de novo, e Vivian sentiu que mesmo que a resposta fosse não, ele jamais a aceitaria.

O encontro brutal na floresta havia chocado e entristecido a todos. Entre os que caíram nas florestas perto de Camelot por muitos anos, ninguém se lembrava de ter encontrado um lobo.

Um guerreiro aproximou-se da moça. Usava tática de couro, calças e botas como os outros guerreiros que haviam caído naquele dia. Porém o manto em seus

ombros era de um belo azul-escuro. O azul da casa real de Anjou.

- A senhora ж minha esposa, guerreiro - ele lembrou a Truan. - Eu valorizo muito cada osso deste pulso. Compreendo sua preocupayco pela garota, porжm ser de pouca ajuda se machucar a Щnica pessoa que pode ajudp-la. Alжm disso, depois, serei forjado a quebrar seu pescoyo.

Rorke FitzWarren, chanceler do rei inglЖs Guilherme, trocara pelo arco, lanya e chuyo, armas muito mais eficazes contra porcos-do-mato e veados. Porжm era um guerreiro forjado em muitos campos de batalha, inclusive na batalha de Hastings, quase dois anos antes, em que o rei saxco, Harold II, fora derrotado, o que levaria Я conquista da Inglaterra por Guilherme da Normandia, o Conquistador.

- Basta - Vivian disse a ambos. - Nco temos tempo para isso. - Olhou para Truan. - A garota salvou a vida de meu filho - disse gentilmente. - Sinto-me obrigada a salvp-la. ¶ do toque de uma curandeira que ela precisa, senhor, porжm nco posso ajudp-la, se quebrar o meu brayo.

Outro guerreiro postou-se ao lado de Truan.

- Eu mesmo experimentei seus poderes de cura, meu amigo. Se alguжm pode salvp-la, ж lady Vivian, pois seus

poderes são grandes. Carrego as cicatrizes que são prova disso. Precisa confiar nela, pois não existe nenhuma certeza, a não ser que Amber morrerp sem isso.

Stephen de Valois, filho do rei e agora senhor de Camelot, falava de forma convincente e sem ameayas. Os dois homens tinham lutado juntos contra Malagraine e os poderes das Trevas nos recentes meses passados. O layo de amizade e confianya estabelecido por meio do sangue derramado em batalha era um liame forte.

Os olhos de Truan não se desviaram dos de lady Vivian. Nenhuma ameaya do marido dela nem a forya combinada de dez guerreiros poderiam fazer com que ele a soltasse.

Porém, naquele olhar tão azul como o seu próprio, viu ternura, compaixão e honestidade. Por fim, seus dedos se afrouxaram.

- Ela precisa viver! - disse; a voz quase um sussurro, cheia de angstia desesperada.

Vivian esfregou o pulso dolorido. Não conseguira livrar-se até que Truan a soltasse. Aquilo era muito incomum. Iguamente incomum era não ter acesso aos pensamentos do guerreiro como tinha tão facilmente aos dos outros.

Os pensamentos de Truan estavam estranhamente ocultos dela, atrps de alguma muralha impenetrpvel através da qual Vivian não podia ver. Contudo não havia como ocultar

as emoções, expostas no feroz senso de proteção que demonstrava para com a garota.

A irmã de Vivian, Cassandra, falava da ligação da garota com Truan Monroe. Somente ele fora capaz de fazer a jovem sorrir e se alegrar novamente, depois que viera pela primeira vez a Camelot. Mas alguma coisa tinha acontecido entre os dois, e Truan passara a evitar Amber, afastando-se caso um encontro fortuito os deixasse a sós.

Ninguém conseguira descobrir o motivo. A garota era admirada por todos em Camelot. Nos meses passados, amadurecera de uma menina sofrida para uma jovem de rara beleza e graça.

Embora presa num mundo de silêncio provocado pelas tragédias que sofrera, ela se comunicava mediante o uso da linguagem de sinais que Meg lhe ensinara.

As crianças de Camelot, como as crianças de toda parte, algumas vezes julgavam frustrante fazer os adultos os compreenderem. A linguagem das mãos de Amber dava a eles a capacidade de se comunicarem de outra maneira. Mesmo alguns dos guerreiros e cavaleiros forjados em combate eram vistos a se comunicarem com as mãos, o que julgavam um meio eficiente de transmitir mensagens silenciosamente.

Contudo não importava o que indicassem os atos de Truan

nos meses passados, as emoções que Vivian via mostravam que ele gostava profundamente da garota.

- Posso parar o fluxo excessivo de sangue e fechar os ferimentos - ela explicou gentilmente, tentando lhe dar esperança. - Aliviarei a dor, de modo que ela não possa sentir nada, e a manterei em sono profundo para que recupere as forças. Esta é a parte fácil.

Truan franziu a testa ao encarp-la. Sabia que não era uma tarefa fácil. Ela sorriu suavemente. Então o sorriso desapareceu, substituindo por uma ruga que juntou suas sobrancelhas delicadas sobre os sombrios olhos azuis.

- Porque não posso dar vida onde não haja nenhuma, ou chamá-la de volta quando se for. Este é o fardo do poder que possuo. É tanto uma bênção como uma maldição. Nem posso dar a ela a vontade de viver. Cabe apenas a Amber: uma escolha do coração e da alma que ela precisa fazer.

E, naquelas palavras, ambos sabiam que jazia o destino de Amber. Sofrera demais quando a família fora brutalmente assassinada e sua vila destruída. Em sua vergonha, sofrimento e culpa, ficava a imaginar a razão de apenas ela ter sido poupada, embora não tivesse escapado da brutalidade que os outros tinham sofrido. A velha Meg certa vez confidenciara que a garota desejava ter morrido naquele dia para não ter de viver com a

vergonha depois.

- Porque ela está viva agora - Truan a lembrou, esperançoso. - Certamente é um bom sinal.

Vivian pensou em Guilherme da Normandia, agora rei da Inglaterra, quando jazia à beira da morte, depois da batalha de Hastings. Rorke FitzWarren cavalgara pela Inglaterra por dois dias para encontrá-la, seguindo os rumores a respeito da fabulosa curandeira, que era a única que poderia salvar seu mestre. Rorke a seqüestrara e a forçara a retornar com ele e curar os ferimentos do Conquistador.

Na ocasião, ela odiava Guilherme. Ele tomara tudo de seu povo na conquista da Inglaterra dos saxões. Mas Vivian recebera muito em troca por meio do amor e da paixão que descobrira com o homem que era agora seu marido, e com o filho, cuja vida Amber salvara.

Após da guerra e da morte, viera a esperança do futuro. Sua família fora reunida, os poderes das Trevas banidos do mundo mortal, e seu pai, Merlin, libertado da maldição que o aprisionara no mundo entre os mundos.

Contudo sentia que não havia paz para Truan Monroe, o guerreiro misterioso que atravessara o mar da Irlanda e empenhara sua espada a serviço de Stephen, meses antes.

As emoções transpareciam profundas, e os pensamentos verdadeiros

continuavam ocultos. Havia algo mais naquele jovem guerreiro bravo e corajoso do que se sabia.

- Sim, ж um bom sinal - Vivian admitiu, dando esperanya a Truan. - Agora, traga as velas para mais perto e deixe-me ver o que precisa ser feito.

Inclinando-se sobre a maya, ela puxou o manto que Truan enrolara em torno de Amber quando a encontrara nos bosques. Estava ensopado de sangue.

Vivian praticara a arte da cura durante toda a vida. Nascera dotada da capacidade de estancar a hemorragia e emendar a carne com toques experientes da mco, o poder das eras a fluir por intermъdio dela num tipo de energia curativa que costurava e juntava as bordas separadas das feridas e consertava ossos fraturados, como se reunisse os fragmentos de louya atx que a peya inteira ficasse mais forte do que antes.

Ela recuou Я vista do dano que fora feito, o corayco apertado dolorosamente ao sentir, com apenas um toque perto da ferida, quanta dor a garota sofrera para salvar seu filho.

Certa vez, perto de Londres, Vivian fora atacada por um porco selvagem. Porъm aquela era uma criatura das

Trevas, com poderes incomuns que quase a destruía. Estava espantada ao descobrir que os ferimentos de Amber nco eram diferentes daqueles, os cortes precisos, metódicos, feitos nco para simplesmente mutilar e derrubar, mas para matar e destruir.

Conhecia o bastante sobre animais para saber que a maioria nco atacava por maldade, mas matava apenas quando tinha fome ou medo. Tais criaturas nco investiam contra humanos e preferiam evitá-los, se possível.

Nco satisfeita com a primeira investida, a criatura que Amber encontrara a atacara vezes seguidas, em lugares diferentes, por puro prazer.

Cassandra, agora senhora de Camelot, trouxe uma bacia de água fumegante com ervas medicinais. Embora nco possuísse as habilidades mágicas de Vivian, tinha considerável conhecimento sobre poções e meios de cura.

Cassandra fora instruída no tratamento de enfermidades tais como febre, calafrio e escorbuto, furúnculos e o sortimento usual de cortes, dedos esmagados e outras feridas.

Ela empalideceu quando o manto foi puxado, expondo os ferimentos.

- Que tipo de criatura poderia ter feito tais feridas?

- Um lobo - Truan respondeu.

- Esses não são ferimentos de um lobo - disse Rorke. - Foram feitos com uma arma.

- Eu vi o animal-Truan declarou.-Era um lobo. Então, desapareceu nas sombras como se nunca tivesse estado ali. - Era a primeira vez que falava do encontro, que o lembrava de outro encontro na floresta, no meio de uma tempestade de neve.

Naquele dia, na floresta, ele e lady Cassandra haviam se deparado com uma criatura de carne e osso, mortal, porém com os poderes das Trevas: um homem que tomava a forma de um animal e depois desaparecia nas sombras. Truan conhecia o medo não expresso de Cassandra, de que a criatura não tivesse morrido na nevasca, mas que pudesse de alguma forma ter sobrevivido.

- Certamente não poderia ter desaparecido - Cassandra respondeu, sua expressão e o tom grave da voz dizendo a ele que ela também se lembrava.

- Como se tivesse se desvanecido no ar - Truan retrucou. - De carne e osso por um momento, depois sumindo como se tivesse se tornado parte da bruma.

- Todos devem sair agora - Vivian ordenou, assumindo o

controle. - Hp muito a ser feito. - Para a velha Meg, que mexia outra poço de ervas no fogo, disse: - Fique comigo, vou precisar de vocs. - Entco, voltou-se para Truan: - Deixe-nos. Nco hp nada que possa fazer aqui. - Quando ele olhou para a jovem plida e imvel, Vivian lhe assegurou: - Mandarei notcias tco logo tenha terminado. - Desta vez, foi ela quem segurou a mco dele entre as suas, tentando dar-lhe conforto por meio de seu toque curativo.

Truan imediatamente sentiu o calor suave que fluiu e correu-lhe ao longo da pele, aliviando a frieza do pavor e do medo. Sem uma palavra, voltou-se para sair.

Sozinha com Amber, Vivian concentrou-se no poder em seu Pmago, atx senti-lo a se mover dentro de si. Uma violenta corrente fluiu por suas veias, o poder da Luz a emendar os msculos dilacerados e os nervos onde ela tocava, costurando junto a carne e deixando apenas uma leve cicatriz rosada onde houvera o ferimento.

Truan parou a porta do quarto. Olhou para trps, para a maya em que Amber jazia imvel e silenciosa, seus cabelos dourados espalhados em leque, os ombros nus.

Seus olhos verde-azulados estavam fechados. Ela nco acordara desde que ele a encontrara. Seus pensamentos estavam fechados no fundo do vpcuo de uma inconsciência, onde nenhuma dor ou lembrança poderia alcanyp-la.

Truan ficou a imaginar o que Amber vira naqueles últimos momentos quando a encontrara e do que iria se lembrar.

Voltou-se e pegou a espada e o punhal curto de caya. Jp pensando em voltar para aquela clareira da floresta manchada com o sangue de Amber, saiu com passos determinados.

Stephen o seguiu, gritando ordens a seus homens. Parou Я soleira da porta e relanceou os olhos para Cassandra. Um pensamento perpassou entre os dois.

Nada que Cassandra pudesse dizer iria impedi-los de voltar Я floresta agora, mas ela encontrou conforto por saber que iriam juntos. Confiava na perьcia do marido como guerreiro. Ele enfrentara os poderes das Trevas, arriscando a vida para salvp-la e a seu prэprio filho nco nascido. Truan era como um irmco para ela. Salvara sua vida antes. Confiava nele.

O lobo ergueu o focinho e farejou o ar. A bruma se agarrava Я sua pelagem, reluzindo nas pontas dos pЖlos negros, os olhos brilhantes engastados entre as feiyщes angulosas.

Entco, ouviu um ruьdo: o quebrar de um ramo e o som quase imperceptьvel de uma passada no solo macio da floresta. Sons humanos e cheiro de gente.

Os olhos negros reluziram. O lobo voltou-se e disparou floresta adentro, seguindo o cheiro, enquanto uma necessidade mais antiga que o tempo esquentava-lhe o sangue: a necessidade de matar...

As chamas das velas bruxulearam debilmente. Cassandra ergueu os olhos quando o guerreiro esgueirou-se silenciosamente para dentro do quarto e seguiu até a cama onde Amber jazia.

Gotas de neblina luziam na massa revolta de cabelos negros que caíam em seus ombros. A barba crescida escurecia seu rosto. A fadiga se mostrava nas belas feições tristonhas. Seus olhos de um azul-escuro cravaram-se em Amber.

Fazia horas desde que sua irmã, Vivian, terminara de fechar

o último dos ferimentos e aplicara os ungentos curativos que, com o tempo, iriam remover qualquer traço das feridas. Depois, exausta, Vivian fora para seu quarto, a fim de cuidar do filho, Kaden, e assegurar-se mais uma vez de que ele estava realmente bem. Cassandra insistira em ficar com Amber.

A garota estava enrolada sob a camada de peles que a protegiam contra o frio da noite. Mexera-se apenas uma vez, quando Vivian fechara os ferimentos, como se

atormentada de dor. Porxm, depois, ficara quieta outra vez.

- Nco falaremos disso a ningum, ainda - Vivian murmurara, antes de sair. Cassandra entendera seus temores.

- VocЖ nco pode saber se o sangue dela foi envenenado - insistira Cassandra. - Talvez seja um lobo de verdade que a atacou. Entco, nco haveria motivo para preocupayco.

- Rezo para que eu tenha razco, irmc. Mas, se foi uma criatura das Trevas que a atacou, existe a possibilidade de que o seu sangue tenha se misturado ao dela, e seria o mesmo se a garota concebesse um filho do Mal.

Cassandra estremeceu ao se recordar de novo do encontro na floresta, meses antes, a morte brutal de sua meia-irmc, Margeaux, que tivera o filho arrancado de seu corpo enquanto ela ainda vivia: uma crianya nascida com o sangue de um humano mortal e de uma criatura das Trevas a fluir em suas veias.

- Os ferimentos estco fechados - murmurou, em resposta Я pergunta nco formulada de Truan, quando ele se postou ao lado da maya e olhou para Amber. - Ela estp dormindo profundamente. ¶ melhor, para que possa recuperar as foryas.

- Ela viverp?

Cassandra baixou os olhos para as mãos, pensando em como responder melhor.

- Assim parece.

Pela primeira vez desde que entrara no quarto, Truan pareceu relaxar, o cansaço a transparecer em sua face.

- Você esteve aqui todo esse tempo. Deve estar cansada. Ela sorriu de leve.

- Sim, e com algum desconforto, mas Vivian estava à beira da exaustão e não tinha visto Kaden ainda, depois do nosso retorno. Eu disse a ela que ficaria com Amber.

Você voltou em segurança.

- Nós dois retornamos em segurança - Truan informou. Cassandra sentiu seu desapontamento. Não tinham encontrado o que procuravam na floresta.

- Então não conseguiram encontrar o lobo.

O silêncio foi a resposta. Cassandra teve a certeza de que iriam voltar para a floresta até que o animal fosse encontrado.

- Você falou de desconforto. Não está bem? - Truan perguntou.

- Não uma indisposição que meu filho pode remediar - ela respondeu, com um ligeiro sorriso, pestanejando ao passar as mãos sobre os seios inchados. - Fiquei longe dele por muito tempo. Se eu não lhe der de mamar, tenho medo de estourar. - Seu sorriso se alargou.

- Creio que seu marido é capaz de oferecer algum alívio para o seu desconforto - Truan disse com candura, as maneiras mais relaxadas, agora que viu que Amber ainda vivia e descansava.

As faces de Cassandra queimaram de rubor. A franqueza com que os homens partilhavam tais coisas nunca deixava de admirá-la.

Quando seu filho estava prestes a nascer, Stephen, seu marido,

recusara-se a sair do quarto, e viu o filho entrar no mundo. Insistira em ser o primeiro a segurar a criança, momentos depois de nascer e ainda coberta de sangue.

Desde então, na privacidade de seu quarto, Cassandra o descobria com frequência a olhar com a mesma admiração e humildade enquanto ela cuidava da criança.

- Não fique constrangida - Truan lhe disse. - Você é feliz de ter alguém com quem partilhar tais sentimentos.

- Você também ir partilhar tais coisas com alguém um dia - retrucou Cassandra.

A expressão de Truan mudou, o sorriso desapareceu. Ele meneou a cabeça.

- Jamais.

Aquilo não foi dito com raiva, mas com tristeza. Cassandra sentiu que Truan considerava ser esse o seu destino. Pousou a mão em seu braço e tentou sentir seus pensamentos, mas estavam fechados para ela.

- Seu marido e seu filho a esperam, milady. Agradeço por sua gentileza.

Quando ela se foi, Truan se aproximou lentamente da mesa onde Amber jazia. A respiração dela era regular e contínua. A cor voltara a seu rosto, e a pele estava fria ao toque. Amber descansava em paz, a não ser pela ligeira ruga que juntava as sobrancelhas, como se ela sentisse dor.

Ele acariciou com os dedos as linhas franzidas, massageando-as até que desapareceram.

A pele sob seus dedos era como um cálido cetim, a sensação a requeimar em sua memória ao se recordar da última vez que a tocara. Naquele breve encontro, meses antes, Truan permitira, tola mente, que a amizade se

transformasse em algo mais.

Incapaz de manter as mãos longe de Amber, incapaz de

negar os desejos ainda mais poderosos que rugiam dentro de si, ele a beijara. Um beijo que nunca deveria ter acontecido por causa da tristeza que trouxera a ela e do sofrimento que causara nele. Por um momento, cedera aos sentimentos e emoções que o dominavam. Sentimentos impossíveis que ainda permaneciam, mas que ele escondia de todos. Sobretudo de Amber.

Contudo, enquanto ela jazia ali, num sono profundo, alheia à dor e a tudo o mais em torno, Tristan não pôde evitar de pensar naquele beijo.

Em seus pensamentos, criou uma imagem. Depois, fechando os olhos, concentrou-se nela. Quando os abriu outra vez, segurava uma pena na mão. Era de um brilhante tom de azul com nuances mais claras de verde nas pontas. A cor exata dos olhos de Amber.

Passou de leve a pena sobre os lábios de Amber, desejando muito mais. Se a beijasse agora, ela não iria se recordar. Poderia nem mesmo saber.

- Perdoe-me, Amber.

com essas palavras, Tristan pedia desculpas por muito mais. Por mentiras e disfarces, pelo que ele era e não

poderia nunca ser. Então a beijou, lenta e ternamente, pousando os lábios sobre os dela, inebriando-se, até que o gosto encheu-lhe a alma como uma lembrança.

Perdoe-me.

Truan adormeceu na cadeira ao lado do braseiro e sonhou. com guerras e batalhas, com luz e escuridão, e com uma imagem recorrente que parecia saída das sombras e da bruma: uma criatura que carregava um embrulho nos dentes.

Em seu sonho, ele perseguia a criatura, que se esquivava, sempre escapando uns poucos passos adiante. Por fim, Truan começara a encurtar a distância e, quando estava quase dentro do alcance, viu que a criatura era um magnífico lobo negro.

A bruma luzia nas pontas de seu pelo grosso e escuro. Olhos igualmente escuros brilhavam com uma expressão judiciosa e inteligente, como se partilhassem um segredo.

Então, o animal saltara para longe, desaparecendo na floresta, deixando o embrulho para trás.

Truan se ajoelhou ao lado do embrulho e puxou cuidadosamente as dobras do tecido azul brilhante. Uma moedinha emergiu, seguida de outra, os punhos pequenos a se agitarem no ar, conforme o manto se

abrira, revelando um bebЖ nu.

Era um menino, forte e saudpvel, com espessos cabelos negros que moldavam um lustroso capuz escuro, e olhos brilhantes, da cor do manto. Eram olhos perspicazes, olhos antigos, com a verdade das eras e a promessa do futuro a fitp-lo de volta.

Em seu sonho, quando Truan estendera a mco para a crianya, o lobo reaparecera, arrancando a crianya, enrolada mais uma vez no manto, de seu alcance. Ele se levantara e, com a espada desembainhada, fora atrps do lobo.

O animal tinha parado na beira da clareira, a crianya enrolada no manto a pender das mandьbulas poderosas. Nos olhos negros do lobo, na bocarra repuxada para trps, sobre os dentes perigosos, ele vira um desafio silencioso, impronunciado.

Se vocЖ nco teme as Trevas, entco siga-me...

Сарьtulo III

Diga-me...

As palavras sumiram quando Amber acordou. Gradualmente, o sonho se desvaneceu tambжm, atж que

tudo o que ela podia lembrar era vago, imagens envoltas em sombras que se insinuavam pelas fronteiras de seus pensamentos. Então, também desapareceram.

Amber ergueu-se sobre um dos cotovelos, devagar. O fogo queimava no braseiro, projetando uma luz dourada pelas paredes. Ela reconheceu o quarto como um daqueles do segundo andar, acima do pátio principal. Então, viu a pena.

Era de um azul brilhante, a cor intensa a luzir contra a pele escura que cobria o catre. Quando a ergueu para a luz, o verde brilhou entre o azul.

Amber fitou-a, imaginando de onde poderia ter vindo, pois não se recordava de ter visto nenhuma pena assim entre os passaros de caya que lordes Stephen criava. Então, esqueceu-se da pena ao perceber um calor que parecia aninhado sob seus pés.

Remexeu os dedos e sentiu um leve movimento. Remexeu-os de novo e ouviu um cainhar em resposta. Um focinho peludo apareceu na beirada das cobertas, seguido por dois olhos redondos como contas.

Pippen. Ele era um animal semelhante a um urso, de origem duvidosa, com um pelo escuro e liso, cauda enrolada, olhos agudos que não perdiam nada e uma disposição travessa. Fora criado por lady Cassandra

desde pequeno e considerava a maior parte de Camelot, pelo menos as vastas cozinhas e despensas com seus abundantes estoques de alimentos, seu dom3nio privado. Comida era sua primeira paixco.

De alguma forma, entrara no quarto e se afundara sob as cobertas aos p3xs dela. Conforto era sua segunda paixco.

A qualquer hora do dia, ele podia ser encontrado ou xere-tando entre barricas e toneis em busca de alguma coisa comest3vel, ou se enterrando num ninho aconchegante para um cochilo.

Amber remexeu os dedos outra vez, e imediatamente recebeu uma resposta mal-humorada de Pippen, ao ser desalojado sem cerim3nia de seu quente aconchego.

Entco, tudo retornou a ela num 3mpeto de penosas lembranyas terrificantes: o piquenique na campina, Kaden vagando para dentro da floresta, o encontro com o lobo e o ataque...

Amber moveu as pernas debaixo das camadas de pele quente e sentiu apenas uma leve pontada de dor. Agarrou a ponta da coberta e puxou-a. Estremeceu com a lufada de ar frio da manh3 contra a pele nua.

Sua nudez despertou imagens de outras lembranyas, de suas roupas sendo cortadas. Ela correu os dedos de leve pela extensco da coxa direita e da perna, sentindo o relevo

suave de cicatrizes.

- Estou feliz em ver que você se sente melhor.

Amber puxou depressa as peles contra si, quando lady Vivian entrou no quarto. Uma criada carregava uma bandeja em que havia uma tigela de líquido fumegante. Não exalava um vago odor de ervas ou remédios, mas um cheiro delicioso, de um consistente e saboroso ensopado. Havia também grossos pedaços de pão e tortinhas de maiz

com molho cremoso que fizeram sua boca encher-se de água.

- Pensei em algo mais substancial para hoje - disse Vivian, ao indicar a criada que colocasse a bandeja sobre a mesa próxima. - ir ajudá-la a recuperar as forças.

Seguiu a direção do olhar de Amber até um tornozelo esguio, exposto na beira da cobertura de pele, com uma cicatriz particularmente feia, agora apenas mal visível.

- Foi preciso muita habilidade para fechar o ferimento - Vivian explicou -, mas achei preferível uma cicatriz a vê-la mancar de uma perna e usar uma bengala.

Aquilo trouxe um sorriso ao rosto da garota.

- Por quanto tempo estive aqui? - Amber perguntou, com

os sinais de mco que Meg lhe ensinara.

- Cinco dias - respondeu Vivian, tirando o pano de linho que cobria uma cesta de pco quente. - Lembra-se de alguma coisa que aconteceu?

Amber franziu a testa, lutando com as lembranças vagas.

Lembro-me dopiquenique na campina. Kaden havia perambulado atx a floresta, e eu fui atrps dele...

Fitou as cicatrizes na perna, recordando-se de muito mais, de coisas horríveis.

- Elas ficaram curadas com o tempo e dificilmente sero notadas - Vivian lhe assegurou.

Amber meneou a cabeça. Sua preocupayco nco era devido

As cicatrizes. Tentou formar os sons do nome de Kaden com as mcos, mas era difícil, pois nco havia sinais para nomes przpios. Frustrada com o silKncio que lhe roubara a voz, golpeou os lados da maca com os punhos fechados.

Lpgrimas correram de seus olhos, a raiva a se somar A frustrayco. Sua incapacidade de falar a impedira de chamar Kaden de volta, para longe do perigo que espreitava na floresta. As palavras rolavam por seus

pensamentos. E ela não conseguia dizer nenhuma delas!

Vivian sentiu a angústia da garota e gentilmente lhe tomou as mãos.

- Estou tudo bem. Posso compreender seus pensamentos. Você só tem de pensar do mesmo jeito que falaria.

Amber ergueu os olhos marejados de lágrimas, e seus pensamentos pronunciaram uma única palavra, o nome da criança.

Kaden?

Vivian envolveu-a com um braço pelos ombros, enquanto assegurava:

- Graças a você, meu filho está salvo. Não foi ferido, a não ser por uns poucos arranhões e cortes que já sararam. Receio que você tenha sofrido o pior. - Viu a dúvida na expressão da jovem. - Eu lhe asseguro, falo a verdade. Tive de impedi-lo de vir a este quarto. Ele tem sentido muita falta de você.

Eu não poderia suportar se alguma coisa tivesse acontecido a Kaden, Amber disse, por meio da conexão de seus pensamentos. Não viu o lobo, além que estava sobre ele.

Fechou os olhos e estremeceu, conforme as lembranças

retornavam. Teríamos sido mortos se não fosse o outro lobo.

Vivian espantou-se.

- Havia outro lobo?

Era a primeira vez naquele dia que alguém dizia que havia dois lobos na floresta. Estendeu a Amber uma xícara de uma tisana calmante.

A garota tomou o chá levemente doce, devagar.

Ele atacou o primeiro lobo e o escorrayou. Estremeceu de novo diante das lembranças. A princípio, pensei que eu tivesse imaginado ou sonhado isso. Franziu a testa ao recordar-se. Foi um pouco parecido com sonhar, a súbita explosão de luz entre a névoa na floresta...

Vivian sentiu-lhe a hesitação, como se a própria Amber não acreditasse no que acontecera.

- Lembra-se de alguma coisa mais?

Foi como acordar de um sonho e recordar parte dele, Amber respondeu, lutando com as imagens vagas e fugidias. A gente sabe que existem mais coisas para lembrar, porém não consegue.

Quanto mais tentava se recordar, mais as imagens fugiam.

Vivian tirou a xícara vazia das mãos dela.

- Voltar a falar com o tempo - assegurou. - Quando estiver pronta para lembrar.

E quanto às palavras?, Amber perguntou. Serei capaz de falar novamente? Ou viverei com este silêncio, com os outros pensando que sou algum tipo de muda estúpida que causa pena?

Embora Vivian pudesse ter usado seus poderes para forçar a garota a falar, hesitou, sabendo que a cura poderia ser mais perigosa do que a enfermidade.

A mente era uma coisa frágil, formada de desejos, sonhos e segredos. Amber tinha enterrado o sofrimento bem fundo, junto com a capacidade de falar. Forçá-la a confrontar o horror

do que acontecera naquele dia longínquo, quando sua família morrerá, poderia lhe provocar mais sofrimento, talvez até mesmo levá-la à loucura.

- Não sei de nenhuma cura mágica - Vivian disse. - Você tem a capacidade de falar. Voltar quando o sofrimento de não falar for maior que a dor de velhas lembranças.

Esforçando-se para compreender, mesmo desapontada, Amber concordou. O cheiro aliviara muito do dolorido de seus músculos, e agora seu apetite parecia estar pronto

para uma dieta mais rica do que o caldo dos últimos cinco dias.

Em pouco tempo, Amber consumira um ensopado bem forte, três ovos cozidos, várias fatias de queijo, um grande naco de presunto e três tortinhas de maiz. Era difícil dizer para onde fora tudo isso, num corpo tão fino como um junco.

- Agora, devemos ver o que precisa ser feito a respeito dos seus cabelos e roupas - Vivian anunciou. - Não sobrou nada do seu vestido.

Amber virou as pernas para o lado da maca. Levantou-se sem firmeza e se sentou depressa outra vez.

Vivian passou um braco de apoio em torno da sua cintura.

- É mais ou menos assim no começo - assegurou. - Os músculos ainda estão sarando. Você precisa dar tempo a eles para ficarem fortes de novo. - Amparou Amber atrás

uma cadeira próxima. - Logo, estará tão forte como antes. Nem mesmo as cicatrizes ficarão. - Enrolou uma pele grossa em torno das pernas de Amber, e depois foi atrás

a porta e chamou os criados que haviam ficado esperando do lado de fora.

Eles trouxeram uma enorme barrica e baldes de água

quente, que fumegava ao ar frio da manhã, uma bola de sabão cheiroso, toalhas de linho e várias peças de roupa que puseram sobre a cama. Então, quatro rapazes robustos carregaram para dentro um enorme tacho de ferro.

A incerteza de Amber sobre o uso do tacho desvaneceu-se quando, balde após balde, a água foi despejada no enorme caldeirão. Vivian ajudou-a a entrar no banho fumegante, depois que os criados tinham ido embora. Adicionou um pé de cheiroso o qual, ela explicou, tinha sido modo de folhas secas de odor penetrante. O pé perfumado misturado com a água era como um bálsamo que acalmava a dolorosa coceira das feridas que saravam, e o calor aliviava a dor dos músculos machucados.

Depois disso, Amber sentou-se diante do fogo do braseiro, a pele lustrosa do banho quente cheirando a sabão perfumado com óleo de pinho. Vivian escovou-lhe os cabelos conforme secavam.

Quando Amber protestou que ela estava fazendo o trabalho de uma criada, Vivian retrucou:

- Isso é insignificante. Você salvou a vida de meu filho. É uma dívida que nunca poderei pagar.

Parou e pousou a mão sobre a suave curva do ventre.

- Um dia, em breve, eu terei uma filha cujos cabelos poderei escovar assim. - Sorriu ao continuar a tarefa. - Uma filha com cabelos negros como os do pai, e os profundos olhos azuis de seu avô.

Diante da surpresa no olhar de Amber, ela meneou a cabeça.

- Não, meu marido ainda não sabe. Não ficarei muito contente, pois o nascimento de Kaden foi difícil, e ele jurou que não me faria passar por isso outra vez. Mas eu quero outro filho. Kaden está crescendo muito mimado. Ele precisa aprender a partilhar com irmãos e irmãs. Encontrarei o momento certo de dizer a meu marido. Um momento entre batalhas e guerras, quando ele estiver feliz com alguma coisa. Assim, não irei brigar comigo por isso.

Pelo reflexo, observou quando Amber alisou a lã macia e fina do vestido que agora usava. Era de um intenso tom de azul que lhe destacava a cor dos olhos, o fio bordado tingido com raras flores silvestres. Percebeu o gesto de apreço, qualquer mulher ficaria feliz em receber algo tão fino.

- Foi um presente de Truan - Vivian informou, respondendo à pergunta nos pensamentos de Amber. Diante da expressão espantada da garota, explicou: - Ele insistiu que você aceitasse este vestido para repor aquele que ficou arruinado. De certa forma, Truan se sente responsável.

A surpresa de Amber era evidente na expressão espantada de seus olhos.

- Foi Truan quem a encontrou - Vivian continuou a explicar.
- Se ele não tivesse chegado a tempo...

O silêncio pairou entre elas. Ouvia-se apenas o chiado da lenha no braseiro. Amber lutou outra vez com as lembranças vagas e fugitivas de imagens indefinidas que se recusavam a ser lembradas.

Vivian terminou de lhe escovar os cabelos e os trançou com fitas da mesma cor do vestido. Quando acabou, apanhou as toalhas e as coxilhas de ervas, e as colocou dentro da cesta.

- Chega por um dia - disse a Amber. - Você precisa descansar agora. Não se sentir mais forte amanhã. Talvez depois de amanhã possa dar um pequeno passeio. Meg está

ansiosa para estar com você - emendou, passando a alça da cesta pelo braco. - Mais tarde, ela virá lhe trazer o jantar.

Amber segurou-a pelo braco, quando Vivian se voltou para sair.

Obrigada por salvar minha vida.

Vivian pousou a mão sobre a de Amber e afagou-a.

- Obrigada a você por salvar a vida de meu filho.

Depois que ela se foi, Amber cochilou na cadeira diante do braseiro; o calor a envolveu-la, com Pippen a lhe aquecer os pés. Tinha os dedos fechados sobre a peneira azul.

Naqueles últimos momentos, antes de adormecer, imagens vagas perpassaram por seus pensamentos. Visões sombrias de uma criatura terrificante, uma explosão de luz, e de um homem onde estivera o lobo, a caminhar pelo círculo de luz e a estender a mão para ela.

Amber sentiu-se muito mais forte no dia seguinte. Forte o suficiente para, depois que a jovem criada da cozinha recolheu o tabuleiro vazio, jogar a coberta de pele e pendurar as pernas na beirada da cama.

Abaixou um pé, depois o outro, para o chão de pedra polida. Em seguida, com passos hesitantes, atravessou o quarto até a mesa.

Pippen observava seu progresso do canto do quarto, com uma vaga expressão de desinteresse.

Não seja tão convencido, ela pensou. Você tem quatro pernas para caminhar, enquanto eu tenho apenas duas, e não sou tão fraco como junco.

Seus joelhos falsearam e a teriam derrubado, se Amber não se agarrasse ao espaldar da cadeira. Phippen deixou escapar um bufo que soou como uma risada.

Bicho arrogante!, ela pensou, ao concentrar todo o seu esforço em permanecer ereta. Sentiu-se como se tivesse realizado algo muito notável, quando atravessou o quarto de volta para a cama.

Tal como lady Vivian prometera, Amber se sentia mais forte a cada passo. Sentou-se no catre mais uma vez, pensando que passaria outro dia dentro daquelas quatro paredes.

Meg lhe trouxe a refeição da manhã. Tratou-a como se ela fosse uma inválida. Trouxera Kaden consigo. Amber ficou feliz em ver a criança, que parecia alheia ao pesadelo que vivera na floresta.

Estava com seu usual jeito malicioso, a explorar o quarto nas pernas em constante movimento, as mãos a procurarem qualquer coisa que estivesse além de seu alcance, com a curiosidade típica de uma criança que apenas recentemente descobrira um mundo maior a ser explorado.

Meg finalmente levou Kaden embora com a promessa de uma visita ao pátio, onde ele poderia ver os cavaleiros em seus treinamentos.

Amber foi até a porta, mais confiante a cada passo. O sol estava quente nas pedras do chão, onde incidia através das venezianas abertas. Ela ouvia os sons agora familiares de Camelot: um rompante de risada, o burburinho de conversas distantes, a ocasional barganha e o regateio no mercado, o ruído de carroças que seguiam para além das muralhas e, sobretudo, o som das armas dos cavaleiros de lordes Stephen, que praticavam batalhas simuladas lá embaixo no pátio.

Amber debruçou-se no parapeito da janela, esperando captar algum sinal deles, mas a torre do canto bloqueava sua visão. O ar da primavera era doce, o sol quente em sua face, mas isso não bastava. Ela ansiava por estar lá fora.

Estremeceu quando a lembrança do brutal ataque à sua vila assaltou-lhe a mente. Embora tentasse expulsá-la, a recordação vinha em relances de imagens: as ruínas queimadas dos chalés

e cabanas; os corpos de homens, mulheres e crianças que jaziam onde tinham morrido; o pai morto nos degraus da pequena igreja, onde implorara aos invasores que poupassem os aldeões.

Seu pai e dois irmãos mais velhos haviam morrido do lado de fora da cabana de pau-a-pique. Lá dentro, os corpos de sua mãe e de dois irmãos menores ensanguentavam a

palha do chco, enquanto os bprbaros nrdicos se apossavam de qualquer coisa de valor, comida, roupa, utenslios de metal e armas. Depois, metodicamente, destruram a moblia que seu pai e os irmcos tinham habilmente construdo. Esmagaram o tear onde sua mce se sentava Я tarde, diante do fogo, e arreventaram o pequeno beryo de madeira. Entco, eles a tinham descoberto, agachada em um canto, protegendo a irmc mais nova.

Amber cortara o bprbaro com a faca de entalhar que seu pai lhe dera, quando a mandara para a cabana com a mce e as crianyas mais novas. Tambxm o atacara com as mcas nuas. Sua irmc mais nova fora arrastada para fora da cabana, paralisada de medo, os olhos arregalados de pavor, diante da vista da famlia assassinada. Amber nunca mais a vira outra vez. Entco, o agressor se voltara para ela. Tinha coisas terrveis em mente.

Mesmo agora, Amber nco conseguia suportar ficar fechada em lugares pequenos e apertados. Isso a fazia lembrar do horror daquele dia, quando se vira encurralada, incapaz de fugir! e a nica coisa que pudera fazer fora cravar o olhar na parede da cabana atx que tudo acabasse.

Fechou os olhos, expulsando as imagens para os cantos escuros da mente. Fazia muito tempo que nco pensava naquele dia. Talvez, se ela tivesse sido capaz de gritar,

naquele dia,

berrar e gemer por sua perda, talvez pudesse ter exorcizado o sofrimento. Porém não houvera lágrimas. Nem na ocasião, nem agora. Apenas paredes que se fechavam, lembranças de coisas que Amber não queria recordar...

Esgueirou-se silenciosamente para fora do quarto, olhando primeiro em uma direção e depois em outra, para ter certeza de que ninguém a vira, pois certamente a fariam voltar para o quarto, cheios de preocupação. Sua necessidade de escapar, porém, era muito mais forte do que a necessidade de descansar.

Conforme caminhava lentamente pelos corredores, ela ouvia os sons distantes dos criados nos quartos abaixo, renovando os estoques de comida da despensa, do celeiro e do fumeiro, nos preparativos para as refeições do meio-dia e da noite.

Ao se aproximar do fim do salco, que se ligava à sala de reuniões onde lordes Stephen recebia seus cavaleiros em conselho, Amber ouviu vozes.

A velha Meg tinha dito certa vez que, quando alguém perde o uso de um de seus sentidos, os outros o substituem. A velha sabia do que falava, pois, embora cega desde o nascimento, possuía uma audição incrível.

Privada da capacidade de falar, a audiyo de Amber estava igualmente aguyada.

Ela aprendera a distinguir sutis nuances de fala e, ao passar, reconheceu as vozes de lady Cassandra e lady Vivian no quarto das crianyas.

Muitas vezes se juntara a elas ali, com Brianna, enquanto as crianyas brincavam. Quando as crianyas se cansavam e tiravam uma soneca, todas conversavam sobre mxtodos de cura, diferentes ervas e remxdios usados para vprias enfermidades.

Com freq4Жncia falavam a respeito do rei Guilherme e a vida na corte, e Amber ouvia com fascinayco; muitas hist3rias mais escusas eram contadas entre sussurros solenes e risadas. Algumas vezes choravam, refazendo o frpgil layo de fam3lia, ao falarem de seu pai olhando para seus bebЖs adormecidos.

Outras vezes contavam piadas indecentes, atx que a velha Meg as repreendia.

- O que a garota vai pensar? - advertira as irmcs em mais de uma ocasio. - VocЖs fazem atx esta velha corar com suas conversas.

- O que vocЖ sabe de tais coisas? - Brianna perguntara numa manhc, nco muito tempo antes.

- Suspeito que ela sabe muito mais do que gostaria que soubéssemos - Vivian retrucara, com um olhar de soslaio para a velha.

- Bah! - Meg exclamara, de onde estava sentada no canto, as mãos ocupadas em enrolar bolas de fios para o tear. - Vivi uma vida solitária, devotando-me a ensinar aqueles colocados sob os meus cuidados. Não há nada a dizer.

- É você que precisa nos contar! - Cassandra encorajara Vivian, quando ficara sabido que a velha não pretendia dizer nada a elas. Os olhos de Vivian brilharam de malícia, embora sua expressão se tornasse mais solene.

- Nossa mãe ouviu isso da mãe dela. Contou-me que Meg era muito bonita quando jovem.

Meg se encolhera como uma bola na cadeira e resmungara sobre jovens atrevidas com nada melhor a fazer do que fofocar.

- Disseram que os seus cabelos eram tão negros e lustrosos como as asas de um corvo, a pele tão clara como uma mancha de venço, e seu corpo, de curvas voluptuosas.

Do canto, Meg bufara com reprovção e voltara as costas para as irmãs, enquanto Vivian continuava.

- Disseram também que mais de um rapaz desejou a srta.

Meg e tentou atra-la para um lugar secreto onde pudesse usufruir dela.

Meg lanara uma bola de fios no cesto prximo, no chco.

- Disseram tambm que um jovem arrojado quase foi bem-sucedido - Vivian continuara, tirando uma agulha do alcance de Kaden. - Ele tornou-se amigo dela e lhe deu belos presentes. Entco, um dia, certo de seu sucesso e sabendo da habilidade de Meg em curar, ele fingiu que havia se machucado nos es-tpbulos. Quando ela foi ver qual a extensco do ferimento, o jovem tentou seduzi-la.

Como se conectadas por alguma teia invisvel, tanto Brianna como Cassandra haviam se voltado para Meg.

- Entco, o que aconteceu? - perguntaram em unssono. Vivian inclinara-se para a frente e baixara a voz discretamente.

- Disseram que primeiro ele a beijou. Depois, enfeitado por sua deslumbrante beleza, colocou as mcos sob as suas saias. Foi quando aconteceu.

- O que aconteceu? - as irmcs indagaram simultaneamente.

- Ele desapareceu numa baforada de fumaya - respondera Vivian. - Quase p3s fogo no estpbulo.

Cassandra explodira numa risada.

- Posso sentir o calor.

- E quando a fumaca clareou? - perguntara Brianna. - O que aconteceu depois?

- Quando clareou, o jovem havia desaparecido, e, em seu lugar, estava um asno.

- Ela o transformou?

- Pensaram que sim, pois ele nunca mais foi visto.

Todas as quatro, inclusive Amber, tinham-se voltado e encarado Meg. Cansada de ouvi-las rirem a sua custa, a velha abandonara a cadeira e, mantendo o corpo ossudo tco ereto quanto possvel, passara por elas. Porfm fora Meg quem rira por ltimo.

- Nco foi porque ele tentou me seduzir - informara, com um ar frio de desdjm, ao levar a mco para a porta do quarto. - Foi o tamanho da sua virilidade. Uma coisinha insignificante, desapontadora que era. — Entco, saza pela porta, deixando-as todas num aturdido silncio, boquiabertas.

Ao passar pelo quarto, Amber ouviu risadas suaves. Meg se encontrava com elas, a despeito da afronta anterior, pois nunca ficava longe dos bebJs.

Amber escapou pelo salco principal, parando por um momento ao cplido sol de primavera. Exigia muito mais forya do que previra para chegar atx ali. Sentia-se fraca, os mцculos recжm-costurados tremendo pelo exercьcio. Porжm, nco iria voltar atrps.

Depois de um tempo, a fraqueza passou, e ela continuou seu caminho lentamente, ao longo da calyada abaixo do balcco, de onde se divisava o pptio em que os cavaleiros de lorde Stephen treinavam.

Era um grande pptio aberto. Acima das calyadas, estavam os balцnes dos quartos do segundo andar, inclusive os aposentos que certa vez haviam sido ocupados pelo rei Arthur, segundo a lenda, as cPmaras do conselho e o grande aposento chamado de cPmara estrelada.

Enormes portцes se erguiam no lado oposto do pptio.

Abriam-se para as fileiras de chalжs cabanas dos habitantes do castelo, protegidos dentro das altas e dominantes muralhas externas.

Camelot era uma ruьna fantasmagzrica e desintegrada quando haviam chegado ali pela primeira vez. Muitos reparos, porжm, tinham sido feitos desde entco. Agora, fervilhava de vida, com artescos e mercadores que trouxeram suas famьlias para viver mais uma vez sob a proteyco do lendprio castelo.

Diariamente juntavam-se a eles os chacareiros, pastores e agricultores que traziam a colheita, rebanhos, caya das florestas e caixotes de peixe fresco para vender no mercado.

Amber muitas vezes acompanhava Cassandra e a velha Meg às compras, pois mercadores andarilhos sempre traziam ervas raras ou p3s de algum porto distante.

Um dos homens de lorde Stephen sempre as acompanhava, a fim de cuidar do pagamento e emprestar um par de brayos fortes para carregar as compras. Naquelas ocasiões, Truan costumava ir junto, contando histórias dos mercados dos imp3rios do Oriente por onde viajara.

Falava de cidades brancas, de mprmore, com minaretes feitos de ouro, onde os homens santos chamavam os trabalhadores para as preces da tarde do topo das torres.

Dos ricos e poderosos potentados que carregavam sacos de ouro para o mercado no lombo dos camelos. Ocasionalmente, quando um daqueles sacos era aberto, ou cortado por algum ladrco audacioso, moedas esparramavam-se pelo chco e para as mcas dos mendigos e dos pobres.

Meg o acusava de contar fpbulas, porqm ele apenas ria e entco, girando a mco no ar diante de Amber, lentamente

abria os dedos. Minúsculos cristais dourados reluziam no ar como as moedas de ouro carregadas por algum poderoso potentado.

Truan contava histórias de mercados exóticos no Império Bizantino, onde especiarias raras, ervas, pês e opíacos estranhos podiam ser encontrados. E onde um chefe das tribos do deserto podia comprar uma garota de pele clara com cabelos dourados por um punhado de rubis.

Enquanto falava, tomava a mão de Amber, aninhando-a na dele. E ela sentia um calor estranho, agitado.

Em meio às sombras misteriosas dos olhos de Truan, Amber também via um relance de riso quando ele passava a outra mão por sobre as palmas entrelaçadas. Uma pedra polida, de um vermelho-sangue, escorregara para a palma da mão dela.

- Bah! - Meg bufara naquele dia. - Truques simples e sortilégios de um tolo. Que uso tem o pé dourado que já soprado pelo vento ou uma pedra colorida sem valor? Se quiser fazer mágica, meu belo amigo, então arranje um pedaço de pão ou um pastelco antes que morramos de fome.

Embora Amber soubesse que os sortilégios eram simples truques, facilmente explicáveis pela rápida ocultação de objetos dentro das mangas, ou pegos por dedos mais

ppidos do que o olhar, ela guardara a pedra vermelha polida. Estava escondida no quarto que partilhava com Meg.

Truan, porxm, agora nco mais as acompanhava ao mercado, nem a procurava depois da refeiyco da noite no grande salco. Ficara zangado com Amber desde aquele dia, tantos meses antes, quando, num impulso, o beijara, numa tola tentativa de fazK-lo entender de alguma forma os sentimentos que ela mesma dificilmente compreendia.

Desde entco, ele passava a maior parte de seu tempo com

os homens de lorde Stephen. Outras vezes, desaparecia por completo, retornando quando os portues de Camelot eram fechados para a noite, ou nco voltava.

Uma noite, incapaz de dormir, Amber o vira retornar logo antes do amanhecer. Passara tco perto, no corredor do quarto, que ela sentira o frio que se agarrara a seu manto e, na luz de uma tocha na parede, vira a nxvoa que reluzia na massa selvagem de cabelos negros que caam abx seus ombros.

Amber queria conversar com Truan sobre aquela noite, numa tentativa de preservar a amizade que os unia, pois ele era o nico que parecia compreender seu sofrimento.

Porxm recuara para as sombras, quando a luz da tocha

incidira sobre as feiúras de Truan, ao mesmo tempo belas e terrificantes, os olhos a luzirem com alguma estranha luz interior. Como se não fosse uma criatura deste mundo.

Ela o deixara passar, receosa de ser vista, com medo da transformaçõ que vira nele, pois não havia nada do brincalhõ despreocupado que sempre tinha uma piada ou uma história engraçada para contar.

- Mova o traseiro, seu tolo estúpido! A ordem rúspida de sir Gavin arrancou-a dos pensamentos e a trouxe de volta ao presente, quando Amber passou perto de onde ele e um guerreiro mais jovem, de nome Gareth, circundavam um ao outro, empunhando espadas.

Gareth era apenas uns poucos anos mais velho que ela. Fora escudeiro de lorde FitzWarren e agora treinava para a Fraternidade dos Cavaleiros.

- Pare de ficar embasbacado com as moças e concentre-se! - sir Gavin rosou para ele. - Pois, do contrário, vou trin-chp-lo como um porco no espeto!

Amber sabia que ela era a causa da distraçõ de Gareth. Ele sorriu ao conseguir sua atençõ e mal recuou a tempo quando sir Gavin girou a espada para atingi-lo na cabeça. Entõ, com incrível facilidade e rapidez, retomou a concentraçõ, ficando um passo adiante da pesada

IPmina empunhada pelo cavaleiro mais velho.

Os dois homens se rodearam, cada um desferindo vrios golpes bem colocados, desviados em resposta pela IPmina do outro. Quando Gareth desferiu um golpe inesperado contra o lado desprotegido de sir Gavin, este reconheceu o feito do aluno com um bufo de aprovayco.

- Sim, ж mais ou menos assim!

Gavin, entco, fingiu abaixar-se com um movimento de contra-golpe, girou inesperadamente e atingiu com um baque as costas do rapaz, com o lado plano da espada. Pego de surpresa, Gareth cambaleou. Recobrou-se e virouse para confrontar a IPmina de Gavin, posicionada para outro golpe.

- Como eu disse, jovem guerreiro. - Sir Gavin sorriu, e Gareth enrubesceu de constrangimento ao ser traъdo tolamente pela autoconfianya -, mova o traseiro, ou vai perdЖ-lo.

Ao redor, os outros guerreiros caъram na gargalhada, pois tinham sofrido a mesma humilhaыco e constrangimento uma vez ou outra durante o prъprio treinamento.

- Erga sua espada, velho! - Gareth desafiou. - Tem mais traseiro para mover do que eu!

- Opa! - Gavin fungou, satisfeito, enquanto os outros se

reuniam em torno para observar. - Parece que o bichinho tem sede por mais. - Sorriu com prazer. - Veremos quem estarp em condiiуes de sentar no traseiro para a refeiyco da noite e quem ficarp de рж.

Amber parou para olhar. Desde que chegara a Camelot, meses antes, Gareth tinha se tornado um amigo. Muitas vezes a procurava depois da refeiyco da noite. Embora ela sentisse saudade de Truan, a amizade de Gareth a ajudava a preencher o vazio da solidco.

Era um jovem afpvel, com cabelos cor de areia, olhos azuis e uma risada fpcil. Meg, porжм, a avisara que poderia haver outras intenyуes por trps daquela camaradagem.

Ele ж um jovem cavaleiro em treinamento, e eles gostam de usar a “espada”, especialmente com garotas. Pode oferecer amizade a vocЖ. Mas tenha certeza de que nco lhe ofereya mais coisas.

Gareth, porжм, nco a tratava como os outros homens tratavam as garotas e mulheres sem compromisso, que flertavam com os cavaleiros em Camelot, enquanto cumpriam suas tarefas. Ele sempre fora gentil e ocasionalmente lhe trazia pequenos presentes: uma fita, um ramo de lavanda ou uma mayc roubada da despensa.

Conforme os outros se reuniam em torno de Gareth e sir Gavin, Amber se afastou, determinada a não dar motivo para mais distrações. Se tivesse alguma esperança de escapar ileso do desafio a sir Gavin, Gareth precisaria de toda a sua concentração, para não mencionar força, rapidez e agilidade.

Amber esperava encontrar Truan para lhe agradecer o presente do vestido. Mas ele não se encontrava entre os outros guerreiros que treinavam no pátio principal. Ao seguir pela arcada coberta, ela o viu perto da grande fonte, do lado oposto do pátio. Treinava sozinho, num lugar tranquilo, separado do resto dos homens.

Não usava cota de malha ou couraça protetora; tirara a túnica e usava apenas as botas de couro de corva e a calça, que moldavam seus quadris estreitos e as pernas musculosas. Também não usava manoplas de couro ou elmo para proteger as mãos ou a cabeça.

Enquanto os outros cavaleiros empunhavam espadas largas que requeriam força bruta, com vistas a partir um homem em dois, Truan preferia a espada fabricada na Espanha, que usava com rapidez e agilidade de tirar o fôlego.

Diferentemente de Gareth, que possuía a força limitada de um rapaz que logo se tornaria um homem, a força de Truan era como a de um gato: rápida e mortal.

Sua concentrayco era intensa. Parecia alheio a tudo e a todos a seu redor, completamente focado num inimigo que apenas ele podia ver.

Nunca dois movimentos eram os mesmos, conforme Truan retalhava e trinchava o ar com incrível graça e rapidez, recuando e depois investindo outra vez, tudo isso ainda mais inacreditável quando Amber viu que ele treinava de olhos fechados!

Outros pararam para observar. Pareciam tão admirados quanto ela pelo poder intenso de cada movimento, um tipo de estranha dança, graciosa e mortal, que era ao mesmo tempo assustadora e bela de ver.

Amber começou a se sentir cada vez mais inquieta. A força de Truan mal era controlada, sendo incansável, quase brutal. O medo revirou seu estômago, um medo que fez eco ao terror daquele dia, tempos antes, quando vira a família ser assassinada.

Naquele momento, ela não o reconheceu. Não era mais o amigo gentil que lhe trouxera risos e amizade. Não havia nenhum traço de gentileza ou ternura nele agora.

Era como daquela vez, no corredor, quando o vira voltar logo antes do amanhecer, como se uma máscara tivesse sido arrancada, revelando o homem sob ela, um homem que se escondia atrás de risos, brincadeiras e truques de

prestidigitador.

De repente, Amber se deu conta de que fora um erro ir até ali. Relanceou os olhos ao redor, em busca de algum lugar para onde escapar, mas já era tarde.

Como se sentisse sua presença, Truan virou-se de súbito. O sol f piscou na espada. Num terrível borrego de músculos reluzentes e aço brilhante, ele mirou a ponta da espada diretamente para o coração de Amber.

Um grito de horror subiu pelo péptio, congelado em repentina e terrível imobilidade.

Capítulo IV

Truan ouviu os gritos pelo péptio. Contudo uma voz interior gritava um aviso diferente.

Ataque! Mate, antes que seja morto!

Imagens passaram de relance por sua mente. De uma espada em suas costas e de algum perigo invisível que aguardava para abate-lo. Então, sentiu, mais do que ouviu, outra voz.

Não faça isso! Pois o sangue que arrancar será o seu próprio. A vida que tirar será sua vida!

As palavras moveram-se junto com o seu sangue com a queimadura do sol. Enrolaram-se em torno do punho da espada como uma poderosa mico invisível que paralisou o golpe naquele último instante, conforme ele investia.

De olhos ainda fechados, Truan, gradualmente, ficou ciente do calor do sol sobre sua cabeça, do murmúrio do vento e de outros gritos de aviso, assim que seus sentidos retornaram daquele lugar distante para onde ele fora, ao se voltar para dentro dos próprios pensamentos e lutar contra um inimigo imaginário. Lentamente, abriu os olhos.

O aço polido reluzia sob o sol do meio-dia, a ponta da espada

comprimida, não contra a placa do peito de um guerreiro, mas contra a lâmina azul, tensa sobre um seio trêmulo.

Truan respirou fundo, puxando o ar para dentro dos pulmões, como se estivesse rompendo a superfície da água, depois de nadar no fundo. Gradualmente, seus pensamentos se aclararam, tomaram foco, e ele percebeu o que quase fizera.

Amber se postava muda diante dele. Seus olhos eram grandes lagoas escuras, as feições exangues congeladas de terror. Seus lábios estavam partidos num grito espantado e silencioso. A distância de um fio de cabelo da morte, ela parecia nem mesmo respirar.

- Seu idiota! Seu desmiolado!

Gareth de Monrose, o jovem cavaleiro que estivera treinando ali perto com sir Gavin, foi o primeiro a alcançá-los, os olhos flamejantes de raiva. Com um gesto furioso, empurrou a lâmina da espada de Truan para o lado.

- Quem lhe deu permissão para treinar aqui? - perguntou. - Você poderia tê-la matado!

Ninguém sabia melhor que Truan das horríveis consequências caso não tivesse recuado no último instante. Sua própria raiva assomou à superfície, selvagem e fervente.

Teria sido muito fácil abater o rapaz por seus insultos. Porém aquela mesma voz interior que o avisara para tirar a espada no último momento, agora o advertia de que seria imprudente ceder à ira. Truan baixou a espada e enfiou a ponta na terra macia. Sorriu amavelmente, mas seu olhar não se afastou do de Amber.

- Escolhi um lugar separado dos outros para não colocar ninguém em perigo. Além disso, como pode ver - Ainda sorrindo, deu de ombros e fez um gesto de descaso em direção a Amber -, ela não está ferida. Apenas assustada, nada mais.

A culpa é da menina, por se aventurar em lugares onde

nco poderia estar.

S3 entco Amber pareceu retornar daquele lugar de pavor. Pestanejou como se tivesse sido golpeada. Uma respirayco ofegante foryou passagem pelos lpbios congelados.

O terror recuou, substituьdo pelo sofrimento e, depois, por um relance de raiva, quando ele a chamou de menina.

Melhor vЖ-la zangada do que com o terror irracional de momentos antes, Truan pensou ao continuar: - ¶ melhor voltar para o quarto das crianyas, srta. Amber. O pouco de cor que restava foi drenado completamente do rosto dela e depois retornou num rubor furioso que fez seus olhos verde-azulados faiscarem como pedras preciosas. As mcos esguias se agitaram em palavras zangadas, que trombavam uma com a outra. Quando seus dedos se enlayaram, Amber fechou as mcos em punhos, como se quisesse bater em alguжm. Ele nco tinha dЦvida de quem poderia ser.

- VocЖ nco ж um cavaleiro galante! - Gareth esbravejou, furioso.

Truan sorriu com bom humor e curvou-se com um gesto largo diante dele, numa reverЖncia zombeteira.

- Simplesmente um tolo, como vocЖ apontou - retrucou.

- Bem mais experiente com palavras do que com a espada.

- Não vejo experiência em nenhuma das duas coisas. Nem humor - Gareth respondeu, a voz tensa de raiva.

Quando Truan simplesmente lhe dirigiu um sorriso abobalhado, ele deixou escapar um bufo de desgosto e se voltou para Amber.

- Eu a acompanharei de volta ao salão, onde estará segura.

- Sua mão fechou-se sobre o braço dela.

Amber ficou rígida. A cor fugiu de novo de seu rosto ao contato físico, enquanto o terror de ser tocada tomou o lugar da raiva anterior.

Gareth era muito mais forte que ela. Amber sentiu-lhe a resistência, quando tentou livrar-se, e percebeu que iria machucar-se.

O olhar dela era muito diferente daquele de momentos antes. Era um olhar de aflição, de pavor, por ser fisicamente tocada.

Truan sabia de onde vinha o medo, pois a velha lhe contara as coisas horríveis que a garota sofrera, um trauma tão profundo e devastador que roubara dela a

capacidade até mesmo de falar sobre isso. Ele apertou a mão sobre a empunhadura da espada.

- Iria me permitir que eu a acompanhe de volta ao salão principal, srta. Amber? - Sir Gavin sugeriu, ao resolver interferir. Seu olhar encontrou o de Truan por um breve instante, quando ele continuou: - O propósito de treinamentos não é lugar para uma dama.

A face de Gareth enrubesceu de raiva com a intervenção de sir Gavin. Contudo não se atreveu a dizer nada ao cavaleiro mais velho, de status superior ao dele. Quando sua mão afrouxou-se no braço de Amber, as mãos de Truan relaxaram na empunhadura da espada.

Amber afastou-se depressa de Gareth. Ergueu os olhos para Truan. Naqueles faiscantes olhos verde-azulados, ele viu sofrimento, confusão e perguntas que ouvia tão claramente como se ela as fizesse. Porém não ousou responder.

Gavin voltou-se para acompanhá-la, mas ela estendeu a mão e meneou a cabeça, resoluta, indicando claramente que não queria que ninguém fizesse isso. Ergueu os ombros e endireitou

as costas. A postura desafiadora comoveu Truan, pois ele sabia que fora duramente conquistada.

- Amber?

Ela se voltou, as emoções expostas para todos verem, na expressão de frgil esperança ao som de seu nome.

Truan sorriu, como o tolo que precisava que Amber acreditasse que fosse. Depois, piscou para ela. Agitou a mão no ar e, então, com um torcer do pulso, abriu os dedos.

- Por favor, aceite este pequeno presente como um pedido de desculpas por qualquer aborrecimento que possa ter causado a você - disse, com um sorriso irônico. -

Para somar à sua coleção.

Amber olhou para a pequena estrela de cinco pontas que estava na palma da mão dele. Era plana e brilhante, um frgil cristal que faiscava e luzia ao sol, captando a luz num milhar de cores diferentes. Era exatamente como aquelas que ele fizera aparecer por mágica para um grupo de crianças, apenas uns poucos dias antes. Elas tinham ficado encantadas pelo presente mágico, aparentemente tirado do ar. Ela, não.

Lágrimas encheram-lhe os olhos. Nenhuma palavra era necessária. Truan sabia que a magoara profundamente. Amber voltou-se e fugiu do ponto de treinamento.

Truan pegou sua espada, virou-se e também deixou o ponto.

Gareth levou a mco Я espada. Sir Gavin agarrou o jovem cavaleiro pelo brayo, reprimindo-o.

- Nco faya isso - disse ao rapaz. - VocЖ estaria morto, antes que pudesse erguer a espada para atacar.

- Ele ж um tolo desmiolado.

- Quem ж o tolo? - perguntou Gavin. - Aquele que faz os outros acreditarem nisso ou aquele que acredita?

- Fala por meio de enigmas, velho.

Os olhos de Gavin se estreitaram com a afronta, mas deixou passar.

- ¶ um enigma apenas se escolher nco entender.

Vivian viu, do balcco superior, quando Amber fugiu do ppto de treinamento. Ela passou pelas portas do salco principal, sem olhar para os lados, mas de cabeya baixa.

Sem vЖ-las, Vivian sentiu as lgrimas e o caos das emoyues de Amber, junto com o sofrimento profundo e opressivo. E percebeu quem era a causa disso.

Olhou pelo ppto, para os homens reunidos ali, a seguir aquele que se afastava dos outros, o sol a arrancar faьscas dos cabelos negros e do corpo bronzeado. A seu

lado, sentiu Meg, que também observava com uma ruga funda a lhe juntar as sobranceiras, como se enxergasse. E, pela primeira vez, Vivian percebeu que a velha lhe ocultava alguma coisa.

- O que v que eu não enxergo? - perguntou, voltando-se para aquela que fora sua babá e fiel companheira desde que era um beb.

Fora Meg que a carregara do mundo imortal em que nascera para dentro do mundo mortal, para a abadia, onde o monge exilado, Poladouras, e a própria Meg a tinham criado.

- Você sabe muito bem que sou cega - respondeu Meg. - Você enxerga melhor do que eu. Ocasionalmente, sinto uma parede antes de esbarrar nela. - Deu de ombros. -

Nada mais.

Vivian bufou.

- Nós nos conhecemos faz muito tempo, querida. Não brinque comigo.

Tentou chegar aos pensamentos da velha e imediatamente encontrou uma poderosa resistncia.

Meg se encolheu, como se sofresse, e ergueu a mão fina.

- Nco faya isso, menina. Sou velha. Nco hp nada de importante que vocЖ jп nco saiba.

Ao liberar a mente de Meg, Vivian sentiu uma Única palavra que veio sussurrada de algum lugar distante na lembranya da velha: irmco.

Truan deixou Camelot, sem voltar por uma quinzena. Depois, mais uma vez se ocultando por trps do disfarce de bobo, dedicou-se aos jogos de tabuleiro com os homens de lorde Stephen atx tarde da noite, a beber vinho demais, como se atormentado por dem3nios que nco queria defrontar. Sempre ia embora nas Últimas horas antes da alvorada, normalmente na companhia de uma das mulheres sem compromisso que serviam na casa de lorde Stephen.

Amber observou isso tudo de longe, atx que nco p3de suportar mais. Entco, retirou-se para o quarto que dividia novamente com Meg. Ou passou a buscar refÚgio no quarto das crianyas, onde ajudava a cuidar dos bebЖs de lady Vivian e lady Cassandra.

Contudo nco importava quanto tentasse esquecer a amizade que uma vez tinham partilhado, ela se pegava constantemente a procurar por Truan, sempre que estava no salco principal, tentando compreender as mudanyas que haviam acontecido com ele.

Truan ainda entretinha os homens de lorde Stephen e as senhoras com piadas, ilusões e truques de prestidigitador. Porém continuava a tratá-la como naquele dia no pátio de treinamento, como uma criança. Nas raras ocasiões em que Amber o encontrara sozinho, ele retraía-se num silêncio desconfortável e desaparecera depressa.

O que acontecera? Ao se deitar à noite, Amber ficava a imaginar, as lágrimas molhando a coberta. O que ela fizera para que Truan a odiasse assim?

- Qual é o seu nome?

A mulher voltou-se, seus dedos a se demorarem nos belos fios bordados da tapeçaria pendurada na parede, mais finos do que qualquer coisa que ela vira antes.

- Mary - respondeu, ao mesmo tempo em que estendia a mão para o laço que prendia seus cabelos. Deixou-os livres, sacudindo a cabeça para que a cascata farta e sedosa de um negro brilhante caísse por seus ombros.

Ela sabia que não era bonita. Porém tinha o corpo bem-feito, seios fartos e quadris largos. Seus cabelos eram sua mais bela característica, a escorrer pelas costas e sobre os ombros numa cortina de seda negra. Tinha o corpete decotado e entreaberto, a aurícula escura de um seio exposta por um momento e depois escondida num jogo que ela fazia muito bem.

- VocЖ ж uma garota simples, Mary, com certeza - sua mce lhe dissera muito tempo antes. - E nco tem o nome de seu pai para reclamar ou para ajudp-la pela vida afora.

Porжм ж atraente - acrescentara, examinando o corpo nu da jovem Mary com olhos crьticos. - Deve usar o que tem com esperteza e nco desperdiyar. Nunca deixe isso barato. Faya um homem pagar para extrair prazer de vocЖ.

Depois, instruьra Mary nos meios de agradar a um homem. Mas isso fora havia bastante tempo. Ela estivera com muitos homens, desde entco, porжм sempre de sua escolha.

Meses antes, escolhera Truan Monroe.

Havia algo mais naquele guerreiro com belas feiyщes morenas,

de olhos azuis como um cristal e com os modos de um tolo.

Era rijo e forte, pois ela o vira no pptio de treinamento. E quando os outros nco estavam olhando, o sorriso abandonava a face de Truan, substituьdo por uma impetuosidade intensa e meditativa que a excitava como nenhum outro conseguia.

Durante meses, deixara-o perceber, por maneiras sutis, que ela ficaria feliz em erguer as saias para ele e para ninguém mais. Agora, Truan viera procurá-la.

O sorriso se fora, substituído por aquela impetuosidade. Mary sabia que Truan a observava, enquanto ela soltava os laços do corpete; continuava a observar quando Mary deixou o vestido cair sobre o chão de pedra e se postou completamente nua diante dele.

Então, lentamente, ela se aproximou de onde Truan se sentara, na cadeira diante do braseiro. Truan afastou-se quando Mary se ajoelhou diante dele, passou a mão por seu pescoço e tentou puxar-lhe a cabeça para beijá-lo. Ela sorriu de um jeito astuto e então deixou uma trilha de beijos por seu peito e pelo ventre duro e liso.

Ele era perfeito, alto e rijo, com músculos luzidios enrolados em torno dos ossos longos da perna, a pele a brilhar como ouro escuro e a luz das chamas no braseiro.

A mão de Truan deslizou pelos cabelos de Mary, mas, em seus pensamentos, a seda cplida que passava por seus dedos não era negra, e sim da cor do raro Pmbar dourado.

Ela ofereceu-lhe o seio, gemendo quando ele o sugou com força para dentro da boca. Porém, em sua imaginção, o mamilo que endurecia ao contato de sua língua era de um

rosa pálido, e nco marrom-escuro.

Entco Truan a amou. O corpo que se abria ansioso para ele era esguio como um junco, e o doce calor interior que o recebia por inteiro tinha apenas um nome.

Amber.

Truan a possuiu com violЖncia, com aquele nome sendo sussurrado em sua mente. PorЖm a mulher que guinchava embaixo dele, o corpo lascivo sacudido por ondas e mais ondas de prazer, nco era Amber.

Mary acordou quando Truan se mexeu a seu lado. Ela estendeu-lhe a mco, mas ele se esquivou. E quando Mary o chamou pelo nome para implorar que voltasse para a cama, descobriu que estava sozinha.

Сарьtulo V

A festa era para celebrar o solstѳcio de verco. Tudo em Camelot estava adornado com guirlandas de flores. Os portѳes tinham sido abertos para os aldeѳes das vizinhanyas, que trouxeram comida, caya fresca da floresta, a primeira colheita da safra de verco, rolos de lc grossa e pspera tosquiada dos rebanhos de ovelhas e toneis de vinho.

Músicos tocavam, e torneios atléticos se realizavam. A noite, as fogueiras queimavam, enquanto as tochas ardiam nos parapeitos de Camelot em celebração.

Em breve, segundo os planos, lady Vivian e lady Brianna retornariam com seus respectivos maridos para Londres.

De lá, lady Brianna e seu marido, Tarek al Sharif, iriam viajar para casa, no País do Norte, a fim de chegar bem antes do primeiro frio de inverno e para o nascimento de seu primeiro filho.

Meg iria com eles até a abadia de Amesbury, na viagem para Londres.

- Sou velha - ela dissera a Amber. - Vivi a maior parte da minha vida no mundo mortal. Prefiro passar meus últimos dias no lugar que foi meu lar por muitos desses anos.

Meg pretendia regressar à pequena abadia, onde lady Vivian fora criada, para passar o restante de seus dias cuidando dos jardins.

- Estive longe por muito tempo. Terei de replantar tudo quando voltar. Há trabalho suficiente para uma velha. - E ela estaria perto o bastante de lady Vivian quando seu segundo filho nascesse, no início do ano seguinte. Assim ficara decidido.

Amber tinha se decidido também. Apesar do fato de

gostar profundamente da sra. Cassandra e de seu bebê, não havia nada que a retivesse em Camelot. Nenhuma família nem a esperança de formar uma. E assim, ela também resolvera voltar para Londres.

A viagem tomaria quase duas semanas, feita num passo lento pelos dias quentes de verão, para o conforto das mulheres e do pequeno Kaden. Amber e várias outras mulheres de Camelot já tinham começado a preparar as bagagens para a jornada.

Amber esperava poder ter um momento a sós com Truan para dizer a ele que estava partindo, mas, nas últimas semanas, ele sumia com a primeira luz da manhã, voltando bem depois que ela deixava o salão. Ouvira conversas de que Truan passava uma grande parte do tempo com uma das mulheres da vila.

Amber não atinava por que saber disso lhe causava tanto sofrimento. Depois do que acontecera, achava o toque de qualquer homem repugnante e repulsivo. Truan, porém, nunca a tocava desse jeito. Nem mesmo daquela vez quando a beijara. Ela se lembrava disso, mesmo agora, daquele beijo roubado nas sombras. Pela primeira vez, não sentira medo, apenas vontade de estender a mão e tocá-lo. E o beijara de volta. Mas ele a empurrara de repente para longe, terminando o beijo como se não pudesse suportar seu contato.

Contudo, se Amber fechasse os olhos, poderia se recordar

daquele encontro intenso e breve, o calor da boca de Truan na sua, a doçura impetuosa das respirações a se mesclarem, aquele corpo mpsculo a se retorcer contra o seu.

Embora ele a considerasse nco mais que uma crianya, nco fora o corpo de uma crianya que correspondera ao ímpeto do corpo de Truan.

Queria conversar com ele sobre aquele dia e muito mais. As palavras estavam aprisionadas em seu corayco e em seus pensamentos, e se tornavam desajeitadas quando ela tentava usar a linguagem dos sinais com as mcos. Truan parecia nco querer ouvi-la. Ele a via como uma crianya que deveria ser tratada com indulgência ou simplesmente tolerada. Se pelo menos pudesse apresentar-se a Truan como uma mulher...

Agora, através da janela aberta, Amber ouvia risadas e conversas, seguidas por vivas, conforme os atiradores peritos se reuniam no pátio e superavam um ao outro com o arco longo. O sol estava quente, o amargo frio do inverno era pouco mais que uma lembranya, como se também participasse da celebração.

Entco, ela viu Truan, quando ele tomou lugar perto da linha

para testar a pontaria. A brisa da tarde moldava a fina camisa de linho em seus ombros, o profundo corte em V do pescoço a expor a pele morena e dourada embaixo. Os cabelos sedosos, negros como as asas de um corvo, caíam em ondas soltas sobre seus ombros.

Suas pernas se firmaram numa postura larga, o peso equilibrado por igual, conforme Truan erguia o arco, passava os dedos longos sobre a corda e a puxava para trás num único movimento fluido, sem esforço, os músculos a luzirem.

Ele pendeu a cabeça ligeiramente de um lado e olhou pelo eixo da flecha, alinhando a ponta com o alvo. Uma lufada de vento ergueu a juba de cabelos escuros, e Amber conteve o fôlego, sabendo, por haver observado os homens de lordes Stephen, que o menor sopro de vento poderia alterar o rumo do vôo da flecha.

Truan parecia alheio a qualquer coisa ou a alguém mais a seu redor, a não ser o alvo e a ponta da flecha. O ar doía nos pulmões de Amber, que contivera o fôlego em expectativa.

Em pensamentos, gritou a ele que esperasse o vento passar para disparar a flecha, como os outros tinham feito. Então, soltou um arquejo, espantado com a força da flecha, quando escapou do arco e se cravou no alvo, exatamente no centro.

Sir Kay bateu nas costas de Truan, com um largo sorriso no rosto, numa expressco que parecia de um adolescente, embora fosse um homem de barbas grisalhas, de sessenta anos.

- Puxa! Que saias de alguma moxa linda vocЖ ergueu desta vez? Que sorte!

- Mary, da lavanderia, se os boatos forem verdadeiros - comentou sir Gavin, erguendo uma caneca num brinde. - A mesma moxa que o acertou na cabeya com o martelo que a cozinheira usa para amaciar carne dura, se nco estou enganado, e lhe fez um hematoma.

- Ele me disse que esbarrou numa porta - Sir Rolf juntou-se a eles, sorrindo por sobre a beirada da caneca.

- Oh, com certeza foi a porta - declarou Gavin. - Todos n3s tivemos uma rixa com aquela porta!

Os homens explodiram em risos que logo morreram, quando Truan os recordou das apostas que haviam feito contra sua perбcia no arco.

- Quero recolher agora, antes que vocЖs se tornem muito afeiyoados ao vinho do rei Guilherme para se lembrarem da quantia devida - disse. Em meio a resmungos, eles lhe estenderam as moedas apostadas.

- Esta ж a segunda vez que vocЖ venceu no arco - Kay

resmungou. - Tem certeza de que não há um truque nisso?

Truan meneou a cabeça com um sorriso de malícia.

- Nenhum truque que você possa distinguir, sobretudo depois de três canecas de vinho.

- Então, como pode alguém superp-lo, arqueiro? - o homem perguntou, bem-humorado, mas com uma certa dureza na voz.

- Começando por não beber nenhuma gota de vinho. Ele embota os sentidos e deixa as reações lentas — Truan o informou. - Essa é a razão pela qual foi tão fácil para os senadores romanos assassinar César.

Só então ele aceitou a caneca de vinho oferecida por um dos homens. Entornou-a toda de uma vez, o calor a lhe percorrer as veias e a aquecer o ventre. Amarrou a bolsa de couro que continha agora as moedas que ganhara e enfiou-a na frente da camisa.

Quando se voltou, ouviu um grito agudo e risadas infantis. O pequeno Kaden fugira de sua mãe e corria pelo pátio, tão depressa quanto suas perninhas poderiam carregá-lo.

Com a mãe em seu encalço, corria direto para a linha de guerreiros que testavam sua perícia no arco e no machado.

Alheio ao perigo, Kaden se enfiou por entre os homens, tentando escapar de Vivian.

Truan pegou-o quase à beira de uma tragédia, erguendo-o no colo.

A criança era um fardo de energia que se debatia e esperneava, os olhos azuis a brilharem e os cabelos negros a lhe caírem pela testa. Para um observador casual, o guerreiro e a criança poderiam ser pai e filho.

Só com um olhar mais apurado as diferenças se tornavam óbvias, na forma dos olhos e na testa alta da criança, cujos cabelos se espalhavam para a frente como os de seu pai, Rorke FitzWarren, conde de Anjou.

- Aonde vai, pequeno guerreiro? - Truan perguntou ao menino, que dirigiu um olhar repentinamente sério para ele. Truan vira aquele olhar antes, em meio a risadas e lágrimas. Porém nem risadas nem lágrimas apareceram. Em vez disso, um bocejo escapou, quando a fadiga tomou conta da criança. Kaden pousou a cabeça no ombro de Truan e enfiou o polegar na boca.

Seu peito ergueu-se num longo suspiro e, daquele jeito de todas as crianças, quando parou o tempo suficiente para descobrir que estava cansada, seus olhos se fecharam lentamente.

- Dormiu, eu creio - Truan disse. Afagou as costas do

garoto, sentindo as frpgeis saliЖncias das espdduas.

- Segurar uma crianya fica natural em vocЖ - lady Vivian disse, ao se aproximar em silЖncio para nco acordar o filho. - Nco ж assim com todos os homens. Tem certeza de que nco fez isso antes?

Ela pousou a mco nas costas de Kaden e sentiu o arfar de cada respirayco em meio aos ocasionais resmungos que toda crianya faz quando dorme; aquele som reconfortante que toda mce procura ouvir.

Truan meneou a cabeya.

- A paternidade ж para outros, nco para mim.

- Conheyo um guerreiro que certa vez se sentiu como vocЖ, mas que mudou de idxia - Vivian retrucou, pensando no prprio marido, um guerreiro forte que, como Truan, achava que casamento e paternidade eram para os outros, mas nco para ele.

De novo, Truan meneou a cabeya, a expressco quase triste agora.

- Nco pode ser. Nunca - disse, convicto -, pois nenhuma mulher haveria de querer carregar meu filho.

Vivian encarou-o, espantada. Seria possъvel que o homem nco soubesse o quanto era belo e atraente?

Sobretudo em momentos como aquele, em que nco fazia o papel de bobo da corte.

- Quando decidiu isso, senhor guerreiro? - ela perguntou.

- ¶ algo que eu sei - ele retrucou e, por um momento, a tristeza em seus olhos foi tco profunda e constrangedora, fosse qual fosse a razco, que Vivian percebeu que Truan acreditava nisso. Entco, um sorriso reluzente substituiu a tristeza quando o bobo retornou, enquanto o homem que ela vira de relance, com tco grande e dolorosa tristeza, desvanecia-se.

Ele pousou a mco no peito, ao comeyar a recitar trovas de mau gosto:

Cara senhora, nco sei com que mais me abalo, se com o cheiro de seu filho, ou com o cheiro de meu cavalo. Suas calyas se enchem efedem. ¶ claro que estco cheias de...

Vivian ergueu a mco para fazЖ-lo parar, ao mesmo tempo em que tentava sufocar uma risada. Ele continuou:

Portanto eu lhe peyo,

senhora, por favor,

que dЖ um pouco de alvio

aos que encontram o pequeno malandro,

pois estp molhado e fedido.

Ao terminar as rimas tolas, Truan endireitou-se. Pelo canto dos olhos, captara um relance na janela superior do grande salco, um reluzir de ouro da cor do mel quente, e que depois sumira.

Amber afastou-se abruptamente da janela e recostou-se contra a fria parede de pedra ao lado. Fechou os olhos, guardando aquela imagem do bobo da corte segurando o menino.

Embora estivesse longe demais para ver a expressco na face de Truan, nco havia como errar: s3 poderia ser de adorpvel ternura, ao aninhar Kaden contra o ombro.

Por quЖ, entco, Amber pensou, ele nco poderia demonstrar algum tipo de gentileza para com ela?

Enxugou as lpgrimas. Ao subir as escadas para os quartos, com uma brayada de roupas brancas lavadas de fresco para serem empacotadas para a viagem, Amber percebeu de relance uma sombra arredondada que passava do outro lado do salco. Pippen, pensou. Pelo menos, o cco nco a abandonara. Sem dLLvida estivera atacando a despensa outra vez e rumava para o quarto dela com alguma coisa surrupiada.

Ao se aproximar do quarto, ouviu um raspar e um arranhar em algum lugar. O instinto natural de Pippen era enterrar

alguma coisa de potencial valor e procurar mais tarde.

Amber encontrava com frequência moedas, nozes e cascas

de pedras secas, para não mencionar objetos brilhantes, pedaços de fios e bocados de lanugem, nos lugares mais improváveis. Por fim seu esconderijo favorito era o nicho de pedras soltas atrás de uma cesta na parede, perto da lareira.

Ao entrar no quarto, ela viu a cesta virada e meneou a cabeça.

O que será de você, pensou, indo atrás do animal, quando eu não estiver mais aqui para protegê-lo?

Assobiou baixinho para Pippen, ao pegar a cesta virada.

Se a cozinheira o encontrar primeiro, vai pendurar seu couro na parede do curtume.

Mas o animal não estava escondida atrás da cesta, nem em lugar algum no quarto.

Por fim, Amber desistiu de procurar por Pippen e voltou ao salão principal, pois havia muita coisa a ser feita quanto aos preparativos para a festa daquela noite.

Seria a última celebração antes de retornarem para

Londres.

- Pare de se remexer, garota, para que eu possa terminar com isso! - Meg reclamou, quando começou mais uma vez a tarefa trabalhosa de trançar os pesados cabelos dourados de Amber numa única trança grossa.

Não preciso, Amber retrucou, mal-humorada. Não pretendo comparecer ao banquete. Prefiro fazer minha refeição no quarto.

Os olhos sábios da velha Meg se estreitaram, pensativos, ao sentir a tristeza nos pensamentos da garota.

- Você não gostaria de desapontar Cassandra ou lordes Stephen - disse, persuasiva. - Tenho sido muito gentil com você nestes últimos meses. Esta é uma ocasião especial para celebrar

o batismo do filho deles. É a última vez em que todas as três irmãs estarão juntas, antes que Brianna parta para o País do Norte, a fim de esperar o nascimento do próprio filho.

Não tenho intenção de desapontá-los, Amber rebateu, tentando organizar os pensamentos. É que serei necessária em outro lugar.

Era uma desculpa esfarrapada, e Meg sabia disso.

- E quanto ao pequeno mestre Kaden? - a velha perguntou.
- Ele ж incorrigível e ficou estorvando. Lady Vivian está confiando em você para olhar a criança, pois as suas responsabilidades a mantêm muito ocupada. A menos que - a velha emendou, com o olhar estreitado - haja outra razão para você não querer ir ao banquete.

Amber ergueu os olhos e viu o reflexo de Meg acima do seu, na placa de metal usada como espelho, e a expressão especulativa naqueles sábios olhos cegos que pareciam ver demais. Em suas profundezas leitosas, sem nenhum traço de cor, notou uma sabedoria terna e percebeu que a velha sabia que ela mentia.

Levantou-se de repente, abandonando a cadeira. Seus cabelos rebeldes se soltaram da trança para se espalhar, soltos, sobre os ombros, como se fossem uma coisa viva, reluzindo a luz da tocha na parede.

Amber meneou a cabeça com teimosia e acabou de desfazer a trança, atx se colocar diante de Meg numa gloriosa postura de desafio.

Se eu sou tratada como criança, então usarei meus cabelos como uma criança!, retrucou mentalmente. Então, fez meia-volta e fugiu do quarto e dos pensamentos especulativos da velha, apavorada de que não pudesse esconder seus verdadeiros sentimentos.

Ouviu uma explosão de risos no salão abaixo, que indicava que as celebrações da noite já tinham começado. O aroma de carne assando no espeto misturava-se ao cheiro pungente das toras de cedro recém-cortadas, a fragrância rara da cidra e do sândalo das velas acesas que se agrupavam pelas paredes, e as especiarias ainda mais raras que aromatizavam as frutas que nadavam em caldas de mel. Havia ainda o cheiro de pombos assados com ameixas glayadas, de bolos e pudins. E, sobretudo, o odor inebriante e apimentado de vinhos quentes e cerveja escura.

Amber se esgueirou pelas sombras até a beira do salão, procurando um lugar perto de lady Vivian e do pequeno Kaden.

As mesas já estavam repletas de comida. Músicos tocavam alaúde e cítara. Os cões de caça, exaustos das caçadas dos últimos dias, cochilavam no canto, alheios à festa.

Gargalhadas e gritos de encorajamento se ergueram quando os homens de lordes Stephen começaram uma rodada de apostas com dados de madeira de cores brilhantes, marcados por números de 1 a 6 em cada uma das seis faces. Eram colocados num copo de madeira. Um dos homens começou o jogo, sacudindo os dados no copo para depois emborcá-lo na mesa com um baque surdo que fez o pequeno Kaden rir de excitação.

Então, o copo foi retirado, revelando os dados sobre a mesa. Ganhava quem tirasse dados, com a face para cima, cuja soma dos números fosse maior.

As apostas foram feitas entre os cavaleiros, antes que os dados fossem jogados sobre a mesa. A cada rodada, um coro de resmungos e urras selvagens ecoava, enquanto os perdedores entregavam moedas preciosas para os vencedores.

Kaden estava fascinado com o jogo de dados, e suas moedas

rapidamente se estenderam, ansiosas, para a borda da mesa, Amber, que estivera observando o menino, foi mais rápida.

Gareth de Montrose sorriu ao se aproximar dela. Apontou para os homens à mesa.

- Isso não é mais um jogo, e sim uma exibição de magia.
- Apontou pelo salão onde lordes Stephen e vários de seus homens estavam reunidos. O jovem senhor de Camelot era alto como o rei. Porém havia outro que era igualmente alto como lordes Stephen. Tristan Monroe se encontrava entre eles, o centro das atenções. Realizava algum truque ligeiro com as moedas, que prendia a atenção de todos.

- Olhe, eu vou lhe mostrar. - Gareth inclinou-se para mais

perto de Amber e explicou, murmurando para que os outros não pudessem ouvir. - Observe a próxima rodada com atenção. Haverá certamente dois dados que rolarão com o mesmo número 6. - Diante do olhar interrogativo dela, ele sorriu. - Vi este jogo muitas vezes antes, em Londres. Há pesos de chumbo nos dados, para que eles tombem e rolem assim.

Os dados foram jogados mais uma vez em meio a resmungos altos e urras. Dois rolaram com a face para cima, mostrando em ambos a marca do 6. Gareth sorriu com satisfação e entornou a caneca de cerveja, que logo uma das ansiosas moças de serviço encheu. Quando ele a ofereceu a Amber, esta meneou a cabeça. Não tinha paladar para a bebida amarga.

Lady Vivian juntou-se a eles e pegou o filho irrequieto.

- Passou da sua hora de dormir. Se eu o deixar ficar mais, estará irritado e impossível de manejar.

Kaden protestou quando ela o tirou do colo de Amber, sem dúvida sentindo que seus planos para a noite haviam acabado de ser cortados. Arqueou as costas e tentou escapar dos braços da mãe, mas ela o segurou com firmeza. Quando o menino protestou, Vivian o acalmou com palavras gentis.

Logo, ele encostava a cabeça em seu ombro e enfiava o

polegar na boca.

Eu o porei na cama para a senhora, Amber sugeriu com sinais de mco. Estava ansiosa para escapar do salco. Cansara de buscar constantemente por Truan, Я procura apenas de um olhar que indicasse que ele ainda gostava dela. S3 encontrara o truco, o bobo da corte, a sorrir de volta.

Vivian meneou a cabeça.

- Fique e aproveite a diversco. Nco ж preciso que n3s duas percamos o jantar.

Amber olhou pelo salco, para os homens reunidos ali. Gareth seguiu-lhe a direyco dos olhos, viu a expressco desgostosa e magoada quando ela os cravou em Truan Monroe e, em seguida, a maneira com que rapidamente os desviou, antes que alguжm percebesse. Porжm ele vira. Entornou a caneca de cerveja, a bebida forte fazendo com que ficasse impaciente e ousado. Bateu com a caneca na mesa.

Numa voz alta o suficiente, para que todos ouvissem, mas dirigindo-se a um homem apenas, Gareth chamou por Truan.

- Senhor bobo! Aposto dez moedas de prata que descobrirei o truque com que vocЖ ilude estes bons homens.

Truan voltou-se lentamente, seu olhar se estreitando na direção do jovem cavaleiro e depois na da jovem esguia que se encontrava de pé, ao lado dele.

Antes, Truan vira Amber entrar no salão sozinha, silenciosa e sem ser notada. Usava os cabelos soltos, como as meninas de Camelot. Porém a inocência juvenil era uma ilusão. Seus cabelos caíam em ondas desafiadoras e sensuais pelos ombros,

um manto sedoso que luzia como ouro escuro por um momento, e depois, como a luz das chamas, no próximo.

Ele queria tomá-la nos braços e segurá-la apertado, como fizera uma vez. Queria afastar com beijos a dor que percebia nos olhos dela. Mas não ousava. Pois não poderia suportar ver a desilusão e o horror naquele rosto adorado quando Amber soubesse o que ele realmente era e do que era capaz.

Ela usava o vestido que Truan lhe dera. Era de um azul suave, da cor do céu da manhã, e combinava com seus olhos. Truan captou-lhe o olhar, brevemente, e, naqueles olhos gentis e francos, desvendou os verdadeiros pensamentos, tão claramente como se Amber falasse de seus sentimentos em voz alta. Se pelo menos você soubesse da verdade, Truan pensou. Jamais poderia contar, pois a verdade transformaria qualquer sentimento

que ela tivesse por ele em medo. Melhor a dor e a raiva do que isso.

Truan sorriu de volta para Gareth, com ar de bobo, curvando a boca em concha atrás da orelha.

- O que escuto sobre as fofocas fofocas das mulheres? - perguntou, imitando os maneirismos e cochilos das damas de um jeito que fez até mesmo as mulheres no salão rirem de sua incrível representação. - Ou é o cacarejar das galinhas soltas no castelo? - sugeriu ao dobrar os braços e a batê-los como asas, enquanto imitava os cacarejos das galinhas no pátio.

Depois, olhou uma vez mais para Amber, ao fingir escutar atentamente.

- Não, não é isso também! É a tagarelice barulhenta de crianças que deveriam ter sido postas na cama horas atrás, com os bebês do castelo.

A expressão que ele viu no rosto de Amber apertou-lhe o coração, quando as palavras surtiram o efeito desejado. Duas brilhantes manchas de rubor e raiva apareceram, uma em cada face.

- O que escuta, mestre dos bobos - Gareth respondeu, com aspereza -, é um desafio; prove que é mais do que um ladrão comum, que arranca uma moeda de um bolso

apenas para fazê-la reaparecer em outro; ou mais que um sedutor de jovens inocentes, a quem corteja com truques fantásticos de prestidigitação, enquanto lhes rouba a virtude.

Gareth tirou o punhal do cinto e jogou-o de ponta sobre a mesa. A lâmina brilhante cravou-se na madeira, o cabo a tremer, acabando com qualquer dúvida de que aquilo fosse algum desafio leviano.

Ao lado dele, toda a cor drenou-se da face de Amber, numa expressão de puro terror que Truan nunca vira antes. Ela tremia toda. Seus olhos se arregalaram fitando a lâmina, as lembranças dolorosas a retornarem à sua mente. Ao conectar seus pensamentos aos de Amber, Truan sentiu todas as recordações terríveis daquele dia no passado, quando a família de Amber morrera.

Ela tentou se afastar, mas Gareth a impediu e puxou-a contra si.

O silêncio tomou de repente todo o grande salão. Ouviram-se apenas o chiado rápido do fogo na lareira e o ganido inquieto dos cães, que acordaram ao sentirem a súbita tensão no ar.

Kaden remexeu-se, inquieto, nos braços da mãe. Vivian o acalmou com um toque gentil, enquanto procurava urgentemente localizar o marido, lord FitzWarren. Ele se

encontrava entre os homens mais próximos de Truan. Se compreendera a urgência de seus pensamentos, pareceu ignorá-los. Ela estendeu o filho a Meg.

Truan sorriu, mas a expressão de seus olhos estava longe de ser bem-humorada.

- Faya seu desafio, senhor cavaleiro! - exclamou. Além de não soltar Amber, Gareth colocou a mão possessiva em seu ombro. Sorriu, confiante.

- Convenha o bom povo de Camelot de uma vez por todas que seus truques e aparições são verdadeiros, e as moedas de prata que você tomou destes homens são suas.

- De que maneira eles ainda não foram convencidos disso? - Truan perguntou, sorrindo com tranquilidade como se aquilo tudo fosse um jogo.

O olhar de Gareth pregou-se no punhal cravado na mesa, com uma expressão de satisfação.

- Você fez todos acreditarem que a mão é mais rápida que o olho - ele retrucou -, mas ninguém na verdade viu seus truques, apenas uma moeda tirada dos cabelos de uma moça, ou uma pomba que aparece de repente em sua mão, como se por mágica, ambas facilmente ocultáveis na manga da túnica. Fez a demonstração, parecendo tirar uma moeda de prata de trás da orelha de

Amber.

Ela se encolheu ao toque, reduzida a uma criatura trêmula e apavorada.

Para provar seu ponto de vista, Gareth arrancou mais duas moedas de dentro da manga. Elas caíram na palma de sua mão, e ele levou-as ao alto, para mostrar como fora feito o truque.

- E se eu não puder? - perguntou Truan.

Gareth sorriu ao passar a mão pela face de Amber, ciente do efeito que causava nela e do bobo que observava.

- Então todos o conhecerão pelo bobo covarde que é.

- Isso vai além de um desafio leve - Rorke FitzWarren

resmungou para Stephen, ali perto. - Não permitirei que um cavaleiro a meu serviço insulte um dos seus homens. Stephen o conteve com a mão em seu braço.

- Não interfira, amigo - retrucou, observando Truan com intenso interesse.

- Mas o presunçoso tem desejo de sangue - Rorke argumentou. - Tudo por causa de um insulto no pátio de treinamento que ele provocou, em primeiro lugar.

Stephen meneou a cabeça, recordando-se de uma conversa com Truan, meses antes, depois que Stephen retornara com Cassandra pelo portal do tempo, certo de que fora Truan quem o abrira, permitindo que ele a seguisse e lhe salvasse a vida.

Com interesse renovado, declarou:

- Hp mais coisas em jogo do que se imagina. Vamos ver do que o nosso amigo ж capaz.

Rorke franziu a testa quando Truan anunciou:

- Entco, escolha os meios do desafio.

O sorriso de Gareth se acentuou. Pegou o punhal e arrancou-o da mesa.

- Deixe a mco ser mais rppida que o olho para que todos possam ver!

Quando ele virou o punhal, segurando-o pela IPmina, todos em torno de Truan se afastaram. A nco ser Rorke FitzWarren. Ele pousou a mco no brayo de Truan.

- VocЖ tem provado quem ж em batalha. Todos aqui sabem i sua perбcia. Nco hp necessidade disso. ¶ ele quem age como bobo.

- Nco ж ele que importa - Truan retrucou, baixinho.

O olhar de Rorke se estreitou. Nco era prprio do jovem guerreiro daquela ilha remota do mar da Irlanda sentir necessidade de se exibir para uma moa. Ainda mais quando podia escolher, entre as jovens de Camelot, aquela para aquecer sua cama. Truan sorriu e deu de ombros, como se nco fosse um assunto srio, afinal, mas simplesmente uma disputa que ele nco poderia recusar.

- Jamais fui capaz de resistir a um desafio.

- Mesmo quando esse desafio pode significar um punhal lnyado em seu corayco? O rapaz ж perito com a espada, mas melhor ainda com um punhal. P3s mais de um dos meus cavaleiros de joelhos com essa habilidade.

- Aprecio sua preocupayco, lorde FitzWarren. Mas o que pode acontecer de pior? Que Camelot fique livre de um bobo enfadonho? O preyo parece de pouca importPncia.

- Importa quando ж do seu prprio sangue que vocЖ fala - retrucou FitzWarren.

O sorriso de Truan faiscou, malicioso.

- Fala, senhor, como se eu jp tivesse perdido.

- Eu vi a perыcia do rapaz - Rorke repetiu.

- Ah, mas nco viu a minha. DЖ um passo para o lado, milorde. Se a mira dele falhar, eu nco gostaria que o

punhal o atingisse. Se a mira dele for boa, e eu falhar, não quero que a sua técnica fique manchada de sangue.

- Você é um idiota! - Rorke esbravejou com desgosto ao dar vários passos para trás.

- Este é o desafio - Gareth declarou. - Se você for verdadeiramente capaz de tirar uma moeda do ar, então será capaz de tirar esta menina do ar antes que o acerte.

Do contrário, é melhor que seus amigos o tirem depressa do caminho do perigo.

- E se eu for bem-sucedido - Truan emendou -, então terei a mesma oportunidade com o punhal.

Gareth sorriu, com ar calmo.

- É claro.

- Então, vamos começar! - Truan exclamou. Inclinou-se numa reverência irônica para Gareth, mas seu olhar dirigiu-se para Amber, que estava de cabeça baixa ao lado do jovem cavaleiro.

Gareth murmurou alguma coisa a ela. Quando Amber pareceu não escutar, ele segurou-a pelo queixo e forçou-lhe a cabeça para trás. O olhar dela encontrou o de Truan por um breve instante, cheio de silencioso tormento que era como uma faca em seu coração.

Entco, confiante que Amber e todos os outros observavam, Gareth fez a mira com cuidado e lanou o punhal com precisco mortal de enregelar os ossos. Direto para o corayco de Truan.

Саръtulo VI

Arquejos de surpresa se espalharam quando, mais rppidas que o olhar, as mcos de Truan agarraram a IPmina. Todos o fitavam, admirados. Entco, ele girou o punhal lentamente no ar e pareceu equilibrp-lo de рж, na ponta do dedo.

- A mco ж mais rppida que o olho - declarou e retirou a mco.

O punhal nco caiu. Continuou a oscilar no ar, como se suspenso por algum fio invisъvel. Girou lentamente, a luz das velas e tochas a se refletir na IPmina.

Mais assombrado que todos, Gareth o encarou com um misto de incredulidade e raiva.

- Isso ж uma ilusco! - gritou. - Engana a todos nзs com este truque!

- Que truque? - Truan perguntou com ar inocente, abrindo

as moedas e as estendendo para mostrar que não manipulava o punhal. - Ele não seu, lançado por sua moeda. A menos que você tenha nos enganado - sugeriu.

A humilhação estampou-se na face de Gareth. A expressão em seus olhos era de puro ódio. Ele recolheu da mesa as moedas que haviam sido apostadas e arremessou-as para Truan.

Truan ergueu a mão direita. Em meio ao vóo, as moedas pararam de repente e, como o punhal, pareceram ficar suspensas no ar.

- Se as moedas se perderem, será difícil gastá-las - Truan gracejou, agitando a mão lentamente. As moedas desapareceram e depois reapareceram em sua palma em concha.

Ele as deslizou entre os dedos, virou a mão e deixou-as cair no bolso. Todos aplaudiram, encantados, rindo de Gareth.

Profundamente humilhado, Gareth pegou Amber pelo braço e puxou-a contra si. No repentino lampejo de raiva que faiscou nos olhos de Truan, Gareth viu o que esperava: algo bem mais importante para o bobo da corte do que moedas ou admiração.

- Solte-a! - Truan exclamou.

Houve um burburinho. Uma mulher gritou. Embora todos olhassem, ninguém sabia o que acontecera. Tinham certeza apenas de uma coisa: a mão de Truan não tocara na lâmina que parecia suspensa no ar. Porém ouviram aquele zunido inconfundível de uma arma rasgando o ar com força. E, depois, o baque e o tremor demorado quando atingiu a parede, através de Gareth, prendendo-lhe a manga na madeira.

Por um momento, o jovem ficou espantado demais para falar. Então, a cor subiu por seu pescoço. Ficou rubro de zêdio. Pegou a lâmina e arrancou-a da madeira. Ao se voltar, parecia pronto para brigar. Todos no salão buscaram as armas.

Indiferente ao perigo, Vivian esgueirou-se para o lado de Amber e puxou-a para trás.

- Basta destes jogos! - exclamou Vivian, pousando a outra mão sobre a de Gareth, tentando persuadi-lo com o poder de seus pensamentos. - Este é um momento para celebrá-lo - explicou. - Haverá mais esportes amanhã, no período de treinamento, com certeza.

Nos pensamentos de Gareth, Vivian encontrou uma poderosa resistência que não tinha previsto. Então, a resistência vacilou e desapareceu como se expulsada para longe.

A mão de Gareth afrouxou-se sob a dela, no brayo de Amber, e ele a soltou.

- Vp agora - Vivian murmurou para Amber.

Amber estremeceu. O olhar que dirigiu a Vivian era ainda apavorado, porqm nco mais guardava a expressco de uma alma perdida. Por fim, ela concordou, voltou-se e deixou o salco.

Truan observou-a sair, grato a lady Vivian. Sabia de seus poderes e suspeitava de que ela usara bem mais do que simples palavras.

- Nco acabou, bobo - Gareth jurou por entre os lbios apertados, ao virar-se e tambxm sair do salco, com as risadas dos homens de lorde Stephen a lhe ressoar nos ouvidos.

Vivian captou a ameaya na voz do guerreiro. Truan nco foi atrps de Amber. Permaneceu no salco. Vivian observou-o com crescente interesse, enquanto ele continuava a representar o papel do brincalhco jovial, bebendo e rindo com os homens de lorde Stephen, deixando visvel que nco dava importncia a disputa com Gareth.

Vivian, contudo, vira algo em seus olhos quando ele enfrentara o rapaz, uma emoyco revelada brevemente numa expressco que traъa seus sentimentos: estava apaixonado por Amber, com uma intensidade que vinha

da própria alma.

Vivian não teve nenhuma dúvida de que ele teria arriscado tranquilamente sua vida pela garota, ou também tirado uma vida para protegê-la. Porém, por razões que ela não compreendia,

Truan se recusava a revelar aqueles sentimentos para qualquer pessoa, sobretudo para Amber.

Como se captura o vento?, Truan pensou, com crescente frustração, ao voltar para Camelot, logo antes do amanhecer.

Ele o sentia movendo-se por seus sentidos. Inalava-o a cada respiração. Mas não podia tocá-lo!

Entrou no salco pela lavanderia, vazia naquela hora matinal. No entanto sentiu as sombras se moverem em torno de si, como se o observassem enquanto ele passava. Fugira de Camelot durante a celebração da noite anterior e vagara pelas redondezas como uma criatura da noite. Com o canto dos galos, em algum lugar ao longe, ele regressara.

Sua procura fora em vão.

Ao passar pela cozinha, ouviu os sons distintos de louça e utensílios de metal, seguidos pela voz aguda da cozinheira ao chamar as criadas que a ajudavam a preparar a refeição para a família.

Entrou por uma passagem lateral, ciente de que Stephen com freqüência levantava-se a esta hora da manhã. Não queria nenhum encontro que exigisse explicações. Cortou caminho pelo terrapço que ligava os corredores dos quartos, no corredor, aos jardins.

Os jardins tinham uma rica abundância de rosas perfumadas, trepadeiras de campânulas e açafrão amarelo que haviam crescido desordenadamente, depois de muitos anos de negligência, antes que lady Cassandra as podasse. Mais perto das cozinhas ficava a horta, com certas flores estimulantes e ervas medicinais plantadas entre os canteiros.

Foi ali que ele encontrou Amber.

Estava ajoelhada em meio às plantas perfumadas, com terra

e grama a lhe manchar a barra do vestido. Seus cabelos, soltos como na noite anterior, escondiam-lhe as feições, conforme ela inclinava a cabeça.

Truão franziu a testa. Embora soubesse que Amber passava bastante tempo nos jardins com lady Cassandra e lady Vivian, aprendendo as artes da cura, ele não poderia imaginar o que a trouxera ali naquela hora da manhã. Então, viu o tremor naqueles ombros frágeis e ouviu seus soluços. Custara-lhe os últimos resquícios de

autocontrole para não ir atrás dela na noite anterior, depois do confronto com Gareth.

Julgara que não podia haver nada pior do que a expressão de medo naqueles olhos. Porém, agora, descobria algo bem pior. Lgrimas.

O som do choro o arrasou, como se alguma criatura tivesse enterrado as garras em sua própria alma e aberto uma ferida. - Amber - Truan murmurou-lhe o nome como tinha murmurado milhares de vezes em pensamento. A princípio, ela pareceu não ouvi-lo. Ainda havia tempo para ele sair, antes que Amber se voltasse e o visse. Mas não conseguiu.

No chão, diante dela, jazia alguma coisa escura e peluda. Ao chegar mais perto, Truan reconheceu o pelo com as distintas marcas aneladas. Ele se ajoelhou ao lado de Amber e acariciou de leve o animal. Estava frio ao toque, não havia sinal de vida. O bicho de estimação estava morto fazia algum tempo.

Certa vez, Truan tivera um bichinho assim, uma pequena criatura parecida com um furco, de pelagem sedosa, que havia aliviado a solidão de um garotinho sem mãe e sem pai para amá-lo.

O animal era pequeno o bastante para se enrolar na frente de sua túnica, e ele o carregava por toda parte consigo,

junto com um sortimento de estranhos tesouros achados durante suas explorações na ilha onde crescera. O animalzinho muitas vezes saltava para fora, nos momentos mais imprevisíveis, surpreendendo sua tutora e atormentando-a quando rastejava sob as saias e se enrascava nos pés dela. Era de se admirar que ambos tivessem sobrevivido até os sete anos.

O bichinho vivera com Truan até seus catorze anos. Enrolava-se em seu travesseiro à noite, acompanhando-o por toda parte. Mas, da mesma forma que todas as coisas viventes, o animal envelhecera, o focinho se tornara grisalho com os anos. Um dia, ao acordar, ele descobrira que o bicho sumira.

Fora como se a criatura tivesse fugido e levado junto sua infância. Truan nunca mais o viu. Porém, por um longo tempo, guardara o pequeno pano em que o bichinho dormia. Trazia-o dentro da camisa, como se, assim, pudesse manter a inocência da infância.

Com o tempo, não precisara do pano nem da criatura, pois as lembranças permaneciam em seu coração. Sabia que o safado do Pippen era amado dessa forma por Amber.

Sem dúvida, ela encontrava consolo no animal, tal como ele, com seu bicho de estimação. E isso fora tirado de Amber, assim como tudo o mais.

- Ele se foi, Amber - disse gentilmente. - Não há nada que você possa fazer. - Compreendia muito bem o desamparo de tal perda. - Eu o enterrarei para você, aqui, no jardim.

Ela o encarou, então. Seus olhos estavam ligeiramente inchados, as faces molhadas de lágrimas, a expressão de uma tristeza insuportável.

Truán levantou-se e, com gentileza, puxou-a de perto. Não deveria

deixá-la tocado, pois, ao fazer isso, teve apenas um impulso; abraçou-a.

Abraçou-a. Não houve resistência, apenas a suavidade de Amber fundindo-se a ele.

Ela era pequena e frágil. Tinha a respiração entrecortada pelos tremores do choro desesperado que o deixava arrasado. Recostou a cabeça em seu ombro, a face comprimida contra seu coração.

Truán fechou os olhos, memorizando a sensação de deixá-la nos braços, a maneira com que se agarrava a ele, a completa rendição à tristeza a cada respiração que tomava, a sensação das lágrimas através do tecido de sua camisa.

Então, um arquejo fundo e trêmulo a perpassou. Amber

ergueu a cabeça. As lágrimas se penduravam nos olhos, quando ela o fitou com uma tristeza e sofrimento insuportáveis.

Não demonstrava, porém, nenhum medo por ser tocada por ele.

Truan afagou-lhe gentilmente a face, as lágrimas molhando a ponta de seus dedos. Então, aninhando o rosto manchado de lágrimas em suas mãos, roçou ternamente os lábios nos de Amber.

Ouviu o som suave que ela deixou escapar do fundo da garganta, sentiu o arquejo espantado contra seus lábios, e então a submissão dócil daquela boca, num beijo hesitante que lhe arrebatou a própria alma.

Naquele beijo, ele sentiu o passado e o futuro colidirem, como se alguma coisa destinada a acontecer se remexesse e acordasse. Afastou-a, de repente, para longe de si.

Amber ficou pálida, a expressão aturdida e cheia de confusão.

- Saia! - disse Truan com violência, e depois mais gentilmente.

- Vá agora. Eu providenciarei que o seu bichinho seja enterrado.

Ela hesitou, então ele se voltou, zangado.

- O que está esperando? Saia daqui!

Incapaz de falar, os pensamentos de Amber falaram por ela, na ligação entre os dois.

O que eu fiz para você me odiar tanto assim?

Lágrimas escorriam-lhe pelas faces. Truan não conseguiu suportar fitá-la, ver a dor que ele lhe causara.

Ouviu o gemido ferido que Amber deixou escapar, e depois sentiu a tristeza profunda dentro da própria alma, quando ela fugiu do jardim.

Embora Amber tentasse falar com Truan nos dias que se sucederam, ele parecia ter desaparecido. Depois, não houve mais tempo. O dia da partida para Londres se aproximava.

Ela estava pesarosa por Phippen. Mesmo as crianças em Camelot sentiam a perda do animal. Não havia mais aquele brincalhão a correr por toda parte, a roubar os brinquedos ou causar o caos nas cozinhas. Até mesmo a cozinheira pareceu sentir saudade do animal.

Os dias passavam celeres. À noite, Amber caía na cama e dormia profundamente e sem sonhos, cansada dos

preparativos finais e de arrumar as bagagens, trabalho que muitas vezes tinha de ser feito de novo, depois que Kaden revirava as cestas e baúes nos aposentos de lady Vivian.

A criança se mostrava birrenta, como se sentisse a tristeza no ar, embora Vivian insistisse que era porque havia nascido um novo dente. Kaden testou a paciência de todos, inclusive de Meg, normalmente mais tolerante, que criara a mãe do menino,

parecida com o filho no temperamento e na curiosidade acerca das coisas.

Amber encontrara-se com Gareth ocasionalmente, porque ele ficava a maior parte do tempo no pátio de treinamento. Aproximara-se dela uma vez ou duas, talvez para se desculpar pelo confronto na noite da festa, mas depois desaparecera, quando outras pessoas se acercaram.

O dia da partida finalmente chegou. O céu estava cheio de nuvens de verde que traziam um vento horrível.

Lorde FitzWarren estava ansioso para partir. Queria fazer o primeiro acampamento num local abrigado, vários quilômetros a leste, antes do cair da noite. Os cavaleiros do rei já estavam montados no pátio, os cocheiros sentados no banco das carroças. Os pertences de Amber encontravam-se empacotados na segunda carroça, junto

com os de Meg e com a cama para Kaden e as mulheres.

Despediram-se. Vivian e Brianna desejaram boa viagem Я irmc. Cassandra prometeu visitar Londres na prxima primavera, quando o bebЖ de Brianna jп tivesse nascido, e ficar o tempo necessprio para ajudar no nascimento do segundo filho de Vivian. Houve muitas lpggrimas, atк que os maridos ficaram inquietos e anunciaram que a noite cairia se nco partissem logo. Olhando para o сжу, Amber julgou que a noite jп саьра. Procurou por Truan e avistou-o entre os homens de lorde Stephen. Iria acompanh-los atк as fronteiras do Oeste e, depois, voltaria para Camelot.

- Estп na hora - Rorke FitzWarren novamente recordou Я esposa.

- Onde estп Meg? - Vivian perguntou, olhando ao redor Я procura da velha, que havia ido pegar Kaden no quarto. Depois que ele quase fora pisoteado pelos cavalos nervosos, ficara decidido que o menino estaria mais seguro no quarto das crianyas, fora do caminho do perigo, atк que estivessem prontos para partir.

Amber pousou a mco no brayo de Vivian.

Direi a Meg que estamos prontos para partir, declarou fazendo gestos rppidos com as mcos. Darei mais tempo para que a senhora fique com sua irmc antes de dizermos adeus.

Vivian observou Amber cruzar o pátio e franziu a testa. Então, voltou-se para Cassandra e falaram de coisas que cada uma precisava recordar, até que estivessem juntas outra vez, embora se comunicassem por pensamentos.

- Talvez eu a surpreenda - disse Cassandra, que possuía o dom de viajar pelo tempo. Embora jurasse ao marido que não iria se arriscar daquele jeito de novo, seus olhos dançavam de malícia. - Você pode me encontrar em Londres mais cedo do que pensa.

No pátio, ao longe, a cabeça de Truan se ergueu de repente. Sentira algo, como uma sutil mudança do vento, uma repentina friagem que formigou em cada terminação nervosa e o fez se arrepiar. Sabia que Amber fora atrás de Meg e de Kaden. O momento da partida se aproximava.

Disse a si mesmo que era melhor. Disse a si mesmo que ela encontraria um pouco de paz e alegria com lady Vivian e sua família. Ele não poderia arriscar-se que Amber soubesse da verdade, pois não suportaria o olhar dela quando o visse como realmente era.

Aquela inquietação correu pelo seu sangue e intrometeu-se em seus pensamentos. Foi tomado de uma estranha impaciência.

Amber estava demorando muito. Já deveria ter voltado com o menino e a velha.

Vivian sentiu a inquietude de Truan e depois o viu jogar as rudes para o lado e desmontar de repente. Entco, percebeu a fonte de sua preocupayco. Um alerta correu por sua pele como um tipo de mco gelada. Seguiu atrps dele.

Truan subiu os degraus para o salco, dois de cada vez, e chegou aos quartos do segundo andar num instante. Vivian irrompeu pela porta atrps dele logo depois. Gritou de horror quando viu o quarto.

As mobьlias estavam reviradas, as tapeyarias arrancadas das paredes, e as cortinas das janelas. O braseiro fora entornado, e o cheio acre de madeira fumegante permeava o ar. Em meio Я destruiyco, ambos ouviram o choro abafado de uma crianya. Vivian correu pelo quarto, empurrando as coisas para fora do caminho, afastando as tapeyarias.

No meio dos entulhos e da destruiyco, encontrou o filho.

Kaden estava sentado no chco, olhos arregalados, as faces coloridas de susto. Tinha um arranhco na testa e um no brayo, mas, aparentemente, encontrava-se ileso.

Vivian pegou-o no colo, abraayando-o com forya. Voltou-se ao ruьdo de outros entrando no quarto, atrps deles.

- Em nome de Deus, o que aconteceu aqui?! - Gavin olhou para a destruiyco ao chegar atrps de Rorke FitzWarren,

que entrou com a espada desembainhada. Várias armas foram sacadas conforme lordes Stephen e seus homens se aproximavam.

- Algo distante de Deus - Truan disse com voz soturna ao se agachar. Empurrou um pesado baú para o lado e inclinou-se sobre uma forma encolhida, ensopada de sangue.

Vivian estendeu o filho para Cassandra, a tristeza de seus olhos a revelar que sabia o que encontraria. Ajoelhou-se junto de Truan e enfiou o braço sob os ombros da velha que jazia ali, um halo de cabelos brancos a cair sobre as feições magras e definhadas.

- Minha cara - murmurou ao acalentar Meg nos braços. Sentiu a batida do coração diminuindo, a luta para mantê-lo funcionando, a vontade firme usada para puxar cada aspiração. Os olhos cegos se abriram lentamente.

Meg estendeu a mão débil e trêmula para ela, gentilmente afagando a face de Vivian, como fizera incontáveis vezes quando ela era criança. E, na ternura daquele toque, entregou a Vivian os pensamentos moribundos: encontrara por acaso no quarto das crianças uma criatura escondida entre as sombras; tinha se aproximado de Kaden, e ela lutara para proteger o menino.

Vivian infundiu na mulher agonizante um pouco de sua própria força, querendo que ela lutasse, vivesse, mesmo sabendo que não havia nenhuma esperança. Dentro do peito, sentiu-se num conflito: possuía o poder da vida imortal, podia curar os piores ferimentos com apenas um toque, mas não podia afastar a morte.

- Onde está Amber? - perguntou ela moribunda, ao sentir o horror e o sofrimento nos pensamentos de Meg. Percebeu que somente a velha saberia a resposta, pois Amber não se encontrava no quarto.

Meg agarrou-se a ela frente do manto de Vivian. Encarou-a como se enxergasse pela primeira vez.

- A criatura a levou - respondeu num murmúrio alquebrado; e num último e trêmulo arquejo: - Para as Trevas.

Vivian colocou gentilmente a velha mãe no chão. Quando ergueu os olhos, Truan já se fora. Confiante de que seu filho estava seguro, pelo menos por enquanto, Vivian foi atrás dele. Encontrou-o na câmara estrelada.

Era um lugar santificado. Fora para lá que seu marido levava a espada Excalibur, e Tarek al Sharif levava o Graal, para uni-los ao poder do Oráculo, colocado no centro da Tábua Redonda. Ali, o rei Arthur se sentara uma vez, com seus leais cavaleiros, e governara Camelot, num tempo e

lugar que haviam se esfumado em mito e lenda.

Excalibur reluzia em seu lugar sobre a mesa, a ponta da espada alinhada em perfeita simetria com a luz que se refletia do Graal e do Orpculo, um triPngulo de luz brilhante, de poder e esperanya para o futuro.

Truan postou-se diante do selo real, no fundo da cPmara. Fora esculpido do mesmo pplido arenito com que o castelo de Camelot havia sido construъdo.

Quinhentos anos mais tarde, ele fora limpo da sujeira e da fuligem que se acumulara pelos sxculos, mais uma vez revelando as antigas inscriъes em latim que proclamavam Arthur como rei da Bretanha. Era como a luz da Verdade emergindo das Trevas.

Agora, o enorme medalhco esculpido, tco alto como um homem, reluzia com uma umidade escura que se infiltrava ao longo das imagens talhadas em formas intrincadas e escorria pela face da rocha.

- Ele a levou - disse Truan -, porque sabia que eu nco teria escolha, a nco ser segui-los. - Inclinou-se para o selo de pedra, batendo os punhos contra as inscriъes antigas, enquanto repetia com violЖncia: - Ele a levou!

— Quem a levou? - perguntou Vivian, pois nada sentira do que acontecera.

Truan afastou-se lentamente da pedra.

- Gareth a levou através do portal.

- Como é possível que você saiba disso?

- Sei do mesmo jeito que a senhora sabe de tais coisas.

Pela primeira vez na vida, Vivian sentiu um medo verdadeiro.

- Quem é você? - indagou, tentando penetrar-lhe os pensamentos.

- Seus pensamentos a traem - Truan retrucou com suavidade. - Sinto medo, raiva, desconfiança... - Lentamente, afastou-se da parede, e ela viu o sangue em suas mãos, como se a pedra estivesse sangrando.

Outros entraram no aposento através deles. Vivian extraiu força daquelas presenças, especialmente das irmãs, cujo poder era grande.

- Quem é você? - perguntou de novo, escondendo o medo através da raiva.

Truan ergueu a cabeça devagar. Fora-se qualquer semelhança com o bobo da corte que os entretivera com seu humor, seus truques e sortilégios. Fora-se o sorriso tolo, substituído por uma expressão feroz, como se algum

animal perigoso espreitasse dentro dele, disfaryado pelo sorriso afpvel e as belas feiyshes.

Vivian percebeu a presenya de Cassandra atrps de si, e sentiu sua incredulidade, antes mesmo de ouvir o arquejo de surpresa da irmc.

O bobo se fora, substituъdo pelo semblante de alguжm que Cassandra encontrara certa vez... Alguжm com que ele se parecia, nas belas feiyshes cinzeladas, na boca severa e nos olhos, que possuъam um notpvel tom de azul.

Eram as feiyshes de alguжm que ela encontrara na jornada para aquele tempo distante, onde a batalha entre as Trevas e a Luz comeyara e onde um reino fora perdido.

Um jovem que possuъa aquela mesma notpvel cor nos olhos, que transmitira Я filha que agora se postava diante dele, e que tambжm passara de pai para filho.

- Irmco! - Cassandra exclamou.

Parte II - CAMELOT

Саръtulo VII

Cassandra aproximou-se lentamente do selo de pedra. Meses antes, ela usara de seu poder para abrir um portal

naquele mesmo lugar. Através daquele portal, partiria numa busca para consumir seu destino: procurar o Orpculo de Luz.

O que encontrara fora outro mundo, um mundo que existira quinhentos anos antes, no tempo de Arthur. Embora o lugar que encontrara se parecesse com Camelot, com suas muralhas de arenito, parapeitos e a lendria cPmara estrelada, nco era o mesmo.

O que encontrara do outro lado do portal era outra Camelot, uma que existia num mundo regido pelos poderes das Trevas, e Cassandra ficara aprisionada em gelo, talvez condenada a permanecer ali para sempre, naquela tumba, com o filho nco-nascido no ventre, caso Stephen nco a seguisse, numa perigosa jornada através do portal, o que nenhum mortal jamais fizera antes.

Cassandra pousou as mcos sobre a superfcie da rocha, sentindo, com seus poderes, os trayos de energia que ainda jaziam dentro do selo de pedra... daqueles que haviam passado recentemente por tal caminho.

Voltou os sentidos para dentro de si, arrastando o poder com que nascera, ouvindo-lhes a essencia, alcanando e sentindo-lhes a presenya, enquanto perdurava ali.

O murmrio de duas almas que haviam passado pelo caminho. Uma era gentil e inocente: uma alma mortal,

humana. Mas a outra não era.

Cassandra sentiu-se mergulhando para dentro da rocha, a se tornar uma com ela. O portal abriu uma passagem cavernosa cheia de sombras e sons, de gritos, talvez as vozes de outros que passaram por aquele caminho pelos séculos. Não havia, porém, nenhuma luz de guia, apenas a escuridão que assomava adiante, puxando-a. Era como se tentasse arrancá-la do mundo mortal para dentro daquele mundo de trevas.

Então, sentiu a força de um braço a envolvê-la pela cintura e foi puxada para trás. Como se arrancada da beira de um precipício.

Stephen segurou-a com firmeza contra o peito. Abraçou-a, recusando-se a soltá-la. Começou a falar gentilmente, a cabeça abaixada ao lado da dela, chamando-a de volta.

Com palavras de amor e o som do nome de seu filho, fez com que ela quisesse retornar daquele lugar que jazia além do portal, aonde ela quase fora, outra vez.

Por fim, sentiu que o coração de Cassandra batia forte e firme, mais uma vez, sob seu braço, onde a circundara pelos seios; um som que significava vida para o filho que todos aqueles meses habitara dentro dela, um som que significava vida para Stephen a cada noite em que se deitava ao lado dela. Cassandra ergueu a cabeça, Os

olhos que o fitaram de volta estavam mais uma vez claros com o reconhecimento. E, naquele momento, foi como se o próprio corayco de Stephen comeyasse a bater de novo.

Ela voltou-se em seus brayos e pousou a cabeya contra seu peito. A lembranya daquele outro tempo em que quase tinham perdido um ao outro fluiu entre os dois de forma urgente e real conforme se abraçavam, como se tudo tivesse acontecido apenas momentos antes.

Stephen sabia muito bem o que esperava do outro lado do portal. Uma vez aberto, nco havia como assegurar, Raques que passavam por ele, que encontrariam outra vez o caminho de volta.

Segurando a esposa com forya contra si, avisou a Truan:

- VocЖ precisa esperar! ¶ muito perigoso ir sozinho.

- VocЖ nco esperou quando foi atrps de Cassandra - retrucou Truan, a boca apertada numa expressco dura, ao abrir, finalmente, a conexco para os pensamentos de Cassandra.

Por meio daquela conexco, ele viu de relance o que ela vira, experimentou o que ela experimentara momentos antes... e todos aqueles meses passados.

Truan pousou a mco contra o selo de pedra, no mesmo lugar em que Cassandra pousara. Sentiu a energia

interior, como um marco sinalizador deixado para trás, servindo de guia para o caminho. Mesmo agora, sentiu que fenecia. Ele meneou a cabeça ao se afastar da pedra, os dedos molhados com o sangue que a cobria.

- Se eu me demorar, a trilha através do portal irá sumir - Truan declarou, muito sério. - E não haverá nada para marcar o caminho que eles tomaram. Amber estará

perdida para sempre naquele outro tempo. Você sabe que eu falo a verdade.

Embora Stephen quisesse persuadi-lo, não havia argumento que pudesse usar. Ele não precisava de nenhum dom de vidente para entender as razões que seu amigo tinha para ir atrás de Amber. Compreendia-as com o coração.

Truan enxugou o sangue das mãos, sangue que marcava a jornada através do portal. Mas que sangue era aquele? De Gareth? Ou de Amber? Ele sabia com certeza que fora Gareth, ou pelo menos a forma humana de jovem cavaleiro, que a levava.

Como capturar o vento? Não muito tempo antes, ele retornara de outra busca inútil por uma criatura nascida de uma única ultrajante das Trevas e a carne mortal, depois que lady Margeaux se deitara com Malagraine e concebera um filho do Mal.

A criatura fora arrancada do corpo de lady Margeaux pelo demônio que a gerara; uma criança com apenas alguns momentos de vida e vista de relance ao fugir através de uma tempestade cegante de neve; uma criança das Trevas, que possuía a capacidade de tomar a forma de homem ou animal.

Na floresta, Tuan olhara dentro dos olhos das Trevas, que tinham tomado a forma de um enorme lobo cinzento. E, por um momento, sentira um espírito afim. Como se olhasse para si mesmo. Dois lobos, cada um com o instinto de matar, os sons de sua luta destruindo o silêncio da floresta, o sangue de ambos a brilhar nas folhas das árvores e encharcando a terra.

Diferentes e, contudo, os mesmos. Ambos capazes de se transformar, ambos com poderes inimagináveis que podiam matar e destruir. Onde estava a diferença entre os dois? Quem poderia dizer qual era bom ou mau?

Ele lutara com aquelas perguntas durante toda a sua vida, odiando aquela parte de si mesmo que não era nem homem nem animal, mas uma criatura terrificante, apanhada em algum lugar, no meio das duas espécies. Fora um solitário que lutara

com o legado do poder com que nascera, tentando fugir do que ele era.

Então, um dia, no topo de uma montanha aonde fora, mais de uma vez tentando fugir, a visco finalmente lhe chegara, um murmúrio do passado e uma voz do futuro que chamava por ele.

Truan julgara estar sonhando, o ar muito rarefeito para seus pulmões, o vento frio a vergastá-lo naquele ponto alto. Pensou que poderia morrer. Talvez até mesmo ansiasse pela morte, esperando que pudesse aliviá-lo do tormento da incerteza.

Contudo, conforme sua vida mortal findava, as batidas do coração cada vez mais fracas a bombear o sangue, os pulmões cessando de lutar para puxar o ar, ele descobrira aquela parte imortal que vivia dentro da concha mortal de seu corpo humano. Foi então que viu pela primeira vez a criatura de seus sonhos a fitá-lo.

- Siga-me - a criatura murmurara, enquanto aquele poder interior se tornava mais forte, uma energia de luz brilhante que se expandia, trazendo consigo o conhecimento das eras, o poder de outros abençoados com aquele poder, que vieram antes dele, a memória acumulada de suas existências e experiências, assim como imagens de seu passado, do presente e relances do futuro. Um passado, presente e futuro dos quais Truan era parte e não poderia escapar.

Poderia fugir. Poderia se esconder em alguma cova

distante ou no topo de uma montanha. Porém, se negasse o poder da Luz com que havia nascido, os poderes das Trevas iriam reivindicá-lo. E ele vira o futuro que se desdobraria, se isso viesse a acontecer. Um futuro de sofrimento inacreditável, de morte e destruição para toda a humanidade. Pois a humanidade era a personificação da esperança para os poderes da Luz.

Quando, por fim, retornara daquela jornada, Truan estava mudado, muito mais velho, com o conhecimento dos antigos na alma. A velha abadessa que o criara sentira isso imediatamente. O olhar em seus velhos olhos sábios era tanto de felicidade como de tristeza.

- Você encontrou o que estava procurando - ela lhe transmitira os pensamentos com um sorriso gentil. Então, o sorriso se desvanecera. - E agora, ir-se-me-deixar.

- Eu nunca a deixarei - Truan jurara, falando de coração e alma. - Uma parte de mim sempre estará aqui com a senhora.

A velha abadessa, Elora, concordara e pousara a mão em sua face.

- Quando você foi entregue aos meus cuidados, eu sabia que era apenas por um curto tempo, que chegaria o dia em que você deveria partir. Aceitei. E sei que esse dia chegou. Vá agora, filho do meu coração.

Truan deixara a ilha, partindo para longe, numa busca para compreender o mundo mortal em que nascera. Por fim, ao voltar, descobrira que Elora se fora. Morta, alguns diziam, tendo perecido naquele mesmo cume de montanha em que ele tivera a visco do futuro, pois como seria possível uma velha mulher sobreviver em tal lugar? Outros afirmavam que ela simplesmente caminhara para dentro do mar, até que ele a tragara, erguendo-se da superfície numa bruma prateada e dourada. Truan nunca mais a vira.

Porém se lembrava dela. Uma ancic e, contudo, sem envelhecer com a idade. Velha em sua primeira lembrança dela e, mesmo assim, imutável em suas últimas recordações.

Desde aquela última vez em que deixara a ilha, Truan mantivera

a verdadeira natureza escondida tão cuidadosamente quanto ocultava os pensamentos por trás de um disfarce de um encantador bobo sem juízo.

Fora o bobo que primeiro encontrara lordes Stephen e seus homens, saltando de uma árvore, como alguma criatura alada, para cair aos pés deles com um sorriso vazio na face, começando uma busca que o trouxera até aquele momento: seu destino.

Brianna aproximara-se dele, hesitante. Era instintivamente

cautelosa, atenta, contida, ao passo que Vivian, como o poder que possuía, era como uma fôrça da natureza: franca, aberta, destemida.

Mas foi Brianna quem compreendeu o que nem Vivian ou Cassandra haviam conseguido com seus extraordinários poderes: a dualidade do espírito que ainda atormentava Truan, parte criatura; parte humano, e, mesmo assim, nenhum dos dois e, portanto, incompreendido e temido.

Estendeu a mão, seu toque tão leve e frágil como a asa de um passarinho, ligando-se não ao elo de pensamentos partilhados, mas à conexão de espírito de todas as criaturas que têm em comum o laço do instinto.

Puxou a mão de repente, como se tivesse se queimado.

- Você possui o poder da transformação! Truan sorriu com tristeza.

- Não irei mordê-la. Nunca gostei do sabor dos falcões, suas garras são muito afiadas.

Ela sorriu, hesitante, em retorno, incerta se ele brincava ou estava sendo absolutamente honesto.

- Nem eu tomei gosto por roedores desagradáveis.

A tristeza sumiu, e Truan riu, meneando a cabeça.

- Senti muita falta de nco ter vocЖ por perto para me atormentar, irmczinha. - Entco o sorriso desapareceu, substituьdo por uma expressco pensativa. - Senti muita falta de nco ter minha famьlia ao meu redor.

Brianna o encarou com olhos spbios.

- Nzs todas sentimos muito. Porжm vocЖ nco precisa ser solitprio. Existem aqueles que sco capazes de nos aceitar como somos.

Ele concordou.

- Sim, tenho vocЖs trЖs.

Foi Vivian, direta como aquela forya da natureza a que Truan a comparava, que franziu a testa como se tivesse contemplado algo de grande importPncia que precisava ser decidido.

- Я preciso dizer a nosso pai! - ela exclamou, com um gesto firme. - Ele ж parte disso tanto quanto nzs.

Truan meneou a cabeya.

- Nco hp tempo. - Seu olhar encontrou o de Cassandra. De todos eles, ela sabia o que existia adiante.

- Agora vocЖ precisa ir, antes que seja tarde demais.

- Entco, tem de levar a espada de Arthur - disse Rorke FitzWarren, tirando Excalibur de seu lugar sobre a Tpvola Redonda. - Ela possui grande poder.

- Nco - Cassandra disse, com suavidade. - Ele nco pode levar nada que existia no tempo de Arthur. O passado poderia ser mudado, conseq4entemente mudando tudo que se seguiu nos cinco sc4culos desde a sua morte.

Stephen e FitzWarren trocaram um olhar, cada um deles pensando a mesma coisa.

- Entco isso significaria...

- Que nenhum de n3s poderia existir - Vivian transmitiu o pensamento em voz alta. Era uma verdade muito sc4ria que afetaria a eles todos.

- E quanto a Amber? - perguntou Stephen. - Ela nco existe no passado como foi escrito, o passado que criou o mundo em que agora vivemos. Sua presenya lp irp alterar o futuro?

- Eis por que voc4 tem de encontrp-la - Cassandra retrucou, Era imposs4vel dizer como a presenya de Amber alxm do portal poderia afetar o passado e o futuro.

- Se ela estiver viva - Truan disse, baixinho, pois nco conseguia sentir nada, exceto que Amber deixara a ess4ncia como trilha.

- Stephen sobreviveu Я jornada atravjs do portal - Cassandra argumentou. - ¶ possvel que Amber sobreviva tambжm. O caminho estр claramente marcado. VocЖ precisa seguir antes que desapareya. - Ela abriu a mco. Estava coberta de sangue.

- ¶ o sangue de Amber?

- A criatura foi ferida quando Meg lutou para proteger as crianyas. Sinto a forya da vida de todos os trЖs nesse sangue.

- Preciso ir agora - Truan murmurou.

- Nco vai esperar por nosso pai? - perguntou Vivian.

- Diga-lhe para onde eu fui.

Cassandra segurou-o pelo brayo quando ele se postou diante do antigo selo.

- Confie no poder que habita dentro de vocЖ. ¶ a Щnica coisa que pode salvр-lo e trazЖ-lo de volta para n3s.

Stephen puxou-a gentilmente para trps, para o seu lado, e despediu-se do amigo.

- Que sua jornada seja segura.

Truan colocou as mcos sobre o antigo selo de pedra.

Contornou com os dedos as bordas das imagens entalhadas. Voltou os pensamentos para seu íntimo, ao mesmo tempo em que entrava em contato com o poder interior. Expandiu os sentidos além do mundo mortal, para dentro daquele outro mundo, que existia naquele vócuo de trevas para onde Amber fora, sua essência deixada para trás em trays de sangue.

Suas mãos passavam lentamente através da pedra para dentro do vócuo que aguardava. Era como mergulhar numa lagoa profunda e escura. A abertura do portal se expandiu como ondulações de água a se espalhar em ondas concêntricas de visco, som e textura. Truan penetrou as trevas, com aquelas reluzentes gotas de sangue como sinais que mostravam o caminho.

- Eu tenho um filho?

Como um homem que tivesse levado um soco, a expressão de Merlin era de espanto, cheia de incredulidade, ao olhar para Vivian.

Ela sentiu-lhe os pensamentos numa frágil e fugidia conexão. Havia uma torrente de emoções, não apenas de descrença, mas também de raiva, quando ele se voltou para sua mãe, Ni-nian. Também havia sofrimento, ao se dar conta de que fora enganado por alguém que ele amava mais do que a própria vida.

E, no silêncio de Ninian, Merlin soube a resposta.

- Por que não me disseram? - perguntou, magoado. -
Como? Quando? - Então, deu espaço à raiva outra vez. -
Por que você esconderia algo assim de mim?

Vivian sentiu-se encurralada, pega em algo de que não queria fazer parte. Fora forçada a ir até ali, sem escolha, quando Truan tomara a decisão de passar pelo portal e ir atrás de Amber. Porém, agora, ela queria sair, escapar da raiva que nunca vira antes entre seus pais.

Vivian tinha certeza de que Merlin deveria saber que, como ela mesma e as irmãs, Truan fora mandado para um lugar seguro, quando criança, para sua própria proteção contra os poderes das Trevas. Porém, pela reação de Merlin, a incredulidade e a raiva, Vivian percebeu que ele não sabia que possuía um filho.

Numa fração que a assustou, Merlin correu pelo quarto e agarrou Ninian pelo braço.

Embora tivesse sido criada no mundo mortal por Meg e o monge Poladouras, Vivian passara muito tempo no lugar onde ela e as irmãs tinham nascido, o mundo entre os mundos, para onde Merlin fora exilado, depois que Arthur havia sido assassinado e as Trevas assumiram o governo do reino. Nunca ela vira Merlin erguer a mão para Ninian.

- Diga-me a verdade, mulher - ele exigiu.

Vivian sabia que Ninian nco tinha escolha a nco ser contar a verdade, pois era uma encantada. Embora possuísse muitos poderes, eles nco eram nada se comparados ao poder de Merlin. Se Ninian resistisse, ele arrancaria a forya a verdade dela com o uso daquele poder. Vivian temia o resultado, pois sabia o que significava. Se nco fosse livremente concedido, aquilo era como uma violayco da alma, causaria uma mpga tco profunda e completa que Ninian nco poderia jamais perdop-lo por isso.

- Por favor... - Vivian implorou a ambos.

- Fique fora disso, filha - Merlin disse, gentil. - Isso ж entre mim e sua mce.

Vivian olhou para a mce, sentiu a dor naquele corayco, viu o torvelinho de luta interna. Era como se enfrentasse algum enorme sofrimento que a transpassava e, entco, seus ombros frpgeis, vergaram, como se ela desistisse de lutar.

- Eu ansiava para lhe contar, meu marido - disse, baixinho.
- Eu queria e, contudo... nco podia.

Merlin estendeu a mco para Ninian, sentindo o sofrimento que existia dentro dela, querendo desesperadamente acreditar que Ninian fizera aquilo pelas mesmas razwes pelas quais protegera as filhas.

- Por quЖ? - perguntou, gentilmente, segurando-a pelos

ombros e virando-a para si. - Compartilhei tudo, com relayco a nossas filhas, quando fomos forçados a mandá-las para longe. Por que você não poderia me falar de meu filho?

Ninian ergueu lentamente o rosto. De repente, parecia muito mais velha, uma tristeza insuportável, sofrimento e pesar na expressão. Estendeu a mão e tocou ternamente a face do marido, os dedos trêmulos.

- Todos estes anos nós compartilhamos tudo, meu marido. Deitamo-nos juntos e partilhamos nossos corpos e almas. Eu senti você a se mover dentro de mim com uma paixão tão grande que pensei que poderia morrer disso. E você sentiu o movimento de cada criança que me deu a se mexer dentro de mim, inclusive a criança que concebi depois que Brianna nasceu, embora tivesse vivido apenas uns poucos momentos.

Vivian ergueu os olhos. Não sabia que sua mãe perdera um filho.

- Você segurou cada uma delas em seus braços, ainda molhadas com o meu sangue mortal - Ninian continuou, as lágrimas a luzirem em seus olhos -, inclusive aquele pequeno bebê morto. - Uma lágrima pingou de seus olhos.

Merlin encarou-a, incrédulo.

- O que estp dizendo? Truan ж meu filho ou nco? Vivian sentiu o corayco se partir, tco grande era a tristeza de Ninian. Nco queria ouvir mais nada. Queria apenas sair e voltar para seu marido, abrayp-lo e abrayar o filho. Porжm nco podia, pois sabia que aquilo tambжm era parte do que comeyara quando a criatura das Trevas levara Amber pelo portal.

- Sim - disse Ninian, num sussurro. - Porжm nco ж meu filho.

Afastou-se de Merlin. De repente, parecia pequena, frpgil e magoada, como se reunisse foryas para suportar algum profundo sofrimento interior.

- O que estp dizendo?! - exclamou Merlin. - Como isso pode ser?

Ninian respirou fundo, trЖmula. Sua voz era um doloroso murmщrio ao dizer:

- Ele ж seu filho com outra.

- Nco pode ser! Eu nunca a traб com outra, nem seria capaz. Fui exilado para este lugar.

- Nco falo deste lugar. Falo de antes. No mundo mortal - disse Ninian. - Quando vocЖ amava outra.

Merlin estava aturdido. Vivian queria que ele negasse isso.

Queria que seu pai negasse porque nco podia suportar o sofrimento da mce, que acreditava que Merlin amara outra antes dela.

Mas seu pai nco negou. Em sua face, ela viu a angustia da verdade. Uma verdade que ele enterrara havia muito tempo, sem se dar conta das conseqncias. Merlin fechou os olhos e deixou pender a cabeya.

- Tanto tempo atrps. - Sua voz falhou pela emoyco. -

O inьcio do fim. Um momento roubado que nunca deveria ter acontecido e com conseqncias tco devastadoras.

- O que estp dizendo? - perguntou Vivian, olhando de um para o outro. Aquilo era mais que apenas um amor perdido, algo muito maior que de alguma forma afetava a todos.

- Quem ж a mce de Truan?

Ninian postou-se silenciosamente Я janela, tristeza e dor a delinearem suas belas feiyues.

Merlin fitou-a com todas aquelas mesmas emoyues e os ultimos trayos de esperanya, ainda desejando desesperadamente acreditar nela. Porжm o silЖncio de Ninian a condenou.

Ela escondera aquilo dele durante todos aqueles anos.

- Papai?

O olhar de Merlin suavizou-se ao encarar Vivian. Ele pousou a mão gentilmente no rosto dela.

- Tudo aconteceu muito tempo atrás. Se eu soubesse... - Suspirou fundo. - Meu filho - repetiu. - Pelo que você me disse, seus poderes são grandes e, no entanto, ele talvez esteja correndo o maior perigo de todos. É uma armadilha e, se for bem-sucedida... - Voltou-se para a porta, os pensamentos já distantes.

- Papai? Para onde está indo?

- Preciso avisá-lo.

E se foi. Vivian sabia o lugar que Merlin procurava, o lugar aonde sempre ia quando ela era criança.

- Mãe?

Uma lágrima escorreu pela face de Ninian, quando ela se virou da janela.

- Vivi todo este tempo neste lugar. Todos os meus bebês nasceram aqui, neste lugar que a maioria das pessoas acredita que não existe. Escolhemos voltar para cá depois.

Vivian sabia que ela falava da libertação de Merlin, da maldição das Trevas, que o detivera ali, entre os dois mundos, dos mortais e dos imortais.

- Não posso ficar aqui, agora.

A inquietude de Vivian cresceu. Nunca vira a mãe assim.

- O que está dizendo? É apenas um mal-entendido. Papai voltar. Eu sei que voltar.

Ninian meneou a cabeça.

- Não - disse, com grande tristeza. - Não voltar. A dor é muito profunda, o sofrimento muito grande. É uma coisa que não pode nunca ser perdoada. Eu sabia disso, mesmo quando me apaixonei por seu pai, sabendo que ele amava outra. - Meneou a cabeça. - Preciso ir, pois não poderia suportar ver que aquilo que ele sentiu por mim tornou-se zódio. - Olhou ao redor. Parecia memorizar cada detalhe, retendo tudo na memória. Então, saiu sem olhar para trás.

- Mas... para onde ir? - Vivian perguntou, as lágrimas a lhe marejarem os olhos.

- Para um lugar lá parte, onde talvez eu possa descobrir o que fazer com o resto da minha vida.

- Como eu a encontrarei?

- Estamos unidas por um elo que nunca poderp ser quebrado, filha. Carreguei cada uma de vocЖs no meu corayco. Meu sangue flui atravЖs de vocЖs. Estarei tco perto quanto seus pensamentos.

Capítulo VIII

Truan corria, tropeyava e caЪa mas levantava-se outra vez, seguindo aquela trilha reluzente de sangue atravЖs da passagem.

Ficava mais forte o cheiro a lhe encher os sentidos, movendo-se por ele, empurrando-o para aquela passagem de luz e som em torvelinho, um caos de imagens brilhantes, como se Truan atravessasse uma chuva de estrelas cadentes, cada uma delas flamejante de cor.

Entco, foi sendo empurrado em direyco ao centro da luz, que explodiu, e ele foi arremessado atravЖs do facho luminoso para o outro lado.

Caiu e rolou, gemendo de dor quando seu ombro bateu no chco, arrancando a pele em vprios lugares. Seus sentidos aturdidos cessaram de rodopiar dentro da cabeya.

Puxou o ar para os pulmщes e lentamente abriu os olhos.

Um relvado vьvido se espalhava diante de Truan, num terreno ondulante. O contorno de folhas a se mexer num galho pr̀ximo tomou forma. Depois, mais folhas e galhos se tornaram visьveis, conforme sua visco se firmava e se expandia para abarcar as redondezas.

Truan virouse para trps, o movimento sЩbito fazendo com que sua mente mergulhasse no caos outra vez. Fitou a copa das prvores ao alto.

Onde estava?

Havia uma sensayco de familiaridade na formayco das prvores, no grande aglomerado de rochas que delineavam a clareira e no curso do riacho que corria em meandros por ela. Parecia que ele jp estivera ali antes.

Um sopro de vento royou seu rosto, trazendo consigo os sons da floresta. Tambжm eram estranhamente familiares, nos guinchos agitados de um esquilo e no crocitar ranzinza de um corvo, seguidos de repente por um silЖncio de expectativa.

Um grito terrificado de mulher o jogou de joelhos. Cada sentido focalizado naquele som, Truan se levantou, sacou a espada e partiu para a floresta, como fizera antes, num outro tempo.

Ouviu o grito outra vez e cortou caminho pelo riacho,

silencioso e mortífero como as criaturas da floresta, ao perseguir aquele som e o cheiro humano a que pertencia.

Encontrou a clareira na beira da floresta. Seguiu contra o vento, os plácidos da nuca erizados, a mão fechada sobre a empunhadura da espada. Chegou mais perto e ouviu vozes claras e insistentes.

Então, viu as duas mulheres na clareira. Uma tinha cabelos escuros, com doces olhos negros, as maçãs do rosto altas e queixo fino. Encontrava-se ao lado da outra, que era pequena e magra, não mais que uma menina.

A primeira estava vestida em fino cetim, as manchas de grama úmidas no brilho plácido do tecido caro. Tinha os cabelos presos numa grossa trança preta que caía por suas costas, e no

indicador da mão direita, usava uma pedra vermelha que luzia como sangue escuro.

A menina usava os cabelos soltos. O sol faiscava nas madeixas sedosas que se espalhavam por seus ombros e pelas costas em gloriosas mechas douradas. Seu vestido era simples, mas de tecido fino, e moldava um corpo esguio, preparado para a batalha. Segurava uma robusta lança nas mãos pequenas e elegantes.

Seu queixo delgado era firme, o olhar fixo à frente, os lábios ligeiramente abertos, os seios arfantes, subindo e

descendo sob o corpete do vestido a cada respiração funda, como se ela estivesse correndo.

Tran a reconheceria em qualquer lugar: frgil, bela, olhos cheios de emoyco, a forya a transparecer através do medo e da dor.

- Mais devagar e com muito cuidado - ela disse para a outra mulher, a suavidade rouca de sua voz a aturdi-lo, conge-lando-o no chco, por um momento cegando-o para tudo o mais.

Ele imaginara aquela voz milhares de vezes, ouvira um murmúrio dela na gentileza dos pensamentos, nas palavras ternas convertidas em imagens que ela criava com a linguagem das mcos que Meg lhe ensinara.

O som, porxm, era como um sonho, algo imaginado e sentido, mas nunca experimentado até aquele momento. Era suave e no entanto forte, como ayo envolto em veludo.

Ele a encontrara.

A mulher ricamente vestida agarrou o brayo de Amber, tentando puxp-la para trps. Nenhuma das duas o notou, continuando a olhar pela clareira, a recuar lentamente.

Entco, segurando a lanya diante de si, Amber afastou a outra para longe.

- Vocês precisa ir agora! - disse, insistente.

- Não a deixarei!

Amber meneou a cabeça com veemência.

- Ele não pode atacar duas de uma vez. Corra! - gritou, quando o lobo saltou pela clareira na direção delas.

A mulher não correu, mas puxou uma faca estreita do cinto e segurou-a diante de si.

O lobo era uma criatura enorme, toda músculos e nervos sob o espesso pelo negro, a boca repuxada sobre as presas mortais, um feroz e apavorante rosnado a brotar de dentro de seu peito macio. Atacou.

A primeira investida aturdiu Amber. Sua empunhadura era desajeitada, e o entorpecimento se espalhou desde os dedos até os ombros com a força do choque na ponta da lâmina, ao acertar o osso duro da espinha do animal em vez de no peito vulnerável, como ela pretendia.

As mãos de Amber ficaram úmidas e frias quando ela pensou nos dentes do lobo a se afundarem em sua carne. Vira cães de caça atacarem um coelho indefeso, e podia imaginar a dor de ter carne e músculos dilacerados. Porém ouvira dizer que depois do primeiro golpe, começava um tipo de entorpecimento que poupava a presa de experimentar a agonia final, quando fosse

estrayalhada.

Estava aterrorizada. O medo comprimiu-lhe a garganta no momento em que o lobo atacou outra vez, num borroco de pŕŕlos negros e dentes agressivos.

Truan ergueu a espada e investiu para a clareira. Acertou o lobo com um golpe de relance que passou por baixo de suas pernas e o mandou volteando sobre si mesmo, de cabeya para baixo. O animal urrou, um som feroz que em parte era de surpresa, em parte de dor e fŕŕria, ao rolar pela clareira. Imediatamente, saltou de pŕŕ e rodeou a caya, procurando um novo ponto de ataque.

- Amber! - Truan avisou, em voz baixa. - Nco se mova!

Todos os sentidos dele estavam focados no lobo, nco uma criatura das Trevas como antes, mas ainda perigosa. Truan nco percebeu a expressco espantada e o ligeiro franzir de sobrancelhas de Amber ao ouvir o seu nome.

Ele sentiu o ataque antes mesmo que o lobo se movesse. Era instinto, parte do layo que partilhava com todas as criaturas, aquilo se moveu atravŕŕs de seu sangue, num aviso silencioso, e eriyou os pŕŕlos em sua nuca.

Comunicou-se por meio daquele elo instintivo, o sangue a pulsar com violŕŕncia em suas veias. S3 haveria um resultado. Morte.

Você não quer morrer no dia de hoje!, transmitiu ao lobo, tão claramente como se tivesse falado. Saia deste lugar, bravo guerreiro da floresta, e viva para cair outro dia.

Sentiu quando o lobo hesitou, uma alteração na postura cautelosa, as orelhas não mais comprimidas contra a cabeça, mas curvadas ligeiramente para a frente como se ouvisse. Percebeu depois a indecisão da incerteza, quando o animal inclinou a cabeça para cima, num ângulo duro.

Aquela cabeça inclinada virou-se e, por um momento, seus olhos se encontraram: o amarelo reluzente do lobo e o azul profundo do imortal.

Como se algum acordo mudo tivesse sido firmado, o animal virou-se abruptamente e deixou a clareira, silencioso como entrara, com apenas o murmurar dos galhos mais baixos a marcar o caminho pelo qual fugia.

O coração de Amber cessou gradualmente seu frenético descompassado. Por fim, ela conseguiu puxar o ar de novo para os pulmões.

- Pretendia lutar com as mãos nuas?

Sua voz empurrou Truan de volta para a fronteira do conflito, para o corpo mortal, para o momento presente, atraído pelo som daquela voz, suave como uma pluma de fumaca, bem diferente do que ele imaginara, sem nenhum

trayos de tristeza ou lembranyas dolorosas.

Olhou para as mcas, s3 entco consciente de que nco mais empunhava a espada, mas a jogara para o lado, com todos os pensamentos focados na conexco com os do lobo.

Naquele lugar perigoso, onde os acontecimentos desdobrados afetavam o futuro de onde ele viera, nco havia timidez ou incerteza em Amber. Nco havia nenhum silЖncio doloroso ou lembranyas das coisas horrѳveis que ela enfrentara e que haviam-lhe tirado a capacidade de falar.

Tudo acontecera tal como acontecera antes, quando o lobo atacara na floresta. Tal como antes, seu vestido estava rasgado e havia trayos de sangue. Porжм ela nco parecia muito ferida.

- Senhor cavaleiro! - Amber exclamou, encarando-o com curiosidade. - Como sabe o meu nome, quando eu nco sei o seu? - O resquѳcio de medo desaparecera, substitufdo pelo interesse.

S3 entco Truan se deu conta de que nco apenas ela nco se lembrava das coisas horrѳveis que sofrera, mas tambжм nco tinha nenhuma recordayco dele.

- Ou ж talvez um feiticeiro que aparece por mpgica, no Уltimo momento, para nos salvar?

Truan tossiu para esconder a surpresa. Sentiu que Amber nco se recordava de nada, inclusive de sua jornada atravxs do portal. Contudo chegara bem mais perto da verdade do que poderia imaginar.

- Tem um nome para que eu possa lhe agradecer por salvar minha vida?

Ele nco contara com isso. Mudava tudo.

- Sou chamado de Truan. Ela sorriu.

- Isso nco foi tco difcil, foi?

- Mais difcil do que vocЖ pensa.

- Mas vocЖ se saiu muito bem - Amber o cumprimentou, um brilho misterioso a danyar em seus olhos. - Talvez nco perca a espada da prxima vez.

A despeito da grave situayco em que se encontravam, Truan riu. Aquela era uma criatura que ele nco conhecia, uma jovem espirituosa, corajosa, linda, que nco era assombrada pelo passado, mas a pessoa que Amber poderia ter sido se nco fossem as experiЖncias pelas quais passara.

S3 entco Truan se deu conta da outra mulher que lentamente caminhava na direyco deles, limpando as

folhas e a sujeira do vestido. Era bela, com um ar rjgio, apesar das folhas que se prendiam a seus cabelos e da sujeira que manchava sua face, seu sorriso era radiante.

Guinevere. Com tanta certeza como se a mulher tivesse dito o nome em voz alta, Truan soube quem era ela. Em seu tempo, a hist3ria de Guinevere estava envolta em mito e lenda: a filha do rei celta, rico em terras, que trouxera grande poder com seu

casamento com o rei guerreiro da Bretanha e radiante esperanya para o futuro de um reino, idealizado para durar mil anos.

A mulher, que era mais lenda e mito do que alma e substPncia, caminhou em direyco a ele, e nco foi dif7cil ver por que Arthur e talvez uns poucos outros tinham perdido seus coray7es para ela.

Guinevere se mostrara corajosa como qualquer guerreiro, recusando-se a fugir para salvar a pr3pria vida, optando em vez disso por lutar contra o lobo. No entanto, com toda a sua rjgia beleza e coragem, havia nela tamb7m um ar de tristeza.

Truan sentiu a aproximayco dos guerreiros e retomou rapidamente a espada. Eles estavam vestidos com t7nicas e calyas azuis, com polidas courayas de metal sobre o peito, as espadas a reluzirem ao sol do meio-dia.

Onze guerreiros que usavam o antigo timbre latino marchetado em ayo em suas courayas e nos punhos decorados de suas espadas, idKntico Я inscriyco no grande selo, na cPmara estrelada.

Com igual proporyco de admirayco e respeito, Truan se deu conta de quem eram: sires Bors, Gawain, Lochiel e Gaheris, cavaleiros reais cujos nomes estavam esculpidos nos painxis da Tpvola Redonda. Homens que estavam todos mortos em seu tempo, mas cujas lendas continuavam vivas.

Sir Bors, o mais velho dos cavaleiros de Arthur, era um spbio que lutava com o cplculo frio e o gKnio matemptico.

Lochiel, o amante, de quem diziam nco haver nenhuma moya que lhe pudesse resistir, era quem lutava do modo como conquistava uma mulher, com doce seduyco e hpbil fuga.

Gawain, o gigante gentil, cujo tamanho fazia a maioria dos inimigos abandonar o campo antes que a batalha comeyasse.

Gaheris o sobrinho de Arthur, cuja bravura e lealdade tornara-se

lenda em hist3rias repetidas pelas incontpveis geraywes que haviam se seguido.

- Parem! - Guinevere ordenou, quando os cavaleiros avançaram, as armas apontadas para Truan. - Não o firam! São estamos vivas por causa da espada deste estranho.

Uma por uma, as espadas foram baixadas, embora nenhuma embainhada. Truan sorriu no íntimo. Os cavaleiros de Arthur não iriam arriscar a vida de sua rainha duas vezes.

Ela voltou-se para ele.

- Estamos muito gratas, senhor guerreiro - repetiu. - Quem é seu mestre? A quem poderá o rei ofertar gratidão por seu serviço?

As perguntas o pegaram despreparado. Truan se recordou de que viajara quinhentos anos para o passado. Um passado onde Arthur, não Guilherme, o Conquistador, era rei, e onde os poderes das Trevas esperavam para reivindicar o reino.

Os acontecimentos haviam sido acionados naquela época e lugar, eventos que afetariam diretamente o futuro, onde aqueles de que ele gostava profundamente agora existiam.

Era preciso um grande cuidado, pois se agisse futilmente ou de forma imprudente, poderia colocá-los todos em grande risco.

Esperava encontrar Amber e retornar com ela para o tempo e lugar de ambos. Estava preparado para enfrentar Gareth. Mas nco estava preparado para o caso de Amber nco conhec-lo e muito menos desejar voltar com ele.

Tudo tinha algum propzsito que ainda nco se revelara para ele. Porxm Truan sentia o perigo dos acontecimentos, que se moviam alxm de seu poder para impedi-los, se nco tomasse muito cuidado.

Em sua жроча, ele se escondia sob a aparЖncia de um bobo

da corte, mas Arthur nco tinha necessidade de bobos para divertir sua corte. Tinha, contudo, necessidade de guerreiros, pois estava prestes a enfrentar a maior batalha de sua vida.

- Nco devo fidelidade a ningum, milady - Truan respondeu, os pensamentos a formarem um plano que poderia mantЖ-lo perto de Amber.

- Todos no reino devem obediЖncia ao rei - sir Bors o lembrou.

Truan sentiu um lembrete de sua tЖnue posiyco. Escolheu as palavras com grande cuidado e atenyco.

- Minha espada ж meu mestre - retrucou. - Vou para onde ela me leva.

- Um mercenário! - Gaheris exclamou, não fazendo nenhuma tentativa de disfarçar seu desprezo. - Vende suas habilidades ao apostador mais alto, não importa se ele for o rei ou Malagaunt, mas quem tenha a bolsa mais rica.

Inclinando-se sobre a espada, Truan fez um gesto largo.

- Pareço como se vendesse meus serviços pela aposta mais alta? - Suas roupas eram aquelas de um guerreiro: túnica, calças, botas, espada.

- Então, talvez seja um mau guerreiro.

- Não pelo que vi no dia de hoje - Guinevere intercedeu.

- Sim - Amber concordou, ao lado dela. - Nós o vimos enfrentar um lobo com as costas nuas e com coragem.

- Talvez devêssemos testar sua perícia com a espada - Lochiel sugeriu. - Temos apenas sua palavra quanto a ser um guerreiro.

- Em outra ocasião - sir Bors encerrou a discussão. - Restam apenas umas poucas horas de luz do dia. Precisamos alcançar Camelot antes do cair da noite. Você virá conosco. O rei gostaria de falar com você, guerreiro.

O coche estava na estrada que cortava a floresta, rodeado por mais homens de Arthur. Era fechado, com tapeyarias pesadas para vedar o frio que passasse pelas janelas.

As tapeyarias nco eram em azul e dourado, as cores reais de Arthur, mas de um vьvido verde, e traziam cenas da floresta, de animais, prvores, o sol, a lua e as estrelas.

Os penduьes que ondulavam nas colunas do coche eram verdes tambьm.

- Nco tenho cavalo - Truan deixou claro o abvio, conforme as senhoras eram acompanhadas atь o coche.

Quando sir Bors ordenou a um de seus homens que desmontasse, Guinevere op3s-se.

- Venha conosco, senhor guerreiro. - Sob o convite havia uma ordem sutil. - ƒ pouco mais confortpvel do que montado num cavalo, e eu gostaria de saber mais sobre um guerreiro que nco deve lealdade a nenhum homem.

O coche era grande e espayoso por dentro. Truan sentou-se em frente a Guinevere. Amber deslizou para o assento ao lado dela. O coche arrancou em frente, e Truan foi foryado a apoiar os pьs do lado oposto para se manter sentado.

Fora do coche, dois dos homens de sir Bors seguiam de cada lado, logo alьm das janelas, e dentro de uma

distância fácil de atacar, se o novo passageiro provasse ser perigoso.

A sua frente, Truan estava ciente da silenciosa contemplação da rainha e da diversão de Amber ao ver como ele lutava para evitar ser jogado no chão.

- Como é que um guerreiro de tão grande perícia e modos independentes se encontra aqui na floresta? - Amber perguntou, com curiosidade indisfarçada.

A cor da tapeçaria refletiu-se em seus olhos, tornando-os ainda mais verdes que azuis. Os lábios cheios e curvados se torceram num sorriso que ela tentou sem sucesso ocultar.

- Eu vim de muito longe - ele explicou, sem mentir - e nenhum cavalo teria sobrevivido a uma tal jornada.

- No entanto, você sobreviveu.

Amber era uma maravilhosa criatura sedutora a quem nenhum mortal poderia resistir.

- Sobrevivi apenas pela perícia com a minha espada.

- Para o que temos apenas sua palavra e estou ainda para ser provado - ela ponderou.

- São tempos perigosos - disse Truan. - Apenas um tolo ou

algum de percia adequada ousaria se arriscar a viajar pela regio sozinho.

O coche virou por uma curva, sacolejando duramente na estrada esburacada. Amber foi lançada para a frente e teria caído no chão do coche se Truan não a agarrasse.

Mãos fortes, porém gentis, roçaram a curva dos seios e se fecharam em torno dos braços de Amber, impedindo-a de cair no chão. Em vez disso, desabou sobre Truan.

Ela ergueu a cabeça, e seu olhar encontrou o dele.

No olhar passou um lampejo do reconhecimento, a fração de um momento em que alguma lembrança voltou do passado. Passado que jazia no futuro, quinhentos anos a partir de então. E, por um instante, um sorriso coquete perpassou por seus lábios.

Truan poderia tê-la forçado a recordar, mas alguma coisa o impediu. Aquela Amber estava livre do passado, e pelos poderes dos antigos, ele queria ouvir sua risada, não seu choro,

queria o calor de seus sorrisos, não a expressão assombrada que vira cada vez em que a tocara.

Devolveu-a ao assento oposto e soltou-a gentilmente. Porém o calor do contato ficou na ponta de seus dedos, a suavidade daqueles seios sentida através do vestido.

Mesmo agora, aqueles seios macios subiam e desciam mais depressa do que o normal, e o riso nos olhos de Amber fulgurava com uma luz diferente.

- Fale-me da sua família - Guinevere pediu, estudando-o, pensativa. - Nasci aqui. Conheço a maioria das famílias neste condado.

Novamente, Truan escolheu as palavras com cuidado.

- Não tenho família.

- Nem cavalo, nem família, nem fidelidade a nenhum homem - comentou Amber.

- Ah, mas tenho uma espada.

A futura rainha o observava intensamente.

- Serp que talvez nós tenhamos nos encontrado antes, senhor guerreiro? - perguntou Guinevere. - Quem sabe a serviço de meu pai?

Truan meneou a cabeça.

- Sou novo neste lugar. Não nos conhecemos antes.

- Aceitarei sua resposta por enquanto, senhor guerreiro - ela declarou. - Porém falaremos disso outra vez.

Ele concordou.

- Se for do agrado de Vossa Majestade...

- A observayco ж prematura, senhor - ela murmurou, o sorriso dos lbios desaparecendo. - Ainda nco sou a rainha.

- Nco serp em breve, milady? - Truan perguntou.

A hist3ria contada de uma gerayco para a seguinte, fosse lenda ou mito, tornara aquilo conhecido, que Guinevere fora a rainha de Arthur.

Tambжm falava que o deles era um grande amor, perturbado apenas por murmщrios sobre o cavaleiro Lancelot. Tudo era conjectura, contada pelas eras como mito e lenda.

Mas qualquer que fosse a verdade daquele passado do qual ele agora era parte, havia uma inesperada tristeza na futura rainha. Ela suspirou.

- Sim, muito em breve. - O sorriso retornou, melanc3lico. - No mesmo momento da nossa chegada, se assim for decidido pelos conselheiros do rei, pelos generais e por seu senescal. - Fitou-o, pensativa. - Quando o vi na floresta...

Truan sentiu-a procurar pela lembrança de algo que experimentara. Então, aquilo se foi. Guinevere olhou para fora da janela.

- O senhor me lembrou alguma.

- Espero que seja uma lembrança agradável. - Seu olhar encontrou o dela, e Guinevere sorriu com doçura.

- Sim, uma recordação para durar uma vida inteira.

Capítulo IX

Bem depois do cair da noite, finalmente chegaram a Camelot. Da primeira vez que Truan viu a fortaleza, Camelot era um lugar de ruínas, uma pilha de ruínas de pedras, cheia de cicatrizes de batalha, sob a mortalha de séculos de negligência e devastada pelos elementos. Muito pouco de sua grandeza havia sobrevivido.

Intactos, restavam apenas a coroa estrelada, com as ruínas desintegradas da Torre Redonda, e o selo de pedra, entalhado com as antigas inscrições e palavras latinas.

Nos meses que se seguiram, com trabalho duro e a experiência de artesãos, o castelo de Camelot foi restaurado a uma semelhança de sua passada grandeza,

um lugar que muitos ainda acreditavam existir apenas em mitos e lendas, um símbolo brilhante de esperança e fé para o futuro. Por isso estava a quinhentos anos adiante no tempo.

Aquela era Camelot como fora, quando Arthur, o rei guerreiro, reivindicara toda a Bretanha, sob a fôra de seu vasto exército. E solidificara esse reclamo mediante o casamento com Guinevere, filha de um poderoso chefe de cl.

Quando chegaram, fogueiras reluziam pela região. Além do rio, cujo curso tinha mudado em quinhentos anos, as torres reluzentes de arenito subiam das muralhas da fortaleza como sentinelas gigantes postadas em guarda. Tochas haviam sido acesas ao longo de todas as muralhas. Pendões esvoaçavam, nas cores de azul-vivo e dourada de Arthur, em boas-vindas para a nova rainha.

O coche moveu-se com dificuldade pela ponte, seguido pelos cavaleiros e guerreiros. Conforme passaram pelos portões, as luzes das tochas brincavam pelas feições das duas jovens mulheres que se sentavam diante de Truan.

A expresso de Amber era cheia de surpresa com a massa de gente que se reunira para saudá-las, uma cidade virtual abrigada dentro das muralhas maciças do castelo-fortaleza.

Flores e moedas de ouro choviam pela abertura da janela em tributo. Ela pegou uma das flores, uma delicada rosa branca.

- Vá como a saudade, milady? Certamente é um sinal de que encontrar a felicidade e amor aqui.

Guinevere tomou a rosa nas mãos. Fitou-a com ar pensativo.

- O amor é uma dádiva rara que não pode nem ser comprada nem vendida - retrucou, muito séria. - Não com moedas de ouro, terras ou mesmo uma coroa. Deve ser dado do coração. Se você encontrar um amor assim, minha cara Amber, segure-o. Lute até o último suspiro para conservá-lo, pois a vida não vale a pena ser vivida sem ele.

Então, ergueu os olhos. Seu olhar encontrou o de Truan, brevemente.

- Sim, senhor guerreiro, mesmo rainhas anseiam por amor. Somos, afinal, humanas, com sentimentos, necessidades e esperanças, nada diferentes de qualquer outra pessoa.

Somos diferentes

apenas pelo fato de não podermos escolher a quem amar. Fazem a escolha por nós.

- Mas, e se pudesse escolher, milady? - Ele julgou que Guinevere falava de Lancelot, porque, como a história registrava, ela provavelmente nem mesmo encontrara aquele corajoso cavaleiro antes daquele dia.

Guinevere sorriu.

- Então eu escolheria um jovem guerreiro sem um cavalo, nem terras, nem títulos, apenas com sua espada, seu nome e sua habilidade em afugentar com um olhar os lobos da floresta.

- Essas são prendas insuficientes, milady.

- Eu as trocaria por aquilo que me espera - disse ela, com tal honestidade e franqueza que Tristan se surpreendeu.

O coche sacudiu e parou ante os largos degraus do salco principal. As tochas reluziam, fazendo parecer dia dentro das muralhas da fortaleza.

A grande fonte no enorme pátio borbulhava com a água que escorria pelas faces de figuras de pedra, esculpidas em estilo romano. Igual aquela, centenas de anos no futuro.

Todos em Camelot tinham vindo dar as boas-vindas à sua nova rainha, inclusive Arthur, que desceu os degraus, rodeado por seus outros cavaleiros, conselheiros, generais e seu senescal.

Guinevere pareceu reunir energias emocionalmente. Truan viu a hesitação momentânea, quando ela fechou os olhos, a silenciosa concentração de força, e ouviu a prece apressada que murmurou em pensamentos. Quando Guinevere o fitou novamente, foi com força, coragem e gratidão.

- Obrigada, senhor guerreiro, por tornar minha viagem agradável.

- Julga que eles planejam me decapitar agora? - Truan

perguntou, não inteiramente brincando, pois a reputação de Arthur como um violento guerreiro também era legítima.

- Não é provável, uma vez que eu tenha conversado com Arthur. Ele é um homem sensato.

- Então, vamos esperar que seja um homem com necessidade de todos os guerreiros que possa usar. Não pretendo ser arrancado deste coche e colocado sobre o cepo do carrasco.

Com um passo adiante, Truan abriu a porta do coche e rapidamente desceu com a espada a seu lado.

Antes que qualquer dos cavaleiros de Arthur alcançasse a porta do coche, ele estendeu a mão para a nova rainha de Camelot. Nas sombras do coche, Truan a viu respirar fundo. A mão que tomou a sua tremia apenas ligeiramente, e então se firmou com uma leve pressão.

Truan sentiu a presença de Arthur assim como a de seus cavaleiros, conselheiros, generais. Sentiu também as perguntas que se formavam nos pensamentos do rei, mesmo antes que ele falasse.

- O que é isso? - o rei indagou. - Um dos meus guerreiros viajou no coche?

Muitas histórias tinham sido contadas sobre Arthur. De seu nascimento nobre em uma família de romanos e descendentes celtas, de seu nome perdido na obscuridade, de seu extraordinário valor e habilidade no campo de batalha, de sua engenhosa estratégia, do carisma e da energia do menino guerreiro que uniu os clãs em guerra da Bretanha contra os invasores que a reivindicariam, do brilhante tático que travava uma guerra de intelecto, da sagacidade e do inimitável poder com todos, inclusive com o chefe que, por fim, concedera-lhe o que mais prezava: a filha, lady Guinevere.

Mas, ligadas às fobulas sobre as conquistas e o poder de Arthur, havia as histórias de seu lorde conselheiro, de engenhoso e brilhante intelecto, a quem alguns chamavam de abade, mago, profeta.

Truan vira Merlin de relance em Camelot, dias depois do retorno de Cassandra pelo portal. Porém não houvera nenhum olhar de reconhecimento entre eles, nenhum momento em que Merlin o encarasse e ele sentisse o fluxo de comunicayco numa simples palavra: filho.

Soubera então que a velha abadessa, Elora, falara a verdade, seu pai não tinha nenhum conhecimento dele, pois nunca teria sido capaz de ocultar isso de Truan.

Truan conhecia as circunstâncias sob as quais suas irmãs tinham sido criadas, mantidas à parte, a salvo dos poderes das Trevas, dissimuladas pela obscuridade, a verdade conhecida apenas por poucos, os protegidos pelos poderes da Luz.

Ele aceitara isso. Mas agora, naquele lugar e tempo, descobriu-se procurando por Merlin entre o círculo interno de confiáveis conselheiros de Arthur.

Muitos acreditavam que fora Merlin, por meio de sábio aconselhamento, que tornara possível a Arthur ser rei, mostrar ousadia em confrontos militares a que nenhum outro general de campo teria se atrevido, contar com uma

sagacidade de que nenhum mortal seria capaz, contra as hordas de invasores do Norte, e conquistar o poder para governar com prudência e bondade. Merlin, contudo, não estava entre aqueles que haviam vindo saudar Guinevere.

- Um estranho, milorde - sir Bors informou ao rei. - Encontrado na floresta e a razão do nosso atraso.

- Se não fosse por este gentil estranho, milorde - Guinevere

falou -, poderíamos ter-nos atrasado de forma permanente.

Arthur era mais alto que a maioria dos homens, seus cabelos de um castanho-escuro, cortado rente em torno de belas feições aquilinas, que revelavam sua forte herança romana. Usava barba e bigode, também aparados, e a indumentária de rei, a túnica caprichosamente feita de veludo em azul profundo, contornada de prata no pescoço e nas mangas. As calças eram azuis, e as botas pretas. O manto azul debruado de pele tinha fechos de prata, com a gravura em relevo da insígnia real.

Seus olhos, contudo, eram olhos de um guerreiro, perspicazes, inteligentes, vendo tudo numa passada de relance, estreitando-se quando voltaram para Truan num inquisitivo olhar azul que falava do feroz sangue celta que fluía em suas veias.

- Ouvi dizer que houve problemas. - Olhou para Guinevere.

- VocЖ nco foi ferida?

- Nco, milorde. Como pode ver, cheguei em seguranya.

- Sim - disse Arthur, deixando transparecer o homem dentro de si, em sua plenitude, nco inteiramente imune Я chocante beleza da jovem mulher escolhida para sua rainha.

Tomou-lhe a mco na sua. Levou-a aos lbios e a beijou, o que a surpreendeu.

Parecia verdadeiramente aliviado que ela tivesse chegado ileso. Afagou-lhe os dedos, pousados sobre a outra mco, num gesto terno, inadequado para um guerreiro ou um rei. Guinevere pareceu sensibilizada pelo gesto.

- Eu nco gostaria de dar motivos a seu pai para fazer cerco a minhas fronteiras antes que os votos sejam pronunciados.

Ela se retesou ligeiramente, mas o sorriso permaneceu.

- Claro que nco, milorde.

Arthur se voltou entco, apresentando-a Яqueles que haviam se amontoado no pptio e sentado no topo das muralhas, pvidos por ver a nova rainha. Ela se postou regiamente ao lado dele, uma jovem esbelta, de forya e

ternura inacreditáveis, que muito provavelmente teria escolhido outra coisa se a escolha fosse sua.

A quem Guinevere amava tão profundamente? Truan ficou a imaginar, quando Arthur então se virou para acompanhá-la, degraus acima, até o salco principal.

- Venham - disse ele. - Vocês estão todos cansados da viagem. Há algo para comer e um fogo para se aquecerem.

As palavras eram bastante cordiais, faladas como uma cortesia para a dama a seu lado. Porém Truan viu o olhar trocado entre Arthur e sir Bors, com a muda comunicação de homens que compreendiam um ao outro muito bem. Quando os guardas se fecharam em torno dele, sua mão instintivamente foi para a espada.

- Por favor, milorde - Truan ouviu a voz de Guinevere, cheia de uma macia autoridade de que iria necessitar nos dias, semanas e anos que estavam à frente. - Devo minha vida a este guerreiro - explicou, forçando-os a parar a procissão para o salco. - Iria o rei recompensar seus bravos e leais súditos com punição por fazer o que teria ordenado que fizessem?

Pego num dilema em público, do qual não havia nenhum fácil escape, Arthur teve talvez a primeira lição em como lidar com mulheres, particularmente as que eram rainhas.

Ela colocara a questco com grande diplomacia, a mco gentilmente apoiada no brayo dele. Homem prudente que era, reconheceu-lhe a sabedoria e voltou-se para trps.

- Este homem ж um sЩdito leal de Camelot? - perguntou. - Nco o ouvi jurar tal fidelidade.

Truan sorriu, no Ыntimo, ao encontrar o olhar de Arthur no mesmo nъvel. Ele jurara fidelidade a Camelot naquele outro tempo e lugar. Nco seria uma mentira dizer isso novamente agora. Nco se postou de joelhos no chco, como sabia que o costume exigia: inclinou a cabeya como um homem que reconhecia o status de outro.

Ouviu quando lady Guinevere respirou fundo.

- Nco estp se sentindo bem, milady? Ela recobrou-se.

- Nco, milorde, mas ж apenas fadiga, enquanto o senhor nos mantxm a todos aqui no ar frio da noite, Я espera de palavras que nco nos aquecerco.

Arthur riu.

- Я bem verdade, milady. - Voltou-se para Truan: - O que diz, guerreiro? Irp jurar fidelidade ou passar a noite acorrentado com os cces?

- Hp uma escolha, milorde?

- Sempre há uma escolha.

Truan sorriu, pois suas palavras eram para Guinevere, para que ela pudesse saber que possuía um amigo em quem confiar.

- Juro minha lealdade a Camelot, por minha espada, minha fôra e minha sagrada honra.

- Bem falado, jovem guerreiro. Bem-vindo a Camelot. Resta assegurar que você prove tanto sua perícia com a espada quanto sua lealdade.

Amber seguiu atrás do rei e da rainha. Voltou-se uma vez, olhando para trás, para Truan, uma expressão pensativa na face. Truan estava com os criados e atendentes.

Quando chegou ao topo dos degraus, Amber esgueirou-se das sombras e pousou

a mão em seu braco. Mesmo que não pudesse vê-la claramente nas sombras da soleira da porta, ele conhecia aquele toque.

Moveu-se através dele como mercúrio, um fogo incandescente que começou na leve pressão daqueles dedos e correu por seu sangue.

- Sir Bors é o guerreiro mais experiente - ela avisou, a voz suave como fumaça, penetrando em seus sonhos e

sentidos. - Tem grande peręcia. Ię esperar que vocę

ataque primeiro. Desse jeito, ele sabe o que esperar. Lochiel ж perigoso por causa da sua forya - Amber continuou a explicar. - Pode derrubar seis homens e ainda ficar de pж para enfrentar o seguinte.

Truan sorriu ao ouvir aquela voz. Queria ouvi-la murmurar outras palavras, de anseio e desejo, que suspirasse quando ele a tocasse. Seus dedos deslizaram pelo brayo de Amber.

- E Gawain? - ele perguntou, nco porque precisasse saber, mas porque precisava tocp-la. Puxou-a gentilmente para mais perto. Nco houve resistęncia, apenas o lampejo de fogo nos olhos dela, da luz de uma tocha pręxima.

- Gawain ж conhecido por sua bravura. Ele preferiria morrer a se desonrar.

A mco de Truan deslizou mais para cima, no brayo de Amber, os dedos a royarem a curva do seio.

- E Gaheris?

Ele ouviu-lhe o arquejo de espanto. Sentiu a sębita pressco do seio contra seus dedos. Sentiu a surpresa do desejo que despertara nos sentidos e nos pensamentos de Amber, algo que ela nco esperava nem experimentara antes.

- Os outros empenharam suas espadas e nomes de família a Arthur, em termos de lealdade e honra. Gaheiris ж o mais perigoso de todos, pois ж sobrinho do rei. Tem tudo a perder

e tudo a ganhar, e não há nada que ele não faça para se comprovar merecedor dos favores do rei.

- Por que me diz isso?

- Porque... - Amber hesitou, e em seus pensamentos, Truan sentiu a resposta. Porque ela queria que ele ficasse em Camelot, por razões que nem mesmo conseguia entender.

Nada falou, certa de esconder aquele segredo na mente. Então, sorriu, os pequenos dentes bem-feitos reluzindo numa expressão maliciosa. - Porque os bosques estão cheios de lobos. E eu não me importaria de ser comida por um. - Virou-se com a intenção de se afastar para o lado.

- Não são os lobos que você deveria temer, Amber - Truan retrucou.

- Deveria temê-lo, senhor guerreiro?

- Nunca, doce Amber, pois eu jamais a magoaria.

Ela sorriu, hesitante, incerta se ele falava a verdade ou fazia alguma piada Я sua custa.

- Mesmo que vocЖ fosse um lobo?

A pergunta o espantou. O que ela sabia? Do que se lembrava?

- Nem mesmo entco, pequena. Eu ficaria a seu lado e a esqueceria enquanto vocЖ dorme. Caminharia com vocЖ pela floresta, guiando-a. Eu a protegeria com a minha vida, com a minha Цltima gota de sangue.

Amber ficou muito sжria, estendeu o brayo e tocou-lhe a mco.

- Como hoje na floresta?

Truan sentiu que ela procurava por mais, algo que espiava dentro da escuridco que envolvia as lembranyas da outra vida.

- Sim, na floresta. Amber concordou.

- Eu me sentirei sempre em seguranya quando vocЖ estiver por perto, senhor Lobo. - Entco, ela se foi, esgueirando-se para dentro do salco e se juntando aos outros.

Truan viu sombras que avanyavam de cada lado, conforme

os cavaleiros de Arthur o rodeavam. Sorriu, despreocupado.

- Seria uma vergonha para lady Guinevere encontrar o sangue de seus cavaleiros escorrido pelos degraus de Camelot - disse, calmamente.

- Estp muito certo de si mesmo, guerreiro - sir Bors retrucou.

- Estou certo do resultado.

Truan sentiu que hesitavam, entco entrou porta adentro da lenda que era Camelot.

Саръtulo X

- Envie minha gratidco ao rei por sua hospitalidade - disse Truan, ao inspecionar a cela que seria seu alojamento para a noite e tambжm sua prisco. Sir Bors concordou.

- Foi desejo do rei que lhe fosse oferecido todo o conforto, para que vocЖ nco precisasse de nada.

Truan encontrou o olhar firme do cavaleiro.

- O rei ж muito generoso - murmurou, um sorriso a lhe curvar a boca.

- E de manhã - sir Bors acrescentou, fazendo um gesto para que o jovem escudeiro sabsse -, haverp uma audiKncia com o rei. Ele estp muito curioso para saber como um guerreiro sozinho apareceu a pж na floresta, sem nada, a nco ser as roupas do corpo e uma arma incomum feita de... - parou, procurando pela palavra.

- Ayo - Truan deu a correta terminologia.

A liga metplica, forjada em fogo e feita Я mco nos impжrios do Oriente Mждio, em outro tempo no futuro distante, fora objeto de muita curiosidade e especulayco entre os homens de sir Bors.

Naquela жpoca e lugar, as armas de liga de ferro e outras substPncias conhecidas eram as melhores que poderiam ser encontradas. O ayo, um composto de metais muito mais forte que o ferro, capaz de conservar um fio cortante e resistir aos golpes de outras armas no campo de batalha, s3 seria usado ap3s vprias centenas de anos.

Se a humanidade sobrevivesse.

Truan sentira sir Bors a observp-lo durante a festa em celebrayco da chegada da nova rainha. O cplice de vinho sobre a mesa, diante dele, nco fora esvaziado. Enquanto os outros cavaleiros erguiam, cada um Я sua vez, o brinde pelo noivado do rei, apenas o olhar perspicaz e escrutinador de sir Bors nco mostrava a franca admirayco

pela beleza da rainha, mas ficara focado com firmeza em Truan.

Truan erguera seu próprio cplice em saudayco ao cavaleiro, seu olhar igualmente a medi-lo. Em sir Bors ele sentia, nco um inimigo, mas um guardico atento cujo primeiro dever era inar-redavelmente para o rei.

O sombrio inimigo que Truan seguira atravxs do portal nco seria encontrado no corpo do leal cavaleiro, mas em outro que permanecia Я parte. Ele ouvira cada palavra, vira cada olhar de relance, sentira cada pensamento. Em algum lugar, na festa, sentira a presenya perigosa e sombria de um corayco mau.

Quem ou o que Truan encontraria, quando finalmente se confrontasse com aquele que ganhara a confianya da gente de Camelot, no futuro, e depois raptara Amber para aquele tempo e lugar? E com que prop3sito?

A maciya porta da cela fechou-se atrps de sir Bors e do escudeiro. Truan sorriu ao ouvir o ranger de metal contra metal, quando o pesado ferrolho foi corrido.

Sabia que fora trazido aos quartos de h3spedes para terem certeza de que ele nco sairia dali.

Porxm Truan viera ali para encontrar respostas, e nco estava disposto a permitir que sir Bors e seus homens ou simples paredes de pedra o impedissem.

- Quarto de hóspedes - sorriu com tristeza e resmungou com desprezo. - Calabouços.

No futuro, tais lugares se tornariam a personificação do terror e poder do homem sobre o homem. Um lugar para onde pessoas eram levadas e torturadas, e do qual jamais regressavam.

Sobre a mesa estavam os rudimentos para a sobrevivência: uma jarra de água, uma candeia de óleo que os ratos sem dúvida iriam disputar com ele, antes do amanhecer, e a extravagância de uma pequena lamparina de óleo, certamente para que Truan pudesse apreciar o luxo de suas acomodações.

Aqueles tolos julgavam que quatro paredes poderiam aprisioná-lo. Avaliou suas opções para sair dali. A mais imediata e mais simples o fez olhar para o canto. Tinha companhia. Curiosa, com olhos de conta a fitá-lo, o nariz a se torcer como se captasse o cheiro do óleo e de carne fresca.

- Ratos! - Truan exclamou, com desgosto, rejeitando a opção, embora fosse óbvio que, se um rato poderia entrar na cela, ele poderia fugir do mesmo jeito, facilmente.

Nunca gostara de ratos depois de um confronto particularmente desagradável com um, quando criança. Ao experimentar seu recém-descoberto poder de

transformayco, Truan fizera como a maioria das crianyas precoces e curiosas, e ignorara os avisos da velha abadessa de que usasse seus poderes com prudЖncia.

Liyues tЖm sempre uma dualidade: a coisa зbvia que se aprendia e a verdade maior que jaz sob o зbvio. Elora exigira que ele sempre compreendesse as duas.

- Diga-me, meu pequeno estudante, o que aprendeu com este belo dia?

Truan se resignara ao fato de, aos oito anos, em termos mortais, nco ter ainda alcanado o nvel de desenvolvimento ou descoberto o pleno potencial de seus poderes - Aprendi que nco se devem tomar decisљes precipitadas. Preciso julgar as coisas com mais cuidado, pois muitas vezes elas tЖm conseqЖncias que nco podem ser previstas.

Ela o puxara sobre os joelhos e lhe aplicara uma surra. Truan ficara completamente aturdido. Era uma lamentpvel e insensata reayco humana, absolutamente insana.

E no entanto aquilo tivera o efeito desejado de educp-lo.

Ele crescera naquele dia.

- Sem querer ofender - disse ao companheiro roedor que se sentara no canto da cela, a encarp-lo com curiosidade - , mas hp escolhas mais spbias, muito mais altas na cadeia

alimentar. - Voltou-se para suas próximas opções.

Havia pelo menos dezenas de metros de alvenaria de pedra, rocha e aterro no alto, entre sua presente localização e o salco principal de Camelot, através daquela longa descida pela escuridão, guiada pelas tochas. Não um obstáculo intransponível, mas um meio de fuga muito demorado.

As paredes laterais eram paredes comuns das celas do outro lado, onde ele se arriscaria a ser visto por seus companheiros de prisão. De novo, nada intransponível, porém assim que estivesse em outro modo, teria de escapar dali também. Novamente, era perda de tempo. Voltou a atencionalmente outra vez para a porta e a passagem além, que possibilitavam os meios mais acessíveis de fuga.

Podia concentrar energia e fazer correr o ferrolho da fechadura.

Mas o som de ferro a ranger contra ferro alertaria os guardas, que estavam postados na passagem. O que significava que deveria encontrar um meio alternativo de fuga.

Apoiou ambas as mãos abertas contra a parede do lado da porta. Aplicou uma ligeira pressão ao se inclinar para a frente, voltando os pensamentos para dentro de si.

Procurava a luz, aquele lugar interior onde o poder habitava dentro dele, uma chama de vela que nunca descansava, mas queimava continuamente. Concentrou-se nela, expandindo os pensamentos, até que a chama aumentou, alcançando-o, envolvendo-o com os poderes da Luz. Movia-se junto com seu sangue, queimava ao longo de cada terminação nervosa e pulsava na ponta de seus dedos.

Visualizou a parede como se fosse apenas feita de rocha, que desaparecia sob sua mão, rodeava-o, até que ele passava pela bruma e sombra do outro lado.

A primeira tentativa, anos antes, de passar através de uma massa sólida fora uma experiência desconcertante. Ao tentar impressionar uma jovem encantada, com quem descobrira intensas emoções humanas, Truman se projetara através de uma parede e avaliara mal o que havia do outro lado.

Não estava preparado para a massa muito mais densa de rocha, por causa da parede, e se viu solidamente entalado. Foi forçado a raciocinar para se safar. Concentrara seus poderes e afastara os arrebatamentos hormonais e, por fim, conseguira se libertar.

Ao saber disso depois, Elora ficara horrorizada pelo perigo que ele correria, tudo por causa de sensações e emoções humanas normais, que, na idade de catorze

anos, em termos humanos, o deixavam entre a meninice e a fase adulta.

Então, numa certa manhã, ela insistiu que os dois fizessem uma caminhada juntos.

Chegaram a uma pequena habitação na comunidade. A casa pertencia a uma jovem encantada, vários anos mais velha que Truan. Chamava-se Mara.

Mara era especialista nas artes de cura. Conversara com ela várias vezes, procurando remédios para os diversos ferimentos que sofrera no processo normal de crescimento.

Mara era esbelta e bonita, com olhos gentis, um sorriso doce e um toque igualmente gentil, quando aplicava pomadas curativas nos vários cortes e arranhões.

Elora o fitava, emocionada.

- Você não é mortal - ela dissera. - Porém sangue humano flui ao longo de suas veias também, junto com necessidades humanas. Você não é mais uma criança. No entanto não é ainda o homem que deve se tornar para cumprir seu destino. Vá, meu filho. É hora de se tornar esse homem.

Truan se voltara para a cabana. Compreendera que o homem precisava se tornar. Ao se virar e olhar para trás, percebera que Elora se fora, e ele sentira que, com ela,

também se fora sua infância. A porta estava aberta, e Truan dera o passo para a fase adulta ao tomar a mão que Mara lhe estendera.

Ela fora gentil e terna, contando a ele, em palavras igualmente gentis, como um homem e uma mulher se juntavam numa única física de seus corpos. Depois, mostrara-lhe.

O corpo de Mara era tão esbelto quanto seus seios eram formosos e lascivos ao se aproximar de Truan completamente nua.

Ela o levava para a cabana e para dentro de seu corpo e lhe mostrava paixão e desejo mortais que ele nunca imaginara que existisse. Quando Truan se esgotava depressa demais, com a ansiedade, Mara o limpava e depois lhe mostrava, com a boca e as mãos, como a carne mortal se recuperava depressa. Também o deixava explorar seu corpo com entusiasmo e admiração juvenis

- Você se deitará com outras - dissera. - Elas lhe darão um prazer muito grande, até o dia em que você perder seu coração.

- Nunca. Você tem meu coração - ele dissera, ao sugar o bico tenso do seio para dentro da boca e senti-lo enrijecer enquanto sua carne, entre as mãos experientes de Mara, mais uma vez se avolumava.

- Nco - ela murmurara, quase com tristeza, entre os suspiros trêmulos. - Serp outra.

Entco Truan a fitara sobre o bico inchado do seio, molhado de suas carъcias.

- Nco posso imaginar sentir mais do que eu sinto agora.

- Acontecerp como deve ser para todas as criaturas de sangue mortal. E vocЖ saberp, pois naquele momento daria de bom grado a sua vida pela mulher que se apossar do seu corayco.

- Impossъvel - ele jurara, ao rolp-la para debaixo de si e amp-la, perdendo-se no calor Щmido daquele corpo que se fechava em torno do seu.

- VocЖ possui grandes poderes que apenas comeyou a perceber. Seu destino o levarp para longe deste lugar e de mim. Irp exigir muito de vocЖ. Nco deve se voltar contra isso. Em algum lugar dentro desse destino, outra o espera.

Mara pousara os dedos gentilmente sobre seus lbios quando Truan quisera discutir.

- Sou sua primeira. Era meu destino. Nco ж meu destino carregar seus filhos. Isso estp em seu futuro com outra.

Ele aceitara o fato e ficara com ela atк partir em sua jornada para os impжrios do Oriente Mъdio, onde seu

conhecimento do homem mortal crescera e se expandira.

Como Mara previra, deitara-se com outras mulheres e com elas encontrara muito prazer.

Aquilo tudo fora muito tempo antes. Em termos humanos, Truan era um homem de vinte e oito anos. Duvidava que visse Mara outra vez. Sentia gratidco por tudo que ela lhe ensinara.

Silenciosamente, como a bruma que ele visualizara, desceu pela passagem. O primeiro guarda nada sentiu quando Truan se aproximou, sem ser notado, por trps dele.

Uma ligeira pressco na base do pescoyo e o guarda desmaiou. Truan recostou-o contra a parede. Quando o homem acordasse, continuaria a guardar uma cela vazia.

O segundo guarda voltou-se.

- Ei! - chamou. - ꞑ vocЖ? - Seguiu lentamente pelo corredor. Diante da visco de Truan, seus olhos se arregalaram. Entco, avistou o companheiro recostado contra a parede, os olhos abertos, mas sem visco. - O que ж isso? - berrou, erguendo a arma.

- Isso nco vai doer nem um pouco.

Com rapidez de um relPmpago, Truan cortou qualquer grito de alerta com a pressco leve de seus dedos na

garganta do guarda. Este também mergulhou em silêncio, os olhos a fitarem sem ver.

Ambas as sentinelas permaneciam em seus postos. Para qualquer outro guarda que passasse pelo fim do corredor, pareceria que cumpriam com o dever, como lhes fora ordenado, e que nada estava errado.

Truan esgueirou-se pelo canto da passagem. Os degraus de pedra que conduziam aos níveis superiores da fortaleza ficavam logo adiante.

Guinevere observou o reflexo de Amber no metal espelhado sobre a mesa, à sua frente, a maneira com que se apressava na rotina normal da noite, cada tarefa realizada com eficiência e sem falhas, porém em silêncio, como se seus pensamentos estivessem em algum outro lugar.

Adivinhou para onde tinham se desgarrado: para um jovem guerreiro encontrado na floresta, que parecia ser de muito interesse para muitos, inclusive para o rei.

- Esta é a terceira vez que você dobrou este vestido - Guinevere disse, gentilmente, sorrindo quando Amber finalmente ergueu os olhos.

- Milady? - indagou Amber, incerta do que lhe fora dito.

— Você é uma querida amiga e o seu serviço está além

de qualquer recriminayco - Guinevere elogiou sua dama de companhia.

Lembrou-se de Ninian, e sentiu mais uma vez aquela pontada de saudade. Desejou que tudo pudesse ser diferente. Entco, empurrou as lembranyas para longe, ocultas com o sofrimento, naquele canto escondido de seu corayco.

- Se insistir em dobrar e redobrar cada traje - continuou -, receio que se rasguem de tanto manuseio.

Amber sorriu, as faces ruborizadas ao colocar depressa o vestido sobre os outros que tirara do baLÇ de viagem.

- Hp algo mais que deseje, senhora? - perguntou. Algo mais que desejasse? Se fosse apenas uma questco de querer, pensou Guinevere.

Deslizou as mcos pelo vestido, pensando em todas as coisas que havia desejado: amor, paixco, ternura, a liberdade de escolher seu pr3prio destino, tudo que nco teria apenas por querer. Nem mesmo se fossem os desejos de uma rainha. Especialmente os desejos de uma rainha.

Olhou para o espelho, como fizera tantas vezes durante os meses passados. O que via? Uma jovem cujo destino fora ter nascido filha de um chefe de clc de grande poder, mulher cujo maior valor no mundo estava em possibilitar a

aliança entre seu pai e o rei, e cujo futuro incerto não prometia nem amor nem paixão.

Aceitara aquele futuro porque não tinha nenhuma escolha. Porém, e quanto à garota que perguntava agora: “Há algo mais que eu possa fazer pela senhora, milady?”, mas cujos pensamentos estavam em algum outro lugar?

- Maycs, eu acho - respondeu Guinevere.

- Maycs? Guinevere sorriu.

- Não há opções na cesta?

- Sim. Quer uma, milady?

— Eu estava pensando que talvez uma mayc, ou opções delas, pudessem ser apreciadas pelo nosso hóspede.

Os olhos de Amber se arregalaram. Ela viu os guardas a rodearem quando Arthur se recolhera para a noite.

- Sir Bors mandou levá-lo aos calabouços. Guinevere suspirou.

- Sim, eu sei. Algo que terei de remediar de manhã, quando tiver oportunidade de conversar em particular com o rei. Contudo, talvez umas poucas maycs o impeçam de passar fome e lhe dêem fôlego para aquilo que receio que sir Bors pretende

para ele. - Sorriu, misteriosa. - Se os guardas lhe causarem problemas, diga a eles que a rainha a mandou.

Os olhos de Amber se arredondaram de surpresa e admirayco. Na longa viagem desde o lar de Guinevere atx Camelot, tivera consciЖncia da tristeza de sua patroa naquela que deveria ser uma ocasio feliz. Claro, ouvira murmЩrios de que uma alianya com Arthur nco fora a primeira opyco da jovem. Havia rumores de que talvez ela tivesse dado o corayco a outro.

Contudo lady Guinevere concordara estoicamente com a unico e se resignara. Porжm, naquele momento, era alguжm que Amber nco vislumbrara antes, alguжm de forya e postura ржgias que adquirira no dia em que seu noivado com Arthur fora anunciado.

- Nco se atrase - Guinevere avisou, quando Amber vestiu depressa seu manto e encheu a barra com meia dЩzia de maycs reluzentes. - Entregue as maycs e depois volte depressa. Nco fale com ninguxm pelo caminho. E leve isto. - Enfiou uma pequena bolsa na mco de Amber.

Amber sabia que continha camomila, um simples calmante que ela colocara nos baЩs de lady Guinevere.

- Se for questionada por alguжm, diga que eu a mandei buscar esse sonъfero e que vocЖ perdeu o rumo. Pode achar o caminho de volta em seguranya?

- Tenho um excelente senso de direção - Amber assegurou. - E sei de um caminho em que provavelmente não encontrarei ninguém.

Quando ela saiu do quarto, Guinevere de novo aconselhou:

- Tenha cuidado.

Capítulo XI

Cabeça baixa, sentidos em alerta, recorrendo ao poder com que nascera, Truan explorou as passagens e corredores de Camelot, procurando por aquele demônio furtivo das Trevas que o trouxera até ali.

Como um animal seguindo o cheiro de sua presa, ele se esgueirou silenciosamente por vãos de portas, onde jaziam homens adormecidos, passou por quartos fechados em que dormiam os conselheiros e generais do rei. Passou por uma alcova em que ouviu murmúrios urgentes, por trás de uma tapeçaria pesada, e sentiu a tensão sexual que pulsava no ar, que o fez recordar-se das necessidades mortais. Depois, o som de roupas sendo postas de lado às pressas, a junção afobada de dois corpos, e os posteriores suspiros.

No salco principal, tudo estava silencioso, a não ser pelo crepitar do fogo na enorme lareira. Quando os cacos se mexeram, ele penetrou-os pelos sentidos, acalmando-os num profundo sono.

A cozinheira cochilava em seu catre, a mão larga fechada sobre o seio de sua jovem criada, enrodilhada ao lado dela. Por todos os corredores abertos, passou pelos guardas que se mantinham em seus postos, alheios ao leve perpassar da nuvem que rojava pelo chão de pedras, parava brevemente a seus pés e depois continuava, esgueirando-se pelos cantos e escadas acima, para os quartos do segundo andar.

Truan a sentiu, antes de vê-la, pelo ritmo apressado do coração; sentiu-a com aquela percepção animal encontrada na selvagem; na furtiva suavidade de seu cheiro, aquela mistura de doçura tímida e calor sutil; no passo leve dos pés nas pedras.

Então, viu aquele breve relance de ouro, quando ela passou muito perto dele, junto ao balcão do segundo andar, que se abria para o pátio abaixo. A lua captou a cor de seus cabelos, o brilho pálido da pele acima do corpete do vestido, em contraste absoluto com o veludo verde-escuro, as cores da rainha, que envolvia seus ombros e o corpo esbelto. Ele sentiu também o guarda postado no patamar mais baixo, diretamente em seu caminho. E nos dois guardas que agora se juntavam ao primeiro, Truan

presentiu um perigo afoito, do qual Amber poderia não ser capaz de se livrar.

Alcanyou-a nas sombras, agarrando-a quando ela passou. O grito de susto foi abafado sob uma mão forte. Os dedos de Amber enterraram-se naquela garra sufocante, enquanto empurrava instintivamente, com a outra mão, o peito do homem que a abordara. E, ao fazer isso, ela soltou a barra do manto, e meia dúzia de moedas caíram no chão de pedra com um baque, rolando em seguida em direções diferentes.

- Ouviu alguma coisa? - gritou um dos guardas ao seu companheiro.

Truan puxou Amber contra si.

- Hein? Do que está falando? - um segundo guarda retrucou, em resposta.

Amber se debateu, os braços comprimidos entre seus corpos, enquanto era segura com firmeza contra o captor.

O primeiro guarda subiu para o patamar.

A luz de um lampião de óleo na parede, ali perto, banhava as feições apavoradas de Amber e o semblante do homem que a prendia. Acima da curva da mão de Truan, os olhos dela se arregalaram quando finalmente o reconheceu. Levando um dedo à boca, Truan pediu

silЖncio.

- Ouvi alguma coisa - disse o guarda, atravessando o balcco.

Seguiu diretamente em direyco a eles, e Truan empurrou Amber de novo para as sombras. Quando o guarda sacou a espada e chegou mais perto, ele se voltou com Amber nos brayos, abrigando-a contra a parede, escondendo a ambos como se tivessem desaparecido.

Uma mayc rolou pelo chco de pedra, empurrada por alguma forya invisъvel. A gravidade assumiu o controle, e o fruto passou pelo guarda incrъdulo, que se virou e o seguiu, rumo Яs escadas. A mayc desceu os degraus como uma bola, rolando, atк que chegou ao patamar abaixo e lentamente parou.

- Ouviu alguma coisa, nco ж? - seu companheiro comentou ao pegar a mayc e examinp-la. - Sabe, isto aqui ж muito perigoso. Conheci um homem certa vez que foi atacado por uma destas. - Deu uma mordida na mayc entre risadas. - Tem sorte, meu amigo. Ela poderia matp-lo!

Os risos ecoavam pelo corredor ao voltarem para seus postos.

Devagar, Truan tirou a mco, mas continuou a sentir nela o calor da curva suave dos lpbios femininos. Seus dedos deslizaram pelo brayo e em torno da cintura de Amber.

Puxou-a para a direyco oposta, longe do patamar e para dentro da seguranya de uma das alcovas.

- O que vocЖ estp... - ela murmurou.

Truan pousou um dedo nos lbios de Amber atx ter certeza de que nco havia mais guardas por perto.

- O que estp fazendo aqui? - ela perguntou, insistente.

- Senti vontade de dar uma caminhada. Uma fina sobancelha loura arqueou-se.

- Depois de andar pela floresta a рж? Deve sentir um excesso de energia.

Ele riu baixinho, diante daquela inesperada faceta espirituosa de Amber, que nunca lhe fora permitido conhecer. Ao transpor o portal, ela nco apenas perdera aparentemente toda a lembranya de sua vida em Camelot, mas tambжm se livrara do sofrimento e da angustia do passado.

- Como escapou? Os homens de sir Bors estco esparramados por аь, com as cabeyas arrebetadas? - Amber perguntou.

Do meio de seus corpos, comprimidos um no outro, Truan tirou uma mayc muito parecida com aquelas que ela carregava escondidas na barra do manto.

- Estp um pouco batida, mas nco machucada.

As sobrancelhas de Amber se juntaram sobre os olhos azuis esverdeados. Por um instante, Truan sentiu que ela se debatia com alguma vaga recordayco que a espiava atravxs da escuridco que havia sobre o passado. Olhou para a mayc como se fosse uma moeda de ouro que Truan tivesse de repente tirado de trps de sua orelha. Seu olhar encontrou o dele, ligeiramente confuso.

Entco, tco de repente como aparecera, a lembranya se foi antes que ela pudesse capturp-la, desaparecendo uma vez mais no negro vpcuo. Amber riu, um suave som musical preenchido de trayos mais psperos. Como veludo. Macio e sedoso ao toque quando acariciado numa direyco, levemente arrepiado quando afagado na outra.

Na vida futura, sua risada fora silenciada. Truan procurava por ela em seus olhos, uma pequena e rara recompensa pelos truques simples que praticava.

- Primeiro, vocЖ se esquivou dos guardas de sir Bors, agora dos do rei. VocЖ, senhor Lobo, nco ж confipvel. - Levou a mco Я mayc. As pontas dos dedos de ambos se royavam e, naquele contato, tco breve e ligeiro como o toque de uma pena, ele sentiu outra lembranya a sussurrar dentro dela.

Amber o encarou, a face inclinada, a boca apenas a centímetros da dele. Truan sentiu a mudança repentina das batidas de seu coração e então viu o pulsar acelerado na veia esguia em seu pescoço.

Suas mãos delicadas o seguravam pelos braços, como se para empurrá-lo, porém Amber não o empurrou. Em vez disso, ele sentiu uma pressão suave quando seus dedos se fecharam. O verde-azulado brilhante de seus olhos escureceu. E nas profundezas, Truan sentiu a recordação de algo, certa vez partilhado, um breve encontro, um beijo, algo que nunca deveria ter acontecido.

- Talvez - Amber murmurou, as pálpebras a se cerrarem ao buscar por alguma coisa perdida na memória, algo de que deveria se lembrar, porém não conseguia - eu tenho razão por temer por minha própria segurança.

Sua respiração era cálida e doce ao roçar nos lábios de Truan. Ele fechou os olhos em agonia. Suas mãos tremiam ao segurá-la.

Tinha apenas de puxá-la para mais perto e depois saboreá-la. Sentiu que ela não resistiria.

- Amber - Seu nome era ao mesmo tempo um suave suspiro e uma agonia profunda.

Por coisas que não poderiam ser.

O som de seu nome pareceu falar com ela de algum canto da memória. A voz, aquela voz, parecia ter balbuciado seu nome uma centena de vezes, um som único que Amber ansiava por ouvir.

Ela abriu lentamente os olhos. E, assim como alguém sabe que já esteve num certo lugar e experimentou certas coisas antes, Amber teve a certeza de que haviam ficado juntos daquele jeito, e se tocado assim, anteriormente.

Truan viu isso em seus olhos. Nenhuma pergunta, mas uma certeza. Sentiu no súbito calor que fluiu através dela, naquele momento em que lembrança e desejo se tornaram umos.

Ele afastou-a gentilmente, cortando o contato físico, assim como a recordação.

- Eu a levarei de volta ao seu quarto.

Truan a magoara. Sentia isso em seu silêncio confuso, enquanto Amber o seguia. Não disse nada, mas julgou estranho que ele soubesse exatamente onde era seu quarto, já que nunca estivera ali antes.

Do lado de fora dos aposentos de lady Guinevere, a mão de Amber fechou-se no braço de Truan.

- Sir Bors está determinado a provar que você é um impostor - ela o avisou.

Ele havia previsto isso e teria se surpreendido se ocorresse o contrário.

- Ele suspeita que você pode ter sido enviado por Malagaunt.

O inimigo de Arthur naquele tempo e lugar, um chefe guerreiro das regiões do Norte, onde se unira aos saxões, se aquela parte da história tivesse sido registrada com precisão. Truan sabia muito bem, contudo, que o verdadeiro perigo não vinha de Malagaunt, mas de dentro de Camelot. Arthur fora traído por alguém próximo a ele, que o levava a deixar Camelot exposto e sem defesas.

-E de que maneira ele procura provar que sou um impostor?

Sob a luz do lampião na parede, a face de Amber ficou muito pálida.

- Haverá uma peleja, uma demonstração de perícia e coragem com espadas e outras armas. Porém você estará inferiorizado em número e ser...

- Morto?

Aquela simples palavra abrigava todo o medo que havia dentro do coração de Amber. Um medo que estava além da preocupação por um mero estranho que conhecera

apenas naquele dia, mesmo que esse estranho tivesse lhe salvado a vida.

- Por que está me avisando? - perguntou Truan, imaginando se ela se recordara de mais alguma coisa, algo que pudesse colocá-la num grave perigo.

- Não sei. - Amber desviou os olhos dos dele, com uma ruga entre as sobrancelhas.

Segurando-a pelo queixo, Truan a forçou a encarp-lo. Do que ela se lembrara?

- Por que está me avisando? - indagou de novo.

- Por causa da maneira com que você olha para mim - Amber murmurou. - Do mesmo jeito com que me olhou na floresta. - Levou a mão ao alto, os dedos a se fecharem nos dele. - Como se eu o conhecesse de alguma forma...

Foi preciso toda a sua força de vontade para afastar-se dela, quando tudo que Truan queria era puxá-la contra o peito. Sentir a suavidade daquele corpo a se fundir a ele, ouvir o resmungo assustado em sua garganta e, em seguida, sentir o calor de sua respiração em seus lábios.

- Vp - disse com firmeza -, antes que seja descoberta. Novamente ele viu a confusão e a preocupação nos olhos de Amber.

- Vai se lembrar daquilo que eu disse?

Truan concordou e sorriu para esconder os verdadeiros sentimentos.

- Tentarei nco morrer - assegurou. Esperou atx que ela se esgueirasse para dentro do quarto e ouviu quando corria o trinco.

Amber recostou-se contra a porta. As velas haviam sido apagadas. A tlnica luz vinha do fogo no braseiro. Sua patroa nco se mexeu e parecia dormir sossegada.

Suspirou, numa gratidco silenciosa pela falta de luz e pelo silKncio circundante. Nco poderia confiar em sua voz, nem esconder o selvagem calor que queimava sua pele e as batidas frenxticas de seu corayco. Tal como na floresta, naquela tarde, quando, por um momento, tivera a certeza de que conhecia o homem que saъra das sombras como se fosse parte delas.

Recordara-se de alguma coisa, ao menos por um momento, naquela noite, como um tKne reflexo num espelho, um vislumbre de outro tempo e lugar.

Por fim, afastou-se da porta. Tirou a roupa sob a luz do braseiro e dobrou cuidadosamente o vestido e a tlnica. Deitou-se e cobriu-se com as peles espessas. E, conforme os pensamentos

deslizavam para os sonhos, correu os dedos pela pele macia, acariciando-a, deixando seu calor rodeá-la, como o calor de um lobo que se deitava a seu lado.

Guinevere observou-a das sombras. E continuou a olhar bem depois de ouvir a respiração uniforme e profunda da jovem que dormia na cama ao lado da sua. Seus pensamentos recusavam-se a adormecer, atormentados por aquilo que jazia em seu coração e pelo futuro que se abria diante dela. A recordar. A pensar no que poderia ter sido.

Uma lágrima escorreu por sua face.

Merlin postou-se diante da esfera de cristal. Com os olhos fechados, passou as mãos devagar pela superfície da esfera, tentando afastar o fluxo do tempo.

Tão próximos como o dia anterior, quinhentos anos do passado vieram a ele, uma existência em imagens mutantes que se moviam pela superfície do cristal e depois se mesclavam num único ponto de luz.

Viu o tempo a se prolongar, uma jornada, um viajante. Ele próprio, capturado numa ondulação do tempo, aprisionado, o poder da Luz engolfado pelos poderes das Trevas, a passagem dos anos pouco mais que um pulsar do coração, um eco de vozes do passado, presente, futuro, esquecidas e depois rememoradas. E, então, uma lágrima

imagem dentro do cristal. Ele próprio, mas não o mesmo. Um jovem, o futuro da Luz, rodeado pelas Trevas, o passado do pai repetido pelo filho.

- Não! - gritou, a mão a se fechar em punho. - Você não o terá também. Não o terá!

Seu corpo ficou tenso com a ira e o poder da Luz que queimava dentro dele. Era jovem ainda, cheio de lembranças, pesares, ambições e sonhos. Os sonhos, esfacelados, um reino perdido. E tudo estava acontecendo de novo. O passado estendia as garras para destruir o futuro.

Sem erguer os olhos, sentiu a presença de Vivian. Era tão parecida com a mãe, cheia de vida e da essência do fogo que era seu poder, um poder de cura que salvara a vida de outro rei, em outro tempo e lugar.

Sua primeira filha, um espírito afim, muito semelhante a ele e, no entanto, diferente, naquele modo único de fundir o sangue mortal e os poderes imortais, e o temperamento.

Apaixonada por aqueles de quem gostava, teimosa, voluntariosa, traços puramente humanos que eram, também era a filha com quem ele tivera mais contato ao longo dos anos de sua vida mortal.

Até o perigo tornar-se muito grande. Aquele perigo que se estendia através dos séculos, que os tocava a todos,

agora. Sua filha viera tentar curar a profunda ferida entre ele e Ninian.

Filha, disse Merlin, com ternura, por meio da conexco de seus pensamentos.

O senhor vai voltar atrps, Vivian retrucou com certeza, pois nco era preciso perguntar. Serp muito perigoso. O caminho nco estp claramente marcado.

Na fria lgica dos pensamentos de Vivian, Merlin ainda ouviu o sussurro do medo, a necessidade de persuadi-lo contra o que pretendia, o que ele sabia que ela nco faria.

A passagem dele irp servir de guia, Merlin argumentou.

E ela percebeu que o pai falava de Truan.

E quando estiver lp? O que irp acontecer?

Ele ж parte disso agora. Por um momento, os pensamentos de Merlin se desviaram dos dela, voltando a alguma recordayco distante. Como estive desde o inьcio. Entco voltou os olhos

para Vivian. Ele precisa ser avisado. Nco deixarei os poderes das Trevas dominp-lo.

Irei com o senhor!, ela gritou com paixco. Certamente, com ambos os nossos poderes...

Nco, filha!, Merlin exclamou com uma veemЖncia que Vivian nunca ouvira antes. Eu nco permitirei!

Ele viu a teimosia e o ar desafiador nos olhos dela, como se visse os pr3prios olhos a encarp-lo de volta.

Pensou no bebЖ de Cassandra, em Kaden, e na crianya que Brianna agora carregava em seu ventre. Eram a pr3xima e brilhante esperanya para o futuro. Um legado dos poderes da Luz para os quais poderia nco haver futuro se ele fracassasse agora. Procurou convencer Vivian com a razco.

Nco deve arriscar a crianya que carrega. VocЖ serp necesspria aqui, vocЖ e suas irmcs. Tenho grande fx em sua forya e poder. E se eu falhar..., hesitou diante do pensamento, horr7vel demais de imaginar, pois mesmo seus poderes combinados poderiam nco ser suficientes para deter as Trevas, se ele fracassasse.

Se eu falhar, continuou Merlin, vocЖ deve usar seus poderes para proteger as crianyas, pois elas serco a 7nica esperanya para o futuro.

Vivian aceitou com relutPncia as ponderayщes.

Mamce foi embora, falou baixinho. Nco vai dizer ou fazer alguma coisa para retЖ-la?

Ela veio a mim por sua livre vontade. Parte por livre vontade.

Mamce vai embora porque acredita que o senhor jamais poderp perdoar o que ela fez.

- Eu deveria saber!

Assim como mamce deveria saber que o senhor amou outra antes dela?

Nco se envolva, filha, disse Merlin, gentilmente. Isso ж entre mim e sua mce.

Merlin soubera que Ninian nco ficaria, nco poderia ficar com aquilo que estava entre os dois. O sofrimento seria grande demais: a dor da verdade que ela carregara durante todos aqueles anos; a verdade que escondera dele; e a certeza de que ele jamais poderia perdop-la.

O que haviam certa vez partilhado fora tirado deles com a verdade, talvez com a mco das Trevas a se estender pelo tempo, para infligir alguma vinganya final contra ele. E agora, buscava alcanyar seu filho e ameayava a todos.

Mas, e se...

E se ele nco voltasse? A pergunta surgiu meio formulada nos pensamentos de Vivian.

Merlin sentiu o tormento da filha. Era tco parecida com Ninian... Possuam aqueles mesmos cabelos ruivos e a face em formato de corayco. Quando a fitava, enxergava Ninian, como da primeira vez que a vira e se apaixonara por ela. Merlin acariciou-lhe a face. Mas nco podia dizer as palavras que ela precisava ouvir: que ele perdoava Ninian.

Sua mco pendeu de lado, e ele se afastou.

Preciso ir. Jp. Atrasei-me demais. O tempo escasseia.

Vivian envolveu os brayos no pescoyo do pai e abraçou-o, cedendo 9s emoções puramente humanas que fluam dentro dela. O que quer que houvesse entre Merlin e Ninian, ele era ainda seu pai, um layo que nco poderia ser rompido pelo 3dio, pelo sofrimento, pelas verdades do passado ou mesmo pelo futuro incerto. Esta poderia ser a última vez que ela o veria.

Papai!

Ele apertou-a com forya, aninhando-lhe a cabeya contra o ombro, como fazia quando ela era crianya. Beijou-a na face.

Conte a suas irmcs...

Vivian concordou com um gesto de cabeya. Depois, tal como Ninian, que era corajosa e em muitas maneiras mais forte do que Merlin, ela se afastou.

Estaremos esperando pelo senhor.

Nco havia mais tempo.

Merlin voltou seus pensamentos para o ьntimo, procurando o poder, apossando-se dele ao cruzar o portal que ligava seu mundo ao mundo mortal. Enviou um adeus Я filha num longo e amoroso olhar para trps, e depois deu inьcio Я jornada de volta a Camelot.

Quando Merlin passou pelo portal, entrou na cPmara estrelada. Nco como havia sido, mas como era agora. Marcada, ostentava os sinais de uma antiga contenda em que cavaleiros corajosos tinham morrido naquela batalha final, a Щltima posiyco de resistЖncia para salvar um sonho.

Meses antes, ele viera atк ali, livre do mundo entre os mundos que partilhava com Ninian. Ao pensar nela, seu corayco doeu.

Ninian, a paixco de sua vida. Todos aqueles anos, ela guardara aquele segredo, sem nunca traь-lo nem nunca partilhp-lo com ele, que deveria saber.

Aproximou-se lentamente do selo de pedra. O selo de Arthur, naquele outro tempo e lugar. O rei guerreiro e seu conselheiro. Amigos. Тco ьntimos como irmcos. Separados pelos segredos que jaziam entre eles. Em um

reino perdido.

Arthur estava morto. Uma lembrança que vivera com Merlin no exílio, como tantas outras recordações.

Sua presença mudaria as coisas, alteraria a ordem do precioso equilíbrio dentro do qual agora viviam. Porque esse equilíbrio já fora posto em perigo quando seu filho viajara para dentro do passado.

Seu filho. Atraído para uma armadilha, para que destruísse o futuro. Assim como ele provocara a destruição do reino todos aqueles séculos antes.

Os pecados do pai.

Pousou as mãos no antigo selo de pedra e voltou seus pensamentos para o intimo, procurando o poder da Luz, iniciando a jornada para o passado...

Capítulo XII

- Ei, você! De quê! O rei quer vê-lo - o guarda gritou. O ferro rangeu contra o ferro no instante em que o ferrolho da porta da cela foi puxado.

O guarda o encarou com surpresa, quando ele se afastou da parede com um jeito tranquilo. Não era comum

encontrar prisioneiros assim, depois de passarem a noite nos calabouços, sem nada, além de pão e água para sustentá-los e a possibilidade de executá-los a aguardá-los.

- Bom dia - Truan cumprimentou o carcereiro. Comeu a última maçã e jogou o miolo no canto, onde sabia que o rato se encontrava.

Depois que deixara Amber, sua busca o levava para outra parte do castelo. Dali, ele procurava o depósito de armas, as barracas que abrigavam os soldados residentes em Camelot e os aposentos do rei.

Não encontrava vestígio de Gareth ao se esgueirar como uma raposa silenciosa sobre as pedras e degraus, sob portas e através das aberturas das janelas. Então, bem perto da alvorada, entrou nos estúbulos do rei.

Encontrava muitas baias vazias e chegara a uma conclusão óbvia. Muitos dos cavaleiros de Arthur estavam ausentes da celebração de boas-vindas da noite anterior.

Deviam ter sido chamados para longe e ainda não tinham retornado a Camelot. Porém, sem dúvida, eram esperados em breve. O casamento do rei com lady Guinevere seria celebrado dentro de cinco dias.

Depois de fazer uma visita às cozinhas, Truan se esgueirava de volta para sua cela no calabouço, para esperar o carcereiro.

A manhã estava na metade, agora. Poderia ser condenado à força, decapitado ou abatido e esquartejado. O anúncio do guarda de que ele veria o rei fez com que esperasse outro destino. Arthur estava curioso a respeito de Truan. Curioso o bastante pelo menos para retardar sua morte, em prol de algo mais interessante, como Amber avisara.

E ele estava curioso acerca de Arthur.

Arthur, o menino guerreiro, conquistador, político, rei. Um homem brilhante o suficiente para edificar um reino que deveria ter durado um milhar de anos, numa dinastia de reis que o sucederiam. Mas não durara.

De acordo com a lenda e os relatos efêmeros da história, tudo fora perdido em virtude de traição. Alguns diziam que havia sido a traição da rainha com um dos cavaleiros de Arthur.

Outros, que ele morreria, traído por seu próprio filho, um filho concebido com sua irmã, quando ainda era um rapaz. Tais casos, Truan sabia, eram frequentes quando uma linhagem de sangue para um trono precisava ser assegurada. Fosse qual fosse a causa que colocara as rodas da destruição em movimento, Camelot caíra sob o poder das Trevas, Arthur morreria sem um herdeiro legítimo para o reino, e tudo se perdera. Sob o poder da

mesma escuridão do mal que tomara Amber e a levava até ali.

- Limpe este lugar enquanto eu me for - Truan disse, sobre o ombro, para o rato que espiava do canto.

Não houve resposta, nem ele esperava alguma. Sua satisfação vinha da expressão espantada no rosto do guarda ao olhar ao redor da pequena cela para ver com quem Truan falara.

Fora depois do anoitecer que haviam chegado a Camelot, no dia anterior. As tochas ao longo das paredes e nos salões principais davam ideia da grandiosidade da fortaleza.

Agora, a luz do sol, Truan via com plenitude aquilo que servira de inspiração à lenda e ao mito, uma indicação deixada para trás nas ruínas que ele e os homens de lordes Stephen tinham encontrado e onde haviam buscado refúgio.

Era muito maior que as ruínas descobertas, com grandes alas que partiam do salão principal, ligadas por balcões em colunatas.

Essas alas abrigavam as acomodações para outros membros da família real, seus conselheiros, aposentos para visitantes de importância, sem dúvida inclusive o pai de Guinevere, depois da conclusão das negociações para

o casamento, alguns meses antes. E as acomodações do alto conselheiro do rei, aquele a quem confidenciara tudo, certa vez.

As paredes e os pisos de pedra luziam de novos, o plido arenito a captar a luz que se filtrava pelos balões abertos, portas e janelas, a forte influência romana na iluminação que invadia os quartos e o grande salco, e em absoluto contraste com os aposentos fechados e escuros das torres e castelos frios e proibidos, quinhentos anos adiante, no futuro.

As cores azul e dourada do rei estavam agora intercaladas com os tons brilhantes de verde de lady Guinevere, nas tapearias que pendiam das paredes e decoravam o chão e nos

pendões que esvoaçavam das torres mais altas. A presença e influência dela já se sentiam, mesmo na câmara estrelada.

Foi para lá que os guardas o escoltaram. Foi lá, logo do lado de fora da câmara, que receberam instrução para aguardar até que o rei estivesse pronto para recebê-lo.

Truão sentiu aqueles que estavam dentro da câmara estrelada, além das portas maciças: Arthur e onze de seus cavaleiros, inclusive sir Bors, seus conselheiros e dois de seus generais. Lady Guinevere ocupava uma posição de

honra, como convinha a seu status. Amber também se encontrava lá. Com aquele indesejável, fervente vibrar do sangue, Truan a sentiu, conectando-se a ela de uma maneira que os ligara desde o instante em que a vira pela primeira vez, em outro tempo. Percebeu sua inquietude e incerteza, a mesma inquietude com que Amber o fitava nas sombras, quando tinham se escondido dos guardas de Arthur, na noite anterior, naquele momento em que ele poderia tê-la beijado, e ela não resistiria.

Contudo, em algum lugar, dentro da câmara estrelada, Truan sentiu aquele que precisava encontrar; aquele a quem estava ligado pelo sangue que fluía em suas veias, o homem brilhante e sábio que fizera o rei da Bretanha, com os poderes da Luz, e cujo destino fora selado pelos acontecimentos, naquele tempo e lugar, condenado ao exílio quando Camelot fora perdido. Seu pai. Merlin.

As portas maciças se abriram, e ele foi escoltado para dentro por sir Bors. Nos olhos daquele grande cavaleiro, Truan não viu nada que pudesse revelar o que o aguardava.

Em seus pensamentos, sentiu não a morte, mas o desafio, como Amber dissera.

Arthur não estava disposto a aceitá-lo como um guerreiro apenas por palavras. Ele teria de provar ser um. Truan

maldisse a imprudência de não ter pensado em trazer um cavalo.

Arthur voltou-se para conversar com Guinevere. Era evidente que ele a respeitava e valorizava sua opinião.

Fosse o que fosse que tivesse sido escrito sobre aquele rei e rainha legendários, Truan sentiu que a deles era uma verdadeira parceria de ambição e poder, uma única baseada em inteligência e dever. Contudo, a partir do respeito, Truan sabia que o amor floresceria. Um amor que teria de ser forte o bastante para resistir às acusações de infidelidade e traição que os aguardavam no futuro.

No encontro deles na floresta, Truan percebera a expressiva pensativa de Guinevere e a repentina intensidade de emoções que a percorreria quando o fitara: aquela súbita certeza de tê-lo conhecido antes. Mas somente ele sentira. Ela não deixara transparecer nada. Tornara-se perita em ocultar os sentimentos. Amber sentava-se ao lado dela, numa posição de quem tem permissão para acompanhar sua ama, pelo menos até Guinevere se tornar rainha de Camelot. Foi a mãe de Amber, não a do rei, que lady Guinevere procurou, traíndo a apreensão sobre o destino que aguardava Truan. Uma apreensão que parecia injustificada, pois ele a conhecera no dia anterior.

- Junte-se a nós, guerreiro - Arthur o convidou, obviamente tendo concluído os assuntos mais importantes. - Espero que tenha dormido bem.

O olhar de Truan encontrou o de Amber brevemente e, naquelas profundezas verde-azuladas, ele viu um lampejo de alegria.

- Muito bem - disse Truan, reprimindo o desejo de sorrir de volta para ela. Não melhoraria sua condição se pegado sorrindo como um sujeito presunçoso diante do rei.

- E comeu?

Ele ouviu um suave som abafado e relanceou os olhos para Amber mais uma vez. O rubor tingia-lhe as faces, e seus olhos faiscavam com o esforço de manter a compostura.

- Realmente muito bem, milorde. O senhor deve ser cumprimentado pelas maçãs dos pomares de Camelot. Uma safra rara, excelente.

Desta vez, foi sir Bors que se engasgou e depois tentou disfarçar com uma tosse repentina por trás da mão enluvada. Por sobre a luva, olhou para seus homens com um jeito furioso que prometia punição.

- Bem, senhor guerreiro - continuou Arthur, recostando-se

na cadeira com a confiança daquele que está seguro de seu poder -, talvez possa nos contar o que deve ser feito com você.

Aquilo pegou Truan de surpresa. Sentira a inteligência e a sagacidade de Arthur, mas não conhecia a forma que poderia tomar. Devia ser admirada. A lenda crescia.

Truan aguçou sua percepção.

- A maioria haveria de querer me ver lançado num calabouço - disse, lançando um olhar para sir Bors -, ou talvez enforcado nos portões, eviscerado e esquartejado - continuou, acrescentando à lista outras torturas bem conhecidas, normalmente aplicadas naquela época.

- Mas o que sugere é diferente? - indagou Arthur, descansando o queixo sobre a mão, com um olhar divertido nos olhos azuis.

Até o rei, a apreensão de Guinevere pareceu aumentar,

Embora ela também o observasse com crescente interesse. Amber havia se tornado decididamente pálida, seus lábios macios entreabertos, num aviso silencioso diante do que considerava uma tolice da parte de Truan. Seus pensamentos conectaram-se aos dele.

O que está fazendo?! Arthur não é tolo! Trate-o como um e se verá pendurado nos portões!

E vocЖ lamentaria minha morte, doce Amber?, seus pensamentos penetraram como um calor sedoso na mente de Amber.

Truan viu-lhe a expressco espantada com a terna invasco, e a resposta brotou antes que ela pudesse retЖ-la.

Eu nco suportaria!

A forya da declarayco, como se vinda da pr3pria alma, o aturdiu. Ele tinha consciЖncia da fascinayco de Amber, naquele outro tempo e lugar que haviam compartilhado.

Mantivera longe dela seus pr3prios sentimentos, julgando-a uma garota que o procurava com os sentimentos de uma crianya, nascidos da mpygoa que guardava.

PorЖm as emoyщes que Truan sentiu dentro de Amber nco eram os sentimentos de uma crianya nem sentimentos de algum que fora profundamente magoado e procurava conforto.

Eram sentimentos violentos, apaixonados, de uma mulher, evidenciados no repentino queimar do sangue, na acelerayco do pulso e no doce anseio de necessidade fьsica que brotava de seu Pmago.

Truan foryou seus pensamentos a voltarem para Arthur. - Sugiro - disse ao rei - que faya o melhor uso daquilo que

tem diante do senhor.

Arthur sentou-se ereto na cadeira, o interesse aumentado. Aquele jovem guerreiro ousado e atrevido lembrava-o algum.

A recordação veio somada à afecção pela camaradagem encontrada apenas na virilidade, na partilha de uma busca, e a saudade pela perda disso.

- E o que seria? - perguntou o rei, com crescente curiosidade.

- Sou um guerreiro - explicou Truan. Dirigiu um olhar para sir Bors, que o avaliava, esperando que ele passasse o tempo no próprio pescoço. - Um guerreiro - Truan Por que desperdiçar tais habilidades úteis com o carrasco, quando podem ser de bom uso?

- Realmente, por quê?

A pergunta atraiu a atenção de todos para as grandes portas, que haviam se aberto. Um jovem entrou lentamente, seguido por seus homens.

Como os demais cavaleiros de Arthur, ele estava vestido com a túnica e a calça de um azul-vivo, com uma couraça de prata por cima. Era alto e caminhava com a confiança de quem provara seu valor em batalha ao lado do rei. Não o jovem cavaleiro em treino que certa vez se chamara

Gareth de Montrose.

- Bem-vindo ao lar, sobrinho.

Na saudação de Arthur, Truan descobriu um fato importante que não conhecia. Gareth era sobrinho do rei! Encontrou o olhar de Gareth no mesmo nível, quando o cavaleiro circundou devagar a mesa redonda, recebendo os cumprimentos dos companheiros. Era alguém do círculo íntimo de confiança de Arthur, carne e sangue do rei, e um traidor que viajara para o futuro.

Não era o confronto que Truan escolheria. A vantagem estava claramente contra ele. Ali, Gareth era visto com confiança, como um leal guerreiro. O jogo mortal que começaria quinhentos anos à frente, no futuro, tinha agora rumado para um outro nível. Pelo menos, seu adversário se mostrava às claras.

- Milady - Gareth saudou Guinevere, prostrando-se sobre um joelho diante dela.

No cumprimento educado, Truan sentiu uma ameaça velada. Será que Guinevere sentira também? Ou havia alguma coisa a mais entre os dois? Ambição talvez, nos mais simples termos mortais? O futuro casamento de Arthur com Guinevere e os herdeiros nascidos desse casamento impediriam qualquer reivindicação que Gareth ou Gaheris pudesse fazer com respeito à coroa.

Até onde a história fora escrita, Guinevere não dera nenhum filho a Arthur, embora fosse largamente comentado que dera à luz uma criança concebida de um envolvimento adúltero, antes da morte de Arthur no campo de batalha em Camlann. Pela cronologia, um acontecimento que não teria lugar por outro ano ainda.

Guinevere manteve a compostura, porém suas mãos esguias estavam com os nós dos dedos brancos onde se agarrara aos brayos da cadeira, enquanto Gareth voltava seu olhar para Amber, numa saudade silenciosa.

Seus olhos, cravados nos dela, luziam com uma luxúria possessiva, quando inclinou a cabeça, como se visse alguma coisa de relance nos pensamentos da jovem que o fizesse olhar para Truan.

- Ouvi falar desse guerreiro nas ruas, milorde - Gareth disse ao rei. - Todos em Camelot comentam, contando histórias do ousado resgate de lady Guinevere. A meu ver, ele

difícilmente tem a aparência de um guerreiro, parece mais um... sujeito vulgar.

- Ele sugeriu oferecer seus serviços - Arthur comentou, divertido com a participação do sobrinho na conversa.

Gareth descansou um pouco casualmente sobre a plataforma onde Arthur e lady Guinevere se sentavam, separados dos

cavaleiros Я volta da Tpvola Redonda. Apoiou o peso no brayo do encosto da cadeira de Amber.

- Ah, para guardador da pocilga, sem dЩvida. Ele tem o ar de chiqueiro.

Como um gato a brincar com um rato, Gareth tomou a mco de Amber na sua, brincando com os dedos esguios. Quando ela tentou puxar a mco, os dedos dele se apertaram.

Truan sentiu a perturbayco interna e a dor de Amber, conforme Gareth aumentava a pressco, com forya capaz de partir ossos finos, tentando deliberadamente obrigr-la Я submissco.

Amber ficou muito pplida. Seus olhos se encheram de lpgrimas. Porжm recusou-se teimosamente a ceder Яquele jogo infantil de brutalidade, atж que Truan receou que Gareth pudesse quebrar cada osso de sua mco. Mesmo entco, ela nco gritou, nco pediu por ajuda, fosse com o olhar ou em pensamento. Em vez disso, fechou os olhos e tentou bloquear a dor. Talvez fosse assim que sobreviveria a outro epis3dio muito mais brutal, no futuro.

- Se continuar, sobrinho - Arthur interveio -, irp machucar a pobre garota, e ela serp de pouca utilidade como ama ou como sua esposa.

O aperto de Gareth afrouxou-se, mas ele nco soltou a mco

de Amber. Afagou-a, uma delicadeza destinada a suavizar o tratamento abusivo. Ela suportou aquilo num silêncio magoado. Mas o que significava o último comentário de Arthur? Truan olhou para Amber com olhos que faiscavam.

Ela iria se casar com Gareth?

- Ela não disse que me aceitara - Gareth confessou. Olhou para Amber de um jeito possessivo. - Mas eu pretendo persuadi-la.

- Há assuntos de maior importância do que isso - Amber disse, baixinho, porém todos, inclusive Truan, ouviram. - O casamento do rei será daqui a poucos dias. - Colocou a mão machucada dentro da outra, no colo.

- E depois, você não terá mais desculpas, bela Amber. - Gareth pegou-lhe a mão novamente, insistindo quando ela resistiu.

Ele, porém, não a machucou desta vez. Levou a mão de Amber aos lábios, o olhar se desviando para Truan enquanto a beijava.

- Mas o que deve ser feito com o guardador de porcos? - perguntou, a atenção focada em Truan. - Receio que não tenha utilidade, pois os porcos estão escassos; muitos foram preparados para a festa do seu casamento, milorde. Talvez ele possa nos entreter de alguma forma.

- Nco julgo que faltem porcos - retrucou Truan, provocando um silKncio espantado com a alusco oculta que nco passara despercebida de ninguxm, a nco ser dos surdos e idiotas. - Mas proponho um entretenimento que poderp agradar muito mais a sir Gareth: uma competiycio de perbcia com armas. Que maneira melhor existe - disse, com um envolvente sorriso - para provar minha pretensco?

Arthur estudou ambos os homens com uma expressco pensativa.

Nco tinha desejo algum de ver espirrar o sangue do jovem estrangeiro. Contudo, se fosse um guerreiro hpbil, poderia fazer uso dessas qualidades. Se nco fosse, entco nco teria utilidade. Muito poucos, abxm de sir Bors e Merlin, tinham enfrentado a impetuosidade juvenil de Gareth.

- O que me diz, sobrinho? - Arthur perguntou. - VocЖ acabou de retornar das fronteiras do Norte. Devemos postergar essa competiycio atx que tenha descansado?

- Nco vejo razco para delongas! - exclamou Gareth. Sorriu com zdio. - Provarei sua falsidade, guerreiro, e o terei na ponta da minha espada, esgoelando, como um porco no espeto!

- Por que estp fazendo isso? - Guinevere indagou, quando Truan entrou no pequeno jardim particular para onde ela o convocara. Amber postava-se ali perto, as feiywes pplidas.

- O rei duvida das minhas habilidades. Uma competiçao justa é um meio de comprovar minhas aptidões.

- Mas isso não é necessário!

- É, se eu não quiser ser considerado um porqueiro - Truan retrucou, sorrindo com bom humor ao tentar acalmar-lhe os receios.

Guinevere franziu a testa.

- Gareth não deve ser tratado com leviandade. É um guerreiro experiente que superou vários dos cavaleiros de Arthur. E...

- E?

Ela estava em Camelot fazia apenas três dias. Logo seria sua rainha. Não deixava de ter alguma consciência da vida que se abria à sua frente, uma vida que seria cheia de intrigas. Olhou ao redor, como se julgasse que as paredes tivessem ouvidos, e murmurou, aflita: - Gareth é muito ambicioso. Existem vezes que a ambição supera a compaixão. Não confio nele.

Truan sorriu ao se inclinar para frente e sussurrar:

- Nem eu.

Guinevere o fitou com surpresa.

- VocЖ ж um estranho aqui, nco sabe nada sobre Gareth. Nco tem idЖia do que ele ж capaz.

- Entco, ж melhor presumir que ж capaz de qualquer coisa. Ela ergueu as mcas, num gesto exasperado.

- Desisto. VocЖ ж o homem mais teimoso, tolo e intratpvel que jp conheci...

Houve algo em sua voz, uma hesitayco, como se, ao dizer aquilo, tivesse se lembrado de algo. Sua expressco entco mudou, suavizada, quando pousou a mco no brayo de Truan.

- Prometa-me que serp cuidadoso. - Guinevere sorriu com doyura. - Eu nco gostaria de perder um guerreiro tco galante que enfrenta lobos sem espada.

Truan cobriu-lhe a mco com a dele e assegurou:

- lrp descobrir que eu nco sou facilmente derrotado, milady. Amber ia dizer alguma coisa, mas, entco, aparentemente, pensou melhor e desistiu. Contudo Truan sentiu dentro dela os pensamentos. Com impertinЖncia, talvez imprudЖncia, ele queria ouvi-los dos lpbios da jovem.

- O que ж, doce Amber? - perguntou, tomando-lhe a mco gentilmente na sua. Era a mesma que Gareth segurara

com forya, dois dias antes, naquele primeiro encontro na cPmara estrelada. Hematomas marcavam a carne pplida e sedosa. Truan sentiu a dor nos mЩsculos e ossos machucados e, no entanto, o aperto dela era forte e seguro.

- Gareth tem muito a perder - Amber somou sua advertЖncia Яs de lady Guinevere.

- Sim, ele tem - Truan respondeu, deslizando com suavidade o polegar para trps e para a frente pelas costas da mco de Amber. Seu olhar nco se desgrudou dos dela, conforme dissipava a dor naqueles mЩsculos feridos e a substituЪa pelo calor que fluЪa entre ambos.

Ouviu o arquejo de surpresa, e depois viu a mesma surpresa nos olhos dela, quando a dor desapareceu. Amber o encarou como se visse uma imagem perdida nas sombras e aprisionada em sua lembranya.

- O que ж? - ele indagou.

As sobrancelhas delicadas juntaram-se.

- Nco sei como explicar, mas ж como se...

Truan sentiu o princЪrio de uma recordayco que poderia colocp-la em perigo. Soltou-lhe a mco gentilmente e cortou a conexco de seus pensamentos. Voltou-se para lady Guinevere.

- Pensarp em mim pela manhc, milady? - perguntou, interrompendo a conexco metal e emocional com Amber. - Precisarei de toda a ajuda que possa obter.

- Farei bem mais do que isso, senhor guerreiro, pois nco existe nada de que eu gostaria mais do que ver um novo campeco em Camelot. - Tirou um pedayo da fita verde brilhante da tranya que pendia por seus ombros. - Nosso encontro casual na floresta o trouxe a Camelot. O mьnimo que posso fazer ж lhe oferecer meu apoio. Usarp

minhas cores, senhor guerreiro?

Truan aceitou a fita.

- Ficaria honrado, bela senhora.

- E terp sua espada de volta tambжm - ela lhe assegurou. - Convenci o rei. Ele aprecia belas armas e suspeita de que, a menos que vocЖ tambжm seja um ladrco, a competiycio serp mais difьcil do que Gareth imagina. Rezo por isso - emendou com melancolia.

- Se eu fracassar, vocЖ cuidarp para que meu corpo seja velado adequadamente? - Truan perguntou a Amber, com ar de bom humor. O rosto dela perdeu a cor e depois se manchou de escarlata de raiva.

- VocЖ ж um tolo! Bem-feito se sir Bors ou um de seus

homens o puser para correr. - Então, abandonando completamente todo senso de protocolo, fugiu do jardim sem esperar permissão de Guinevere, em meio a um farfalhar de saias.

- Parece que você tem a capacidade de enraivec-la como nenhuma outra pessoa - Guinevere comentou, depois que Amber se fora.

- Melhor v-la com raiva - Tristan murmurou para si mesmo ao se voltar e acenar adeus. Havia muito a ser feito antes da manhã.

Guinevere observou-o se afastar. Ele a fazia recordar-se de alguém com tanto orgulho, altivez e senso de dever. O que a apavorava.

Merlin seguiu pelos jardins silenciosos, ao longo dos balcões em colunatas, e passou pelas portas dos quartos. Parou diante de uma, sentindo uma presença que não sentia havia muito tempo.

Meu amigo. A palavra formou-se em seus pensamentos, em parte súplica, em parte em desculpas por aquilo que fora perdido entre ambos, por cegueira.

Voltei minhas costas para você por causa de um grande erro. Dois erros não fazem um acerto. Eu deveria ter ficado. Talvez, se tivesse...

Sentia um pesar profundo pela perda da amizade de Arthur. Ficara cego pelo erro menor, que julgara que Arthur havia cometido, por amá-la demasiadamente. Isso não poderia ser mudado agora.

Avançou, encontrando os outros aposentos. Seus passos diminuíram a despeito da resolução de não hesitar. Estendeu a mão e tocou de leve a madeira da porta do quarto dela. Não era mais um homem de sessenta anos de idade, porém um jovem guerreiro que percorrera aqueles mesmos salões e corredores, que sentira o fogo da ambição e a promessa do futuro, e a paixão irrequieta do amor a despertar em suas veias. Um amor proibido.

Seus dedos fecharam-se num punho, no ar, sabendo que não ousaria ir até onde ela estava. Suas escolhas, por mais que fossem mal orientadas, já tinham sido tomadas e não poderiam agora ser desfeitas. Não, pelo bem dela; não, pelo bem do filho de ambos.

Demorou-se um momento mais, tragando aquela essência para dentro de si mais uma vez, sentindo aquela excitação da juventude, recordando-se da paixão e do desejo que queimavam entre eles—como um fogo fora de controle e que ameaçava incendiar tudo em sua trilha, até as cinzas. E depois, tal como fizera quinhentos anos antes, e amando-a não menos que então, Merlin avançou, procurando a pessoa cuja vida importava acima de tudo

mais: o filho nascido daquela paixão, em quem os poderes da Luz carregavam a esperança do futuro.

Merlin encontrou-o dormindo nos aposentos dos cavaleiros, seguro o bastante entre aqueles cuja lealdade a Arthur era inquestionável. Faltava apenas um, o sobrinho de Arthur, que, por sua posição, ocupava seu próprio quarto dentro do salão principal.

Gareth, cuja traição era agora conhecida. Se tivesse sabido então... Por fim não soubera. Deixara Arthur em grave perigo, e o mal se fechara em torno dele, até que tudo estava perdido.

Ainda havia esperança. Com seu filho. Ajoelhou-se ao lado do homem adormecido, ocultando sua presença dele. Tocou-o no ombro, no queixo com a barba crescida. Depois, gentilmente, pousou a mão sobre seu coração. Havia um coração dentro daquela carne mortal, o qual, por fim, ostentava o poder do universo na batida pulsante. Sentiu o poder interior. O poder que lhe passara, sem saber, quando ele e Guinevere deitaram-se juntos pela última vez. O destino dela era com Arthur, não com ele. Se soubesse que ela carregava um filho seu, poderia deixá-la? Mesmo agora, não sabia a resposta. E nem poderia ter feito tal escolha.

No homem que era seu filho, Merlin viu a si mesmo e a esperança por aquilo que poderia ter sido e ainda poderia

ser.

Truan, murmurou em pensamento, ao pousar a mão em sua testa e deixar o poder fluir entre os dois. Sonhe, meu filho, com coisas que precisa saber, e lembre-se de que eu o amo. Lembre-se... Você é o destino, meu filho, a voz murmurou através dos sonhos de Truan. Eu fui desviado do meu destino. Você não precisa ser. Pois dentro de você jaz a esperança para o futuro da humanidade. Tome cuidado com a escolha que deve ser feita, ou tudo estará perdido. Você possui a sabedoria das eras. Não se extravie dessa verdade, e tudo que procura será seu.

A criança de seus sonhos retornou, olhando para trás, para Merlin. E então, Truan era a criança. Depois, não mais uma criança, mas um homem que o fitava.

- Não compreendo. Precisa me dizer o que é que me espera.

- Não se perca da verdade, meu filho. Creia naquilo que jaz dentro de seu coração. Não abandone a si próprio.

- Precisa me contar! Não me deixe! Papai? - Truan acordou com um sobressalto. Estava banhado de suor, o sonho ainda real em seus sentidos. Tão real que Truan saltou de pé, certo de que alguém se debruçara sobre ele.

Sentiu alguma coisa no ar, uma poderosa presença que parecia tocá-lo, como a de uma reconfortante mão em seu

ombro. Porжm, quando girou ao redor, nco havia ningujm.

Um encontro com as Trevas? Ele sabia que nco fora, pois aquela presenya poderosa lhe era familiar. Era algo mais. Algo que alcanyara sua prзpria alma e o tocara.

Uma Щnica palavra saltou de seus pensamentos. Pai.

Сарьtulo XIII

O dia estava quente, o sol a brilhar. Uma brisa ligeira soprava dos lados do pavilhco, ondulando os painжis de um verde brilhante e fazendo estalar os pendљes da mesma cor, no alto. As cores de lady Guinevere, pelos quais Truan agora se preparava para a competiycو.

Uma competiycو mortal, Truan nco tinha dЩvida, se Gareth fosse capaz de determinar o resultado.

Alжm dos portљes de Camelot, o relvado estava ponteadado de tendas e pavilhљes de outras cores brilhantes, inclusive o azul e o dourado de Arthur. Os convidados continuavam chegando, fazia dias, para a celebrayco do casamento do rei com lady Guinevere. E, Я ansiedade pela competiycو, somava-se uma atmosfera festiva, pela qual corria uma emoyco oculta de nervosa expectativa.

A histзria nunca relatara algo assim antes, a nco ser,

talvez, na grandeza que fora Roma, ou, quem sabe, nos longos impérios em que Alexandre, o Grande, certa vez reinara. Havia uma ostentação de esperança e destino, como se o futuro de certa forma começasse ali e agora, na ocasião daquele casamento e nos sonhos que ele poderia satisfazer, não fosse pela deslealdade e traição.

Era para aquele destino que Truan agora entrava, ao fechar os olhos e voltar os pensamentos para o íntimo, reunindo o poder e a sabedoria interiores, deixando que fluíssem junto com o sangue que pulsava em suas veias a cada batida do coração.

O sonho voltou e desfilou diante dele.

Você é o destino, meu filho, a voz murmurou mais uma vez. Desviei-me do meu destino. Você não deve. Pois dentro de você jaz a esperança para o futuro. Você possui a sabedoria das eras. Tome cuidado com a escolha que deve ser feita. Não se extravie dessa verdade, e tudo que procura ser seu.

Não compreendo. Precisa me dizer o que é que espera por mim.

Em seus pensamentos, Truan ouviu outra vez a voz de seu sonho, a voz da criança... ele mesmo.

Precisa me contar!

Nco se perca da verdade, meu filho. Crea naquilo que jaz dentro de seu corayco. Nco abandone a si prprio.

Precisa me contar! Nco me deixe! Papai?

E, como se tivesse de repente rompido a superfъcie da gua, Truan emergiu do sonho, ofegante com o realismo, como na noite anterior, quando acordara com a certeza de que algum estivera ali, perto dele.

Usava apenas as calyas e as botas, a tшnica e a camisa postas de lado para o treinamento antecipado naquela manh. Uma fina pelъcula lustrosa de suor banhava sua pele e umedecia a palma de suas mcos. O sonho parecera tco real...

A brisa penetrou pelo pavilhco, quando a aba foi erguida e

Truan se voltou, quase esperando encontrar a encarnayco daquele sonho parado ali, diante dele.

- Sinto muito - disse Amber, percebendo que o surpreendera.

Truan deixou escapar lentamente o ar que retivera nos pulmъes. Abaixou a ponta da espada nada comum, com que praticara. Cortara o ar com ela, quando voltara os pensamentos para o Ыntimo, confiando em seus sentidos.

Aquilo o fez recordar de outro tempo, em que ele olhara

para Amber pela extensão de uma lâmina, que quase lhe cortara o vestido e a carne tenra por baixo. Nos olhos dela, vira um fragmento de lembrança daquele dia, que despertou num rápido olhar de medo. Então, a lembrança se fora no instante em que ele baixara a espada. Ela respirou fundo.

- Eu chamei...

- Mas eu não respondi.

Amber o encarou com um olhar estranho.

- Respondeu. Soou como se dissesse... papai. Truan sorriu.

- Talvez eu estivesse rezando pela divina intervenção.

A face de Amber empalideceu. Em sua expressão, ele viu medo. E muito mais: fúria e paixão.

- Estava rezando para Deus?

A pergunta pegou-o de surpresa. Como responder? Que não acreditava em Deus, tal como ela fora criada para crer? Que, para ele, Deus significava outras coisas? Aquelas coisas que definiam sua existência e eram bem diferentes das dela? Mas seria isso diferente em matéria de fé? Não seria diferente apenas naquilo que cada um escolhia ou precisava acreditar?

- Sim, creio que estava. - Truan sorriu porque Amber parecia muito sãria. - Certamente nco faria mal rezar.

Os olhos dela escureceram. De repente, Amber chegou mais perto e pousou as mcos esguias sobre as dele, que descansavam na espada, com uma forya impetuosa como se pudesse foryp-lo a entender aquilo que devia.

- VocЖ nco deve brincar com isso. Gareth estp levando a competiyo mortalmente a sãrio. Ele crЖ que vocЖ insultou o rei e lady Guinevere, e...

- E vocЖ? - Truan entrelayou os dedos nos dela. - Fiz isso?

- Eu sei que nco.

- Entco, onde estp o insulto?

- Estp naquilo em que ele acredita... - Amber hesitou, de repente incerta. Seus dedos teriam se desvencilhado dos dele se Truan nco fechasse a mco, impedindo-a de recuar.

Pequenos e firmes, seus seios comprimiam-se contra o tecido da tЦnica a cada aspirayco, como se ela julgasse difьcil respirar.

Truan levou a mco de Amber atx os lpbios, sabendo que nco se atreveria a mais, porжm queria sentir a suavidade

de sua pele, provp-la pelo menos num beijo na ponta dos dedos.

- No que ele acredita?

Seu olhar encontrou o dele. Nco tmido ou assustado, nem misterioso, mas franco, cheio de emoçes que Amber nco mais se importava de ocultar, e a vaga lembranya de que fora tocada por ele e o tocara, daquele mesmo jeito, em algum outro tempo e lugar.

Com um respirar fundo, Amber respondeu:

- Ele acredita que existe alguma coisa entre nzs.

O som de sua voz, aquele som espantado como se ela houvesse se lembrado de alguma coisa, e nco pudesse ver claramente, porxm apenas sentir, e a forya frpgil de sua mco alcançaram o ьntimo de Truan, o corayco, dilacerando todas as razşes pelas quais ele jurara nco sentir nada por Amber.

O destino esperava abxm dos esvoayantes painxıs verdes do pavilhco.

- No que vocЖ acredita? - ele murmurou, ousando insinuar-se para dentro dos pensamentos, do corayco, da alma de Amber.

- Eu...

Estava na ponta de sua língua negar aquele momento que ficara em suspenso entre eles, na floresta, quando parecera que ambos viam um passado compartilhado que se encontrava no futuro; naquela alcova resguardada, onde Truan a segurara nos braços; do lado de fora do quarto, quando provara o desejo em seus lábios e ansiara por mais. Porém ela não poderia.

Amber estendeu os braços, os seios macios a roçarem contra ele através das roupas, quando o puxou para beijá-lo, uma intensa e feroz explosão dos sentidos a irromper entre os dois como um inferno.

Seus lábios se abriram em contato com os de Truan, com uma doçura suave de rendição que lhe queimou as entranhas. Ele aprofundou o beijo, os braços a se fecharem em torno de Amber, com uma presença feroz e possessiva, uma fome por muito tempo negada, como se pudesse puxá-la para dentro do próprio corpo.

Acariciou-lhe as costas, memorizando a sensação, cada osso frágil, a força de cada músculo, o modo como a coluna esguia da espinha se curvava para baixo, para a suavidade do ninho entre as pernas. Ela parecia tornar-se parte dele. E Truan deixou escapar um gemido do fundo da garganta quando os dedos de Amber o afagaram, agarrando-se a ele, a doçura de sua boca ao se abrir toda, o calor de sua respiração a lhe encher os pulmões na rendição daquele beijo.

De súbito, ela se afastou. A expressão em seu rosto era de espanto. Truan viu a confusão em meio ao desejo que faiscava nas profundezas dos olhos de Amber. Que os deuses pudessem ajudá-los, ela pensou.

Amber correu e passou por sir Bors, a entrada do pavilhão.

O cavaleiro voltou-se para olhá-la, pensativo, e então deixou cair a aba no lugar ao entrar no pavilhão. Estendeu a espada a Truan.

Truan o encarou com ar especulativo. Pegou a arma, testou seu equilíbrio, voltando a se familiarizar com a sensação dela, pesada e firme em suas mãos.

- Eu sirvo ao rei - explicou sir Bors - e é nossa nova rainha. Ela disse que você deveria ter sua arma de volta. - Concordou com a cabeça. - Um homem deve ter sua própria espada quando está prestes a ir para a batalha.

- Mesmo se for uma batalha de brincadeira - Truan comentou. Depois do aviso de Amber, ele sabia que não haveria nada de "brincadeira" na luta que o aguardava.

Sir Bors sorriu, e seu sorriso confirmou o aviso de Amber.

- Qualquer coisa pode acontecer no campo de batalha, como todo guerreiro sabe. - Apontou o pendão verde e

exclamou, surpreso: - Usa as cores da rainha!

- Ou essas, ou as cores do guardador de porcos - Truan retrucou.

O cavaleiro sorriu novamente. Entco, o sorriso desapareceu.

- Sir Gareth ж jovem - explicou. - Tem muito a aprender sobre homens e batalhas. Muitas vezes, age antes de pensar.

Truan arqueou uma sobrancelha diante daquela inesperada violayco de lealdade.

- ¶ um aviso, sir Bors?

O cavaleiro meneou a cabeya.

- Nco se iluda. Minha lealdade ж em primeiro lugar para o rei. Se eu julgar que vocЖ o logrou, serei o primeiro a abatЖ-lo com minha espada. Contudo acredito em imparcialidade. Nco existe nem imparcialidade nem honra em condenar um homem antes de ser posto Я prova.

- Mas para depois enforcp-lo, se ele falhar - Truan emendou, sentindo que apreciava o cavaleiro, a despeito do fato de ter passado a primeira noite nos calabouyos por ordem de sir Bors. Pelo menos, era o que presumia.

O cavaleiro riu e deu-lhe um tapa nas costas.

- Claro! - Piscou para Truan. - Mas eu acho que vocЖ nco pretende falhar.

- Nco - respondeu Truan.

Abxm do pavilhco, as trombetas anunciaram a chamada para a competiyo. A contenda logo comeyaria. Quando sir Bors voltou-se para sair, Truan sentiu que alguma coisa o aborrecia ao vЖ-lo parar na entrada do pavilhco. Entco, decidindo-se, o cavaleiro falou Я guisa de conselho: - Embora nco seja permitido, tome cuidado com aqueles que podem atacp-lo pelas costas. Nunca considerei tais aywes justas numa competiyo.

- Porжm justas numa guerra? - indagou Truan. Sir Bors esboou um sorriso.

- Tudo ж justo numa guerra.

Truan concordou.

- Obrigado pelo aviso.

Quando sir Bors saiu, Truan nco tinha dЩyvida contra quem o cavaleiro o avisara.

A competiyo, planejada como parte da celebrayco do casamento real, contava com duas equipes de vinte

homens cada. Truan fora colocado na equipe de Lochiel. E ficou aliviado por nco ter de enfrentar aquele gigante no campo de batalha.

Um campo de batalha simulado fora demarcado por linhas que cortavam o relvado, diante da fila de pavilhes, com uma linha delimitando o meio. De cada lado do campo estavam trks postos de defesa: um monte de terra, como os antigos fortes em colinas; uma barreira de pedras, onde os adversrios poderiam facilmente se esconder e aguardar para atacar; e a “mata”, feita de prvores, troncos e arbustos que haviam sido cortados, arrastados at o local por cavalos, e tudo isso reconstruindo para simular uma floresta.

As regras para a contenda foram claramente expostas pelo senescal de Arthur. Cada equipe tinha de ter uma estratgia de batalha com o objetivo de tomar as defesas da outra equipe. Uma delas era representada pela cor azul-vivo, a outra representada pelo dourado. Truan carregava duas cores, o azul-real e o verde de lady Guinevere.

Cada guerreiro trazia um pendco com a cor de sua equipe.

Ganhavam-se pontos quando era feita uma conquista, e o

pendço confiscado. Uma vez tomado por um oponente, nco poderia ser recuperado. A equipe que tivesse conquistado mais pendşes, depois de toda as defesas serem tomadas, era declarada vencedora e homenageada como campec do dia.

Eram permitidas espadas, assim como macetes, courayas, escudos e elmos. Todos os cavaleiros de Arthur usavam elmos. Truan o rejeitou. Preferia um amplo campo de visco sem ser coberto pela pesada peya de metal.

Ferimentos eram comuns, porşm nenhum homem tinha permissco para atacar um adversprio que estivesse caído e com o pendço confiscado, nem de desferir um golpe que pudesse aleijar o oponente.

A excitayco crescia. Era palppvel entre os cavaleiros do rei e os convidados que observavam dos pavilhşes. Apostas eram feitas.

Truan aceitou um escudo, porşm nco quis o macete, preferindo se concentrar na precisco da sua espada. Soaram os clarins. Arthur cavalgou para o campo de batalha, no meio de seus cavaleiros.

Era impressionante, montado em seu cavalo, um rei guerreiro que lutara muitas batalhas por muito mais que pendşes e a emoyco da vitşria. Desmontou e fez um discurso sobre honra, coragem e imparcialidade. Fez

todos rirem quando os lembrou das damas que lhes assistiam.

- É muito desconcertante alguém se esparramar de costas na lama - disse. - Sei muito bem. Peço que deixem as roupas de seus oponentes intactas. Pelo menos as calças.

Não gostaria que as damas de Camelot descobrissem que as histórias que os meus cavaleiros contam, gabando-se do tamanho de suas espadas, são, de fato, mentiras.

O comentário arrancou mais risadas entre os homens.

- Lutem bem e de forma limpa. Preciso de todos os meus cavaleiros.

- Vai me dar seu próprio pendão, senhor? - perguntou Gareth. - Para carregar pela honra da família?

Arthur concordou e entregou ao sobrinho um de seus próprios pendões azuis, com o selo real a enfeitá-lo.

- Boa disputa! - exclamou ao saltar para o cavalo mais uma vez e galopar em direção à borda do campo.

As equipes tomaram suas posições atrás das pedras e dos montes. O senescal do rei estendeu-lhe um arco. A ponta de uma flecha fora enrolada com um pano e ensopada de óleo. Arthur encaixou a flecha na corda. O senescal acendeu a ponta cheia de óleo, e o rei soltou a

flecha, mandando-a para o alto num sinal de que a contenda começara.

A estratégia da equipe de Truan era simples. Iriam se dividir em duas forças, esgueirar-se pelos lados do campo de batalha e depois se unir num ataque penetrante pela borda da floresta.

Seus próprios pendões eram a isca para atrair o inimigo. Assim que estivessem dentro da floresta, investiriam em conquistas individuais. A sensatez e a sagacidade estavam em não perder tempo na tomada dos marcos, como seus oponentes mostravam claramente a intenção de fazer. Assim que o inimigo fosse conquistado pela perda dos pendões, os marcos seriam automaticamente deles, como espólios de guerra.

A simplicidade do plano não fora prevista pelos adversários, postados para defender as trincheiras de pedras e o forte da colina. O inimigo passou por eles se esgueirando, em vez de lutar. Atraídos pela isca, seguiram direto para a armadilha que os esperava na borda da floresta.

Entre os companheiros de equipe de Truan, estavam Gaheris e quatro dos cavaleiros mais jovens do rei. Sir Bors e Lochiel acompanhavam a disputa ao lado do rei. Jp

tinham dado sua

parcela de participayco nas competiçoes durante todos aqueles anos. Junto com Arthur, eram os juizes da contenda.

As florestas de cada lado do campo haviam sido elaboradas como um labirinto de mato espesso, arbustos espinhentos, prvores, troncos caídos. A disputa tornou-se sçria assim que os homens entraram na floresta. Um oponente atacou Gaheris com um golpe de relance, do qual ele se desviou no último instante, ao ver o brilho da espada do adversario sob um raio de sol. Contra-atacou com uma investida dura, apossou-se do pendco do oponente e prendeu-o ao cinto.

Viram outros oponentes e tomaram posiçoes para encurralp-los, as tçnicas claramente visíveis em contraste com as cores da floresta.

Truan arrancou sua tçnica, colocando-a sobre um arbusto na mesma altura de um homem. Ao ver a estratégia, Gaheris tirou o elmo e a tçnica, sorrindo com o truque, enquanto os dois se esgueiravam pelas prvores.

Em questco de minutos, ouviram gritos selvagens de guerra. As tçnicas foram atacadas. Os gritos transformaram-se em exclamaçoes de surpresa e depois em xingamentos, quando os oponentes perceberam o

estratagemas tarde demais e se viram atacados. Depois de uma breve luta, Truan e Gaheris se apossaram de mais dois pendões e, em seguida, recuaram para a beira da pequena floresta, onde se juntariam ao resto da equipe. Um relance de dourado atraiu-lhes a atenção. Gaheris sorriu e apontou para aquilo que julgou fossem seus companheiros. Embrenhou-se pelo mato para encontrá-los. Truan viu o luzir da espada tarde demais para avisá-lo. Seus oponentes haviam utilizado os pendões conquistados a fim de atrair Gaheris para uma armadilha.

O jovem cavaleiro estava caído, porém não sangrava muito.

- Eu deveria ter sido mais cauteloso - resmungou, num gemido, mais de frustração e de raiva do que de dor. - Ele pegou meu pendão.

- Você viu quem era?

- Usava um elmo. - Sorriu. - Mas reconheci o seu penacho. Era sir Malcolm. Ele não me deixou esquecer disso.

Truan esboçou um sorriso malicioso.

- Então terei de tomar o dele. Volte para o campo, para que o seu ferimento seja cuidado.

O talho já cessara de sangrar. Gaheris concordou com a cabeça, e os dois se separaram. Truan rumou pelas

prvovores em busca de sir Malcolm. Encontrou-o Я beira do relvado, seguindo de volta ao forte da colina. Atacou-o, mirando o elmo.

O golpe resvalou, deslocando o elmo nos ombros de sir Malcolm. O cavaleiro resmungou, cambaleou e caiu sob um joelho. Entco, saltou de pж com a espada erguida. Era um guerreiro feroz, empunhando a espada de batalha com grande forya e energia. Truan, porжm, tinha a vantagem dos poderes com que nascera e sentia cada movimento antes que o cavaleiro o fizesse.

Depois de meia dЩzia de golpes, investiu com a ponta da espada, desequilibrou-o e arrancou-lhe o pendco da tЩnica, quando ele caiu.

- VocЖ aprende depressa - sir Malcolm resmungou, sorrindo em meio ao suor e Я sujeira que lhe riscava a face. Colocou o elmo no lugar.

Truan saudou-o com a espada e avanyou depressa, contornando o promont3rio de pedras pelo qual passara antes, na investida para a floresta.

Subiu atж um ponto alto e inspecionou o campo Я sua frente. Vprios componentes de ambas as equipes haviam deixado o campo, depois de perderem seus pendшes. Viu Gaheris entre aqueles que buscavam ajuda entre as damas de Camelot.

O grito de advertência veio de sir Malcolm, a quem ele deixara à beira da floresta. Truan virouse e saltou para a esquerda, enquanto uma lança voava para baixo, onde sua cabeça estivera havia instantes. Os golpes seguintes eram maldosos, violentos, destinados a aleijar ou matar. No calor da batalha, ele viu de relance o penacho no elmo de Gareth. Recuou, esquivando-se de novo golpe, e saltou, levando a espada para o alto, a fim de rebater outra investida.

Lutavam no alto do forte da colina, em avanços, bloqueios, defesas e investidas incessantes. Era uma disputa por muito mais do que um simples pendão. Fora por isso, Truan percebeu, que sir Bors o avisara.

Truan escapou do centro da batalha, sua lateral esquerda momentaneamente exposta, assim como a direita, que ele defendia contra Gareth. Sentia o poder do jovem guerreiro, o ímpeto de fúria e raiva com que empunhava a espada com incansável energia. Truan antecipou cada golpe, aparando-o. Gareth, porém, também tomou a dianteira, conforme lutavam para além do meio do campo, muito perto dos pavilhões.

No borrão de cores e faces, Truan ouviu um grito aflito de mulher e reconheceu o verde brilhante das cores de lady Guinevere, que se levantou. Sua espada estremeceu sob outro golpe, quando ele tentou se defender, em meio aos berros dos cavaleiros de Arthur, que lhes assistiam dos

pavilhões.

Truan fintou para a esquerda, evitou o golpe com um passo para o lado, e então levou a própria espada para baixo, a lâmina aplanaada num choque de entorpecer. Gareth cambaleou para trás, recuperou o equilíbrio, se virou e procurou refúgio atrás do segundo forte da colina. Quando Truan o perseguiu, descobriu que ele se fora. Então, viu que recuava para a floresta próxima. Correu atrás de Gareth.

Ao entrar na floresta, Truan passou por um companheiro caído. Ajoelhou-se no chão ao lado dele.

O nome do cavaleiro era Rohan. Fora seriamente ferido. Um rasgo abria a extensão de sua coxa. A lâmina cortara uma artéria, e o corte sangrava profusamente.

O jovem tremia sem parar, os dentes fortemente cerrados para controlar a dor. Mesmo assim, avisou Truan: - Fique atento! O cavaleiro de penacho azul me atacou, embora eu já tivesse perdido meu pé para outro.

Estendeu para Truan o cabo do punhal, a única arma que lhe restara.

- Tome.

Truan fez um gesto de agradecimento e aceitou o punhal. Pegou um pé do cinto e dobrou-o num grosso

quadrado de pano. Comprimiu-o contra o ferimento, estancando temporariamente a hemorragia.

- Descanse sossegado - disse para o jovem ao se levantar. - Eu o encontrarei.

Uma revolta fria retorcia-se dentro de Truan. Competição entre companheiros guerreiros era uma coisa, porém aquilo se tornara muito mais que um jogo.

Esgueirou-se às cegas pelas árvores, deixando que seus sentidos se expandissem e se tornassem unidos com a terra e o vento. Ouvindo, tocando, sentindo aquilo que não poderia ser visto pelo olho humano.

Então, sentiu uma presença perigosa com o súbito arrepiar dos pelos da nuca, aquela vibração de alerta de alguma mudança sutil no ar, um vislumbre de movimento sentido, mas não visto.

Foi atacado por trás, a força do golpe resvalando pelo tronco de uma árvore nova, ao lado da cabeça de Truan, conforme ele se desviou e contra-atacou com uma cutelada que atingiu um ombro de seu atacante. Aquilo momentaneamente aturdiu seu oponente, que usava um elmo e couraça no peito. Então, ambos se recobram.

Lutaram entre as árvores e para dentro de uma pequena clareira, as lâminas das espadas a faiscar sob o sol do meio-dia. Folhas, brotos e pedregalhos de casca de árvore

voavam, conforme os dois atacavam um ao outro.

Truan avançou, à direita e à esquerda, acertando um golpe no elmo do oponente, que se desequilibrou e caiu sobre um joelho. Ao se aproximar de novo, revidou o ataque, porém Truan sentiu que a força do adversário se esvaía.

Os movimentos do guerreiro tornaram-se mais lentos e seus passos, menos firmes. Cada investida vacilava com crescente fraqueza. Mesmo assim, Truan o empurrava para trás, incansavelmente, pensando em sir Rohan, que fora atacado sem clemência, embora já tivesse perdido o pé direito, e a despeito da insistência de Arthur de que não usassem golpes mortais.

Quando tomou uma cutelada de raspão do lado, Truan nem mesmo sentiu a dor, mas revidou, palavras ferozes a gritarem em seus pensamentos, dirigindo o próximo e o seguinte golpe, como se algum demônio tivesse assumido o controle de sua mente.

Ataque! Mate antes que seja morto! As palavras eram sussurradas em sua mente.

Fez o oponente recuar, consumido pela ira. Circundou-o, brandindo a arma com a qual o adversário caiu de novo, e, desta vez, mal tinha forças para erguer a espada.

Então, quando Truan ia desferir outro golpe, uma voz diferente falou em seus pensamentos, num tom aflito e

baixo. Uma voz que lhe era familiar nos sonhos: Não faça isso! Sua ira o está cegando!

O aviso por fim penetrou na bruma de seu espírito. Truan abaixou a espada lentamente. O adversário abaixou a sua também. Truan levou a mão ao elmo e o empurrou para trás.

O sangue de Truan enregelou-se nas veias ao fitar com horror não Gareth, porém a face ensanguentada e suada de Arthur!

Sujeira e suor empastavam as feições do rei. Seu peito arfava com o esforço de cada respiração debaixo da pesada couraça. Tinha um talho fundo na testa, onde sofrera um golpe no elmo e o metal enrugado se enterrara. Seus cabelos estavam ensopados de sangue e suor, grudados na cabeça. Ele esboçou um sorriso penoso, o olhar agudo e apreciativo.

- Por um momento, pensei que poderia estar em real perigo.

Seus olhares se encontraram.

- Pensei isso também - admitiu Truan. - O senhor lutou como se pretendesse me matar.

Estendeu a mão para o rei. Arthur aceitou-a e se ergueu lentamente nos pés.

- Esqueci de me proteger. VocЖ ж um oponente formidpvel.

- Esse nco ж seu elmo - disse Truan, chutando a peya para o lado.

Arthur concordou.

- Perdi o meu na luta, e Gareth me deu o dele.

- Gareth-murmurou Truan, enterrando a ponta da espada na terra, um novo tipo de raiva a se revolver em seu sangue, diante do logro que quase o levava a matar Arthur.

- Sim - disse o rei com orgulho. - O Щnico da minha equipe que nco foi foryado a render seu pendco.

- Eu nco sabia que o senhor planejava juntar-se aos competidores - comentou Truan, ainda abalado com o erro terrъvel que quase cometera.

- Muitas vezes eu me junto a uma ou outra equipe. ¶ um jeito de manter minhas habilidades aguyadas. - Arthur arqueou uma sobrancelha ao ver o pendco verde que lady Guinevere dera a Truan. Olhou-o, pensativo, como se tentasse enxergar algo mais. - Gostaria que meus cavaleiros tivessem metade da sua perъcia com a espada. - Entregou o pendco. - VocЖ conquistou um novo тtulo no dia de hoje, eu creio. Pois nunca vi um guardador

de porcos empunhar um espeto com tanta habilidade. Acho que hp muita coisa que nco me revelou.

Nem era hora de revelar, pois, conforme os cavaleiros de Arthur se aproximavam pela floresta e os rodeavam, a competiyo terminava.

Gareth estava entre eles e caminhava em passadas lentas na direyo do tio; seu pendco estava intacto, o mesmo que ele carregara pela honra da famlya. Arthur sorriu ao cumprimentp-lo.

- Obrigado, meu sobrinho. Se nco fosse pelo seu elmo - Ergueu do chco a peya amassada -, eu poderia ter perdido minha cabeya.

O olhar de Truan passou do rei para Gareth. O jovem cavaleiro sorriu.

- Tem apenas dois pendwes, guardador de porcos. - Ergueu dois tambжm. - O mesmo nЩmero que eu arrebatei. - Mostrava-se presunyoso e arrogante.

- Parece que ainda nco temos um vencedor - declarou Arthur.

- Ele conquistou trЖs pendwes no dia de hoje! - alguжm exclamou.

Vprios dos homens de Lrthur afastaram-se para o lado,

quando sir Rohan surgiu cambaleante, ajudado de cada lado por dois companheiros. O pendco ensangÇentado que Truan lhe dera estava amarrado em sua perna.

- Ele me deu um dos pendşes conquistados para enrolp-lo no meu ferimento, depois que fui atacado na borda da floresta. - Sir Rohan entregou o pendco ao rei. - Eu teria morrido se ele nco me ajudasse. O forasteiro conseguiu trŞs pendşes - declarou, alto, para que todos ouvissem - e ж, evidentemente, o vencedor da disputa do dia.

Um mЩsculo se contraiu no queixo de Gareth, porжm ele nco demonstrou outro sinal da raiva que o queimava por dentro, diante da humilhaçco da zbvia derrota para Truan.

- Parece, guardador de porcos - disse, num tom sarcpstico -, que a sua equipe conquistou a competiçco. Foi afortunado por ter companheiros tco hpbeis. Da prşxima vez, pode nco ter tanta sorte assim.

Arthur passou o brayo pelos ombros do sobrinho.

- Aceite que foi derrotado, tal como eu - o rei o lembrou. Entco, sorriu afavelmente para Truan.

- Hp muito que podemos aprender com a sua perşcia, e haverp outras competişes - prometeu, insinuando que o resultado poderia nco ser o mesmo da prşxima vez. - Venha - disse, batendo nas costas de Truan, com um

entusiasmo que nco era compartilhado pelo sobrinho. - Vamos celebrar. VocЖ se p3s Я prova, guerreiro. Creio que temos de lhe arranjar um novo nome.

Саръtulo XIV

Amber olhou para Truan entre os cavaleiros, no pavilhco do rei. Ela o vira antes, brevemente, quando Arthur brindara Я equipe vitoriosa. Presenteara-os com uma guirlanda enfeitada de fitas azuis e verdes, a primeira guirlanda sob o reino do rei Arthur e lady Guinevere, que logo se tornaria sua rainha.

Truan fora ferido na competiуco. Amber vira de relance o sangue seco no lado do peito, debaixo do manto que sir Bors colocara nos ombros dele. Mas ela nco poderia aproximar-se para perguntar sobre a gravidade do ferimento.

Vprias rodadas de brindes foram erguidas entre cavaleiros e guerreiros, cada participante a contar sua versco da disputa. Ouviam-se crъticas e piadas, principalmente por ferimentos em locais embarayosos. Em sua maior parte, os cavaleiros de Arthur mantinham o bom humor e a dignidade.

↳ exceуco de Gareth.

Havia um toque ferino em suas piadas e na forma de relatar suas conquistas, como se agora tentasse salvar um pouco do orgulho ferido, com comentários em que se gabava das vitórias do dia.

Amber procurou por Truan, de novo, entre os outros guerreiros que celebravam, mas não o encontrou. Já estava cansada da festa, que entraria pela noite e continuaria até a culminância da cerimônia de casamento, dali a três dias.

Guinevere viu o olhar de Amber vagar pelo pavilhão, sentiu seu anseio por sair dali e o motivo também.

Ela também ansiava por escapar, mas não podia. As horas corriam. Logo, outro dia nasceria. Um pouco mais e Guinevere desposaria Arthur e tomaria o lugar ao lado dele.

O pensamento provocou uma pontada de saudade por coisas perdidas que nunca poderiam acontecer. Seus dedos se curvaram sobre o tecido do vestido. Uma lembrança surgiu, como

uma vida que surgira em seu ventre. Então, obrigou os músculos a relaxar e a lembrança a voltar para o passado, onde deveria permanecer.

- Ele escapuliu - disse, sorrindo gentilmente, quando Amber voltou-se, com um olhar de surpresa. Oh, sentir

aquelas coisas mais uma vez, que via tco claramente refletidas nos olhos de Amber; saudade e ansiedade, junto com o primeiro despertar do desejo. - Sir Bors o viu sair depois que devolveu as fitas com as minhas cores - explicou.

Trocaram um olhar. No da garota, Guinevere viu paixco e anseio.

- Ele foi ferido! - Amber exclamou, incapaz de esconder seus verdadeiros sentimentos.

- Vp, entco, depressa, antes que alguxm veja vocЖ sair. - Entco, perguntou: - VocЖ o ama?

Sem pensar, tco instintivo como respirar, estava na ponta da lngua de Amber dizer que sim. Porxm era impossvel. Ela nco o conhecia. E, no entanto... Baixou os olhos para as mcas fechadas, sem saber como responder.

- Nco sei.

- O que sente em seu corayco? - perguntou Guinevere. Amber encarou-a, nco como futura rainha, mas como mulher.

- Sinto como se eu o conhecesse desde sempre. Como se tivssemos nos encontrado antes. ff desse jeito, milady? - perguntou Amber. - Algo que nco se pode nem compreender nem explicar, mas que de certa forma ж

sentido l p no fundo? Como se fosse parte da alma?

Guinevere espantou-se com a paixco daquelas palavras, uma paixco que uma vez sentira e que ecoava fundo dentro dela. Talvez fosse realmente algo que seria entendido apenas ao ser sentido.

- Creio que deve ser - respondeu, baixinho. - E somos impotentes para negar, nco importam as conseq4ncias.
- Desviou os olhos de Amber, com um ar distante, a voz cheia de saudade. - Agarre este momento e guarde-o dentro de vocЖ - disse Guinevere, quase com agressividade. - Um instante, uma hora, um dia, seja longo ou curto.

Pois pode ter de durar uma existЖncia.

- E se ele nco me quiser?

Guinevere sorriu para ela mais uma vez. Vira a expressco nos olhos do guerreiro. Certa vez, tinha visto a mesma paixco nos olhos de um amante. Com a certeza daquela paixco rememorada, ordenou:

- Vp procurp-lo.

Truan nco retornara ao salco principal, nem aos alojamentos dos cavaleiros onde dormira na noite anterior. Por fim, Amber encontrou um jovem escudeiro que o vira perto dos estpbulos do rei. Com uma dor a apertar-lhe o

corayco, ocorreu a ela que ele poderia ter resolvido partir de Camelot.

Chamou-o ao entrar na estrebaria, pequenas nuvens de poeira a se levantar sob seus puxs, em meio ao odor pungente de feno, couro, arreios e cavalos. Nco houve resposta, apenas o ruído dos cavalos a se remexer, inquietos, nas baias, ao lhe captarem o cheiro.

Com o corayco apertado, Amber percebeu que nco havia ningum ali. Ao se virar, porxm, para sair, viu um movimento nas sombras, ao longo da parede. Um movimento fugidio, como se alguma criatura furtiva se escondesse ali, a espreitp-la.

- Senhor Lobo? - ela chamou de novo, usando o nome que lhe dera depois do primeiro encontro na floresta, um nome que Amber tambxm ouvira correr entre os cavaleiros, depois que a equipe de Truan saъra vitoriosa. Tinham-no chamado assim, em parte por brincadeira, em razco do encontro com o lobo naquele dia na floresta, mas tambxm com um sinal de crescente respeito, depois que ele vencera a competiъco. Pois um lobo era para ser temido e respeitado.

Novamente, ela viu aquele movimento vago. Os cavalos pareceram sentir tambxm, e aqueles nas baias mais prximas Я parede investiram contra os portъes, bufando como se tivessem sentido um novo cheiro. Amber foryou-

se a controlar a inquietayco ao chegar mais perto.

Como um animal ferido, Truan se recolhera às sombras, absorvendo forya, remendando a carne ferida sob a ponta dos dedos, enquanto cerrava os dentes para suportar o suplycio lancinante que curava.

Depois, ofegando pesadamente, nauseado pela dor e pelo

cheiro de sangue, ele se recostara, olhos fechados, contra a parede do estpbulo. Quando abri  os olhos de novo, vira Amber entrar na estrebaria. Vira também a incerteza na tenco daquele corpo esbelto; a maneira com que o sol de fim de tarde passava oblíquo pela abertura, atrps dela, deslizando pelos cabelos dourados como dedos de fogo, emoldurando-a em luz.

Sentira sua repentina apreensco, quando os cavalos se tornaram inquietos, e vira que ela hesitava. Captara a batida acelerada de seu corayco como se a tocasse. Entco, Amber rumara para dentro dos estpbulos, recusando-se a ter medo, enquanto chamava por ele.

Nco era seu nome que ela chamava, mas o nome ao qual os cavaleiros de Arthur tinham brindado ao celebrarem a vitzria. Senhor Lobo. Um nome que Amber inocentemente lhe dera, depois do encontro na floresta, alheia a como estava perto da verdade.

Ele teria rido diante da ironia cruel, mas teve medo que o som pudesse assustá-la. Pois não seria a risada de um homem mortal, mas o rosnado selvagem e feroz de uma criatura imortal transformada.

Contudo, mesmo assim, moveu-se pelas sombras em direção a Amber, seguindo-a, permitindo-lhe um relance da criatura em que ele se tornara e que ela deveria temer.

Amber, porém, não fugiu; aproximou-se corajosamente.

Truan se afastou da parede, o ferimento doloroso esquecido, pois já estava quase curado. Ao se erguer das sombras, sua expressão era amarga e doce diante dos maravilhosos poderes que possuía. Poderes que poderiam lhe dar tudo, exceto a mortalidade.

Amber viu o movimento repentino nas sombras. Tarde demais,

avistou a criatura que se movia ao longo da parede, com uma rapidez impressionante, como se a seguisse. Como se a caçasse. Então, estava sobre ela.

Amber foi lançada contra a parede do estibulo. Instintivamente, preparou-se para o ataque, e para aquelas presas poderosas que a retalhariam. Porém, em vez das garras possantes de algum animal a parti-la em pedaços, ela sentiu mãos fortes nas costas, impedindo sua queda, e a extensão de um corpo rijo e vigoroso a moldar-se contra

o seu. O grito de pavor que deixou escapar foi abafado pela curva da musculatura retesada de um ombro forte.

Em vez de dor, Amber sentiu um repentino calor, violento, onde aquelas mcos a tocavam. Nos ombros e pela extensão das costas, quando se fecharam em torno dela com uma força possessiva e selvagem que poderia rasgá-la ao meio.

O calor espalhou-se por sua pele como a carícia de um amante, uma sedução dos sentidos tão completa, tão vigorosa, tão primitiva e apaixonada que lhe roubou o ar dos pulmões.

- Você não deveria ter vindo aqui. - A voz soou pspera, como um rosnado vindo de dentro do peito de Tuan.

- Eu precisava vir - Amber retrucou, lutando entre o medo e o desejo. - Estava com receio...

- Deveria ter receio. - As mãos dele empalmaram-lhe a face, os dedos a comprimir os ossos frgeis, machucando-a. - Deveria estar apavorada. Deveria correr para tão longe de mim quanto fosse possível.

- Não posso! - ela murmurou. - Gostaria de poder, mas não posso!

- Então eu a farei ir embora!

Foryou-a de costas contra a parede, as mcos enfiadas com

firmeza pelos cabelos de Amber, os dedos a pressionar o crPnio como se fosse lhe arrancar a cabeya dos ombros.

Nco o fez. Em vez disso, beijou-a, obrigando-a a abrir os lpbios, machucando-lhe a boca e entco a invadindo com a lngua, atx que ela gemeu.

Com aquele som suave de rendiyco que se esgueirou por seus sentidos, naquele momento em que percebeu que Amber suportaria qualquer coisa, a nco ser deixp-lo, inclusive uma violayco em tudo parecida Aquela que ela sofrer, noutro tempo e lugar, Truan se deu conta de que nco conseguiria mandp-la embora.

Inalou-lhe a forya e a paixco, provou-a nos macios lpbios inchados, e depois, ainda a segurar-lhe a cabeya, os dedos a lhe acariciar os cabelos, encostou a testa contra a de Amber. Sua voz soou cheia de agonia:

- VocЖ nco sabe o que diz. Nco conhece... o que sou.

Ela pousou as mcos sobre as dele. Eram incrivelmente pequenas e tco frpgeis que poderiam ser facilmente quebradas, e contudo tinham forya e firmeza.

- Sei que nco posso suportar que vocЖ vp embora. Sei que existe alguma coisa dentro de mim que ganha vida

quando você me toca. - Amber respirou fundo e seus lábios tremeram. Falava com o coração. - Sei que o amo. Que sempre o amei. Truan jogou a cabeça para trás, os olhos fechados em silenciosa agonia.

Foi tomado por uma fraqueza de derreter os ossos, algo contra o qual ele lutara por muito tempo e não poderia mais enfrentar.

- Há coisas que você precisa saber.

Porém não sabia como contar a ela. Da outra vida que lhe trouxera tanta dor; da jornada através do portal e das coisas que ainda não compreendia totalmente; dos poderes das Trevas e de seu medo, aquela emoção exclusivamente mortal, de que não pudesse ser capaz de protegê-la; de que, ao amá-la, pudesse destruir o amor de Amber por ele.

- Leve-me para longe daqui - disse ela, e, com aquelas palavras murmuradas suavemente, deixou claro que aceitava tudo que Truan precisasse lhe contar. A mão dele fechou-se sobre a sua.

Truan segurava-a contra si, conforme cavalgavam em silêncio, avançando pelas sombras da tarde que findava. Abracejava-a em seus braços enquanto Amber se enroscava, macia e pequena, na curva do corpo dele, sonhando, dormindo e acordando quando o passo do

cavalo diminuiu. Sentiu a frieza dos galhos baixos a lhe royar o vestido ao entrarem na floresta, o ruído dos passarinhos estranhamente familiar.

Estivera ali antes ou tinha sonhado?

Por fim pararam, e Truan escorregou para o chão. Estendeu as mãos para pegá-la e depois a colocou a seu lado. Liberou o cavalo para pastar. Calado, cruzou a pequena clareira.

Amber parecia ver algo familiar em cada rocha, árvore e arbusto, como se tivesse estado naquele exato lugar anteriormente. Correu a mão pelas samambaias, leves como o ar em seus dedos, pelo musgo que envolvia o tronco de uma árvore, sentiu o fútil solo escuro sob os pés.

Fechou os olhos. A brisa no interior da floresta rojava seu rosto, e os raios de sol a acariciavam, cálidos. A fragrância de mato trouxe com ela a lembrança de outras coisas experimentadas, num momento indefinido do tempo, e de um encontro que fora ao mesmo tempo terrível e capaz de revolver a alma.

Então, sentiu a proximidade, o calor de Truan a lhe estender a mão. Amber voltou-se lentamente e abriu os olhos.

Os cabelos negros, emaranhados pelo vento, caíam pelos

ombros e emolduravam as feições rijas e intensas de Truan. Seus olhos eram do azul mais profundo, quase negros, e brilhavam com uma estranha luz dourada. Usava o belo manto azul que sir Bors lhe dera. O manto aberto mostrava que ele usava apenas as calças e as botas de couro.

Surpreendentemente, o ferimento do lado de seu corpo estava quase curado. Tudo que restava era uma cicatriz de um rosa pálido. Amber tocou-o ali, recuando com o gemido que ele deixou escapar, receando ter-lhe causado dor. Mas a expressão em seus olhos era de um tipo diferente de sofrimento, e outra lembrança sussurrou-lhe na mente. Tocou-o no queixo, traçando o contorno dos ossos fortes; sentiu a sombra da barba a lhe raspar a pele, um músculo a se contrair. Contornou a curva das sobrancelhas escuras sobre os olhos azuis que escureciam a cada toque, enquanto ela memorizava cada detalhe daquelas feições.

O olhar de Truan estava cravado no seu, e, naquelas profundezas azuis, Amber viu e sentiu o despertar de outra recordação. As lembranças se juntaram, como uma brisa suave que agita uma tapeçaria sobre uma janela e permite um vislumbre do que existe além. Ele estendeu a mão e deixou que ela se recordasse de relances da outra vida, ao mesmo tempo que a protegia do sofrimento daquelas recordações.

O olhar de Amber não se desviou do dele, quando ergueu as mãos e desamarrou lentamente os laços do corpete do vestido, até que ele pendia solto sobre os ombros.

Então, ainda tendo a reminiscência daquilo que começara entre os dois, muito

tempo antes, em outra época e lugar, ela deixou que o vestido escorregasse dos ombros e caísse no chão, a seus pés.

Truan pegou-a no colo com imensa ternura e carregou-a até o abrigo de uma árvore próxima. Ali, estendeu o manto no solo macio e deitou-a sobre ele.

O desejo rugia dentro de Truan, poderoso, sombrio e possessivo, quando controlou as mãos, forçando-se a não tocá-la, torturado por saber o que Amber sofrera naquele outro tempo e pela necessidade de se unir a ela.

- Amber... - murmurou-lhe o nome como se fosse contar algo, mas ela o silenciou com os dedos pousados em seus lábios. Então, tomou a mão dele e levou-a até o seio.

Truan sentiu o enrijecer súbito do mamilo rosado; ouviu o repentino arfar de Amber, o calor que invadiu a ambos e as batidas do coração a se acelerarem sob a palma de sua mão.

Os seios de Amber eram pequenos e altos, esculpidos

numa pele clara e acetinada.

As mcos de Amber tremiam quando o puxou. As dele tremiam ao se inclinar sobre ela e beij-la. No beijo, transmitiu a lembranya de um primeiro beijo roubado, muito tempo antes, nos saltes de Camelot, naquela outra жрoса.

Quando o beijo terminou, Amber o encarou. Aquela recordayco se expandiu, desviando-se para outras lembranyas de risos e amizade, magia, confianya e da ternura com que Truan sempre a amara.

Ela o beijou outra vez; devolveu aqueles risos e a magia, a ternura e a confianya, nos primeiros impulsos de seu corpo a procurar o dele.

Amber era sedosa em cada lugar que ele tocava, e vibrante de ternura e alegria, calor e paixco. A princьpio, Truan deixou que ela se recordasse apenas das sensayшes. Depois, enredou-se naquilo que agora partilhavam ao tirar a roupa e se deitar ao lado de Amber. Cada toque, cada carьcia, cada beijo, cada nova experiЖncia que proporcionava a Amber ateava-lhe fogo, incendiando-a com os sentimentos que agora partilhavam.

As pernas de Amber royavam, inquietas, contra as dele. Suas costas se arqueavam, enquanto jogava a cabeya

para trps, os cabelos a se espalharem pelo manto. Truan comeyou a acaricip-la ternamente, observando as mudanyas em sua pele, o tremor da carne, o espasmo de um mllçsculo em resposta; ouviu-lhe os gemidos de frustrayco, quando ele afastou as mcos. Entco comeyou de novo, trayando cada curva, cada depressco macia. Sentiu o arfar dos seios, correu os dedos pelo declive atx a cintura, apertou gentilmente o volume das npdegas, e depois deslizou a mco pelo quadril e pela suave depressco do ventre liso, provocando-a mais abaixo e depois recuando.

Os sons que Amber deixava escapar eram soluyos sem palavras de anseios que ela apenas comeyara a descobrir. Seus olhos se abriram, arregalados, escuros, cheios de doce tormento conforme Truan royava os lpbios em seu ombro e, em seguida, corria a lnygua pelo vale entre seus seios, para circundar cada mamilo rijo.

Amber agarrou-lhe os ombros, e suas mcos escorregaram febrilmente para a nuca, enquanto ele se obrigava a ir mais devagar.

- Por favor... - ela murmurou.

- Daqui a pouco, pequena - Truan sussurrou; seu hplito arrepiou-lhe a pele dos seios, e seus lpbios tocaram um mamilo.

Amber arquejou, entre a agonia e o prazer, ao enterrar as mcos nos cabelos de Truan e puxp-lo contra si. Quando a l̄ngua quente e Щmida deslizou por um mamilo, ela estremeceu e soltou um grito.

Amber tinha gosto de terra, de vento e de fogo, o corpo convulsionar de prazer a cada sucyco mais forte. Ele afagou seus quadris, e ela arqueou o corpo instintivamente, atendendo ao desejo primitivo de se juntarem.

As mcos de Amber enterraram-se nos ombros de Truan. Ela arqueou o corpo e se contorceu, em espasmos, erguendo e foryando os quadris para a frente, num impulso puramente instintivo, para permitir que ele tivesse mais acesso e a envolvesse mais intensamente. Entco, agarrando-se aTruan, gritou o nome dele cada vez mais alto, atж alcanyar o cъmax.

Саръtulo XV

Por fim, as batidas fortes e descontroladas do corayco de Amber sossegaram, a respirayco ficou mais lenta e a pele esfriou. Truan afastou gentilmente as mechas Щmidas de cabelo de sua testa.

Seus olhos se abriram lentamente, fitando-o por entre os fantasmas de antigas recordayшes que desapareceram Я

medida que a nova lembrança do que haviam acabado de partilhar assumia todos os espaços. A paixão selvagem parecia estar descansando dentro dela.

Ele sentiu a pergunta, irresponível pelo menos por enquanto, *Quem ж você?*, porque seria perigoso para Amber saber. Calou-a com um beijo, envolveu-a nos braços e carregou-a pelas costas até uma lagoa abrigada.

Não havia vento, apenas um murmúrio de algo que parecia sussurrar pela superfície da água, que despencava pelas pedras numa cascata e caía na lagoa, até o fundo, para depois explodir em bolhas que retornavam à superfície em sons cantantes.

A água não era nem fria nem quente, mas sedosa, que os envolvia, em tons de azul e verde, e reluzia por um momento, sombria como veludo no seguinte, a faiscar em milhares de luzinhas, como se as bolhas fossem estrelas.

Não era dia nem noite, parecia um instante suspenso no tempo. O crepúsculo tingia de ouro a superfície da água e a pele de Amber.

Ela se apoiava nos braços de Tuan e, ao mesmo tempo, era escorregadia como um junco, roçando contra ele e depois boiando para longe. Quando ele a deitou de costas

sobre o brayo, deixou-a flutuar solta, e seus dedos deslizaram pelos quadris e para baixo, pelas coxas, pelo joelho e a canela delicada, atx que a trouxe de volta, a segurp-la por um tornozelo, com um suave puxco que os reuniu de novo.

Na seguranya dos brayos de Truan, Amber relaxou, os msculos a se alongarem, deixando-se levar pela correnteza. Serpentinhas de musgo, na beirada da lagoa, royavam nos quadris e dos lados dos seios de Amber com dedos verdes de pgua, atx que parecia que ela poderia flutuar para fora do corpo, nco mais confinada aos limites da carne, mas como uma bolha a boiar suavemente. Como a bolha do desejo que ela sentia se mover, logo abaixo da superfćie da pele, naqueles lugares inesperados, trazendo de volta, em ondas de lembranyas, a paixco que Truan lhe dera, e provocando outras paixões que esperavam para serem descobertas.

Esp̄rito da pgua, deusa, feiticeira. Todas essas imagens criaram-se na mente dele enquanto a fazia navegar pela lagoa.

As mcos de Truan a acariciavam do joelho atx a coxa, seus pensamentos a se infiltrar nos dela, mostrando imagens de suas mcos a tocp-la, a afagp-la, conforme a puxava de volta, deixando a pgua passar por onde ele ansiava se afundar; enviou-lhe imagens dos mamilos rosados e macios, distendidos com a luxúria da pgua, e

que entco se contrabam em contas duras e firmes com as carbcias que lhe fazia, abx que a trouxe para perto de si. Guiou-lhe as pernas em torno de sua pr3pria cintura, abx sentir os p3llos macios royar seu ventre.

Amber abriu os olhos e fitou-o da cama l3quida, flutuando, queimando com o desejo que se avolumava dentro dela, mais uma vez.

Ainda nco, Truan murmurou em pensamento, puxando-a para si e para mais fundo, no meio da lagoa, abx que a pgua batia em seus ombros e os seios de Amber se achatavam contra ele, conforme ela o agarrava.

Na conexco de seus pensamentos, Truan sentiu que Amber nco sabia nadar e entco lhe afastou qualquer medo. Beijou-a com ternura, mostrando a paixco que a esperava, conforme a puxava para baixo da superf3cie da pgua, seus corpos entrelayados, os cabelos a flutuar como algas.

Sentiu que Amber controlava o medo. Soprou-lhe bolhas sobre os olhos fechados, e ela os abriu, fitando-o com surpresa, o ar ainda preso nos pulm3es. Finalmente, nco conseguiu mais reter o f3lego. Truan percebeu sua luta instintiva para voltar 3 superf3cie. Quando o instinto se tornou p3nico, ele puxou-a contra si.

Segurou-lhe a face, pousou a boca sobre a de Amber e

beijou-a. Naquele beijo, insuflou-lhe ar nos pulmões e depois respirou com ela de novo, na conexão daquele beijo.

Percebeu que o prático gradualmente diminuía, e Amber se entregou, confiante, a ele, colocando a vida em suas mãos. deslizavam juntos naquele mundo subaquático, a salvo, onde ninguém poderia encontrá-los, como se estivessem dentro de um útero que os abrigava e protegia.

Subiram devagar para a superfície, conectados pelo ar e pela água que fluía entre eles, pela corrente de paixão que crescia em seus íntimos.

Emergiram suspirando baixinho, acalentando um ao outro, os corpos a escorregar e a se roçar, aumentando a intensidade do desejo.

Os olhos de Amber estavam fechados quando ela flutuou mais uma vez, aproximando-se dele e depois se afastando. As mãos de Tuan escorregaram pelos lados de seu corpo, os polegares a acariciar seus seios enquanto ele a firmava, e depois desceram pelos quadris ao puxá-la de volta.

Fitou-a nos olhos e insinuou-se em seus pensamentos, sentindo-a, percebendo as mudanças que estouravam como bolhas sob sua pele, a cor a aflorar na superfície

conforme o desejo se expandia a cada carçcia, excitando-a, firmando-a e depois excitando-a mais uma vez, numa sucessco de ondas a se chocar contra Amber e depois a recuar, seus seios boiando, os mamilos rompendo a superfçcie quando Truan a puxou mais uma vez e deixou que ela sentisse toda a sua excitayco.

Calado, Truan fitou-a nos olhos reluzentes, poyas verde-azuladas num mundo verde-azulado. Amber se entregou a aquele desejo cru com a mesma certeza com que lhe entregara a vida quando tinham mergulhado. Confiante, ofereceu-se completamente a ele.

Os pensamentos de Truan invadiram os dela, capturando cada imagem enquanto a observava. Depois, mostrou o que ele via na conexco de suas mentes. Nos olhos de Amber, Truan viu aquelas imagens refletidas de volta, quando a amou, ardendo de vontade de ser parte dela.

Hipnotizados, deixaram-se sonhar, ver e sentir.

As imagens rolaram lentamente uma depois da outra, uma substituindo a outra, o corpo de Amber solto na pguia, movendo-se contra ele, as emoyçoes e sensayçoes a invadi-la a cada carçcia da pguia, a cada movimento de Truan. Ela via exatamente o que ele via: o modo com que seu corpo buscava o de Truan, suas pernas a se enrolarem na cintura dele. Depois, o lento deslizar para dentro dela.

Amber sabia que fora feita para Truan, carne, calor, paixco. Colou o corpo esbelto ao dele e depois, quando Truan a ergueu da pguia e a puxou outra vez, os dedos gentilmente a lhe apertarem as npdegas, arqueou-se para que ele pudesse penetrp-la um pouco mais.

Amber passou os brayos com firmeza em torno do pescoyo de Truan, enquanto aquelas imagens desfilavam por sua mente. Imagens espantosas, erzticas, de numa junyco tco completa que ela conseguia ver, alxm de sentir o corpo dele dentro do seu. Entco, a extensco toda da carne enterrou-se dentro dela, tocando sua alma.

Amber ergueu a cabeya e, em seus olhos, Truan viu o ardor violento de paixco. Paixco por ele, materializada na carne enterrada dentro dela. Amber continuou a fitp-lo, quando Truan comeyrou a se mover num ritmo cadenciado tco antigo como o tempo. As primeiras ondas de paixco cresceram dentro dela como se impulsionadas por uma mola eterna.

Truan sentiu o clymax comeyar no insondpvel verde-azulado dos olhos de Amber, naquela expressco que era tanto de medo como de deslumbramento; sentiu-o no balbucio rouco do nome dele em seus lpbios, nos espasmos de sua carne que o comprimiam. Entco, entregou-se tambxm e se deixou invadir pelo Жxtase daquele momento em que se juntou a ela, insuflando vida lp dentro, derramando a semente em seu ventre.

Dormiram por horas, enrolados no manto, abrigados um nos brayos do outro, os corpos unidos num só. Ou foram dias? Não importava.

Quando despertaram, Truan carregou-a para a lagoa e banhou-a, as mãos gentis nos lugares mais sensíveis, deslizando pelos cabelos de Amber e pelos seios com o mesmo cuidado, represando a paixão, até que ela pensou que poderia morrer assim. Então, levou-a de volta e enxugou-a com o manto, com ternura e cuidado, até que Amber não queria mais que ele fosse terno e cuidadoso, e puxou-o contra si, e depois para dentro de si. Retorceu-se de desejo e necessidade embaixo de Truan, gritando-lhe o nome naquele momento supremo que pairava entre a vida e a morte.

Que lugar é este?, Amber perguntou em pensamento, enquanto jaziam deitados, juntos, saciados.

Ele a ouviu e respondeu naquela conexão de suas mentes:

Um lugar à parte.

Por quanto tempo poderemos ficar?

Até que seja hora.

Hora, tempo. Escondidos do mundo exterior, o passado e o futuro esperavam. Truan fez o tempo se afastar,

agarrando cada precioso momento, agarrando-se a Amber.

Truan forçou o sonho a recuar quando este chegou, diferentemente daquela outra época em que o buscava, desejando saber, precisando dele. Agora, porém, era mais que um sonho, que o despertou com uma urgência que percorreu cada terminação

nervosa e queimou-lhe o sangue. Aquele antigo chamado de poder imortal com que nascera, que o colocava à parte dos seres humanos mortais. Longe de Amber.

Deixou-a ali, a salvo, dormindo, e esgueirou-se para a floresta, sentindo o poder a se mover dentro de si, transformando-o conforme avançava pela bruma, uma criatura mais uma vez, sentindo a proximidade das Trevas a caçá-la.

Amber sonhou que Truan se fora. Quando estendeu a mão e o procurou, ele não se encontrava ali; era um amante imortal, um sonho dentro de um sonho. Alguém que ela conhecia. Alguém que sempre conhecera.

Fechou os olhos e sonhou que Truan retornava através da luz do sol e da neblina, uma criatura mortal, de carne e osso, e com uma alma imortal. Um lobo escuro a correr pela floresta, saltando entre a névoa, as folhas a farfalharem à sua passagem.

Ele avançou através da luz, um homem mortal, uma criatura imortal, despertando-a do sono com uma nova urgência na carne. Tirou o manto de cima de seu corpo e acariciou-a.

Não era um sonho.

Debruçou-se sobre ela, enterrando as mãos em seus cabelos, os dedos a se enrolarem nas mechas sedosas. Depois, acariciou seu ventre. O corpo de Amber respondeu, e ela se arqueou, jogando a cabeça para trás com um gemido apaixonado, acolhendo-o dentro de si numa única e poderosa investida, quando ele a amou.

Daquele jeito antiquíssimo de todas as coisas selvagens, Truan a reclamava, marcando-a. Gentilmente, enterrou os dentes na pele de seu ombro, enquanto deslizava a carne bem fundo, dentro dela, despejando a semente em seu interior, unindo-se a Amber pela alma.

Queria ficar ali com ela para sempre, num mundo à parte, seguro. Porém não estavam a salvo.

Mesmo ali, as Trevas se fechavam, avançando pelas sombras cambiantes da floresta, tal como a criatura sombria que Truan rastreava, e tornando-se mais poderosa e ameaçadora.

Parte III - DESTINO

Capítulo XVI

Quando o casal retornaram, cavalcando pelas colinas que rodeavam Camelot como antigos guardiões.

Tinham ficado fora apenas por umas poucas horas? Parecia mais, e Amber queria agarrar-se a elas. Não desejava voltar.

Truão sentiu isso nos músculos rijos do corpo de Amber, sentada à sua frente, enrodilhada na curva de seu peito, a mão esguia fechada nas bordas do manto, como se fosse um escudo que ela segurasse diante de si. E também sentiu nos pensamentos dela, conforme se agarrava às imagens daquilo que haviam partilhado, retendo-as.

Mas as imagens do que os esperava em Camelot se fechavam como sombras, à espreita.

Toda a Camelot estava resplandecente de luzes. Fogueiras pontilhavam o relvado. Tochas perfilavam-se nas ameias e luziam nas torres como jóias douradas colocadas numa brilhante coroa. Os convidados que chegaram para o casamento do rei trocaram as tendas e pavilhões pelo castelo, enquanto as celebrações continuavam noite adentro.

Ao se aproximarem dos portões de Camelot, Truan sentiu um senso bem diferente da agitação festiva, algo que corria por seu sangue em silencioso aviso. O brilho das luzes dentro das muralhas do castelo não era das tochas da festividade, e sim daquela dos cavaleiros de Arthur conforme se reuniam, ostentando plenas armaduras de guerra, o brilho das chamas a se refletir nas couraças e nas lâminas das espadas, ao montarem seus cavalos de batalha.

Ele sentiu a súbita sensação de alarme na tensão do corpo de Amber, a mão a se fechar ainda mais nas dobras do manto.

- Alguma coisa aconteceu.

Truan captou o caos de tensão que vinha até ele de dentro das muralhas do castelo: os pensamentos furiosos e arrebatados dos guerreiros, não com imagens líricas das mulheres que partilhariam suas camas, mas de quem se prepara para uma batalha.

Entraram através de um portão menor dos fundos, ao lado dos grandes portões duplos que, em tempo de cerco, lacravam Camelot como uma fortaleza inexpugnável. Truan desmontou. Amber escorregou para o chão, ao lado dele.

- Alto! - um guarda berrou.

Truan puxou Amber para trás do cavalo, escondendo-a nas sombras, às suas costas, quando o guarda se aproximou. Naquela época e lugar, ela era uma dama de alguma posição e noiva do sobrinho do rei.

Seria colocá-la em risco se fosse vista retornando com ele. Embora fosse visto de maneira melhor depois dos eventos do dia, Truan não tinha dúvida de que ainda era encarado com suspeita por muitos. Especialmente por Gareth.

- Apareça! - o guarda exclamou, a luz de uma tocha a faiscar em sua espada, empunhada à frente, quando chegou mais perto.

Truan rodeou o cavalo, segurando a rédea com firmeza. Com um toque, acalmou o animal, no caso de este ladear e machucar Amber, que se encontrava atrás dele, nas sombras. Para todas as aparências, Truan parecia simplesmente ajustar a brida enquanto acalmava o cavalo com palavras suaves. Ao mesmo tempo, relanceou os olhos para Amber e, com um simples pensamento, avisou-a para ficar onde estava.

Se ele não conseguisse vê-la ali, encolhida contra a muralha, então o guarda também não a veria. No entanto, Truan podia senti-la. E o surpreendeu perceber que o medo que a dominava não era por ela, mas por ele. Aquilo trouxe-lhe de volta o gosto e o cheiro de Amber, a se fazer

lembrar quente e espesso em seu sangue.

Então, sentiu uma outra presença. Já a sentira entre os cavaleiros reunidos, e era mais forte agora. Captou-a no Pmago, o que fez cada músculo se retesar e a raiva revolver a boca de seu estômago.

Também percebeu o pânico de Amber, aquele pavor mais profundo, instintivo, diferente do medo que sentia do guarda. Era um medo que vinha da lembrança de sua outra vida, naquela outra época, encoberta na mesma escuridão que a impedia de lembrar-se de Truan e do que haviam partilhado naquele futuro distante.

Era a recordação do instinto do fundo da alma, do homem que agora cavalgava lentamente em direção a eles, do homem de quem era noiva naquele tempo e lugar.

- Ora, ora, o que temos aqui? Um ladrão no portão?

Truan teria reconhecido a voz de Gareth mesmo que não o tivesse sentido.

O jovem cavaleiro usava uma reluzente couraça no peito, o elmo sobre uma túnica e calças nas cores azul e dourado de Arthur. Tirou a espada e a empunhou com autoconfiança. Fora superado no campo de competição, o que desencadeara um jogo mortal. Ambos sabiam da traição que acontecera, uma traição na simples troca de

elmos, o que poderia significar a morte de Arthur, se Truan nco tivesse recuado no golpe final.

- VocЖ sabe o que fazemos com ladrues em Camelot - Gareth disse com um esboyo de sorriso que nco tinha nenhum sinal de humor. Em seguida, dirigiu-se ao guarda:

- Afaste-se! - ordenou. - Eu mesmo lidarei com este ladroco. - Nivelou a espada na altura do corayco de Truan.

Das sombras, Truan captou o medo de Amber e foryou-a a voltar para a seguranya da escuridco com um Щnico pensamento forte.

Nco faya isso, pequena!, murmurou para ela, na ligayco das mentes. Aliviou-lhe o medo, deixando que sua forya fluisse em torno de Amber, a protegЖ-la.

- Onde esteve durante a tarde toda, campeco? - Gareth perguntou, a voz a emanar ressentimento e zdio. - Pensei que estivesse ansioso para reivindicar os favores de todas as damas que esperavam para cumprimentar o herzi do dia. Quem sabe - sugeriu - andasse planejando alguma traiyco contra Camelot. Sabemos muito pouco sobre vocЖ. Talvez eu o tenha surpreendido a se esgueirar de volta ao castelo depois da reunico com Malagaunt, pois fomos informados de que ele agora avanya pelas fronteiras do Norte.

Truan sentiu os pensamentos do cavaleiro, a raiva mal controlada e a sombria ambição que habitava dentro de sua alma, que iria levá-lo a traír o rei e destruir um reino no tempo futuro

que os aguardava. Sentiu também o repentino pânico de Amber, aquele medo do fundo da alma que crescia dentro dela.

Seria tão fácil destruir Gareth, simplesmente esmagá-lo e lhe arrancar o coração. A vontade queimava em seu sangue, aquele poderoso instinto animal. Porém a lógica advertiu-o e conteve suas ações quando ele estendeu o braço e agarrou a lâmina da espada do cavaleiro. Cravou os olhos em Gareth, enquanto a lâmina esquentava ao seu toque.

- Tome cuidado - avisou Truan. - Pode se machucar. A tensão pulsava no ar. Um fio sedoso de luz brilhou nas bordas da espada, incandescente, e subiu pela lâmina em direção ao cabo e ao ponto que o segurava.

- Pare, sir Gareth!

A voz profunda de sir Bors ressoou como um trovão.

- O que é isso? - perguntou ao se aproximar e reconhecer Truan de imediato. Relanceou os olhos de um para o outro, sentiu o frio gume da lâmina estremecer no ar e viu a espada sacada por Gareth. Interpôs-se entre os dois.

- VocЖ tem deveres em outro lugar - sir Bors lembrou ao jovem cavaleiro. - Vp cuidar deles.

- Pergunte a ele onde esteve - desafiou Gareth. - Estp voltando menos de uma hora depois que recebemos a notЪcia de que Malagaunt atravessou as nossas fronteiras.

- Afaste-se, rapaz - sir Bors avisou, com a autoridade de quem servia a Arthur de longo tempo e nco sentia nenhuma ameaya nos layos de sangue entre o rei e o sobrinho.

- Este homem conquistou os favores do rei no dia de hoje. Nco seria de bom agouro matp-lo aqui, nos prЪrios portЪes do castelo. Se vocЖ tem acusaЪes a fazer e pode comprov-las com mais do que mau humor por ter sido superado na disputa

de hoje, entco faya uma reclamayco formal e serp ouvido perante o tribunal, no devido tempo. Se nco pode, entco sugiro que vp ver seus homens.

Gareth finalmente baixou a espada, mas nco fez nenhuma tentativa de disfaryar seu zdio ao fazer o cavalo dar a volta.

- Numa outra ocasico! - exclamou, e entco instigou o animal Я frente, para se unir a seus homens.

Truan percebeu o olhar especulativo de sir Bors e captou

os pensamentos do cavaleiro. Ele também tinha perguntas, porém eram temperadas com sabedoria e cautela, e, Truan sentiu um sinal de respeito.

O cavaleiro pousou a mão sobre o pescoço manchado de suor do cavalo, a expressão pensativa, como se adivinhasse alguma coisa.

- Foi longe esta tarde, meu jovem amigo.

- Sim - confirmou Truan.

Captou as indagações mentais de sir Bors, viu-o relancear os olhos para as sombras, e percebeu que ele adivinhara a verdade. Não disse nada, mas finalmente meneou a cabeça, concordando, como se aceitasse o fato de não ouvir nenhuma explicação a mais.

- Voltou em tempo. Recebemos notícias de que Malagaunt cruzou a fronteira norte. - Sir Bors o observou atentamente. - Vai precisar de um cavalo descansado. O rei pretende dar umas boas-vindas especiais a ele. Pediu que você cavalgasse a seu lado. - Entregou a espada de Truan.

Fora limpa e polida, e a lâmina de aço luzia com um brilho mortal.

- Tome cuidado, guerreiro - Sir Bors lhe disse. - Eu

cavalo do outro lado do rei. - Nco fez menyco de disfaryar a advertKncia.

- Entco, ele estarp bem protegido - Truan declarou.

O cavaleiro voltou e atravessou o pptio, gritando ordens aos seus homens. Sumiu entre os guerreiros, ajudantes e cavalos de batalha que enchiam o pptio. Quando Truan se virou, Amber se fora.

Sentiu-a a se esgueirar pelas sombras ao longo da muralha, por trps do galpco do curtume e depois pelo pptio atx a porta da pequena capela, que se ligava ao salco principal.

A capela estava fria e muito pouco iluminada, com apenas a luz das velas do altar para clarear o caminho. Amber estivera ali antes, naquela manhc, com lady Guinevere, a fim de rezar para que nco houvesse ferimentos sKrios em nenhum dos bravos cavaleiros. E sentira na futura rainha uma afflyco intensa, quando dissera suas preces, sabendo que ningum, a nco ser Amber, a ouviria.

Pai do сжу, perdoai meus pecados, ajudai-me a aceitar o que devo e guiai-me pela trilha que devo seguir.

Eram palavras cheias de tristeza e desespero, que Amber poderia ter entendido mal, se nco tivesse relanceado os olhos para a patroa e visto as lpggrimas que escorriam por suas faces. Amber continuara ajoelhada a pequena

distância, imaginando o que poderia ser a causa de tanto tormento e angústia.

Agora, seus chinelos estalavam suavemente ao avançar pelo chão de pedras. A capela era pequena, a luz dançava das velas a bruxulear nas feições dos santos e da Santa Mãe de Jesus. Ao se aproximar do altar e da pequena porta que ligava a capela ao salão principal, descobriu que não estava sozinha.

Uma figura encontrava-se ajoelhada em prece. Ao som da aproximação de Amber, a cabeça se ergueu e a luz das velas no altar incidiu sobre as feições assustadas de lady Guinevere.

Estava rezando novamente. Talvez pela partida dos guerreiros, talvez pelo rei, talvez por outro motivo. Fitou Amber com um olhar de compreensão.

Havia sido lady Guinevere que a mandara sair do pavilhão mais cedo, naquele dia, parecendo compreender a profunda e compulsiva necessidade que Amber tinha de sair de lá. E a dispensara com um aviso sussurrado, Tome cuidado, mas não tentara impedi-la. Era como se entendesse muito bem as coisas que Amber mal compreendia.

Um som à porta da capela assustou as duas. Lady Guinevere agarrou depressa a mão de Amber e puxou-a

para baixo, a seu lado, com uma simples palavra murmurada: - Reze!

Ajoelharam-se com as cabeças baixas, lado a lado, as mãos entrelaçadas. À frente, os corações a bater disparados quando a porta se fechou e sons de botas pesadas ecoaram, a se aproximar lentamente do altar.

A cada passo, o pânico aumentava ao longo das terminações nervosas de Amber. Fora vista atravessando o portão? Acontecera alguma coisa com Truan? Estaria ele sendo arrastado para aquela cela onde ficara aprisionado?

Quem estava se aproximando? Truan? Gareth? Ou talvez um dos outros cavaleiros do rei, que os vira quando voltaram ao castelo e certamente teria contado ao rei?

Uma sombra apareceu dentro de seu campo de visão. Custou toda a concentração de sua vontade para não ceder ao pânico, não revelá-lo nem por palavras ou gestos, mas permanecer calmamente

olhando em frente, como se comprometida naquelas preces que murmurava com tanto ardor.

- Ouvi suas preces, senhora.

O medo restringiu-lhe o coração ao reconhecer a voz de Gareth, e, por um momento, Amber quase acreditou que

fosse possível que ele controlasse sua vida assim, completamente.

Antes, ela o julgara bondoso e gentil, quando o conheceu, ao vir acompanhar lady Guinevere a Camelot pela primeira vez.

Fora meses antes? Semanas? Ou apenas dias, como parecia? Na verdade a lembrança que Amber tinha disso não era clara. Como se fosse algo que tivesse sonhado, mas de que não tomasse parte. Mas tudo parecera real. Tão real como Gareth, de pé a seu lado, a observava, esperando que ela se trancasse e mostrasse a mínima emoção. Menor mentira.

- Então, sabe que rezo para o retorno de todos em segurança - Amber declarou, fixando o olhar em frente, na imagem de Nossa Senhora no altar.

- É mesmo, Amber? Ou pelo retorno em segurança de um dentre aqueles que irão enfrentar Malagaunt?

Guinevere levantou-se depressa, a expressão fria, impenetrável, ríspida, embora ainda não fosse rainha.

- Se quiser rezar, sir Gareth, então o deixaremos com suas preces. Não queremos perturbá-lo.

Amber levantou-se também, e a mão de Guinevere fechou-se em torno de seu braço. Mas Gareth a impediu de sair.

- E por quanto tempo estiveram rezando? - perguntou, com um olhar intenso.

- Estamos aqui desde esta tarde, quando chegou a primeira notícia da traição de Malagaunt - Guinevere respondeu, falando de dentes cerrados, a expressão firme, sem traçar a mentira.

Mas Gareth não pareceu satisfeito.

- É essa a sua resposta também, Amber?

- Sim, é claro.

Ele estendeu a mão, pegando o pedaço de uma folha de samambaia seca dos cabelos dela.

- E esteve aqui a tarde inteira? - indagou, esmagando a folha delicada entre os dedos.

- Eu já disse que sim - Guinevere retrucou, embora a pergunta não fosse dirigida a ela. - Duvida da minha palavra? Se assim for, talvez queira levar o assunto ao rei.

Os olhos de Gareth se estreitaram, sua expressão de zedio ao encarar lady Guinevere. Por não era um desafio que ele estivesse preparado para enfrentar naquele momento.

Ainda não.

As portas se escancararam, assustando a todos, e um jovem cavaleiro entrou.

- O rei o chama! Vamos partir!

Desta vez, quando Gareth estendeu o brayo, Amber teve certeza que ele pretendia agredi-la. Contudo, em vez disso, deslizou os dedos por seu queixo, escorregando para a garganta, fechando-os. Sua mão tremia, como se Gareth lutasse contra alguma força maior que lhe negava o prazer de machucá-la. Por fim, afastou a mão com um gesto brusco.

- Não deve haver segredos entre nós, Amber. - As palavras soaram doces, mas continham uma ameaça subliminar. - Conversaremos sobre isso de novo quando eu regressar.

Finalmente ele se foi, e Amber soltou a respiração que estivera segurando, um suspiro muito semelhante a um soluço.

Lady Guinevere passou um braço em torno de seus ombros, tentando lhe dar conforto, mesmo sabendo que não havia nada que pudesse dizer que aliviasse o sofrimento que Amber agora sentia: a dor de amar alguém estando noiva de outro.

Truão sentira o momento em que Amber estava em perigo. Controlou-se e continuou a observar a capela, até que

Gareth e um de seus homens por fim saíram.

Sim, jurou silenciosamente ao cavaleiro, nós conversaremos sobre isso de novo.

Chegaram a vila um pouco antes do meio-dia seguinte, perto das fronteiras do antigo reino de Gwynedd, tempos antes reivindicado pelos celtas e agora protegido por Arthur.

As ruínas fumegantes e os corpos carbonizados deixados para trás por Malagaunt eram um triste lembrete das batalhas do passado, em nome da paz, e do destino que aguardava Camelot naquele tempo futuro do qual Truan viera.

Arthur pensou em dividir suas forças para procurar Malagaunt. Truan levantou-se do chão, onde observara os rastros marcados na terra macia.

- Pelo menos três dezenas de homens; viajam leves e para o Leste. Se o senhor dividir suas forças - advertiu sutilmente Arthur, ao montar de novo em seu cavalo -, ficarão inferiorizados em número, sem tempo para o resto de seus homens se juntarem à luta.

- O que sugere, guerreiro? - sir Bors perguntou, seus olhos a se estreitarem, pensativos.

- Seguir estes rastros, pois nenhum outro vem do

acampamento. Eles avançam em frente a não menos que um dia de distância, e para o Leste.

- Como sabe disso? - perguntou o rei. - Possui talvez algum dom especial de conhecimento?

Seus olhares se encontraram. No olhar do rei, Truan sentiu a lembrança de uma amizade de muitos anos guardada com carinho; aquela entre o menino guerreiro e o mentor conselheiro de quem diziam ter feito do garoto um rei. E, nos pensamentos de Arthur, também sentiu um lampejo de reconhecimento. Por um momento fugaz, lembrou-se de seu velho amigo e talvez visse algo do mago no jovem que montava um cavalo de batalha à sua frente.

Truan sorriu.

- Não há nenhum dom ou mágica que os ajudou a fugir.

- E qual é a prova pela qual avalia o número de horas que se passaram desde que partiram? - indagou Gareth, ao parar ao lado do cavalo de Truan, com uma expressão desafiadora e arrogante.

O sorriso de Truan se alargou. Apontou para o estrume no chão.

- Você está pisando nela.

Sir Bors foi acometido de repente por um acesso de tosse para disfaryar o riso, embora os outros cavaleiros de Arthur nco fossem tco cuidadosos ao esconder as pr3prias reaywes. Mesmo o rei fazia forya para nco sorrir.

Truan nada disse ao virar o cavalo mais uma vez, enquanto Arthur dava a ordem, sob os protestos do sobrinho, para que, alxm de uma pequena forya deixada para cuidar das necessidades dos sobreviventes da vila, todos seguissem para Leste.

- Como pode ter certeza de que nco ж uma armadilha? - Gareth perguntou ao tio.

- Quer fazer alguma acusayco, meu sobrinho?

Gareth relanceou os olhos para os guerreiros e cavaleiros que o rodeavam, viu-os lutar para manter a compostura e percebeu que riam dele. Virou o cavalo e se afastou. Para o Leste.

Logo depois do cair da noite, chegaram a um lugar de acampamento. Tanto os homens como os cavalos estavam exaustos, as tllpnicas e escudos emplastados e salpicados de lama da longa jornada a seguir os rastros que pareciam desaparecer totalmente pelo terreno irregular.

Truan continuou montado no cavalo, im3vel, seus

pensamentos a alcanyar muito alxm. Malagaunt e seus homens estavam por perto, talvez apenas alguns poucos metros de distPncia, quem sabe a vigip-los mesmo agora.

- Faremos nosso acampamento aqui - anunciou Arthur. E quando Truan nco desmontou de imediato, mas incitou o cavalo atx um pequeno outeiro e ficou a fitar a escuridco, o rei juntou-se a ele. - VocЖ desaprova - disse, intrigado.

- Nco se trata de eu desaprovar - Truan respondeu, com cautela, lembrando a si mesmo que era um estranho entre eles.

- Por Deus, vocЖ me lembra alguxm... - disse Arthur, a voz baixando de tom com a recordayco. - Alguxm de quem tenho muita saudade. Alguxm a quem certa vez chamei de amigo.

Truan sentiu os pensamentos do rei, a tristeza da camaradagem perdida, uma amizade mais forte que o layo entre irmcos.

- Ele tinha o seu jeito de mudar uma frase - Arthur bufou com a lembranya. — De fazer uma sugestco que eu poderia seguir ou nco, mas com a certeza de que, se eu nco a seguisse, estaria destinado a fracassar. - Remexeu-se na sela como se o manto da solidco nco lhe assentasse bem.

?- E entco ele se foi - continuou o rei -, sem uma palavra

quanto ao motivo. Fiquei zangado por isso, e depois lamentei a raiva, pois ele tinha uma maneira de saber de tais coisas. - Olhou para Truan, pensativo. - Como vocs algumas vezes parece saber das coisas. Trs vintenas de homens entre tantas marcas de casco? Seria preciso um spbio para adivinhar o nmero verdadeiro.

Truan deu de ombros.

- Um palpite que ainda precisa ser comprovado. Posso estar enganado.

- Homens nco apostam levemente as prprias vidas.

- Posso ser um tolo.

- Creio que nco - ponderou Arthur e, em seguida, perguntou: - O que ж que o aborrece?

- Este lugar nco ж seguro. Pelo menos, nco para soldados que podem ser pegos dormindo nas horas mais escuras antes da alvorada. Seria fcil esgueirar-se entre eles de todas as direes.

Sentaram-se num silncio camarada por vrios instantes, Arthur a considerar a sugesto, pensativo.

- Pode haver algum mrito no que vocs diz.

Quando o rei deu as ordens, sir Bors o encarou com um ar especulativo.

- Confie em mim, velho amigo - Arthur lhe disse. Fizeram suas fogueiras contra o frio da noite. Os colchões foram esticados, as formas dos soldados adormecidos a pontilhar o acampamento. Os cavalos foram amarrados ali perto, enquanto os guardas ocupavam seus postos.

Foi o que Malagaunt e seus homens viram ao rodearem o acampamento e atacarem, naqueles momentos finais antes da aurora, quando o céu se raiava de cinza e os guardas se postavam encolhidos e de cabeça baixa, cochilando.

Soldados adormecidos, guardas imveis, o rei dormindo em sua tenda de campanha. Todos fantasmas. Uma ilusão. Uma armadilha que esperava o inimigo.

Assim como captara o plano do rei, Truan também percebeu a aproximação do inimigo, distante vários metros do acampamento.

Ainda havia tempo para uma retirada. Truan sabia do perigo que incorria ao interferir naquele momento da história, mesmo insignificante. Quanto poderiam as coisas mudar, ponderou, simplesmente por sua presença ali, naquela batalha? Como mudariam se ele não agisse?

Moviu-se em silêncio Arthur, cujo olhar agudo percorria a escuridão que se dispersava. Ordens foram passadas, de homem a homem, por gestos, quando várias dezenas de homens invadiram o acampamento do rei.

- Ainda não - Arthur ordenou, a mão enluvada erguida, os homens a aguardarem seu comando, enquanto, diante deles, o acampamento ganhava vida como uma colmeia de repente arrancada de um galho de árvore.

Guerreiros enxameavam o acampamento, enterrando espadas naqueles rolos de dormir imóveis, investindo para dentro da tenda do rei, atacando os poucos cavalos amarrados ali. Guardas eram silenciosamente abatidos. Por fim nenhum sangue escorria ou encharcava o chão.

Em vez disso, rolos de dormir vazios eram chutados de lado. A tenda do rei foi transformada em trapos apenas para revelar que também estava vazia. E os guardas "mortos"

em seus postos, caídos diante dos golpes do inimigo, mostravam, não corpos ensanguentados, mas couraças, elmos e tunicas vazios. Naquele instante, quando os homens de Malagaunt começavam a

compreender que haviam sido enganados, Arthur deu a ordem de ataque.

Uma tática tocha em chamas foi o sinal dado a todos os

seus homens. Investiram colina abaixo e varreram o acampamento.

O combate tornou-se brutal e sangrento. Os homens de Malagaunt compunham quase trinta vintenas de guerreiros pesadamente armados. A primeira surpresa deu lugar depressa a luxúria do sangue, e gritos de guerra ecoaram no ar.

Homem contra homem, as espadas faiscavam a luz das fogueiras, os cavalos a relincharem em meio aos berros de ambos os lados.

Truan avançou com seu cavalo para o miolo da batalha, protegendo o lado esquerdo do rei. Sir Bors guardava a direita de Arthur, com Gareth na retaguarda. Formavam uma cunha inexpugnável que investia contra o coração do combate, as espadas a girar e a retalhar aqueles que estavam no chão ao redor.

Assim que chegou ao centro, Truan sentiu o perigo quando a cunha protetora que rodeava o rei se desfez. Olhou para trás e viu Gareth se afastar para a direita, quase fazendo sir Bors perder o equilíbrio. O cavaleiro mais jovem perdeu a espada.

Era uma casualidade comum em batalha ou fora intencional?

O erro deixava Arthur protegido apenas de um lado,

completamente vulnerável do outro. Com a ponta da bota, Truan apanhou uma espada caída do chão e jogou-a para o cavaleiro.

- Pegue-a! E defenda seu rei!

Gareth o encarou. Seja o que for que pensasse, pegou a espada e virou-se para se defrontar com um novo assalto do inimigo.

Por duas vezes o inimigo rompeu a cunha de proteção e

aproximou-se do rei, com a intenção de abater Arthur, o penacho azul e dourado facilmente visível e a destacá-lo entre seus homens. E, a cada vez, Truan sentiu o perigo e se voltou com destreza para encará-lo, empurrando um guerreiro para longe enquanto transpassava outro, para depois chutar o corpo da ponta da lança. Então, percebeu o momento em que a batalha esmoreceu, e logo se seguiu o grito de retirada do inimigo.

Tudo depressa como começara, terminara, com os guerreiros de Malagaunt fugindo para salvar as próprias vidas. Alguns poucos homens de Arthur deram caza a eles, até

que foi dada a ordem para que voltassem ao acampamento.

Truan recuperou a espada do corpo de um inimigo.

Durante o conflito, ele abandonara seu cavalo e continuara o combate no chão, preferindo a terra sólida sob os pés.

Cuspiu de lado, livrando-se do gosto da morte. Porém, como os outros, estava coberto por aquela mescla de suor, terra e sangue, aquele cheiro de batalha do qual ninguém poderia realmente se livrar.

Arthur dificilmente seria reconhecido debaixo da sujeira e do sangue que emplastava sua couraça. Mas abriu um sorriso largo quando um de seus homens se dirigiu a ele. Bateu nas costas de sir Bors daquele jeito fraterno entre guerreiros que enfrentaram uma batalha e sobreviveram como vitoriosos.

- O que me diz agora desse jovem guerreiro, velho amigo?
- o rei perguntou a sir Bors. - Disseram-me que há pelo menos duas vintenas de homens de Malagaunt mortos e outra vintena que fugiu. Por minhas contas, isso perfaz trinta vintenas.

Sir Bors limitou-se a resmungar. Empurrou o elmo para trás com um gesto desajeitado. Sofrera um golpe que lhe abrira um dente na proteção da cabeça e lhe cortara a testa.

- Um palpite casual? - murmurou.

- Sim - disse o rei, o olhar a se estreitar, pensativo, em Truan. - Tão casual como aquele de que seríamos

atacados em nossos rolos de dormir. - Fez um gesto de cabeça para Truan. - Sou grato pela sua intuição, guerreiro. Malagaunt não voltará para as nossas fronteiras tão cedo. Porém, quando o fizer, será com a certeza de que não nos encontrará dormindo em nossos postos. E quando chegarmos a Camelot, você deve aceitar um lugar na Tenda Redonda. Fez por merecer no dia de hoje.

Truan ficou estupefato por aquela reviravolta dos acontecimentos. Era uma mudança que não previra. Contudo não estava mais espantado que Gareth. Viu o olhar furioso do jovem guerreiro e percebeu que se aproximava o momento em que deveriam enfrentar um ao outro, de uma vez por todas. Rezou para que pudesse ser capaz de proteger Amber.

Começaram a jornada de regresso a Camelot naquele mesmo dia, confiantes de que, por enquanto, Malagaunt estava longe, além das fronteiras do Norte, para onde se retirara. Truan, porém, sabia que, num futuro não muito distante, chegaria outro dia, com um resultado bastante diferente.

Fizeram o acampamento naquela última noite, antes de retornar a Camelot, num lugar protegido. Ali, aqueceram as mãos nas fogueiras e assaram coelhos e esquilos caçados na floresta.

Um perimetral duplo de guardas cercava o

acampamento; um visível, se alguém procurasse vê-lo, o outro escondido a vigiar de seus postos ocultos. Arthur era um guerreiro que aprendera com cada erro, tanto seus como dos inimigos. Não seria surpreendido como Malagaunt o fora.

O rei sentara-se ali perto, com quatro de seus cavaleiros, a

comentarem sobre o ataque. Gareth ficara em silêncio durante toda a jornada desde as fronteiras do Norte, e agora não era visto em parte alguma.

Truan, porém, sentia sua raiva e a escuridão do mal que se agarrava a ele.

- Como sabia que os homens de Malagaunt seriam encontrados naquele lugar? - sir Bors perguntou, enquanto mastigava, pensativo, um pedaço de carne tirado de um espeto no fogo, - E não me venha com respostas como talvez - emendou, em seguida.

Em Bors, Truan sentia a sabedoria nascida de muita experiência. Era mais velho que Arthur, um guerreiro que fora o primeiro do círculo íntimo de cavaleiros escolhidos para a lendária Távola Redonda. Um mentor que transformara um menino em guerreiro, assim como outro mentor o aconselhara sabiamente nas estratégias para tomar e manter um reino. O que ele sabia ou acreditava a

respeito de Merlin?

- Existem aqueles - comejou Truan, escolhendo as palavras com cuidado - de quem se diz que possuem um conhecimento especial, um dom de intuitivo que outros não têm.

Vem coisas que os outros não podem ver. Uma mudança no vento, uma visão num sonho. - Estendeu as mãos diante do fogo, deixando o calor passar por ele até encontrar aquele fogo interior com que nascera.

Separou as mãos, e as chamas se dividiram ligeiramente, permitindo um vislumbre de dentro do coração do fogo. De luz cambiante, amarela, laranja, vermelha, azul, em constante mudança, e de sombras que habitavam ali, nas bordas das labaredas. Imagens nebulosas de faces de quem havia partido antes, e faces do futuro. Juntou novamente as mãos, entrelaçando-as à sua frente.

- Ouvi falar nisso - sir Bors disse, pensativo. - Tais homens são chamados de feiticeiros ou magos. Dizem que não são de sangue mortal. - Cortou outro pedaço de carne do espeto e enfiou-o na boca. - Conheço um homem assim - declarou, mastigando. - Um homem com muito conhecimento e sabedoria. - Franziu a testa a um pensamento.

- Talvez saiba dele. Para alguns é conhecido como Merlin.

Truan curvou os dedos contra as palmas ao ouvir aquele nome, e entco, lentamente, flexionou-os de novo.

- Seu nome ж mencionado com o do rei.

- Certa vez a amizade dos dois foi profunda - sir Bors murmurou. - Mais profunda do que entre irmcos. Juntos, eles construram Camelot.

- Agora, porжm, nco mais? - perguntou Truan, pois tinha pensado em encontrp-lo ali.

- Ele partiu de Camelot mais de um ano atrps. Nco deu explicaes nem ao rei nem a qualquer outra pessoa. Disse apenas que nco poderia ficar. Alguns dizem que foi numa peregrinao Яs terras santas. Outros, que estp morto. - Olhou para Truan. - Outros ainda acreditam que voltarp quando Arthur precisar dele.

E Truan sabia que era naquela ltima hip3tese que o cavaleiro acreditava.

Sir Bors apontou para o fogo que queimava entre eles.

- O que vж nas chamas, guerreiro?

Quanto a revelar? Ousaria ele dizer alguma coisa e se arriscar a alterar o futuro mais do que poderia jp ter alterado com sua presenya ali?

- Malagaunt voltarp - disse Truan, por fim. - E nco se darp por satisfeito em se evadir dentro da noite com o rabo entre as pernas.

Sir Bors concordou.

- Se vocЖ pudesse ver o futuro, quando seria isso? Seus olhares se encontraram atravџs do fogo. Era apenas uma conjectura, ж claro.

- Se eu fosse capaz de ver o futuro, diria que serp no ano vindouro - Truan respondeu, pois sabia como terminaria a lenda que conhecia, se a histџria no tempo presente sobrevivesse Яs Trevas.

- E se isso acontecesse - sir Bors continuou com aquele jogo de "e se", com um olhar intenso para Truan -, ж possџvel ao reino sobreviver?

Truan sentiu a perturbayco dentro do cavaleiro, a necessidade de saber, e a relutPncia. Pois, com o conhecimento, como Truan estava bem ciente, vinha uma responsabilidade terrџvel.

Pensou na lenda de Camelot que perdurara atж seu prџprio tempo, a despeito dos esforџos das Trevas para destruy-la. A grande fortaleza nada mais era que uma pilha de ruџnas num vale deserto, porжm a lenda sobrevivera e tomara vulto, com relatos sobre Arthur e Merlin.

- Camelot viverp por tanto tempo quanto haja esperanya nos coraywes dos homens.

Sir Bors concordou. Pareceu aceitar. Procurou seu rolo de dormir e abriu-o diante da fogueira.

- E quanto ao rei?

Truan nco respondeu de imediato, pois nco poderia mentir ao cavaleiro. Procurou a melhor maneira de se explicar. — Ele serp lembrado? - sir Bors insistiu.

- Sim - respondeu Truan -, serp lembrado por muito tempo.

Ao redor, em todo o acampamento, as vozes ficavam mais indistintas conforme os outros estendiam seus rolos de dormir, Arthur dormiria entre seus homens, usando a armadura de um guerreiro. Se fossem atacados, nco seria facilmente localizado entre eles.

Sif Bors dormiu, seus roncos a ressoar graves em meio ao chiar do fogo. Mas o sono estava longe de chegar para Truan. Permaneceu sentado durante horas diante da fogueira, como se estivesse sonhando, mas acordado por viswes do passado a desfilar nas chamas: quando um jovem mago e um rei guerreiro construram um reino que duraria mil anos. E ouviu vozes antigas que se remexiam em seu sangue e murmuravam por seus sentidos. Vozes do passado e do futuro.

Ao continuar a fitar as chamas, teve uma visco de uma grande batalha e do sangue que encharcava o chco: o sangue do passado e do futuro a se reunir. E, em meio a

batalha, um grande rei, o mago que o ajudara a forjar um reino lendprio, e o fulgor de uma espada brilhante - Excalibur.

Tentou reter a visco, mas ela desvaneceu como se vista de uma distPncia muito grande, vislumbrada de longe, e Truan soube que era o futuro que os esperava.

Hp um grande perigo.

Foi como se alguqm o tocasse no ombro, despertando-o do sono. Entco, Truan ouviu, acima do murmЦrio do fogo que morria, uma voz que sussurrava atravxs de seus sentidos, a adverti-lo.

Estavam naquele momento suspensos entre a noite e o dia,

quando as primeiras luzes da aurora apareciam no horizonte e as estrelas ainda brilhavam no cюu noturno. Como se a noite rendesse o cюu com relutPncia.

Brasas luziam entre as cinzas das fogueiras. Fiapos de neblina agarravam-se as prvores e deslizavam como apariуes silenciosas pelo chco, curvando-se sobre os

guerreiros que continuavam a dormir, imperturbados.

Os guardas ainda se mantinham em seus postos, os olhares vigilantes a esquadrihar o perimetro. Nada revelava que haviam sentido ou ouvido a voz que murmurava um aviso urgente através dos sentidos de Truan.

Havia perigo em Camelot.

Ele se esgueirou entre os guerreiros adormecidos, silencioso como a bruma, como uma criatura da noite, seus sentidos alcançando ao longe, ouvindo, sentindo. Tentou, porém não conseguiu livrar-se daquela premonição de perigo, de algo sombrio e malvado, uma força do mal tão poderosa como a que encontrara antes.

Estavam todos ali, ou enrolados em seus mantos ou de pé em seus postos. Menos um guerreiro, Gareth. O sangue de Truan enregelou-se nas veias.

Lançou os pensamentos ao longe, procurando a visco, mas havia como um véu de escuridão que se fechava em torno de todos em Camelot, inclusive de Amber. Naquele vócuo de sombras, Truan sentiu a armadilha, as Trevas a procurá-lo, e sabia que precisava ir em frente.

Não sozinho, porém.

Acordou sir Bors do sono. Com o instinto incutido no

sangue de todos os guerreiros, a mão do cavaleiro se fechou sobre a empunhadura da espada quando se levantou, depressa. Estava

desperto e alerta imediatamente, o olhar a buscar o de Truan por sobre o brilho moribundo do fogo.

- O que ж?

- Há perigo em Camelot.

Como na noite anterior, quando tinham conversado sobre coisas que poderiam ser, Truan sentiu a plena aceitação do cavaleiro.

- Então, vamos partir para Camelot. - Passou depressa entre os outros cavaleiros e guerreiros, acordando-os. Porém, antes que todos se erguessem dos rolos de dormir, Truan já se fora.

Começou a jornada guiado pelo instinto. Um homem correndo para a luz, com fitas de neblina a envolvê-lo: um lobo negro emergindo da luz, a lua a refletir em seu espesso céu escuro.

Capítulo XVII

- Nunca vi nada mais formoso, milady - a jovem criada

cumprimentou lady Guinevere. - A senhora jþ parece uma rainha.

- Nco me sinto como uma rainha - retrucou Guinevere. - Sinto-me como uma peneira, toda esburacada com os furos das suas espetadas com essa agulha. - Olhou para a garota, que estava im3vel e muda Я janela do quarto. - O que acha? Agradarþ ao rei, Amber?

Ao som de seu nome, Amber voltou-se da abertura da janela, com uma ruga na testa.

- Queria alguma coisa, milady?

- O que eu quero - Guinevere respondeu - ж ficar livre deste vestido desajeitado. ¶ como ser enrolada num tapete, e depois posta de þж, esperando que possa andar.

Serp um milagre se eu nco estourar todas as costuras diante do bispo.

Fez um gesto Я costureira para que tirasse o vestido, o que exigia que se soltassem vprios pontos nos brayos e no corpete. Tco justo era o traje azul-claro, decorado com fios dourados, a combinar com as cores do rei, que s3 poderia ser usado Sendo costurado no corpo.

- VocЖ esteve olhando por esta janela durante toda a tarde - comentou ao ser por fim libertada do vestido e da

pesada cauda que saía de seus ombros. Era um traje para ser usado apenas uma vez, em seu casamento com o rei.

Sua voz suavizou-se, pois sabia por quem Amber esperava.

- Eles certamente não voltaram ainda. Amber meneou a cabeça.

- Paira uma calma estranha na tarde, e o céu está ficando cada vez mais escuro desde o meio-dia.

- Talvez vá chover - ponderou Guinevere.

Amber esfregou as mãos pelos braços para se aquecer contra o repentino frio que pareceu invadir o quarto, a despeito do fogo no braseiro.

- Parece quase noite. Não consigo enxergar além das muralhas.

A escuridão da tarde era incomum, quase como se a noite tivesse caído, em vez de uma tempestade a se formar. Nenhuma nuvem se via no horizonte, contudo ficava cada vez mais frio e mais escuro. Talvez fosse mais tarde do que ela pensara. Seu olhar percorreu as ameias e as torres. A ruga em sua testa aumentou.

- Não me recordo de ter ouvido a mudança de turno da

tarde - pensou, em voz alta, imaginando aonde teriam ido os guardas da torre. Todo dia, ao entardecer, os guardas eram substituídos, e as tochas, acesas nas torres. Porém nenhuma luz se mostrava, nem nas torres nem nas ameias.

Guinevere juntou-se a Amber à janela. Mais uma vez ela usava um vestido e típica em tons de suas próprias cores, de um verde brilhante.

- Está cada vez mais frio - disse, abraçando-se quando

o vento soprou e invadiu o quarto. O fogo no braseiro se extinguiu, e as cinzas se espalharam pelo chão. Diversas velas se apagaram, e as chamas dos lampiões de óleo bruxulearam.

Guinevere também estremeceu.

- Feche as janelas.

Uma das criadas varreu as cinzas. Colocaram mais lenha no braseiro. As chamas tremularam como se rajadas de vento penetrassem por debaixo da porta e em torno da abertura da janela, fazendo parecer mais inverno do que início de verão.

Depois do jantar, Amber sentou-se mais uma vez com a pequena tapeyaria que começara, tentando concentrar-se no intrincado desenho. Lady Guinevere sentou-se diante do braseiro, lendo em voz alta um antigo texto em latim,

seus dois pequenos cces a dormir a seus pjs.

Os dois terriers eram amarelados e brancos, com pjs longos que royavam nas pedras do chco quando andavam, as caudas curvadas sobre as costas. Os focinhos quadrados faziam-nos parecer que tivessem corrido para uma porta que de repente fora fechada.

Eram pequenos animais inteligentes que nco achavam nada melhor do que cayar um rato ocasional que se atrevesse a aparecer, e depois depositar o bicho morto aos pjs de Guinevere, para sua aprovayco.

No curto tempo em que estavam em Camelot, a populayco de ratos fora quase toda eliminada e os terriers tinham ganho o apreyo de todos, particularmente da cozinheira, que detestava descobrir um bicho de olhos redondos a encarp-la dos fundos da despensa.

Mesmo os enormes cces de caya do rei aprenderam a respeitar os animaizinhos, passando ao largo deles por medo de levar uma mordida nos tornozelos. O que faltava aos cachorrinhos em tamanho sobrava em temperamento.

Eram infalivelmente leais a lady Guinevere, mas pareciam sentir que, no que dizia respeito ao rei, deveriam mostrar o melhor dos comportamentos. Caso contrprio, seriam expulsos de Camelot.

A qualquer hora do dia era possvel encontrp-los correndo

e brincando, os longos pãulos a lhes cair nos olhos e fazendo algum imaginar como conseguiram enxergar.

Mendigos de quatro patas, faziam rondas na despensa, cozinhas e hortas, aceitando comida com grande entusiasmo, ou deixando que soubessem de seu desprazer, quando nco a recebiam, com uma mordida na nco ou no tornozelo.

Amber logo fizera amizade com eles, pois adorava animais. Quando sua patroa estava ocupada, os cachorrinhos a seguiam para onde quer que fosse, sempre prontos para brincar e se meter em alguma encrenca. Guinevere os chamava de seus pequenos malandros, e eles pareciam aliviar sua solidco por se encontrar tco longe de casa.

Um dos cachorros arranhou a porta. Amber deixou-o sair, aliviada pelo breve intervalo no enfadonho bordado. O terrier saiu correndo pela porta, latindo enquanto se lanyava pelo corredor, rumo ao patamar da escada.

Seu companheiro nco estava inclinado a fazer o mesmo, pousou a cabeya sobre as patas e cochilou, satisfeito em deixar o amigo invadir a noite, cayando lufadas de vento, folhas e um ocasional gato extraviado.

Amber voltou ao seu bordado, fazendo um pequeno progresso, distraьda constantemente pela tempestade

que sacudia as janelas.

Guinevere percebeu a frustração da jovem ao espetar a agulha no tecido e ouviu o suspiro que ela deixou escapar ao descobrir que uma carreira de pontos precisava ser refeita.

- Neste passo, vai terminar esta tapeçaria quando for uma velha, se o tecido agüentar todos os buracos que você está fazendo.

- Cometi o mesmo erro quatro vezes - disse Amber, aborrecida.

Guinevere olhou para o trabalho e viu o desenho difícil de um lobo bordado no tecido.

- Você falou pouco, depois da sua volta, ontem - comentou e perguntou, hesitante: - Está tudo bem?

- Gostaria de ser liberada do meu noivado - Amber finalmente falou. Então, quase desafiadora, continuou: - Não posso me casar com Gareth. Não é direito. Eu não o amo.

Suas feições mascaravam uma profunda infelicidade. E trouxeram-lhe lembrança o pedido desesperado que Guinevere fizera ao seu tutor, e a única resposta que ele pudera dar: "Você conhece seu dever, menina. Seu futuro não é da sua própria escolha".

Com aquelas palavras no pensamento, Guinevere perguntou:

- Seu guerreiro pediu para que se casasse com ele? Não, nem pedir - ela mesma respondeu, antes que Amber pudesse falar. Já conhecia todas as mentiras e desculpas.

Dissera todas a si própria. - É impossível - continuou, e viu o sofrimento que luzia nos olhos da garota. Inclinou-se sobre o texto em latim para que Amber não pudesse lhe ver a face.

Guinevere fechou os olhos ao se recordar daquela outra conversa, como se tivesse acontecido no dia anterior, talvez apenas horas ou instantes antes, tão grande era a dor e tão intenso os sentimentos que jaziam por trás das palavras.

Seus dedos enterraram-se nas palmas, as unhas a cortar a carne. Lentamente, ela as desencurvou, alisando o vestido na altura do ventre, onde certa vez sentira o filho se mexer. Um filho concebido na paixão. A mesma paixão que viu queimando nos olhos de Amber.

Não era a paixão de uma menina, transbordante de fascínio cega, mas a paixão de uma mulher que sabia o que era se deitar com um homem, partilhar aquela junção física de corpo e alma, para então, depois, fazer sozinha em sua cama com a lembrança a fazê-la padecer no

Íntimo. Uma recordação tão dolorosa que apenas poderia ser aliviada por aquela junção outra vez.

Seus dedos tremeram na página do texto, a mão sem firmeza. Sabia o que era amar daquela maneira, entregar-se totalmente, render-se ao prazer encontrado naquela única, deitar nos braços de um homem e convencer-se de que poderia de alguma forma escapar do dever que a esperava.

Tais pensamentos abriram uma porta sempre muito bem fechada, a porta para o passado e para a lembrança da criança que sentira a se mexer em seu ventre. Uma criança que crescera dentro dela com uma resistência feroz; pela qual Guinevere suportara alegremente a dor do parto ao trazê-la ao mundo, e que, depois, em lágrimas, havia colocado nos braços de outra mulher, para nunca mais voltar a vê-la.

Mesmo agora ela padecia, como se a criança fosse ainda parte de si, talvez para sempre parte de si, uma recordação daquele amor perdido.

- Sei do que você fala - disse, suavemente, tentando confortar

Amber. - Ele não pode lhe oferecer nada. Apenas a espada, e, nisso, reside sua honra e seu dever. Mas não com você.

Dever. Honra. Layos que haviam prendido um jovem mais do que o amor que ela sentia por ele.

- Mas eu o amo - Amber disse, baixinho, expressando o que sentira no primeiro instante em que vira Truan na floresta. Um sentimento que brotava de dentro dela, no fundo, como uma recordação perdida que de repente retornasse. - Eu sempre o amei.

- Mas ele a ama? Disse isso? - Guinevere perguntou. - Não, nem dirá. Porque não pode. Ele se deitou com você e depois a deixou. Porque precisa. E você ficou sozinha com as lembranças daquilo que partilharam, e ansiar por ele com cada fibra de seu ser até o dia em que morrer.

Amber estava estupefata pela impressionante tristeza contida naquelas palavras suavemente murmuradas.

- A senhora deve tê-lo amado muito.

Guinevere ergueu os olhos, que brilhavam de lágrimas.

- Com todo meu coração e alma.

E Amber soube que ela não falava do rei.

O fogo quase se extinguiu no braseiro, e o frio aumentou no quarto. Amber pediu a um dos criados para trazer mais lenha, mas o homem não voltara. Agora, a cesta estava vazia. Com um olhar de desgosto diante da

carreira irregular de pontos que acabara de bordar, Amber p3s de lado a tapeyaria.

— Precisamos de mais lenha para o fogo - disse, pegando a cesta perto do braseiro, a mente assoberbada pelas palavras de sua senhora. Quem, ficou a imaginar, fora o amor de lady Guinevere?

O corredor estava parcamente iluminado por lampiões de zleo pendurados nas paredes. Bruxuleavam, quase se apagando com o vento que rodopiava sobre a borda do balcco.

Nos meses de inverno, quando havia neve no chco, a madeira era armazenada num c3modo grande ao px das escadas, para facilitar a reposiyc0 de lenha nos aposentos privados do rei.

Amber encheu a cesta de gravetos e estava prestes a retornar para o quarto quando um raio correu pelo cju como uma espada reluzente a cortar a escuridco, por um instante iluminando tudo com uma luz brilhante.

Chamou pelo terrier que a acompanhara, mas nco houve resposta. Entco o p3tio ficou de novo imerso em trevas, com apenas a luz da tocha se agitando ao vento. Mesmo as torres de vigia estavam escuras.

Nenhuma tocha fora acesa ao longo das ameias, nem nas torres. Quando outro raio coruscou, iluminando

brevemente o ppto, Amber viu alguma coisa perto da fonte. Apanhou a tocha da parede, puxou o manto em torno de si e atravessou o ppto em direyco Я fonte.

A claridade da tocha proporcionava uma luminosidade m̃nima que ameayava se extinguir a qualquer momento. Ao chegar Я fonte, ela ergueu a tocha diante de si, tentando ver o que se encontrava ali.

Entco, outro raio rasgou o сжу e, na sЩbita explosco de luz no alto, Amber viu o que estava no chco, na base da fonte. Era o terrier de lady Guinevere.

O pequeno animal jazia de lado, a cabeya para trps num Pngulo estranho, o pescoyo quebrado de um modo selvagem.

Porжm, o que quer que o atacara nco ficara satisfeito em simplesmente matar o bichinho. A pelagem branca e dourada estava manchada de sangue, uma ferida horrvel aberta em sua garganta. Aquilo ou quem o atacara havia tentado decapitp-lo.

A mco de Amber tremeu quando tocou o corpo ainda quente, e um pensamento emergiu, como se viesse Я superfьcie de pguas profundas, e com ele veio a certeza de que aquilo tudo acontecera antes: um dia frio, tempestuoso, a fonte do ppto de Camelot, a perda de um querido amiguinho.

Recolheu a mão com um gesto brusco, certa daquilo que lhe viera a memória, a lembrança de outro tempo e lugar, porém muito semelhante ao presente. Mesmo assim, diferente.

E Truan estava lá. Buscando por ela, tomando-a nos braços, confortando-a pela perda. E ela se sentia segura. Tão segura como tinha se sentido naquele dia na floresta, confiante de que ele não deixaria que nada lhe acontecesse.

Pippen. De repente, o nome surgiu em sua mente como se alguém o tivesse murmurado, e, com isso, veio a lembrança do animal que era chamado por aquele nome.

Outro raio f piscou pelas ameias e por um momento as muralhas se iluminaram. Os portões de Camelot estavam abertos! E, nos portões, Amber viu os corpos dos guardas, mortos onde se postavam!

Amber levantou-se depressa, a tocha esquecida quando correu de volta pelas escadas que conduzem aos quartos do segundo andar. Entrou no aposento, e lady Guinevere ergueu os olhos do texto. O outro terrier sentiu a aflição de Amber e começou a latir.

- O que foi? - Guinevere perguntou. - Aconteceu alguma coisa? O rei e os seus homens retornaram?

Amber não contou a ela o que encontrara no portão. Haveria

tempo mais tarde.

O pequeno terrier passou por ela em disparada, latindo ferozmente. Guinevere fez menção de ir atrás dele, mas Amber, gentilmente, a reteve pelo braço.

- Não há tempo.

Olhou aflita pelo quarto em busca de algo que pudesse ser usado como arma. Viu a pequena faca que haviam usado para cortar uma maçã depois do jantar, e apanhou-a.

- Precisa me dizer o que aconteceu! - Guinevere exclamou.

- Não podemos ficar aqui - declarou Amber. - Alguém abriu os portões! Camelot foi atacado!

Capítulo XVIII

- Você não é o destino. Dentro de você há a esperança para o futuro.

O vento estava um bocadinho mais frio, a tempestade a vergastar Truan enquanto ele corria. Era como se tentasse empurrá-lo para trás, mantê-lo afastado de Camelot.

Eu me afastei do meu destino. Você não deve. Tome

cuidado com a escolha que deve ser feita, ou tudo estar perdido.

As palavras sussurravam em sua mente e queimavam em seu sangue, um legado do passado que o esperava.

Lançou os pensamentos pela tempestade, através da distância de quilômetros que haviam percorrido desde Camelot, na perseguição de Malagaunt.

Tome cuidado com a escolha que deve ser feita...

A escolha de se entregar ao amor por Amber, como não poderia em sua própria época, com receio de que ela pudesse saber a verdade acerca do que ele era: uma criatura nascida de carne e osso mortais, com uma alma imortal que se transformava à vontade no animal que Amber tinha todo o direito de temer.

A escolha de partilhar da amizade com Arthur, um rei que alguns acreditavam ser apenas um mito, contudo um homem de carne e osso que construíra um reino magnífico que perdurara nos corações por quinhentos anos e perduraria mais outros quinhentos se ele fizesse a escolha certa.

Esses eram os pensamentos de Truan na jornada de volta a Camelot, através das charnechas selvagens batidas pela tempestade e das colinas revoltas pelo vento, o chão a passar sob seus passos incansáveis, a mente focalizada

em Amber; no brilho pálido daquele corpo enfeitado de gotas de água da lagoa, enquanto se deitava sob o seu, livre das lembranças do passado, a se entregar com uma paixão que lhe tirava o fôlego; no dourado profundo dos cabelos espalhados por seu manto; na cor dos olhos, de um verde-azulado reluzente como os baixios da lagoa em que seu corpo se juntara ao dele.

Em outro tempo e lugar, ela havia se apossado de seu coração com os modos gentis e o silêncio da mudez emocional. No presente tempo e lugar, Amber reivindicara seu coração para sempre com risos doces, gentileza e coragem de enfrentar um lobo, sozinha, na floresta.

Ele não era livre para amá-la naquela existência; ela não era livre para amá-lo na atual existência.

Tudo voltaria àquele sonho fulgurante que havia se tornado tanto lenda como mito nos corações da humanidade. Ele fora conduzido para Camelot jurando lealdade a lordes Stephen, como seu pai certa vez jurara lealdade a Arthur. Porém fracassara. Seu pai abandonara Camelot quando Arthur mais precisava dele. E o reino se perdera. O

que teria acontecido se Merlin não tivesse abandonado Arthur?

Você deve escolher, o sonho sussurrou mais e mais em sua

mente, e Truan soube que a escolha que devia ser feita o esperava em Camelot.

Jazia diante dele, escuro e silencioso, um sonho fulgurante, a esperanya para o futuro de toda a humanidade, envolto nas Trevas. Truan sentiu aquela presenya opressiva no vento que o chicoteava e no frio que cortava como uma faca, a mesma forya maligna que encontrara pela primeira vez numa nevasca cegante. Uma infiltrayco do Mal a se estender pelo tempo para reivindicar o futuro.

As ameias estavam escuras e abandonadas. Nco havia nenhum guarda nas torres, e uma garra fria de medo apertou-lhe o est3mago ao pensar que era muito tarde. Transformara-se mais uma vez, um guerreiro com a espada sacada, o instinto animal do lobo ainda a queimar em seu sangue, enquanto os p3llos da nuca se arrepiavam.

Nco se aproximou dos portwes principais, mas foi atx a muralha sul. Ali, voltou seus pensamentos para o 3ntimo, reuniu o poder, transformando-se mais uma vez, seu corpo a desaparecer conforme se inclinava para a frente, as mcos penetrando pelas pedras da muralha e depois passando para o outro lado.

Emergiu abxm do portco principal, perto dos estpbulos, e abaixou-se depressa, a espada oculta junto ao corpo para

que nco pudesse ser vista facilmente.

Uma opressco se abatera sobre Camelot. Ele a experimentara antes, quando Cassandra viajara pelo portal do tempo para o passado, em busca do Orpculo; e numa outra vez, quando tinham seguido Margeaux para dentro da floresta. Com o mesmo instinto animal de antes, Truan farejou a morte.

Encontrou o guarda do portco brutalmente assassinado ao abrir os portues para algum que ele reconhecera. Gareth.

TrЖs outros guardas tambжm estavam mortos, assassinados antes que pudessem soar o alarme de ataque ou sacar suas armas. Os vigias nas torres haviam sofrido o mesmo destino quando os homens de Gareth se insinuaram para dentro.

Truan seguira a trilha de meia dЩzia de cavaleiros do acampamento de Lrthur, Gareth entre eles. Porжm aqueles rastros tinham se juntado a aproximadamente duas dЩzias de outros cavaleiros, que esperavam nas colinas situadas entre as fronteiras do Norte e Camelot. Homens de Malagaunt.

Essa era entco a armadilha que Malagaunt realmente planejara. Nco um ataque numa remota vila do Norte, pequena e pobre demais para ser de alguma importPncia

estratégica ou significayco, mas um ataque no próprio corayco do reino, enquanto o rei e seus homens se encontravam longe e apenas um punhado de guerreiros ficara ali, para defender Camelot.

Gareth e seus homens tinham agido depressa. Truan encontrou muito mais mortos do lado de dentro. Os guerreiros de Arthur haviam sido brutalmente assassinados, muitos em suas camas, outros abandonados para morrer em seu próprio sangue, enquanto Gareth e seu bando se concentravam no prêmio que procuravam, a futura rainha. Truan nco tinha dúvida de que era isso o que Gareth pretendia.

Arthur finalmente decidira escolher uma rainha e assegurar o futuro de Camelot. Seu casamento com Guinevere criara uma aliança com os poderosos chefes dos clcs das terras do Oeste. e prometia um herdeiro para o reino. E filhos nascidos de Guinevere frustrariam qualquer reivindicaçco que Gareth tivesse com relaçco ao trono.

Quando Truan deixara o acampamento do Norte, sir Borsoara o alarme e espalhou a notícia entre os homens de Arthur.

Nco poderiam estar muito distantes, porçm Truan nco poderia esperar por eles.

Ao cruzar o pçtio interno para o pçtio privativo que rodeava

o salco principal, ele sentiu a extensco da traiyco de Gareth.

Quando ganhara a entrada em Camelot, Gareth fizera seus homens abrirem os portues para os homens de Malagaunt. Fora muito pouco o que qualquer um pudera fazer para impedi-los. Os guardas pessoais do rei, a entrada do ptio particular, tambxm tinham sido assassinados. Dentro do ptio, perto da fonte, Truan encontrou um dos pequenos terriers de lady Guinevere. Provavelmente, o ccozinho fora morto quando ia dar o alarme.

Na morte do bichinho de estimayco, Truan sentiu uma fria crueldade, a mesma crueldade que sentira na morte de Pippen. E seus pensamentos se aguyaram. Havia um padrcio naquilo, coisas que se repetiam. Eventos acontecendo do mesmo jeito, outra vez, como tinham acontecido antes.

Ouviu sons de luta dentro da residЖncia do rei e se levantou num salto, correndo para os degraus que conduziam aos quartos do segundo andar. Ali, encontrou o parceiro do terrier no patamar da escada, morto tambxm. Pouco abxm do patamar, a porta do quarto de lady Guinevere estava escancarada.

Dentro do quarto, Truan sentiu a presenya de Amber: uma coisa tangvel que ele quase poderia alcanyar e segurar,

to clara e forte no rastro sutil de seu cheiro, no calor da tapeyaria que Truan sabia que ela tocara pouco antes, e no medo que pairava no ar.

E naquela essência, ele pôde sentir quais tinham sido os Pensamentos de Amber. Ciente do perigo, ela e Guinevere haviam fugido juntas, esperando encontrar segurança em outra Parte do castelo.

Truan lançou os pensamentos para além do quarto, procurando por Amber e lady Guinevere. Seguiu para onde o levavam, guiado por aquela essência que agora fazia parte dele tanto quanto a respiração. Então, ouviu gritos... ou sentiu-os no medo que pairava no ar.

Correu pelo corredor onde puxara Amber para as sombras, protegendo-a com seu poder, ansioso por tocá-la, ampará-la, atormentado naquela outra vida pelo medo de que ela pudesse fugir, quando soubesse a verdade do que ele era, atormentado na vida presente pelo destino que os alcançava com perigos invisíveis, receoso de que não pudesse protegê-la.

O salão principal abaixo estava um caos, conforme a luta chegava ao ápice, a maioria dos guardas particulares de Arthur a lutar lado a lado com servos contra os mercenários de Malagaunt. Desesperado para atravessar o salão e seguir a trilha que Amber tomara, Truan juntou-se à luta, abatendo um homem e depois se voltando para

enfrentar outro que o atacava pelas costas.

Truan bloqueou o golpe, sentindo os movimentos do guerreiro, e desferiu poderosos golpes com sua espada. Outro golpe fez tremer a extensão da IPmina. O guerreiro investira novamente, Mas, em vez de levar a espada para cima e aparar o ataque, como seu adversário previra, Truan abaixou-se sobre um joelho e levou a espada para cima num selvagem contra-ataque.

A IPmina atingiu o guerreiro no alto, sob as costelas. Com ambas as mãos fechadas em torno da empunhadura, Truan enterrou a espada mais fundo, passando pelo revestimento de músculos espessos e órgãos vulneráveis ali protegidos, e então sentiu o raspar do aço contra osso.

A expressão do inimigo era de surpresa estupefata e, depois, de choque, quando o sangue escorreu pela extensão da IPmina. O guerreiro cambaleou para a frente, e Truan empurrou-lhe o corpo para longe, passou por cima dele e avançou depressa.

Subiu as escadas opostas que conduziam aos aposentos do conselho do rei e a câmara estrelada, ainda seguindo a trilha por onde Amber e Guinevere haviam fugido. Gritos soavam por onde ele era visto. Dois dos homens de Gareth o atacaram.

O primeiro morreu depressa. O segundo caiu no chão em

agonia quando Truan decepou-lhe as pernas. Saltou por cima de ambos e abriu com um chute as portas da cPmara estrelada. As chamas dos lampiões a zleo estremeceram quando ele irrompeu para dentro do quarto.

Sentiu a presenya de Gareth imediatamente, uma presenya familiar experimentada pela primeira vez naqueles meses passados, durante uma tempestade de neve, quando ele e Cassandra tinham seguido Margeaux para a floresta e a encontraram morta, seu filho por nascer arrancado de seu Utero.

Naquele dia, a tempestade se fechara sobre eles como se fosse uma coisa viva, determinada a destruí-los. A criatura que Truan vira através da neve cegante era um filho das Trevas que vivera no passado durante a época de Arthur, nascido no futuro, conforme os poderes da Luz se tornavam poderosos mais uma vez.

Ao entrar na cPmara estrelada, confrontou-se com aquela criatura que nascera na mesma época que ele, uma semente das Trevas, enviada para destruir o futuro.

Gareth girou o corpo e voltou-se. Segurava Amber Я sua frente, um brayo fechado sobre os dela, apertando-a contra o corpo. Na outra mão havia uma faca, a ponta comprimida contra

a garganta da jovem. Um dos homens de Malagaunt fizera

lady Guinevere prisioneira.

- Nco se aproxime, guerreiro, ou ambas morrerco! - Gareth ameayou, empurrando Amber Я frente como se fosse um escudo. Nos olhos dele, Truan viu as Trevas que luziam em sua alma, as Trevas que o criaram, nascido de carne e osso, porxm com os poderes do Mal.

- Seus poderes sco grandes - Truan lhe disse, avanyando devagar, o olhar cravado na mco que segurava a faca, ao mesmo tempo em que estava ciente da ameaya contra Guinevere. - Use seus poderes contra mim, nco em simples mortais -desafiou, usando os pensamentos para manipular a mente do guerreiro de Malagaunt. Sentiu a resistЖncia quando Gareth percebeu o estratagema. - Erga sua espada contra mim, Gareth. Deixe-me ver os poderes das Trevas, nco o covarde qe se esconde atrps de mulheres mortais indefesas. - Viu o lampejo de raiva nas profundezas dos olhos frios de Gareth. -Lute comigo, venha me enfrentar! - Truan pressionou o adversprio, vendo a avaliayco das chances naquele olhar.

-Nco! Nco faya isso! - Amber gritou, fazendo uma careta de dor quando Gareth comprimiu a faca com mais forya em sua garganta. Seu olhar era de sЖplica. - VocЖ nco deve - murmurou.

Truan bloqueou os pensamentos, fechou-se, isolado de suas pr3prias emoywes e da imperiosa vontade de atacar

Gareth, arrancar Amber de seus braços e retalhá-lo.

- Escolha a arma que quiser-disse a Gareth. - Qualquer que seja o meio com que queira me desafiar. O poder das Trevas contra o poder da Luz. Aqui e agora, Gareth.

De uma vez por todas. Ou... está com medo?

- Não tenho medo de nada! - retrucou Gareth, puxando mais ainda Amber contra si.

- Então, talvez os meus poderes sejam maiores do que os seus - Truan insinuou com um sorriso.

Gareth também sorriu, um sorriso malévolo, ao aceitar os termos do desafio.

- A escolha das armas é minha.

- Primeiro você tem de soltar Amber e lady Guinevere.

Gareth concordou, e na aceitação das condições, Truan sentiu que talvez fosse aquilo que Gareth procurava durante o tempo todo. Solto Amber e, com um gesto de cabeça, ordenou ao homem de Malagaunt que deixasse Guinevere livre.

Quando Amber hesitou, e Truan sentiu que ela poderia correr ao seu encontro, meneou a cabeça com força, ignorando as emoções que sentia nela. Amber voltou-se

para lady Guinevere e puxou-a para longe do homem de Malagaunt.

— Mande-o embora - Truan disse a Gareth. - Nco confio num homem com uma arma Яs minhas costas.

Gareth concordou e lanyou um olhar para o mercenprio, que se virou e saiu do aposento.

- Se vocЖ perder, elas ainda morrerco - Gareth afirmou. Truan sorriu, mantendo a mente impermepvel para Amber, recusando-se a ceder a emoуes mortais. Tinha apenas um pensamento, um objetivo.

- Eu nco pretendo perder.

Сарьtulo XIX

- Como serp entco? - perguntou Truan, cada pensamento, cada sentido focado em Gareth, nco deixando que nada mais interferisse, ciente de que estava diante de um espъrito afim e que era perigoso permitir intromissуes. Embora fossem outros os mestres a quem serviam, os dois eram muito semelhantes. - Que arma escolhe? Os olhos de Gareth luziram.

- VocЖ concordou com os termos - ele lembrou a Truan.
- Estp obrigado por sua palavra a manter o acordo.

Um aviso perpassou pelos sentidos de Truan e correu gelado pelo seu sangue, na voz que vinha de seus sonhos.

Tome cuidado, meu filho! O poder das Trevas reside no logro, na trapaya e na traiço. Usarp sua prpria fraqueza contra vocЖ!

- Minha palavra estp empenhada - Truan retrucou, os olhos a se estreitarem, os sentidos aguyados e focados, observando cada movimento de Gareth, rebuscando-lhe a mente Я procura de alguma deslealdade.

Gareth colocou a faca sobre a Tpvola Redonda e abriu as mcos, palmas para cima.

- VocЖ suspeita de alguma trapaya de minha parte. Truan fungou.

- Estou cansado dos seus truques e jogos. VocЖ escolhe os meios do desafio. Eu aceitei. Agora, aponte sua arma ou desista.

Um sorriso frio curvou os lpbios de Gareth. Era a corporificayco da impiedade e da dissimulayco.

- Eu jamais desisto.

Truan inclinou-se para a frente, as mcos agarradas na borda da mesa. Sua expressco era de um predador,

intensa, mortal, pvida de sangue, a seguir cada movimento de Gareth como se o cayasse.

- Entco indique as armas e vamos comeyar!

- Sim - disse Gareth, tambжm inclinando-se para a frente, com as mcos fechadas na borda da mesa, do lado oposto. Eram como duas criaturas mortьferas, cada mЩsculo tenso, olhares cravados um no outro, preparando-se para o combate.

- Mas nco hp nenhuma razco para procurar por armas. N3s jp as temos. VocЖ e eu.

Truan sentiu aquele aviso a correr em seu sangue de novo, como se Merlin estivesse a seu lado e o murmurasse. Uma premoniyc de que a barganha que fizera seria bem cara. Os olhos de Gareth faiscavam nas profundezas de sua engenhosidade.

- Escolho o poder de transformayco. Uma arma formidpvel. Nco concorda? Serp interessante ver qual ж o mais poderoso.

Foi como se Truan levasse um golpe fьsico. Gareth nco era Nenhum tolo. Longe disso. Possuiа muitos dos mesmos poderes de Truan e o arrastara com sagacidade para uma armadilha, tco seguramente como o iludira para levp-lo a penetrar quinhentos

anos no passado para salvar Amber. Gareth expusera o pior temor de Truan, como uma faca enterrada fundo, cortando a carne para deixar uma ferida mortal.

Naquela outra vida, a vida que ele partilhara com Amber no futuro, Truan nco poderia suportar que ela soubesse a verdade de como ele era, uma criatura que nascera mortal e imortal, tanto humana como um ser da bruma. Tinha medo de que, se Amber descobrisse o que ele era, o rejeitaria com medo e repulsa.

E, assim, Truan se escondera dela, ocultando seus poderes com sortilxgios tolos e gestos de prestidigitayco: uma moeda ou flor tirada de trps da orelha, a sllbita apariyco de uma pequena pomba abrigada na palma de suas mcos, uma chama que de repente surgia; brincadeiras estllpidas e rimas tolas.

Tudo aquilo fora um tremendo disfarce para trazer riso aos olhos de Amber e um sorriso gentil aos lpbios, onde antes havia apenas um silKncio emocional e mem3rias assustadoras por causa do que ela havia sofrido antes.

E, lentamente, como uma flor na primavera, Amber emergira da tristeza do passado. A expressco em seus olhos tinha mudado do sofrimento para a fascinayco, e depois para o amor. S3 entco ele se afastara dela, atormentado por aquilo que viera a sentir: um profundo despertar de um desejo mortal, de uma paixco que Truan

nco deveria sentir. Porque nco poderia suportar que Amber soubesse a verdade, porque tinha medo do horror e da repulsa que veria nos olhos dela quando soubesse a verdade, ele fora deliberadamente cruel e bloqueara seus sentimentos por Amber.

Porxm, no mundo presente, naquele lugar quinhentos anos no passado, ela nco se recordava de nada daquela outra vida, nada do que haviam partilhado. Truan finalmente se rendera aqueles sentimentos e se atrevera a amp-la.

Deitara-se com Amber como um ser mortal, dando-lhe seu corpo, seu corayco e sua alma. Porxm, naquela junyco de carne e osso, ele tambxm se unira a ela como uma criatura imortal, reclamando-a como um animal reclama sua companheira, disposto a proteg-la com a vida, se necessprio, marcando-a ternamente daquele jeito dos seres selvagens e depois unindo seu corpo ao dela, plantando sua semente bem fundo, daquele modo atemporal que o ligara a Amber para sempre, e conectara o passado ao futuro.

Tome cuidado, meu filho! O poder das Trevas reside no logro, na trapaya e na traiyco. Usarp sua pr3pria fraqueza contra vocЖ! As palavras de seu pai ecoaram em sua mente.

Gareth fora ardiloso. Era de uma ironia cruel o fato de que, ao concordar com o poder da transformayco como as

armas escolhidas, os únicos meios pelos quais Truan poderia salvar Amber e lady Guinevere, arriscava-se a perdê-la, quando ela soubesse a verdade a respeito do que ele era.

Truan sentiu o medo e a confusão de Amber. Viu em seus olhos e ouviu a pergunta que se formava em sua mente quando ela franziu a testa.

Não importa o que aconteça, não importa o que você veja, ele murmurou na conexão de seus pensamentos, você deve confiar em mim! Acredite naquilo que compartilhamos!

Confie no meu amor por você.

Ouviu a resposta que veio do coração e foi murmurada pelos lábios de Amber, de paixão compartilhada, de lembranças ocultas, iluminadas nas horas em que haviam se unido, naquele lugar

abrigado da floresta, em que ela se rendera a ele no fundo daquela lagoa reluzente, quando confiara sua vida a Truan.

Eu o amo.

Porém, quando Truan se voltou para encarar Gareth pela extensão da mesa, ele se fora.

Tinha comido.

— Saia! - Truan exclamou para Amber. - Vp embora daqui!

Seus sentidos esquadriharam a cPmara estrelada. Gareth estava ali, porxm que forma assumira?

- Eu nco o deixarei!

Por um momento, Truan perdeu a concentrayco.

- Saia deste lugar! E nco olhe para trps!

Naquele exato momento, ele sentiu os homens de Arthur se aproximarem dos portwes de Camelot. Se Amber e Guinevere chegassem ao pptio, estariam a salvo.

Quando ela ainda recusou, Truan disse a Guinevere:

- Pegue-a e vco embora!

Guinevere empurrou Amber para as escadas que conduziam Rs portas da cPmara estrelada. Porxm, quando iam alcanyp-las, nco conseguiram avanypar. Podiam ver alxm das portas arrebetadas, mas nco conseguiam sair, impedidas por alguma barreira invisvel que as aprisionara.

A risada de Gareth ecoou no aposento com uma crueldade glacial e mortyfera que reverberou pelas paredes e sibilou como a ameaya de uma serpente nas

sombras.

Truan voltou todo o seu foco de novo para a cPmara e Gareth, liberando a percepyco, atraindo o dom poderoso com que nascera, sentindo-o crescer e se expandir dentro de si, levando-o abxm dos limites da carne mortal, usando o poder da transformayco,

a arma que Gareth escolhera e o nico meio de manter Amber a salvo.

Amber virouse para a porta arrebetada, quando Truan fora atrps delas, e mesmo assim ainda inexpugnvel. Naquele momento em que haviam tentado fugir do aposento, Gareth desaparecera, sem dvida escondendo-se em algum lugar ali dentro. Agora, Truan tambxm se fora. Porxm ela ainda podia senti-lo.

Se fechasse os olhos, saberia que ele se encontrava ali, em algum lugar, movendo-se pelas sombras, como no sonho na floresta, quando Amber acordara e vira pela primeira vez aquela criatura vindo em sua direyco entre as sombras e a bruma. Entco, Truan passou por aquele prisma de luz, voltando para ela, abrayando-a, protegendo-a.

Da mesma forma que acontecera naquele dia, na floresta, quando o lobo saltara para a clareira, ele retornou para perto dela...

Estava terrificada. Sentiu o perigo, a penugem macia a se eriyar em seus brayos, um medo instintivo que vinha de algum lugar obscuro dentro de suas lembranças e se enrodilhava em seu estômago e comprimia seus pulmões.

Empurrou Guinevere para as sombras, no canto, ao lado da porta quebrada, apavorada ao ver a neblina espiralar raivosamente pelo chão da Câmara, enrolar-se em torno de cada cadeira da Tróvula Redonda e depois se estender por sobre a superfície da mesa em que havia aquelas antigas palavras latinas e sobre o brilhante cristal que luzia como o coração de uma chama eterna ao centro.

Guinevere agarrou-a pelo braço, puxando-a mais para o canto, enquanto algo vago começava a tomar forma do outro lado da Câmara. Uma forma longa e sinuosa com uma cauda com

um chocalho que sacudia e uma cabeça de serpente. Depois, olhos se formaram na cabeça, negros e imperscrutáveis. Ao mesmo tempo em que a criatura continuava a tomar forma, com aquele pescoço longo a se espichar para a frente como se procurasse sua presa, ouviu-se um silvo, um som horrível que parecia de almas em agonia.

Amber desviou a vista da horrível criatura, recusando-se a vê-la, bloqueando toda imagem e som que invadiam a Câmara estrelada como a concentração de uma

tempestade.

Terrificada como estava, forçou-se a pensar em apenas uma coisa: Truan, e as palavras que ela sentira em pensamentos tão claras como se ele as tivesse pronunciado.

Confie em mim.

A serpente deslizou pelo chão da câmara como se procurasse por aquela essência fugidia. O zodiaco coleava dentro da criatura, que escorregou para embaixo da mesa, passando entre as cadeiras, uma corporificação do Mal que sibilava de frustração e ira, os olhos a luzirem num vermelho-sangue conforme deslizava ligeira pela base do assento real e depois ao longo da parede, buscando e se tornando mais agitada a cada momento, ao não encontrar nada além da bruma em torvelinho que constantemente se esquivava.

Sua busca era infrutífera. Então, inclinou aquela cabeça larga em direção aos degraus e às duas mortais que se agachavam nas sombras. Com um silvo mortal, mudou de rumo e deslizou para a escada.

Amber viu a criatura aproximar-se e puxou Guinevere consigo ao longo do pátio. Passou pela porta arrebatada através da qual não conseguiam escapar, escondendo-se nas sombras, com a esperança de que a

criatura não as visse. Porém

aquela coisa demoníaca pareceu sentir para onde elas iam e deslizou o corpo na direção delas pelos degraus. Amber não pôde mais enxergá-la claramente. A bruma se concentrou e depois se tornou mais densa, enchendo o aposento, e era impossível ver qualquer coisa.

Tão evidentemente como se as abraçasse, o poder envolveu a ambas, circundando-as num manto de névoa que impedia a criatura de vê-las, escondendo-as, protegendo-as.

Gradualmente, a bruma começou a se aclarar. Quando se dissipou o suficiente para que Amber pudesse enxergar, ela percebeu que não estavam mais no topo das escadas perto da porta, mas do outro lado da câmara, escondidas atrás do enorme selo real.

Ouviu então o silvar horrível da serpente. Irrompeu raivoso como o vento, tomando o aposento e dissipando a bruma com uma explosão tempestuosa de escuridão e terrificante poder. Então, Amber não mais viu a serpente. Parecia ter desaparecido em meio à tempestade.

Truão sentiu a mudança nos poderes das Trevas, captou aquele exato momento em que a entidade percebera que não poderia encontrar Amber ou Guinevere na bruma cegante e se transformara na escuridão malévola que

redemoinhara e afastara a bruma. Truan também se transformou, recorrendo aos Poderes da Luz, apossando-se da forya interior para ver o que seus sentidos mortais nco permitiam: a forma que as Trevas tomariam a seguir.

Protegera Amber e lady Guinevere uma vez. Contudo as trevas continuariam a assumir novas formas, pois assim o jogo Mortal prosseguiria, em ofensivas e contra-ofensivas.

Truan teria de investir, em algum momento, para encerrar aquela disputa fatal e destruir o Mal.

Sentiu aquela concentrayco maligna mais uma vez, a frieza da traiyco, da cobiya, da avareza que vivia em todas as almas humanas e Я margem do mundo conhecido.

Tome cuidado, meu filho! O poder das Trevas reside no logro, na trapaya e na traiyco. Usarp sua pr3pria fraqueza contra vocЖ!

Aquilo encheu a cPmara de novo, nas sombras que cresciam nos cantos, fazendo recuar a luz da pedra do orpculo, subindo pelas beiradas da Tpvola Redonda, o sьmbolo de tudo que era esperanya nos corayщes dos homens, ao tomar um novo contorno e forma. A de um grande lobo cinzento.

Amber viu a criatura quando esta saltou para o topo da Tpvola Redonda. Feroz, mortьfera, com presas Я vista e morte nos olhos; ainda mais apavorante do que o animal

que haviam encontrado na floresta naquele dia, quando ela e lady Guinevere viajavam para Camelot. Farejava o ar. Entco, saltou para o chco, concentrou-se e avanyou em largas passadas, cruzando a cPmara rumo Я pedra do selo, onde elas se escondiam, nco mais a salvo.

Truan rodopiou, transformado mais uma vez em seu corpo mortal. Custou-lhe instantes preciosos atx que seus sentidos se aclarassem e sua forya retornasse, para se defrontar com o novo desafio de Gareth. Entco, ele viu o lobo cinzento a cruzar a cPmara, rumando atx o lugar onde Amber e lady Guinevere se escondiam.

Ele usarp sua pr3pria fraqueza contra vocЖ!

Aquelas palavras profxíticas ecoaram como um alarme nos sentidos de Truan. Gareth captara seu maior medo, de que Amber descobrisse o que realmente ele era, e agora o usava contra ele. Porxm, tudo que importava era Amber. Truan nco conseguia

sequer suportar a idxia de vЖ-la morta, mesmo que isso significasse descobrir a verdade.

Transformou-se mais uma vez, sentindo o poder da criatura lhe preencher os sentidos e a alma, o homem de carne e osso desaparecendo, substituido pelos mЦsculos, forya e instinto assassino do lobo negro.

Amber observou a cena com incredulidade. Quando vira a

serpente tomar forma, percebera que de alguma maneira tinham entrado num mundo onde tudo era, de certo modo, mutável. A criatura não surgira do seu medo e da sua imaginação. Era real.

Assim como a bruma, que acobertara tudo e impedira a criatura de encontrá-las, também era real.

Ela a sentira, não fria e apavorante, mas cálida como uma carícia em sua pele, suave como uma promessa que murmurava em sua mente: Confie em mim.

Não compreendia o que estava acontecendo. Não sabia para onde Truan se fora, ali por um momento, desaparecido no outro. Porém aceitou que havia coisas neste mundo que não podiam ser explicadas.

O tempo não se immobilizara naquele lugar mágico onde Truan possuía? Os dias não tinham passado como se fossem horas enquanto se amavam? Não vira o lobo na floresta por um instante e depois Truan, vindo para ela através dos raios do sol e neblina? Ele não parecia conhecer seus pensamentos tão claramente como ela mesma? Magia?

Feiticeira? Ou algo mais?

Aceitou porque tinha de aceitar. Do contrário, teria que acreditar que Truan, de alguma forma, a abandonara naquele passado demoníaco, assustador. E nisso Amber

ncó podia acreditar.

Nco sabia o que era que os ligava, assim como nco entendera as razões que a haviam feito procurp-lo no dia do torneio. S3 sabia que devia. Que seu futuro, sua vida, qualquer que fosse, estavam ligados Я dele. Naquela vida, em outra vida, talvez pela eternidade, se uma tal coisa existisse.

Confie em mim, Truan pedira. Ela confiava porque o amava com todo o corayco e toda a alma. E, enquanto observava o lobo negro atravessar num salto o aposento, atacando o lobo cinzento, os rosnados selvagens a dilacerar sua alma, Amber soube que nco tinha nada a temer daquela fera negra.

Os dois animais se atacaram e morderam um ao outro, os dentes a afundar no pЖlo espesso, procurando a garganta ou a barriga vulnerpvel. Seus uivos e rosnados ecoaram pelo aposento atЖ que Amber nco p3de mais suportar aquele som terrificante. Tapou os ouvidos com as mcos, tentando isolar os ruьdos de pele e carne se rasgando.

No frenesi do embate, conforme dentes e garras se cravavam e cortavam, Truan sentiu a transformayco comeyar de novo, mais lenta desta vez. Os movimentos eram letprgicos, perturbados pela perda de forya das transmutayões anteriores e pelos ferimentos sofridos na luta. Entco, gradualmente, a forma embaixo dele se

alterou, mudou e assumiu outro contorno, o de um homem que lentamente emergia, ferido, tentando se proteger contra o ataque selvagem de Truan.

De tática azul, rasgada e esfarrapada, o capuz era tudo que protegia a face e a cabeça. Então, isso também foi arrancado e dilacerado pelos dentes e garras reluzentes.

Mãos se ergueram para proteger a cabeça exposta, vulnerável sem uma arma.

Truan experimentou uma poderosa luxúria por sangue. Queimava em suas veias, martelava em seu coração e ecoava através de sua mente a incitá-lo, como naquele dia no passado.

Mate, antes que seja morto!

Viu então os brilhantes olhos azuis e as feições do homem. Feições rememoradas de sonhos distantes, sonhos mortais, a mão gentil a pousar em seu ombro, e ouviu aquela voz que falava com amor e ternura.

Filho.

Depois, a voz que respondia, a lhe dilacerar as lembranças, tentando destruí-las.

Mate, antes que seja morto!

Enquanto o poder das Trevas e o poder da Luz travavam uma batalha dentro dele, Truan olhou para baixo, através dos olhos da fera em que se tornara. Mas o que viu foi com o coração mortal e a alma. O homem que jazia embaixo dele era seu pai: Merlin!

Com um suspiro de agonia, Truan afastou-se do homem que continuava prostrado no chão. Ofegante, o instinto assassino ainda forte dentro de si, Truan rastejou para trás por vários metros, a cabeça baixa, lutando contra a escuridão interna que se fechava em torno de seu coração, ao fixar o homem que jazia ali.

Amber viu quando o lobo cinzento transformou-se mais uma vez, e depois continuou a observar com olhos incrédulos quando o animal tomou a forma de um homem. Sentiu um vago despertar de reconhecimento, embora não pudesse se recordar quando encontrara aquela pessoa.

- Não pode ser - lady Guinevere murmurou, ao lado dela.

Livrou-se da mão de Amber ao sair do esconderijo, através da pedra do selo.

— Não! - avisou Amber, indo atrás dela.

- Não acredito?! - Guinevere exclamou, cruzando o quarto antes que Amber pudesse impedi-la.

O homem ergueu a cabeça. O capuz caiu para trás

enquanto ele lutava com o lobo negro, e revelara as fortes feições aquilinas, a linha oblíqua do queixo firme, a curva sensual de uma boca rodeada por uma barba e bigode escuros, despertando uma lembrança de alguém que Amber havia conhecido. Então, ele ergueu os olhos e fitou lady Guinevere.

Eram de um azul intenso, reluzentes de luz, amor e paixão. Olhos que Amber vira a fitá-la! E soube que havia se encontrado com aquele homem antes. E com a mesma certeza com que sabia que o encontrara, sabia quem era.

- Marcus Merlinus - lady Guinevere disse, com doçura, o coraçco a parar de bater diante do nome adorado que pronunciara apenas em preces e sonhos. - Pensei que nunca mais o veria.

- Não! Não faça isso! - Em parte um suspiro, em parte um grito, o som foi arrancado das profundezas de sua alma quando Truan lentamente transformou-se mais uma vez e viu, impotente, Guinevere caminhar na direção do homem que jazia no chão da câmara estrelada.

Somente ele viu a perversidade que toldava os olhos daquele homem, sobrepondo-se ao azul; apenas ele sentiu a negrura que havia na alma da criatura conforme atraía Guinevere para longe da segurança.

Tome cuidado com a escolha que deve ser feita.

Amber ouviu o rosnado terrível e, em seguida, horrorizada, viu o lobo negro saltar sobre Guinevere e carregá-la com ele conforme rolava pelo chão. Então, ficou a olhar, incrédula, quando a fera lentamente parou e se sacudiu, e ela julgou que ele

iria atacar lady Guinevere. Não foi o que aconteceu. Postou-se sobre ela como se a protegesse.

A transformação começou de forma lenta. Aos poucos, o lobo negro desapareceu, os músculos poderosos e o pelo reluzente substituídos por músculos poderosos e longos cabelos negros de um homem.

O coração de Amber saltou diante da vista dele, conforme emergiu gradualmente da forma do lobo. No fundo de seu coração, julgou que sempre soubera, desde aquele primeiro encontro na floresta, quando Truan se interpusera entre ela e o perigo, e depois, quando a levava para aquele lugar especial, regressando através da bruma, pouco antes da alvorada. Truan era uma criatura selvagem, bravia, um amante impetuoso e apaixonado que a marcara na pele e na alma.

Não compreendia nada do que havia acontecido. Simplesmente aceitava porque o amava de todo o coração.

Ele parecia fraco e tremia, os gestos lentos e cheios de

dor, embora aparentemente nco estivesse ferido. Entco, Amber percebeu o movimento no chco, quando o homem que Guinevere chamara pelo nome levantou-se e saltou para a faca que jazia esquecida sob a Tpvola Redonda atx aquele momento.

Amber soltou um grito, chamando por Truan, no instante em que o homem agarrou a faca.

Truan sentiu o perigo e, em seguida, ouviu o prprio nome.

Impossibilitado por aquela fraqueza persistente da transformayco, ele nco conseguiria se transformar outra vez para salvp-la, Porxm alertou-a com cada grama de forya que lhe restava.

Viu Gareth pegar a faca, viu tambxm quando a arma foi pelo ar. Mirada nele, uma IPmina mortyfera capaz de dar um golpe fatal enquanto Truan ainda nco estava plenamente transformado, naquele momento Щnico em que todas as criaturas, tais como ele, encontravam-se no vpcuo entre os mundos mortal e imortal, e vulnerpveis.

Nco levou mais que uma frayco de segundo e, no entanto, pareceu uma agonia de tempo quando Amber interp3s-se no caminho entre Truan e a faca.

- Nco! - ele gritou.

Agarrou-a, puxando-a para dentro dos brayos, para

protegi-la, afastando-a de Gareth, para longe daquela ilusão mortal e do perigo verdadeiro e real.

Os cabelos de Amber se soltaram da longa trança, espalhando-se por suas costas e sobre os dedos de Truan. A expressão em sua face era aturdida, o corpo esbelto tenso como um arco. Então, ele sentiu o tremor violento de dor que veio do íntimo, antes de perceber a mão apertada forte de suas costas ao agarrá-lo no ombro, e de ouvi-la no arquejo que escapou-lhe dos lábios. Quando a puxou contra si, Amber parecia de repente não mais que uma criança, pequena, frágil e indefesa. Uma umidade quente escorreu por seus dedos, manchando o macio cetim dourado dos cabelos dela. Com extremo cuidado, Truan a depositou no chão. O olhar de Amber cravou-se no seu, a expressão permeada de cada emoção que haviam partilhado, e de vestígios de antigas memórias que agora, lentamente, retornavam.

Truan sentiu as lembranças daquela outra vida se aclarando. Tentou empurrá-las para trás, porquanto não conseguiu. Percebeu que Amber fora libertada da escuridão que a impedia de se recordar. Um calafrio de pavor o percorreu.

Com a percepção de todas as criaturas, sentiu que algo se movia além de sua capacidade de impedir.

- Não! - murmurou, veemente. - Fique comigo! Fique

comigo!

Amber estremeceu com o frio que lentamente a invadia, mas não sentia medo. Seus dedos tremiam ao tocar a face de Truan. Parecia não conseguir vê-lo mais, porém lhe percebia a presença e sabia que ele a segurava. Ouvia o murmúrio do próprio nome, sentiu o calor da respiração em seu rosto e depois em seus lábios. E ela sussurrou sob o doce calor daquele beijo.

- Eu o amo. Sempre o amei - disse, quando sentiu o frio desaparecer, substituído por um calor suave que a envolvia enquanto seus olhos se fechavam.

Truan apertou-a contra o peito conforme as palavras sussurradas morriam nos lábios de Amber. Ele não podia empurrar a morte para trás nem podia trazer vida de volta onde não havia alguma. Mas, e se Amber desse a vida a ele? E se ele unisse sua alma imortal à dela?

Através do zéio e do sofrimento, ele viu o portal aberto e soube que Gareth escapara. Notou que o outro lado, além do elo entre os dois mundos, estava precariamente aberto, o passado e o futuro. Porém tudo que importava era segurar Amber nos braços.

Os sons que encheram a câmara estrelada não eram sons mortais, mas a raiva da impotência diante daquelas coisas além de seu alcance: o uivo ferido de uma criatura

que se lamentava pela companhia perdida; o grito de um mortal que temia ter perdido a única coisa que para ele significava vida, e sentia como se o corayco tivesse se despedayado.

Truan aninhou Amber nos brayos e enterrou a face em seus cabelos.

Саръtulo XX

Guinevere levantou-se lentamente ao ver dois homens caminharem em sua direyco atravѡs daquela fenda aberta no selo de pedra, Um era um jovem guerreiro, alto e rijo.

O timbre que trazia na tЩnica era desconhecido para ela, porѡm ele usava o azul e o dourado, as cores de Arthur. E tinha o porte de um rei. Ou de quem poderia ser rei um dia. Nco poderia saber que era lorde Stephen, o senhor de Camelot, quinhentos anos no futuro.

O outro seguia atrps, um pouco afastado, rodeado por nuvens de nѡvoa em remoinho e pelo clarco que luzia atrps dos dois, como se os emoldurasse num sol radiante.

Ela o encarou ao vѡ-lo se aproximar; nco via as feiyyes, porѡm ele tinha um jeito de caminhar conhecido, de longas passadas, os ombros largos tambѡm familiares, o comprimento do manto a ondular em torno dele como se

as próprias lufadas de vento esperassem seu comando.

Guinevere conteve a respirayco quando ele ficou Я vista, o contorno de sua cabeya, as feiyues aquilinas, os olhos de um azul-cobalto que certa vez a tinham fitado com uma paixco de

tirar o f3lego, o conjunto forte da mandьbula, a boca emoldurada pela barba escura, cortada rente, da qual ela se lembrava de lhe pinicar os lpbios.

Lembrava alguьm, a nco ser pelos cabelos curtos e a barba, entremeados de fios brancos. E os olhos que a fitavam, embora cheios daquela mesma paixco, tambьm ostentavam uma expressco envelhecida e de tristeza.

Era o mesmo e, no entanto, diferente. Aquele que Guinevere amara de todo o corayco e toda a alma, a quem se entregara sem reservas e por quem estaria disposta a sacrificar tudo. O homem cuja sabedoria tinha ajudado a criar um reino maravilhoso erigido para durar mil anos, e cuja amizade com o rei o havia, por fim, tirado dela.

Era ele. Guinevere sentiu isso no corayco, com toda a solidco dolorosa em que ela afundara desde que ele se fora. Nco era um produto da sua imaginayco, transformado de uma criatura repulsiva. Era ele.

O rosto de Guinevere estava molhado de lpgrimas. O vestido rasgado e manchado de sangue, os cabelos

escuras caindo emaranhados pelas costas. Ela parecia uma refugiada de algum holocausto, e, no entanto, jamais se parecera mais com uma rainha. Corajosa, radiosamente bela, sua fôra e coragem se refletiam no olhar doce onde ele via relances de lembranças apaixonadas. Para Guinevere, dois anos tinham se passado. Para ele, metade de uma existência: séculos, nos anos que separavam seus mundos.

Ele se atrevera a ampará-la e arriscara um reino. Contudo, porque não poderia suportar o sofrimento que aquele amor causaria ao rei, ele a abandonara, sem jamais perceber que, ao agir assim, deixara aberta a porta para a traição que pusera um fim ao reinado de Arthur.

Ele viu a perplexidade mesclada ao amor nos olhos dela, o amor que sabia sempre estaria lá, independentemente das opções ou existências que os separavam. E viu também as perguntas que pareciam impossíveis de formular, por medo das respostas que poderiam trazer.

- Marcus? - Guinevere murmurou.

Somente ela sempre o chamara assim, pelo nome dado a ele quando se tornara o conselheiro real de Arthur; naquela época em que Guinevere fora destinada a ser uma rainha, mediante o noivado com Arthur, quando ele servira a seu pai e vira a bela garota desabrochar como mulher; quando ousara amar sua inteligência, sua beleza e seu espírito

raro, encontrando com ela aquela paixão da juventude que surge apenas uma vez, fervente como as chamas de um inferno, e que liga duas pessoas pelo tempo afora, não importa quanto brevemente dure.

Ele se vinculara a ela assim, e por intermédio do filho com que a deixara, sem ter conhecimento disso, até aquele dia em que Ninian revelara, finalmente, que Truan não era filho dela, que o jovem em Camelot que desempenhava o papel de bobo da corte, com truques e sortilégios ridículos, era, de fato, o filho da paixão entre ele e Guinevere.

Queria alcançá-la e tomá-la nos braços, porque estava preso a outras lealdades, e por um profundo e igualmente apaixonado amor por Ninian. Preso naquele outro tempo e lugar que jazia além do portal, enquanto o futuro de Guinevere estava ali, com Arthur.

- É você realmente? - Ela o encarou ao mesmo tempo maravilhada e incrédula.

Ele concordou.

- Há tanta coisa a dizer, querida Gwen.

Guinevere meneou a cabeça, e ele sentiu a luta que ela travava

para compreender. Sabia dos poderes com que ele tinha nascido, porque não de sua imortalidade. E, por sua vez,

ele sabia que Guinevere seria rainha um dia, mas não que havia lhe dado um filho. Agora, no entanto, o destino do futuro jazia nas mãos daquele filho.

- Em breve, meu amor querido - ele murmurou, pelo vínculo de seus pensamentos, daquela antiga maneira com que certa vez conversavam, sem palavras. - Teremos nosso tempo e falaremos de coisas que precisam ser ditas, por mim, por ora, há uma outra cuja necessidade é maior do que a nossa.

Sentiu-lhe a aceitação, pois nunca mentira para ela, nem mesmo quando a deixara. Virou-se e se agachou ao lado do jovem que estava ajoelhado, abatido pela dor, aninhando o amor perdido nos braços. Disse então uma única palavra.

- Filho.

Merlin sentiu o peso do olhar de Guinevere, ouviu-a ofegar, espantada, como se de repente julgasse difícil respirar, e percebeu que ela não descobrira a verdade: que Truan era o verdadeiro filho deles.

- Filho - ele repetiu, pousando a mão suavemente sobre o ombro de Truan e, com aquele contato, permitiu que sua força fluísse através da vinculação do toque. Deixou os sentimentos de uma existência se derramarem sobre as palavras, para aquele filho que ele nunca segurara, cujos

olhos ele nunca fitara quando crianya, cujos primeiros passos frpgeis para o mundo imortal ele nunca presenciara.

- VocЖ nco pode prender uma vida mortal quando ela se foi. ¶ o Щnico poder que nco possuьmos.

Truan finalmente ergueu os olhos. Compreendia, mas nco deitaria. Acariciou de leve, com a ponta dos dedos, as feiyшes de Amber. os olhos, daquela cor impressionante, de um verde-azulado,

certa vez cheios de muita tristeza, depois repletos da paixco que haviam encontrado um no outro, agora encerrada pela morte; a curva do queixo que, se ele fechasse os olhos, poderia sentir, quando ela o pousara sobre seu corayco, a face comprimida ali; os lpbios quentes com a paixco que ele provaria; a mco esguia, de ossos frpgeis, que ela certa vez estendera, тmida, para pegar um mimo bobo que ele lhe dera, e depois erguida com forya quando ela tentara protegЖ-lo.

ProtegЖ-lo? A ironia do fato era como um veneno amargo. Com todos os seus poderes, vindos da Luz, os maravilhosos dons com que nascera, com a capacidade da transformayco, de convocar a alvorada e trazer a noite, de mover as estrelas no сжу, fora ela, com sua frpgil forya mortal e um amor poderoso que tentara protegЖ-lo.

- Precisam de você, meu filho - Merlin disse, gentilmente. Mais do que nunca, ele compreendia o quanto era pesado o manto da responsabilidade por aqueles poderes que possuíam.

- Em seu próprio tempo - explicou. - As Trevas tornam-se poderosas mais uma vez por causa do que aconteceu aqui. O inimigo ataca do Norte.

Truan concordou com um gesto lento de cabeça. Ergueu os olhos, a face uma máscara de angústia e dor, e olhou para o amigo, lordes Stephen, que reinava sobre Camelot num tempo e lugar diferentes. Stephen, que certa vez viajara através daquele mesmo portal para reclamar o amor perdido.

O deles era um elo de amizade tão forte como fora o de Merlin e Arthur, forjado em batalhas e sangue, e pelos anos no tempo futuro que esperavam além do portal.

- Preciso de você, meu amigo - Stephen disse, num tom sombrio, compreendendo a perda que o amigo sofrera.

Truan levantou-se, aninhando Amber suavemente nos braços.

- Filho? - Guinevere murmurou, pousando, hesitante, a mão no braço dele. Precisou de todas as forças para captar o impossível, que o jovem que ela agora fitava era, de fato, a criança que dera a luz naquele tempo e lugar, em seu

mundo. Truan era apenas um pouco mais velho que ela, no futuro e lugar de onde vinha.

Havia tanto sofrimento nos olhos dele que, com o instinto de toda mce, Guinevere desejou poder afastar-se. Mas sabia que nco podia. E entco falou com o corayco das coisas que sabia serem verdade.

- VocЖ sempre a guardarp em seu corayco. Isso ж tanto a bЖnyco como o fardo por amar como nzs amamos.

Ele aquiesceu.

- Eu a deixarei aqui, onde encontramos um ao outro, livres do sofrimento do passado que a atormentava. Se pelo menos as coisas pudessem ter sido diferentes...

Se pelo menos...

Guinevere desejara a mesma coisa milhares de vezes. Rezara por isso. Tentara dobrar o futuro Я sua vontade. Porжm nco pudera, da mesma forma que ele nco poderia.

Atrps deles, os sons da batalha haviam cessado. Entco, ouviram os brados dos guerreiros que caьam como enxame sobre Camelot, retomando a fortaleza. As lascas de uma porta foram chutadas para o lado, e Arthur entrou na cPmara estrelada. Lentamente desceu os degraus, avaliando a destruiyco. Ao chegar ao рж da escada, avistou Stephen e sacou depressa a espada. Entco seu

olhar caiu sobre Merlin.

Fitou-o, incrédulo.

- É você, velho amigo? Merlin concordou.

- Sim. Há muita coisa a explicar, e pouco tempo para isso.

Camelot está em perigo. - Apontou para o portal que jazia atrás de si, através do qual ele e Stephen tinham viajado.

Arthur avançou em frente, olhando além do portal para a câmara estrelada que existia do outro lado. Tentou compreender, recordando-se de algo que Merlin certa vez lhe contara sobre os mundos que jaziam em planos diferentes do mundo conhecido. Voltou-se de repente, o olhar apertado ao encarar Merlin.

- O que é que jaz além?

- Camelot.

Arthur deixou escapar uma exclamação de incredulidade.

- Quando?

- É o futuro que você vê.

- Tal como uma vez você me falou... - concordou Arthur. - E Camelot sobreviveu?

Merlin fez que sim.

- Sobreviveu, embora nco como vocЖ desejava. E estp em grave perigo, que ameaça a nzs todos.

Arthur virouse e olhou para o portal, a temeridade da aventura a queimar em seu sangue como nco queimava fazia longo tempo. Tinham conversado sobre tais coisas quando ele era um garoto. Sabia que Merlin possuía um grande poder. Voltou-se para o amigo, as palavras vibrantes de raiva.

- VocЖ partiu sem dizer adeus!

- Teria me deixado ir se eu me despedisse?

- Nco.

- Eu tinha de partir - Merlin lhe disse pela conexco de seus pensamentos. - Creia que eu tive minhas razoes e que foi o melhor a fazer.

- Eu estava zangado com vocЖ - retrucou Arthur. - Jurei que, se o encontrasse, mandaria jogp-lo na mais escura masmorra.

Merlin sorriu por um breve instante.

- As ordens ainda estco de пж?

- Estco! - exclamou Arthur. Entco sua expressco mudou. Ele pousou a mco sobre o ombro de Merlin. - Senti saudade, velho amigo.

Truan depositou Amber gentilmente sobre o local coberto de musgo, no abrigo da prvore onde tinham se deitado juntos pela primeira vez. Com cuidado, puxou as beiradas do manto em torno dela como se para proteg-la do frio. Naquele lugar, porxm, nco havia nem frio nem tempo.

Ela parecia estar apenas dormindo, como se ele s3 tivesse de beij-la para que acordasse, com os olhos cheios de paixco e amor ao estender os brayos e pux-la contra si. Inclinou-se sobre Amber e beijou-a ternamente na face.

- Durma, querida Amber - ele murmurou ao mandar os pensamentos a ela, embora nco houvesse resposta -, onde nenhum sofrimento ou tristeza pode tocp-la.

Guinevere esperava por Truan quando ele deixou a clareira. Estava diferente agora do jovem guerreiro que ela encontrara na ocasico em que o lobo atacara. Era cheio de juventude entco, belo, impulsivo e dotado daquele humor fpcil e displicente destinado a disfaryar uma inteligKncia mais penetrante.

Ainda era jovem, belo e cheio de paixco, mas, sobretudo, havia nele uma tristeza e um sentido de sombrio prop3sito.

Fora-se a alegria de seus olhos, e isso a fez lamentar a perda que Truan sofrera.

- Ficarei com ela até que você volte - disse Guinevere, incapaz de encontrar palavras para dizer mais. Truan tomou-lhe a mão na dele e segurou-a gentilmente.

- Não gostaria de ninguém mais para cuidar de Amber, minha cara senhora. - Então, inclinou a cabeça e beijou-lhe a mão.

Guinevere aceitou aquele precioso carinho do filho do qual perdera a esperança de ver de novo alguma vez. Tinham-lhe dado a oportunidade de vê-lo homem feito, e ela ficara feliz por saber que cresceria muito parecido com o pai, a quem Guinevere amava tão profundamente.

- Vá - disse. - Os outros o esperam. - Despediu-se da mesma maneira com que certa vez dera adeus a Marcus Merlinus, sem perceber que seria a última. Vá agora, Arthur o espera.

Viu-o partir, montado no cavalo de batalha, um imortal, filho do poder da Luz. O filho de Merlin. Seu filho. E a dor que carregara no íntimo desde aquele dia em que o dera para outra, por proteção, aliviou-se pela primeira vez. Ninian, sua querida amiga, mantivera a promessa.

Truan cavalgou pela bruma do tempo, por uma curta

distância. Simplesmente uns poucos passos pelo relvado que se estendia diante de Camelot, e depois pelo extenso e largo vale, cruzando cinco séculos, ao juntar seus poderes com os de Merlin e abrir um portal para aquele campo de batalha que ligava seus dois mundos.

Sua espada estava presa na sela, uma pequena faca enfiada no cinto. Ao lado da sela havia o escudo de combate com o timbre de lorde Stephen, em azul e dourado, as cores que Arthur carregava quando enfrentara um inimigo naquele mesmo campo de batalha.

Estavam esperando por ele ali. Lorde Stephen, Rorke FitzWarren e Tarek al Sharif, em suas montarias de combate, diante do exército que haviam reunido no local, sob um céu carregado, onde os trovões ribombavam. Trezentos guerreiros, cavaleiros, arqueiros fortes e a infantaria. Enquanto isso, nas colinas, posicionados em frente a eles, se juntava um exército de saxões, mercenários e rebeldes das fronteiras do Norte, as armaduras de batalha a faiscar de relance como a negra morte sob o céu coberto de nuvens.

- Cruzaram as fronteiras do Norte faz uma quinzena - disse Stephen, a voz baixa, a expressão séria. - Desde então seu número não para de crescer. Cada rebelde e saxão da região se juntou a eles.

Estavam inferiorizados em número, sem esperança de receber reforços de Londres em tempo. E Gareth se encontrava entre eles. Truan sentiu isso.

- Quantos são? - perguntou, o olhar a esquadrihar os locais estratégicos do exército inimigo.

- Seiscentos - Rorke FitzWarren informou. - Pela última conta feita pelos batedores que voltaram logo depois da alvorada.

- Enfrentamos disparidades piores - Tarek ai Sharif ponderou. - Em Siracusa, o inimigo recuou e fugiu.

Olharam pelo pequeno vale. O inimigo assumira suas posições. Um silêncio de expectativa caiu sobre o relvado. Não havia nem mesmo um movimento no ar, nem um canto de passarinho. Apenas aquele silêncio pesado, como se o tempo de alguma forma estivesse imóvel e à espera.

?- Sim - concordou Rorke. - Porque eles não estavam tão bem armados. E lutavam pela promessa de ouro, não por seu próprio reino. Um homem lutar até a morte se for por sua casa e sua família.

- Como nós lutaremos por nossas casas e famílias. Truan voltou-se, tal como os outros, ao ouvir aquela voz que vinha de trás deles. O som de aço sendo sacado quebrou o

silêncio, conforme os guardas e cavaleiros de Stephen rodearam o guerreiro solitário que montava seu cavalo de batalha e rumava na direção deles. Aproximara-se tão silenciosamente que ninguém o ouvira ou vira.

Arthur estava resplandecente em suas cores reais, com a couraça prateada, o elmo e o escudo, imponente, destemido, e seguia adiante, intrépido, através do corredor de espadas sacadas, depois de ter passado pelo mesmo portal que Truan abria.

- Pare! - Stephen ordenou, quando Arthur se aproximou mais e finalmente puxou as rédeas do cavalo.

Só agora os outros que cavalgavam com ele se tornaram visíveis, emergindo através das nuvens rastejantes de bruma, espalhando-se em leque pela colina ao surgirem daquela mesma abertura no tempo. Gaheris, sir Malcolm, Rohan, todos os cavaleiros de Arthur e uma boa porção de seu vasto exército. Sir Bors estava ali também, as rugas em seu rosto se aprofundando com o sorriso ao se aproximar de Stephen.

- Estou muito feliz que vocês não o tenham traspassado. Seríamos forçados a abatê-los e depois lutar contra aqueles saques estúpidos também - disse, de bom-humor.

- Se eu não o tivesse reconhecido, teríamos acabado

com todos vocês - Stephen retrucou.

Arthur soltou uma risada.

- Talvez você tenha merecimento, jovem guerreiro, para governar Camelot. Veremos.

Rorke FitzWarren avançou, emparelhando seu cavalo ao de

; Stephen. Seu olhar acinzentado esquadrinhou o homem diante de si. Era um bretco que servira a um grande rei na conquista da Bretanha. Viu, nco um tolo nem um covarde, mas um homem nco diferente de Guilherme, um guerreiro que preferia campos de batalha, onde o conflito fosse claramente evidenciado, nco os subterfúgios da política.

Tirou a espada da bainha, uma espada com que lutara com as Trevas. Atravessou-a sobre o brayo, estendendo a empunhadura na direo de Arthur.

- Sua espada, milorde.

A despeito do dia nublado e ameayador, Excalibur luziu com a promessa de todos que haviam partido antes e daqueles que agora se reuniam naquele campo de batalha, dispostos a lutar e morrer por um sonho.

Arthur nco trouxera Excalibur consigo pelo portal, pois a espada, o símbolo reluzente de esperanya, pertencia

Aquele tempo e lugar no passado atx que os acontecimentos que nco tinham ainda acontecido viessem a ter lugar. Mais do que isso, seu amigo nco lhe diria.

Merlin passou pelos cavaleiros reunidos. Fez um gesto de cabeya para Truan quando Arthur fechou a mco enluvada em torno do punho e agarrou a espada, sentindo mais uma vez o peso familiar da arma, s3lida e segura em sua mco, como se fosse parte dele.

Ergueu a espada para o alto e soltou um grito de guerra. A IPmina brilhou quando o sol rompeu o manto de nuvens.

- Lutaremos por nosso reino - disse Arthur, olhando para Stephen. - Que comece a batalha.

Conforme os exrcitos se juntavam para atacar, Merlin pousou a mco no brayo de Truan, contendo o filho.

- Nco

preciso que vocЖ lute no dia de hoje. Lorde Stephen precisarp do seu conselheiro, se ele se sair vitorioso. Truan meneou a cabeya.

- Ele jp tem um spbio conselheiro - retrucou, olhando para o pai. Entco, puxou a espada. - Eu lutarei ao seu lado.

- Quer morrer, meu filho? - perguntou Merlin, pois o resultado do que jazia adiante nco chegara a ele na visco

que convocara, mas estava envolto na escuridão de nuvens e nevoa, como as nuvens e a nevoa que agora amortalhavam o vale.

Por um momento, a agressividade abrandou-se na expressão de Truan. Sua voz soou suave:

- Eu quero viver.

E, naquilo que não fora dito, estavam as palavras que ambos tinham pronunciado com angústia, como jovens, em existências separadas.

- Quero viver apenas como um mortal, estar com a mulher que amo.

E Merlin soube que não havia o que pudesse fazer ou dizer para impedi-lo.

A história que estava escrita naquele dia falava apenas de uma escaramuça entre saxões contra o exército normando do rei Guilherme, um dos muitos conflitos que haviam acontecido depois da conquista. Nada dizia das centenas de guerreiros que se confrontaram em batalha, mais que o número de todo o exército de Guilherme, em Hastings, quando enfrentara o rei Harold II e lutara pelo trono da Inglaterra.

Nem havia alguma coisa escrita sobre os dois guerreiros cujos exércitos lutaram lado a lado contra o inimigo que tentava reivindicar o trono da Inglaterra. Um, vestido com a armadura real de batalha de um antigo rei, cujo nome seria depois conhecido

para sempre no mito e na lenda, com sua espada erguida no alto, o sol a luzir da lendária pedra na empunhadura, os cavaleiros da Távola Redonda a lutar ao lado dele.

O outro, um príncipe guerreiro que nunca poderia reclamar um trono, mas que reivindicava Camelot e estava disposto a derramar sangue por isso.

E o elo entre eles, o passado e o futuro de Camelot, era o guerreiro da Luz, cuja espada desferia golpes tão fatais como Excalibur, naquele dia em que ele convocara os poderes dos antigos e abatera o inimigo um por um.

Truão lutou no meio dos adversários, abrindo uma trilha do alto de seu cavalo de batalha, e depois saltou para o chão, assumindo o combate ali. Lutou além do ponto de exaustão, além do ponto em que sentia o tremor da espada quando matava outro inimigo, além da sensação do sangue que espirrava na empunhadura da espada... além de se importar se viveria ou morreria naquele dia.

O golpe que o atingiu de lado trouxe-o de volta para aquele mundo mortal de dor. O sangue que sentia era o

seu próprio, fluindo livremente da lateral de seu corpo, quando a espada do inimigo rasgava a túnica e as camadas estofadas que protegiam suas costelas. Instintivamente, ele levou a espada para cima ao se voltar para enfrentar aquele novo ataque. O ar deixou seus pulmões com um som profundo que era uma mistura de dor e triste satisfação ao se defrontar com Gareth. Tinha esperado encontrá-lo a cada golpe que desferia, a cada guerreiro que matava, procurando entre os inimigos caídos e entre aqueles que ainda lutavam. Como um homem possuído, sabendo que Gareth se encontrava ali. Sentia-o no próprio sangue. Por duas vezes, antes, haviam se encontrado assim. Uma, numa batalha simulada, quando Gareth induzira Truan a um jogo perigoso de dissimulação que quase custara a vida de Arthur. Depois, de novo, na câmara estrelada.

- Você não escapará desta vez - jurou Truan.

- Eu vou matá-lo primeiro - retrucou Gareth.

A expressão de Truan era dura, os olhos frios e desolados.

- Já estou morto - ele respondeu num murmúrio. - Como você, desde aquele momento em que tirou a vida de Amber.

Atacou-o então, os golpes terríveis desferidos com o zódio e o sofrimento pela morte de Amber.

Gareth contra-atacou, mas logo sua espada era erguida apenas em defesa, para evitar ser trespassado e morto a cada novo golpe que parecia vir com mais forya ainda.

Era como se lutassem uma última batalha. Tudo o mais deixou de existir em torno deles. Os poderes da Luz contra os poderes das Trevas, a cada investida da espada de Truan, abx que a de Gareth foi erguida com menos forya, a IPmina a tremer. Entco, veio o golpe mortal, quando a espada vingadora de Truan transpassou-lhe o corayco.

Uma escuridco profunda tomou conta do campo de batalha. Conforme seu sangue mortal era bombeado do peito, Gareth encarou Truan com uma mistura de surpresa e zdio.

Naquele momento, o equilbriio da batalha se alterou. Ao redor deles, parecia que Stephen e os homens de Arthur finalmente ganhavam vantagem, fazendo o inimigo recuar.

Truan empurrou Gareth para longe de si. Gareth caiu de joelhos, a espada ainda em suas mcas. Contudo nco conseguia mais encontrar forya para erguЖ-la.

Truan girou sua arma mais uma vez. A IPmina estremeceu ao cortar a pele, tecido e depois os ossos interligados da espinha, separando a cabeya do corpo.

A Luz explodiu em volta. Rodeou Truan e entco pareceu se

mover através dele como um relâmpago a fulgurar com brilho intenso, cortando a escuridão.

O campo de batalha caiu em silêncio em torno do exército de Arthur, o sangue do passado e do futuro a encharcar o solo.

- Você lutou bem - disse Arthur.

Truan ergueu os olhos. Havia se ajoelhado e se inclinava pesadamente sobre a empunhadura da espada, a lâmina enterrada no chão, ao lado do corpo de Gareth.

Acolhia de bom grado a exaustão física que invadira seu corpo mortal, permitindo que perpassasse por todo ele, deixando-o incapaz de sentir qualquer outra coisa.

Não queria sentir nada, porque sabia a dor que o esperava. A dor de uma ferida muito maior do que aquela do lado de seu corpo. Uma ferida que nunca iria sarar, até que ele estivesse com Amber outra vez.

Tal como Truan estendera-lhe a mão, naquela batalha simulada, Arthur agora lhe estendia a sua.

- Terminou, meu jovem amigo.

Excalibur reluziu à luz do sol poente, refletindo os raios dourados da promessa que se mantinha tanto para o

passado como para o futuro. Arthur então virou a espada e estendeu-a na direção de Rorke FitzWarren. Excalibur, ele sabia, o esperava no passado. O passado do qual ele era parte e ao qual devia retornar.

- Dou-a a você por salvaguarda, guerreiro - Arthur disse a ele.

- Fique aqui, em Camelot, no lugar a que ela pertence - Rorke lhe assegurou.

Arthur aquiesceu. Tomando as rédeas de seu cavalo, montou, pestanejando ligeiramente por causa de um pequeno ferimento. Olhou para o homem a quem fizera seu conselheiro, seu mentor e seu amigo. Um imortal, mais velho do que quando tinham se falado pela última vez, naquele outro tempo, quinhentos anos antes, no passado.

- Venha comigo - disse, com aquela autoridade de comando que lhe vinha tão facilmente. Então, emendou: - Por favor, velho amigo.

E, assim, seguiram na vanguarda daquele vasto exército de antigos guerreiros e cavaleiros, cujo lugar na história fora registrado como lenda e mito. E falaram de coisas a respeito das quais não tinham conversado por falta de tempo, no passado.

- Fiquei zangado quando você partiu - disse Arthur,

pensativo. - Pensei que tivesse me traído.

O olhar de Merlin se aguçou. Evitara com cuidado a possibilidade de Arthur vir a conhecer a verdade, pois não podia suportar a ideia de que pudesse causar aquele homem, a quem amava como a um irmão, o sofrimento de saber o que havia se passado entre si e Guinevere. Por ter a faculdade de conhecer o futuro, também soubera que ele e Guinevere jamais poderiam ficar juntos. Faziam parte de uma história. E, por um momento, poderiam ter mudado o desfecho. Porém, no final, Merlin a deixara, com a esperança de preservar o sonho de Camelot.

Ele a amara antes que Guinevere fosse ter com Arthur. Então Merlin a deixara ir, porque sabia que este era o destino de Guinevere. Assim, com toda a honestidade, ele pôde dizer:

- Parti porque não poderia traí-lo.

- Senti como se você tivesse pegado uma faca e cortado minha cabeça - Arthur admitiu, com franqueza, pela primeira vez, aquilo que jamais teria coragem de dizer a outro ser vivente. - E ela sentiu sua perda de maneira igual, intensamente.

Espantado, Merlin examinou a face de seu amigo, e depois seus pensamentos, buscando a verdade por trás daquelas palavras. Era possível que Arthur soubesse

durante todo o tempo?!

. - Você era amigo de nós dois. Fez o possível para que fôssemos juntos.

E, naquele momento, mesmo com seus poderes, Merlin não pôde ter certeza sobre o que Arthur falava. Se daquele primeiro encontro entre uma jovem nobre e o rei, arranjado pelo pai dela; ou se daquela última vez em que ele próprio se deitara com Guinevere e depois partira, liberando-a para que seguisse seu destino como rainha.

- E quanto ao passado? - perguntou Arthur, o olhar percorrendo as extensas colinas que rodeavam o vale e o reluzente castelo, Camelot, que ficava aninhado ali, como uma jóia da coroa.

- Eu vi as ruínas. Ovi os homens de lorde Stephen falarem do fim de Camelot.

Merlin sabia que se arriscava muito em dizer a Arthur alguma coisa daquilo que viria a ser a partir do passado, em seu próprio tempo, quando retornasse como deveria.

Aquele tempo futuro que jazia entre Camelot, como ele tinha conhecido e quando partira, na época que precedera a queda do reinado.

Gareth estava morto. Uma corporificação do mal das Trevas, nascido naquele tempo presente de 1068, um

escravo das Trevas usado para atrair Truan para o passado com a finalidade de destruí-lo e, por esse meio, destruir o futuro como o conheciam agora, no qual a esperança em Camelot sobrevivera em lorde Stephen e nas futuras gerações, seus próprios netos, que já tinham nascido. Os herdeiros dos poderes da Luz.

Merlin, porém, não poderia deixar que Arthur voltasse sem algum conhecimento daquilo que o esperava. Devia isso a ele, tal era o laço de sua amizade. E, assim, Merlin tentou explicar tanto quanto poderia.

- Haverá um grande cataclismo.

- Pode ser vencido?

Na voz de Arthur, Merlin ouviu a veemente fúria e determinação de um mortal, um guerreiro, que edificara um reino e não o deixaria morrer facilmente.

- Já faz parte da nossa história - Merlin respondeu. Arthur concordou. Sabia que havia coisas que não poderiam nem deveriam ser mudadas.

- Como acontecerá?

Aquilo era o máximo que Merlin poderia lhe contar.

- Você será traído por alguém que lhe é muito próximo. Os músculos no queixo de Arthur se contraíram.

- N3s nos encontraremos de novo?

E, naquela pergunta, Merlin sentiu aquela que continuava impronunciada, sabendo que ele nco poderia mentir.

- Nco nos veremos de novo - Merlin disse, com certeza, e percebeu Arthur relaxar visivelmente. O rei concordou. E um pensamento nco vocalizado passou entre eles: Arthur nco suportaria se Merlin o tra3sse.

- E quanto a Guinevere? - Arthur indagou ent3o, e na maneira com que proferiu o nome dela, sem o uso do t3tulo formal ou a refer3ncia como sua rainha, Merlin sentiu a profundidade do amor que aumentava mesmo agora por ela. Dois estranhos, reunidos num casamento arranjado que dizia respeito a t3tulo e riqueza, de acordo com a hist3ria.

- Espera pelo senhor, milorde

O rei o fitou e, por um momento, uma verdade mais profunda

perpassou entre os dois, nco expressa em palavras, desconhecida at3 mesmo pela mente, talvez apenas alguma coisa que Arthur adivinhara.

- Voc3 tem um belo filho. Um filho do qual um rei se orgulharia. Se fosse para eu ter um, gostaria de um

homem tal como ele. - Fitou Merlin, pensativo. - VocЖ precisa dizer adeus a ela. Guinevere jamais me perdoar se vocЖ nco for.

Arthur olhou uma vez mais para Camelot, aquele sѐmbolo de sonhos a distѐncia, e no entanto tѐo perto, conforme a bruma se formava, mesmo agora, esperando para lev-los de volta.

- Sentirei saudade de vocЖ - disse - todos os dias de minha vida.

Entѐo, sem olhar para trѐs, deu o sinal a seus homens e conduziu-os ђ frente, para dentro da bruma, de volta ao portal que ligara seus dois mundos por aquele breve momento do tempo, de volta para aquela жpoca que esperava por eles. Para dentro da lenda e do mito.

Guinevere esperava por ele do outro lado do portal. Estendeu a mѐo, e Merlin tomou-a, sentindo mais uma vez aquela selvagem como yco de paixѐo apenas por toc-la, recordando-se de todas as maneiras com que haviam se tocado quando se uniam como amantes. Entѐo trancou as lembranyas dentro da memѐria do passado, lugar a que pertenciam.

- VocЖ nco ficarѐ - ela disse, com certeza e uma grande tristeza no olhar.

- Nco posso, meu querido amor - Merlin declarou, abra-

Kando-a como antes, sentindo a emoção as profundezas da alma. e sentindo também o murmúrio daquele amor que o esperava. No futuro.

.- Eu o odiei por um momento - disse Guinevere, pousando

a cabeça contra o corpo de Merlin. - Ao mesmo tempo, eu o amei. Sentindo nosso filho crescer dentro de mim, querendo que você estivesse comigo, esperando que pudesse voltar. Porém, mesmo agora, penso que sabia que você não voltaria.

- Eu não sabia - Merlin murmurou, a face enterrada nos cabelos dela. - Com todos os meus poderes, eu não sabia! Se soubesse...

- Se soubesse, o futuro seria diferente. Sua culpa o consumiria e, por fim, eu o perderia de alguma forma.

Ambos sabiam que Guinevere falava a verdade. Merlin soltou-a então, e caminharam de mãos dadas, como faziam muitas vezes como jovens amantes.

- Arthur gosta muito de você - Merlin disse a Guinevere. - Você deve construir seu futuro com ele. - Não lhe contou que o tempo que ela teria com Arthur seria breve, assim como o dos dois juntos durara tão pouco.

Guinevere concordou, aceitando as palavras, porém ainda não lhe soltando a mão.

- Eu me lembrarei de alguma coisa disso tudo? Pelo menos você me deixará ter a recordação desta parte?

Merlin não poderia lhe dar o que ela pedia, pois mesmo aqueles momentos que estavam passando juntos poderiam alterar coisas à frente. E não poderiam se arriscar.

- Você sabe que foi amada profundamente por dois homens que desejavam apenas compartilhar sua vida.

Guinevere percebeu que Merlin não poderia, não ousaria prometer mais. Aceitou o fato, pois era mais do que aquilo com que a deixara, naquela época anterior.

- Gostaria de ver nosso filho mais uma vez.

- É perigoso, Gwerni.

- Por favor...

Ele tomou-a nos braços e aninhou-lhe gentilmente a cabeça entre as palmas das mãos. Na conexão de seus pensamentos e num último beijo de partida, Merlin transmitiu-lhe a visão de Truan a voltar para aquele lugar à parte, para retornar a seu próprio amor perdido.

A floresta estava como sempre estivera naquele tempo, quando Truan e Amber tinham se deitado juntos, os corpos

unidos na paixão e no amor que não precisava de palavras.

E ele encontrou-a ali, exatamente como a deixara, tão imóvel e silenciosa como se estivesse sonhando, como se precisasse apenas tocá-la para que ela voltasse à vida mais uma vez, com paixão, sob as suas carícias.

Tinham-se passado dias, horas ou apenas minutos desde que Truan a deitara ali, até que pudesse retornar? Naquele lugar, o tempo cessava de existir. Naquele lugar, ele mantinha a morte a distância, recusando-se a permitir que ela viesse reivindicar Amber.

Lavara o sangue da batalha das mãos e estendeu-as a ela, puxando gentilmente de lado as beiradas de seu manto.

Os olhos de Amber eram de um dourado escuro. Os lábios estavam suavemente separados, como se a respiração fosse curta, enquanto dormia.

Tal como fizera naquele outro tempo, quando a trouxera até ali e tinham se tornado amantes ao mergulhar para o fundo da lagoa, e Truan assumira o controle da respiração de Amber e depois a devolvera em suaves impulsos que haviam-lhe enchido os pulmões e lhe devolvido a vida, ele agora aproximava os seus lábios nos dela.

Naqueles momentos de agonia, mortalmente ferida,

Amber

dera a vida e a alma a Truan. Ele tomara-lhe a alma no íntimo e a unira à sua. Agora... a dor o percorreu, como se sua alma estivesse sendo cortada em duas, metades gêmeas de uma coisa só, que somente poderia continuar vivendo se a outra vivesse. Truan devolveu-lhe a alma e a vida, arrancando-as daquele lugar dentro de seu coração, onde as guardara, abrigadas e protegidas até aquele momento. Queria que Amber abrisse os olhos, que vivesse. Pois não tinha como viver sem ela.

Truan encheu de ar os pulmões de Amber. Dolorosamente, ferozmente, puxando-a do frio e da escuridão em direção à luz e ao calor, insuflou vida e alma à sua amada.

O calor da boca de Truan contra a de Amber; o calor de seu amor novamente voltou a preenchê-la, envolvê-la, protegê-la.

Os olhos de Amber se abriram lentamente. E só viram a ele. Estendeu-lhe os braços.

- Pensei que o tinha perdido.

- Jamais! - Truan murmurou, veemente, enquanto provava as lágrimas que escorriam pelas faces de Amber, e depois, ternamente, se apossava de seus lábios.

- Nunca.

Ерьlogo

O sol declinava atrps da abadia de Amesbury, lanyando longas sombras pela horta e sobre a mulher esbelta que estava ali trabalhando, enquanto um frio de outono roubava o calor do Уltimo dia de verco.

O velho monge resmungou, esfregando os olhos conforme a luz diminuъa, e depois voltou a ler febrilmente aquelas Уltimas linhas do antigo texto em latim.

Ao terminar, Poladouras fitou a distPncia. Sombreou os olhos com a mco encarquilhada, apertando-os contra o fulgor do sol poente. Por um momento, nco viu nada. Entco, avistou o contorno de um homem montado em um cavalo. Como se tivesse saъdo direto do sol.

Comportava-se como um guerreiro, porжm com a postura da realeza, alto, rijo, o olhar cravado com firmeza em frente, as abas do manto a esvoayar em torno dele.

Poladouras moveu-se devagar, a dor dos anos instalada nos ossos durante as longas horas da tarde em que ficara a observar a jovem colher, com extremo cuidado, as preciosas ervas e plantas curativas, o suficiente para durar por todo o inverno. Resmungou para lhe chamar a atenyco.

Ela o encarou, e então uma ruga de preocupação vincou-lhe a testa.

- Está tudo bem?

- Está ficando tarde - ele ponderou, apontando para o céu com o cajado, enquanto o azul fenecia no crepúsculo. - O frio penetra nos meus ossos.

- Está uma tarde maravilhosamente agradável - disse ela, aproximando-se com preocupação.

- Bah! agradável quando se é jovem. Diga isso aos meus ossos!

Ela sorriu gentilmente.

- Não creio que haja quem os convença em todo o mundo. Seus ossos são muito teimosos. - Pousou a mão em seu braço. - Quer que eu vá com o senhor? Poderia lhe fazer um chá calmante.

Poladuras a dispensou com um gesto.

- Você ainda não terminou sua colheita. Mais tarde fará. E eu não gostaria de uma mulher tocando harpa para mim, porque suas ervas medicinais ficaram muito tempo no sol ou congelaram por causa das minhas dores.

Ninian sorriu com indulgência. Havia um padrão familiar naquela conversa. Ele a resmungar, ela a consolar. Suas lágrimas, as palavras gentis de Poladouras em resposta.

Sempre disposta a ouvir, mesmo quando expunha o coração. Disposta a sentar-se silenciosamente, enquanto fazia a colheita em sua horta e imaginava o que o futuro lhe reservava.

Aquele padrão definira a passagem dos dias desde que chegara ali, precisando encontrar um pouco de paz na vida, um lugar, um esconderijo onde pudesse se refugiar contra o sofrimento de sua separação do marido.

- Termine, mulher! - Poladouras esbravejou. - Ou não terei paz. - E se arrastou para dentro da abadia desgastada pelo tempo que precisava urgentemente de reparos, um fato que ele se recusava a aceitar, dizendo que, assim, tinha um certo charme.

Ninian tentara entender como poderia haver algum charme em pedras que ameaçavam desabar sobre suas cabeças a quaisquer momentos, ou em fendas nas paredes que iriam congelá-las quando chegasse o inverno. Teria de perguntar à sua filha se não se poderia fazer algo a respeito.

Voltou para a colheita, trabalhando contra o tempo, a mudança das estações, a luz declinante e o sofrimento

que estava sempre presente lá dentro, em seu íntimo, como uma ferida que não iria se curar, mas ficar para sempre aberta onde uma vez houvera seu coração.

Encontrara um pouco de consolo ali, e Poladouras a aceitara, recebendo-a como certa vez recebera sua filha, criando-a para ser uma excelente mulher que agora tinha um filho.

Foi então que, ao pegar a cesta, Ninian avistou o cavaleiro solitário. Ele estava emoldurado pelo sol poente, alto e imponente na sela, o manto a revolver a nuvem de bruma que se concentrava no fim do dia. Havia algo de familiaridade nele, algo que ela sentiu ou que talvez captou ou esperou. Uma emoção que começou com o súbito disparar do coração, e depois continuou nas batidas fortes conforme o cavaleiro puxava as rédeas e saltava do cavalo.

Era belo. Antes mesmo de lhe ver as feições, enquanto ele saía daquele fulgor dourado de luz para as árvores sombras da horta, Ninian sabia que era. Sabia disso dentro do coração, tal

como o vira incontáveis vezes no passado. O passado de ambos compartilhado.

- Ninian - disse ele ao caminhar lentamente em direção a ela.

Ninian queria correr para os seus brayos. Porxm nco podia. Em vez disso, agarrou-se ao sofrimento de sua partida, sabendo que ele fora para outra. Ergueu a dor como um escudo de batalha Я frente, a Щnica defesa para nco ter o corayco partido outra vez.

- Como me encontrou?

Era sua pr3pria voz que soava. E nem mesmo parecia dela. Entco, quase riu. Como ele a encontrara? Claro, ele saberia onde encontrp-la sem que ninguxm precisasse lhe dizer. Assim como sabia de todas as coisas. Inclusive da dimensco de seu amor por ele. Sempre.

- Por que veio aqui? - Ninian indagou, porque era a Щnica pergunta que importava, e a resposta a Щnica resposta que importava.

Ele respirou fundo, como se tivesse esquecido de respirar ou contido o f3lego, esperando que ela explodisse de raiva. Ninian estava acima disso agora. Entco, respondeu simplesmente:

- Porque vocЖ estp aqui.

Ele havia mesmo dito aquelas palavras ou meramente as pensara? Daquele jeito que certa vez fluьra tco livremente entre eles. Ela nco sabia. Sabia apenas que nco era o suficiente.

- E quanto a Guinevere? - quis saber com suavidade.

- Eu a amo - respondeu ele, com brutal honestidade, porque nco podia mentir. Entco emendou: - Eu sempre a amarei com aquele primeiro despertar de paixco que um jovem encontra

com seu primeiro amor. Nco posso negar isso, Ninian. Nem vocЖ gostaria que eu o fizesse.

Ele a conhecia muito bem. Seus pensamentos, seu corayco.

- Temos um filho em comum. Nco negarei isso, como nco negaria as filhas que vocЖ me deu, pois sco parte do meu sangue. Ela deixou cair a pp com que estivera trabalhando e, entco, o encarou com toda a sua radiante beleza. Eternamente jovem, apaixonada, cheia de raiva, dor e amor.

- Nco falo sobre o sangue que partilhamos. Pergunto o que estp em seu corayco.

- VocЖ ж meu corayco.

Ninian surpreendeu-se. Ele sempre fora um amante apaixonado, porжm nunca demonstrara paixco por meio de palavras. Nunca vira necessidade delas, quando poderia lhe transmitir os pensamentos. Ninian os sentia

agora, mesmo enquanto ouvia as palavras que ele dizia, e soube que eram verdadeiras. Sentiu nas palavras toda a paixão que ela levava e depois deu a ele naqueles dias e semanas em que fora banido pela primeira vez para o mundo entre os mundos, e não mais se importava se vivia ou morrera.

Ninian o curara com sua gentileza e seu espírito. Depois ela o curara com seu corpo e seu coração, devolvendo-lhe a vontade de viver. Devolvendo-lhe a paixão. Mesmo agora, Ninian se sentia perdendo a batalha de se proteger por meio da dor e da raiva. Afastou-se, temendo que ele pudesse ver a resposta que procurava em seus olhos.

Queria mais e queria que ele dissesse.

- Seu coração não é o bastante - declarou com dolorosa tristeza, desesperada que ele compreendesse ou pudesse dizer as palavras que ela precisava ouvir. Sentiu-o de perto atrás de si,

o calor a afastar o frio das sombras da tarde como ele fizera milhares de vezes. Se ele a tocasse, ela estaria perdida. Mas ele não o fez. Em vez disso, murmurou as palavras apaixonadas que Ninian ansiava uma existência inteira por ouvir.

- Isso é tudo o que me sobrou para oferecer, pois você já tem minha alma, o ar que eu respiro, todas as minhas

esperanças e sonhos para o futuro. Como tem desde o momento em que veio até mim. Não quero viver sem você, Ninian. Eu a amo.

Ela se voltou então, e Merlin julgou que Ninian mal parecia mudada desde aquela primeira vez em que erguera os olhos e a fitara, uma garota esbelta, uma mulher encantada que aparecera na bruma, carregando uma espada brilhante na mão e a esperança do amor nos olhos. Ou naqueles meses que haviam se seguido a primeira vez em que ela se deitara com ele, tirando da apatia seu corpo mortal, quando Merlin julgara que nada restara, unindo-se a ele, devolvendo sua vida conforme se sentia renascer dentro dela.

— Não pode ser o mesmo - Ninian disse, deixando a dor ir embora.

- Não ser - respondeu Merlin, estendendo as mãos para aninhá-la a face nas palmas, com ternura, meio receoso de que Ninian pudesse afastar-se, mas ela não o fez.

E ao aproximar seus lábios dos de Ninian, ele murmurou uma promessa solene: - Serp bem mais do que você poderia algum dia sonhar.

Nuvens de bruma enroscavam-se em torno das árvores da floresta e ondulavam suavemente pelo chão da clareira. O lobo correu pela floresta em grandes passadas, a urgência

a repercutir em seus músculos sob a reluzente pelagem negra. Então, conjugou

as forças. Os músculos poderosos se agruparam conforme ele saltou pelo prisma de luz. Emergiu do outro lado em longas passadas. Não um lobo, mas um homem, alto e rijo, as dobras grossas de seu manto a fazer redemoinhar as correntes de neblina.

A bruma ainda se agarrava a seu manto quando ele subiu os degraus de Camelot. A luz dos lampiões de óleo na parede da passagem bruxuleou e então pareceu queimar mais brilhante, banindo as sombras da parede. Ele voltou os pensamentos daquele lugar e enviou-os adiante, os sentidos expandindo-se com o poder da Luz que fluía por suas veias.

Sentiu a aproximação da jovem e a corrente subliminar dos pensamentos dela. Então a viu quando abriu a porta para o quarto, tendo sentido sua proximidade. Os cabelos eram da cor de uma labareda brilhante, os olhos do tom do coraço da chama, de um azul reluzente, dourados nas bordas. A cor dos olhos de ambos, um laço que os vinculava por intermédio do sangue de seu pai.

Havia linhas fundas em sua boca e ao redor dos olhos, marcas que não estavam ali antes, Vivian pensou ao dar as boas-vindas ao irmão com um toque gentil. Porém isso apenas parecia se somar à sua beleza, às feições rijas,

ao jeito predador com que se movia, como um animal que vagasse pela floresta, aos lábios fechados numa linha dura.

Sufrimento e tristeza tinham-no transformado em um homem que se postava diante dela, o semblante assombrado pelos resquícios daquela dor e pesar, junto com o medo.

Então, ele olhou para a cama do outro lado do quarto e para a jovem esbelta que jazia ali. Não mais a garota que ele amara a princípio, mas a mulher cujo corpo se avolumara com a criança que ela lutava para dar à luz. Seu filho. Um filho mortal concebido com amor e paixão. Uma dívida que ele acreditava que mulher alguma estaria disposta a lhe conceder.

As linhas em sua boca e olhos se abrandaram quando ele caminhou para ela, pondo-se sobre um dos joelhos ao lado da cama, procurando por ela de um jeito ao mesmo tempo terno e possessivo, como se pudesse arrancá-la da própria morte, se necessário. Como uma vez arrancara.

Ele não falara sobre isso com ninguém. Vivian não tinha idéia do que ele fizera, que maravilhosos poderes possuía. Certamente tão grandes como os de seu pai. Talvez maiores. Pois ele se recusara a permitir que a morte levasse Amber, carregando-a para um lugar à parte, e ali reivindicando sua vida, para depois retornarem

ao próprio tempo e lugar apenas poucos meses antes.

Ambos estavam mudados. Era como se um pudesse existir sem o outro, tal como o amor poderoso que Vivian experimentava pelo próprio marido, mas que parecia de alguma forma plido em comparayco. Era como se Amber apenas estivesse verdadeiramente viva quando Truan se encontrava por perto, e o irmco poderia apenas estar em paz com aquela parte dele que era mortal quando tocava Amber outra vez. Se nco, Vivian receava, ele poderia se tornar uma apariyco destnoriada a vagar pelo mundo, incapaz de ser ou mortal ou imortal.

Ela pousou a mco no ombro do irmco.

- Comeyou depois do alvorecer. Serp em breve. Truan concordou.

- Deixe-nos.

- Ela precisarp de algujm...

Ele ergueu os olhos para Vivian, e sua expressco estava transformada, terna, jovem mais uma vez e cheia de amor.

- Por favor, deixe-nos - Truan pediu gentilmente.

Ela saiu, porque nco poderia fazer diferente. Havia alguma coisa na voz de Truan e em seus pensamentos que era por demais ıntimo e apaixonado para que ela fizesse

parte disso.

- Pensei que vocÊ não viria - Amber murmurou para ele. -
Sonhei que eu estava perdida. Mas vocÊ me encontrou.

- VocÊ jamais estará perdida - Truan murmurou contra os
lábios dela, sentindo sua alma renascer na doçura daquele
beijo.

Naquele momento começou outra contraição. Amber
agarrou-se aos lados da cama, concentrando forças contra
a dor, conforme seu corpo lutava para dar à luz seu filho.

Um filho mortal com poderes imortais.

Foi então que Amber sentiu as mãos de Truan gentilmente
a afagarem seu filho onde este estava, dentro dela.
Quando a próxima dor começou e seus músculos se
contraíram, Truan afastou a dor para longe, retirando-a de
seu corpo com um calor terno, tomando-a para ele dentro
do próprio corpo, de modo que sentia o que ela sentia, sua
dor, sua angústia, a batalha feroz que acontecia em seu
ventre.

E, por meio daquele elo de contato físico e pensamento
que os conectava, como acontecera desde o momento em
que ele lhe devolvera a vida, Truan viu e sentiu o filho, vivo,
forte, a se estirar em sua ansiedade para nascer,
buscando por ele.

O olhar de Amber cravou-se no de Truan, quando ela sentiu que as contrayções começavam de novo. Porém não havia mais dor, apenas uma última compressão e depois as ternas palavras de Truan a se insinuar por seus pensamentos com promessas

gentis, com amor, soltando-lhe os músculos quando ela entregou-lhe nas mãos aquela pequena porção de vida que Truan lhe dera.

Mais tarde, com seu filho adormecido no seio de Amber, Truan abraçou a ambos e sentiu o coração bater na mesma pulsância que o da jovem a quem puxava contra o peito, a alma guardada dentro do minúsculo punho que estava curvado dentro de sua mão. Foi para isto que lutara. Era aquilo que não deixaria ir embora.

E, além de Camelot, a noite cobriu tudo como um manto. Uma brilhante estrela azul parecia suspensa entre o céu e a terra como uma jóia reluzente.

Um sinal, alguns disseram, quando a estrela riscou o céu, um poderoso farol que iluminava um caminho, um olho de dragão que enxergava além das brumas do tempo...